

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Gislane Aparecida Martins Siqueira

**Demonstrativos no português da Região do Amazonas nos séculos XIX, XX e XXI:
um estudo de variação e mudança linguística**

Belo Horizonte
2022

Gislane Aparecida Martins Siqueira

**Demonstrativos no português da Região do Amazonas nos séculos XIX, XX e XXI:
um estudo de variação e mudança linguística**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientador: Prof. Dr. César Nardelli Cambraia

Belo Horizonte
2022

S618d

Siqueira, Gislane Aparecida Martins.

Demonstrativos no português da Região do Amazonas nos séculos XIX, XX, XXI [manuscrito] : um estudo de variação e mudança linguística / Gislane Aparecida Martins Siqueira. – 2022.

236 f., enc.: il., grafs, tabs, maps, p&b, color.

Orientador: César Nardelli Cambraia.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,

Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 229-236.

1. Mudanças linguísticas – Teses. 2. Língua portuguesa – Variação – Amazonas – Teses. 3. Língua portuguesa – Pronomes – Teses. 4. Funcionalismo (Linguística) – Teses. I. Cambraia, César Nardelli. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.798



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Demonstrativos no português da Região do Amazonas nos séculos XIX, XX e XXI: um estudo de variação e mudança linguística

GISLANE APARECIDA MARTINS SIQUEIRA

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). César Nardelli Cambraia - Orientador

UFMG

Prof(a). Victor Hugo Barbosa Ramalho

Escola Naval

Prof(a). Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

USP

Prof(a). Sueli Maria Coelho

UFMG

Prof(a). Cynthia Elias de Leles Vilaça

UERJ

Belo Horizonte, 25 de fevereiro de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Cesar Nardelli Cambraia, Professor do Magistério Superior**, em 25/02/2022, às 17:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sueli Maria Coelho, Diretor(a) de unidade**, em 01/03/2022, às 09:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cynthia Elias de Leles Vilaça, Usuária Externa**, em 03/03/2022, às 15:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Victor Hugo Barbosa Ramalho, Usuário Externo**, em 05/03/2022, às 09:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, Usuário Externo**, em 16/03/2022, às 12:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1215943** e o código CRC **23CCF25D**.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais internos pela força e discernimento concedidos durante a realização deste trabalho.

Ao prof. César Nardelli Cambraia por me acolher como sua orientanda e compartilhar seus conceitos e conhecimentos sobre os sistemas demonstrativos.

Aos pesquisadores que trilharam o caminho do sistema de demonstrativo brasileiro antes de mim, deixando pegadas iluminadas as quais pude seguir, em especial aos profs. César Nardelli Cambraia, Victor Hugo Barbosa Ramalho e Talita de Cassia Marine (todos os pesquisadores que foram citados nesta tese, em nome dos listados recebam também o agradecimento).

Aos professores Evandro Landulfo Teixeira Paradela Cunha, Victor Hugo Barbosa Ramalho, Sueli Maria Coelho, Cynthia Elias de Leles Vilaça e Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (integrantes das bancas) por suas contribuições prestadas.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM pela concessão do afastamento para participação em Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*.

“Todo enunciado pretende a justiça, a veracidade, a beleza e a verdade (o enunciado figurado), etc. Esses valores dos enunciados também não são determinados por sua relação com a língua (como sistema puramente linguístico), mas por diferentes formas de relação com a realidade, com o sujeito falante e com outros (alheios) enunciados (particularmente com aqueles que são avaliados como verdadeiros, belos, etc.).”

Bakhtin (trad. Paulo Bezerra)
Os gêneros do discurso
2016 [1951-1953], p. 100

RESUMO

O presente trabalho propõe um estudo histórico de usos dos demonstrativos *este*, *esse* e *aquele* e suas flexões em *corpus* composto por textos dos gêneros notícia e romance dos séculos XIX, XX e XXI produzidos na região do Amazonas e, ao mesmo tempo comparativo, considerando resultados de trabalho realizado com textos dos mesmos gêneros e períodos na região do Rio de Janeiro. Para o desenvolvimento do trabalho nesse panorama diacrônico, apoia-se nos pressupostos teórico-metodológicos do funcionalista Givón (2001), que considera que as formas linguísticas estão constantemente em conflito, gerando uma ação de compromisso adaptativo entre as pressões funcionais, levando à mudança linguística; de Labov (2008), que apresenta estratégias a serem utilizadas em trabalhos que envolvem a variação linguística, assim como demonstra que as pressões sociais e internas estruturais, que concorrem em uma mudança linguística, podem ser observadas e descritas; e de Kabatek (2012), que propõe que um texto contém várias tradições discursivas presentes ao mesmo tempo e que a relação mútua entre a tradição discursiva e a ciência dos sistemas linguísticos se faz essencial para a mudança linguística. As análises e as frequências das ocorrências dos demonstrativos *este*, *esse* e *aquele* (e flexões) foram realizadas sob a observação das influências dos fatores morfológicos (gênero e número), sintáticos (ordem e posição no sintagma nominal) e semântico-discursivos (valores referencias: *endófora*, *exófora*, *exo-endófora*, *anamnética* e *indeterminadora*), observando as atuações dos demonstrativos no processo de configuração ternário/binário. No decorrer do trabalho foram testadas quatro hipóteses. A primeira considerava que os gêneros textuais notícia e romance apresentaram mudanças estruturais entre os sécs. XIX e XXI por estarem ligados historicamente às transformações da sociedade amazonense. Essa hipótese foi parcialmente confirmada, uma vez que foi atestada para o gênero notícia, mas não claramente para o gênero romance. A segunda hipótese propunha que as mudanças estruturais dos gêneros textuais permitiram uma inovação no uso dos demonstrativos nos gêneros notícia e romance, proporcionando o surgimento de usos diferentes de demonstrativos em relação aos estabelecidos formalmente pelo sistema. Essa hipótese, por estar associada à primeira, também foi confirmada parcialmente. A mudança estrutural ocorreu apenas na notícia, ou seja, com o aumento da modalidade oral na notícia a partir da 2ª metade do séc. XX, aumentou-se também o uso da forma *esse* em oposição ao desuso da forma *este*. A terceira hipótese deste trabalho considerava que, no português da região do Amazonas, o sistema de demonstrativos passou por uma reorganização, com a implementação do binarismo em oposição a um sistema ternário. Essa hipótese foi confirmada de forma geral, pois se

constatou o ascenso da forma *esse* em oposição ao descenso da forma *este* nos dois gêneros textuais, levando a considerar que o sistema de demonstrativos presente no *corpus* da região do Amazonas passa por uma mudança de ternário para binário (em especial na função endofórica). A quarta hipótese era a de que o processo de implementação do binarismo se deu em épocas diferentes levando-se em conta o português da região do Amazonas e o da região do Rio de Janeiro. Essa hipótese também foi confirmada, uma vez que se constatou que no Rio de Janeiro o processo de implementação do binarismo começou um pouco antes da região do Amazonas.

Palavras-chave: Amazonas; demonstrativos; variação linguística; mudança linguística.

ABSTRACT

This is a historical study of the uses of the demonstrative pronouns *este*, *esse* and *aquele* and their inflections in a *corpus* composed of texts from the genres news and novels of the 19th, 20th and 21st centuries produced in the region of Amazonas and, at the same time comparative, considering results of work composed with texts of the same textual genres and periods in the region of Rio de Janeiro. For the development of the work in this diachronic panorama, it is supported by Givón's theoretical-methodological approach (2001), who considers that the linguistic forms are constantly in conflict, generating an adaptive commitment action between the functional pressures, leading to linguistic change; by Labov (2008), who presents strategies to be used in works that involve linguistic variation and demonstrates that the social and internal structural pressures, which contribute to a linguistic change, can be observed and described and by Kabatek's idea (2012) who proposes that a text contains several discursive traditions present at the same time and that the mutual relationship between the discursive tradition and the science of linguistic systems is essential for linguistic change. The analyzes and frequencies of the occurrences of the demonstratives *este*, *esse* and *aquele* (and inflections) in the *corpus* were carried out under the observation of the influences of morphological factors (gender and number), syntactic (order and position in the noun phrase) and semantic-discursive (reference values endophora, exophora, exo-endophora, anamnetic and indeterminate), observing the performance of the demonstrative pronouns in the ternary/binary configuration process over time of the research.

During the work, four hypotheses were tested, the first one considered that the news and novel textual genres presented structural changes between the 19th and 21st centuries because they are historically linked to the transformations of amazonense society. This hypothesis was partially confirmed, since it was attested for the news genre, but not clearly for the romance genre. The second hypothesis proposed that structural changes in textual genres allowed an innovation in the use of demonstratives in the news and romance genres, providing the emergence of different uses of demonstratives in relation to those formally established by the system and, as it is associated with the first hypothesis, it was also partially confirmed. The structural change occurred only in the news, that is, with the increase of the oral modality, from the second half of the 20th century in the news, the use of the *esse* form has also increased as opposed to the disuse of the *este* form. The third hypothesis of this work considered that, in the Portuguese of the Amazon region, the demonstrative system underwent a reorganization, with the implementation of binarism as opposed to a ternary system. This hypothesis has been fully

confirmed, as it was found the rise of the *esse* form to the opposition of the descent of the *este* form in both textual genres, leading to consider that the system of demonstrative present in the *corpus* of the Amazonas region tends to change from ternary to binary (especially in endophoric function). The fourth hypothesis considered that the process of implementing the binarism happened in different times, taking into account the portuguese language in the Amazon region and the portuguese language in the Rio de Janeiro. This hypothesis was also confirmed, in Rio de Janeiro the process of implementing binarism began a little earlier than the state of Amazonas.

Keywords: Amazonas; demonstratives; linguistic variation; linguistic change.

RESUMEN

Esta tesis propone un estudio histórico de los usos de las formas demostrativas *este*, *esse* y *aquela* y sus flexiones en un corpus integrado por textos de los géneros artículo de periódico y novela de los siglos XIX, XX y XXI producido en región de Amazonas y, al mismo tiempo comparativo, considerando resultados de trabajos realizados con textos de los mismos géneros textuales y períodos en la región de Río de Janeiro. Para el desarrollo del trabajo en este panorama diacrónico, se sustenta en los supuestos teórico-metodológicos del funcionalista Givón (2001), quien considera que las formas lingüísticas están constantemente en conflicto, generando una acción de compromiso adaptativo entre las presiones funcionales, conduciendo al cambio lingüístico; de Labov (2008), quien presenta estrategias para ser utilizadas en trabajos que involucran variación lingüística, así como demuestra que las presiones estructurales sociales e internas, que contribuyen a un cambio lingüístico, pueden ser observadas y descritas; y Kabatek (2012) quien propone que un texto contiene varias tradiciones discursivas presentes al mismo tiempo y que la relación mutua entre la tradición discursiva y la ciencia de los sistemas lingüísticos es fundamental para el cambio lingüístico. Los análisis y frecuencias de las ocurrencias de los demostrativos *este*, *esse* y *aquela* (y las flexiones) se realizaron bajo la observación de las influencias de factores morfológicos (género y número), sintácticos (orden y posición en el sintagma nominal) y semánticos (valores referenciales), observando el desempeño de uso de las formas de los demostrativos en el proceso de configuración ternario/binario. Durante el trabajo se probaron cuatro hipótesis, la primera consideró que los géneros textuales noticia y novela presentaron cambios estructurales entre los siglos XIX y XXI porque están históricamente ligados a las transformaciones de la sociedad amazonense. Esta hipótesis fue confirmada para el artículo de periódico, pero no claramente para el género romántico. La segunda hipótesis proponía que los cambios estructurales en los géneros textuales permitieron una innovación en el uso de los demostrativos en los géneros periodístico y romántico, propiciando el surgimiento de usos de los demostrativos diferentes a los establecidos formalmente por el sistema y, al estar asociado a la primera hipótesis, también fue parcialmente confirmada. El cambio estructural se dio solo en artículo de periódico, es decir, con el aumento de la modalidad oral, a partir de la segunda mitad del siglo XX en las noticias, el uso de la forma *esse* también ha aumentado frente al desuso de la forma *este*. La tercera hipótesis de este trabajo consideró que, en lengua portuguesa de la región de Amazonas, el sistema demostrativo pasó por una reorganización, con la implementación del binarismo en oposición a un sistema ternario. Esta hipótesis ha sido plenamente confirmada, pues se observó el ascenso de la forma

esse en oposición del descenso de la forma *este* en los géneros textuales artículo de periódico y novela lo que lleva a considerar que el sistema de demostrativos presente en el *corpus* de la región amazónica tiende para cambiar de ternario a binario (especialmente en la función endofórica).

La cuarta hipótesis consideró que el proceso de implementación del binarismo ocurrió en diferentes momentos, teniendo en cuenta la lengua portuguesa en la región amazónica y la lengua portuguesa en Río de Janeiro. Esta hipótesis también fue confirmada, en Río de Janeiro el proceso de implementación del binarismo comenzó un poco antes que en el estado de Amazonas.

Palabras clave: Amazonas; demostrativos; variación lingüística; cambio lingüístico.

LISTA DE ABREVIATURAS

AM – Estado do Amazonas	MOR – <i>A Moreninha</i>
ANA – Anáfora	MSM – <i>Memórias de um Sargento de Milícias</i>
ANA-CAT – Ana-catáfora	N – Neutro
BRA – <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	NUC – Núcleo
C – Completo	nº – Número
CA – <i>Commercio do Amazonas</i>	NURC – Norma urbana culta
CAS – <i>As Cariocas</i>	ocs. – ocorrências
CAT – Catáfora	ORA – Oral
CDM – <i>Correio da Manhã</i>	p. – Página
CE – Catáfora estrutural	PA – Estado do Pará
CN – Catáfora não estrutural	PB – Português brasileiro
DIA – <i>O Dia</i>	PC – <i>A Próxima Cartada</i>
ESC – Escrita	PD – Passado distante
EST – <i>A Hora da Estrela</i>	PE – Português europeu
F – Feminino	Per. – Periódico
FD – Futuro distante	POL – <i>Triste Fim de Policarpo Quaresma</i>
FP – Futuro próximo	PP – Passado próximo
F1 – Este	PR – Presente
F2 – Esse	PLU – Plural
F3 – Aquele	RA – Região do Amazonas
GLO – <i>O Globo</i>	RCO – <i>Relato de um certo Oriente</i>
GT(s) – Gênero(s) textual(is)	REC – <i>Recordações do Escrivão Isaías Caminha</i>
HER – <i>Herança de Sangue: um Faroeste Brasileiro</i>	Rom. – Romance
JC1 – <i>Jornal do Commercio</i> (1925-1926)	RJ – Cidade do Rio de Janeiro
JC2 – <i>Jornal do Comércio</i> (1980)	Séc. – Século
JC3 – <i>Jornal do Commercio</i> (2019)	SIN – Singular
JDB – <i>Jornal do Brasil</i>	SN – Sintagma nominal
LEI – <i>Leite Derramado</i>	T – Trecho
M – Masculino	TD(s) – Tradição(ões) discursiva(s)
MAR – Margem	TN – <i>Terra de Ninguém: Romance Social do Amazonas</i>
met. – Metade	
MIS – <i>O Missionário</i>	

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – O sistema de referência.....	36
FIGURA 2 – Estado do Amazonas: Microrregiões.....	72
FIGURA 3 – Jornal Estrela do Amazonas, nº 93.....	76
FIGURA 4 – Commercio do Amazonas, nº 262.....	79
FIGURA 5 – Jornal do Commercio, nº 7.702.....	81
FIGURA 6 – Jornal do Commercio, nº. 12.404.....	82
FIGURA 7 – Jornal do Comercio, nº 12.434.....	82
FIGURA 8 – Jornal do Comércio, nº 22.908.....	84
FIGURA 9 – Jornal do Comercio, nº 18.403.....	85
FIGURA 10 – Jornal do Comércio, nº 18.404.....	85
FIGURA 11 – Jornal do Comércio, nº 35.051.....	86
FIGURA 12 – Jornal do Commercio, nº 35.052.....	86
FIGURA 13 – Jornal do Commercio, nº 42.759.....	88
FIGURA 14 – Folha de rosto do vol. 1 da 2ª edição original de <i>O missionário</i>	94
FIGURA 15 – Capa da 1ª edição do romance <i>Terra de Ninguém - romance social do Amazonas</i>	96
FIGURA 16 – Capa da 1ª edição do romance <i>Relato de um certo Oriente</i>	98
FIGURA 17 – Capa da 1ª edição do romance <i>A Próxima Cartada</i>	100

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Demonstrativos latinos e portugueses.....	41
QUADRO 2 – Valores das formas pronominais.....	44
QUADRO 3 – Demonstrativos do PB em comparação com os do PE.....	52
QUADRO 4 – Quadro sinótico.....	65
QUADRO 5 – Formas de TDs.....	66
QUADRO 6 – Periódicos do <i>corpus</i>	77
QUADRO 7 – Romances do <i>corpus</i>	93
QUADRO 8 – Categorias de classificação das funções semântico-discursivas dos demonstrativos.....	104
QUADRO 9 – Formas de demonstrativos (notícia).....	107
QUADRO 10 – Formas de demonstrativos (romance).....	107
QUADRO 11 – Predomínio de F2 sobre F1 em exófora e em endófora (notícia) da RA e do RJ.....	169
QUADRO 12 – Predomínio de F2 sobre F1 em exófora e em endófora (romance) da RA e do RJ.....	169

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Frequência de demonstrativos por forma (romance): trecho inicial (T) × texto completo (C)	102
TABELA 2 – Frequência de demonstrativos em estruturas cristalizadas (notícia e romance) por forma na RA.....	109
TABELA 3 – Frequência de demonstrativos em estruturas cristalizadas (notícia) por forma na RA.....	110
TABELA 4 – Frequência de demonstrativos em estruturas cristalizadas (romance) por forma na RA.....	110
TABELA 5 – Frequência de demonstrativos em variação nas estruturas cristalizadas (notícia e romance) por forma na RA.....	111
TABELA 6 – Frequência de demonstrativos em variação nas estruturas cristalizadas (notícia) por forma na RA.....	112
TABELA 7 – Frequência de demonstrativos em variação nas estruturas cristalizadas (romance) por forma na RA.....	112
TABELA 8 – Frequência de demonstrativos (notícia e romance) por forma na RA.....	116
TABELA 9 – Frequência de demonstrativos (notícia) por forma na RA.....	118
TABELA 10 – Frequência de demonstrativos (romance) por forma na RA.....	118
TABELA 11 – Frequência de demonstrativos (notícia e romance) por modalidade na RA...	122
TABELA 12 – Frequência de demonstrativos (notícia) por modalidade na RA.....	123
TABELA 13 – Frequência de demonstrativos (romance) por modalidade na RA.....	124
TABELA 14 – Frequência de demonstrativos na modalidade oral (notícia e romance) por forma na RA.....	125
TABELA 15 – Frequência de demonstrativos na modalidade escrita (notícia e romance) por forma na RA.....	126
TABELA 16 – Frequência de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por forma na RA.....	126
TABELA 17 – Frequência de demonstrativos na modalidade escrita (notícia) por forma na RA.....	127
TABELA 18 – Frequência de demonstrativos na modalidade oral (romance) por forma na RA.....	128
TABELA 19 – Frequência de demonstrativos na modalidade escrita (romance) por forma na RA.....	128

TABELA 20 – Frequência de demonstrativos (notícia e romance) por gênero gramatical na RA.....	134
TABELA 21 – Frequência de demonstrativos (notícia) por gênero gramatical na RA.....	135
TABELA 22 – Frequência de demonstrativos (romance) por gênero gramatical na RA.....	136
TABELA 23 – Frequência de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por gênero gramatical na RA.....	137
TABELA 24 – Frequência de demonstrativos na modalidade escrita (notícia) por gênero gramatical na RA.....	137
TABELA 25 – Frequência de demonstrativos na modalidade oral (romance) por gênero gramatical na RA.....	138
TABELA 26 – Frequência de demonstrativos na modalidade escrita (romance) por gênero gramatical na RA.....	138
TABELA 27 – Frequência de demonstrativos no gênero masculino (notícia) por forma na RA.....	140
TABELA 28 – Frequência de demonstrativos no gênero masculino (romance) por forma na RA.....	140
TABELA 29 – Frequência de demonstrativos no gênero feminino (notícia) por forma na RA.....	141
TABELA 30 – Frequência de demonstrativos no gênero feminino (romance) por forma na RA.....	142
TABELA 31 – Frequência de demonstrativos no gênero neutro (notícia) por forma na RA.....	143
TABELA 32 – Frequência de demonstrativos no gênero neutro (romance) por forma na RA.....	143
TABELA 33 – Frequência de demonstrativos (notícia e romance) por número na RA.....	144
TABELA 34 – Frequência de demonstrativos (notícia) por número na RA.....	145
TABELA 35 – Frequência de demonstrativos (romance) por número na RA.....	145
TABELA 36 – Frequência de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por número na RA.....	146
TABELA 37 – Frequência de demonstrativos na modalidade escrita (notícia) por número na RA.....	146
TABELA 38 – Frequência de demonstrativos na modalidade oral (romance) por número da RA.....	146

TABELA 39 – Frequência de demonstrativos na modalidade escrita (romance) por número na RA.....	147
TABELA 40 – Frequência de demonstrativos no singular (notícia) por forma na RA.....	148
TABELA 41 – Frequência de demonstrativos no plural (notícia) por forma na RA.....	148
TABELA 42 – Frequência de demonstrativos no singular (romance) por forma na RA.....	148
TABELA 43 – Frequência de demonstrativos no plural (romance) por forma na RA.....	149
TABELA 44 – Frequência de demonstrativos (notícia e romance) por posição no SN na RA.....	153
TABELA 45 – Frequência de demonstrativos (notícia) por posição no SN na RA.....	154
TABELA 46 – Frequência de demonstrativos (romance) por posição no SN na RA.....	154
TABELA 47 – Frequência de demonstrativos (notícia) por posição no SN (sem neutros) na RA.....	155
TABELA 48 – Frequência de demonstrativos (romance) por posição no SN (sem neutros) na RA.....	156
TABELA 49 – Frequência de demonstrativos (notícia) na modalidade oral por posição no SN na RA.....	156
TABELA 50 – Frequência de demonstrativos (notícia) na modalidade escrita por posição no SN na RA.....	156
TABELA 51 – Frequência de demonstrativos (romance) SN na modalidade oral por posição na RA.....	157
TABELA 52 – Frequência de demonstrativos (romance) na modalidade escrita por posição no SN na RA.....	157
TABELA 53 – Frequência de demonstrativos (notícia) em posição de margem por forma na RA.....	159
TABELA 54 – Frequência de demonstrativos (notícia) em posição de núcleo por forma na RA.....	159
TABELA 55 – Frequência de demonstrativos (romance) em posição de margem por forma na RA.....	159
TABELA 56 – Frequência de demonstrativos (romance) em posição de núcleo por forma na RA.....	159
TABELA 57 – Frequência de demonstrativos (notícia e romance) por valor referencial na RA.....	164
TABELA 58 – Frequência de demonstrativos (notícia) por valor referencial na RA.....	165
TABELA 59 – Frequência de demonstrativos (romance) por valor referencial na RA.....	166

TABELA 60 – Frequência de demonstrativos em exófora (notícia e romance) por forma na RA.....	170
TABELA 61 – Frequência de demonstrativos em exófora (notícia) por forma na RA.....	170
TABELA 62 – Frequência de demonstrativos em exófora (romance) por forma na RA.....	171
TABELA 63 – Frequência de demonstrativos em exófora na mod. oral (notícia) por forma na RA.....	172
TABELA 64 – Frequência de demonstrativos em exófora na mod. escrita (notícia) por forma na RA.....	172
TABELA 65 – Frequência de demonstrativos em exófora na mod. oral (romance) por forma na RA.....	172
TABELA 66 – Frequência de demonstrativos em exófora na mod. escrita (romance) por forma na RA.....	173
TABELA 67 – Frequência de demonstrativos em exófora (notícia e romance) por valor na RA.....	173
TABELA 68 – Frequência de demonstrativos em exófora (notícia) por valor na RA.....	174
TABELA 69 – Frequência de demonstrativos em exófora (romance) por valor na RA.....	174
TABELA 70 – Frequência de demonstrativos em exófora espacial (notícia) por forma na RA.....	176
TABELA 71 – Frequência de demonstrativos em exófora espacial de proximidade do locutor (notícia) por forma na RA.....	178
TABELA 72 – Frequência de demonstrativos em exófora espacial (romance) por forma na RA.....	178
TABELA 73 – Frequência de demonstrativos em exófora espacial de proximidade do locutor (romance) por forma na RA.....	180
TABELA 74 – Frequência de demonstrativos em exófora espacial de proximidade do interlocutor (romance) por forma na RA.....	181
TABELA 75 – Frequência de demonstrativos em exófora temporal (notícia) por forma na RA.....	182
TABELA 76 – Frequência de demonstrativos em exófora temporal (notícia) por valor na RA.....	184
TABELA 77 – Frequência de demonstrativos em exófora temporal (romance) por forma na RA.....	187
TABELA 78 – Frequência de demonstrativos em exófora temporal (romance) por valor na RA.....	188

TABELA 79 – Frequência de demonstrativos em endófora (notícia e romance) por forma na RA	192
TABELA 80 – Frequência de demonstrativos em endófora (notícia) por forma na RA.....	193
TABELA 81 – Frequência de demonstrativos em endófora (romance) por forma na RA.....	193
TABELA 82 – Frequência de demonstrativos em endófora na mod. oral (notícia) por forma na RA.....	194
TABELA 83 – Frequência de demonstrativos em endófora na mod. escrita (notícia) por forma na RA.....	194
TABELA 84 – Frequência de demonstrativos em endófora na mod. oral (romance) por forma na RA.....	194
TABELA 85 – Frequência de demonstrativos em endófora na mod. escrita (romance) por forma na RA.....	195
TABELA 86 – Frequência de demonstrativos em endófora (notícia e romance) por valor na RA.....	195
TABELA 87 – Frequência de demonstrativos em endófora (notícia) por valor na RA.....	198
TABELA 88 – Frequência de demonstrativos em endófora (romance) por valor na RA.....	198
TABELA 89 – Frequência de demonstrativos em endófora anafórica (notícia) por forma na RA.....	201
TABELA 90 – Frequência de demonstrativos em endófora anafórica não proposicional (notícia) por forma na RA.....	202
TABELA 91 – Frequência de demonstrativos em endófora anafórica proposicional (notícia) por forma na RA.....	205
TABELA 92 – Frequência de demonstrativos em endófora anafórica (romance) por forma na RA.....	206
TABELA 93 – Frequência de demonstrativos em endófora anafórica não proposicional (romance) por forma na RA.....	207
TABELA 94 – Frequência de demonstrativos em endófora anafórica proposicional (romance) por forma na RA.....	208
TABELA 95 – Frequência de demonstrativos em endófora catafórica (notícia) por forma na RA.....	210
TABELA 96 – Frequência de demonstrativos em endófora catafórica estrutural (notícia) por forma na RA.....	211
TABELA 97 – Frequência de demonstrativos em endófora catafórica (romance) por forma na RA.....	212

TABELA 98 – Frequência de demonstrativos em endófora catafórica não estrutural (romance) por forma na RA.....	213
TABELA 99 – Frequência de demonstrativos em endófora catafórica estrutural (romance) por forma na RA.....	214
TABELA 100 – Frequência de demonstrativos em exo-endófora (notícia) por forma na RA.....	216
TABELA 101– Frequência de demonstrativos em exo-endófora (romance) por forma na RA.....	217
TABELA 102 – Frequência de demonstrativos na função anamnética (romance) por forma na RA.....	221
TABELA 103– Frequência de demonstrativos na função indeterminadora (romance) por forma na RA.....	223

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Frequência (%) de demonstrativos por forma (romance): trecho inicial (T) × texto completo (C).....	102
GRÁFICO 2 – Frequência (%) de demonstrativos em estruturas cristalizadas (notícia e romance) por forma na RA.....	109
GRÁFICO 3 – Frequência (%) de demonstrativos em estruturas cristalizadas (notícia) por forma na RA.....	110
GRÁFICO 4 – Frequência (%) de demonstrativos em estruturas cristalizadas (romance) por forma na RA.....	110
GRÁFICO 5 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por forma na RA.....	116
GRÁFICO 6 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por forma no RJ.....	117
GRÁFICO 7 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por forma na RA.....	118
GRÁFICO 8 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) por forma na RA.....	118
GRÁFICO 9 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por forma no RJ.....	119
GRÁFICO 10 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) por forma no RJ.....	119
GRÁFICO 11 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) por forma no RJ.....	120
GRÁFICO 12 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por modalidade na RA.....	122
GRÁFICO 13 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por modalidade no RJ.....	123
GRÁFICO 14 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por modalidade na RA.....	123
GRÁFICO 15 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) por modalidade na RA.....	124
GRÁFICO 16 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por modalidade no RJ.....	124
GRÁFICO 17 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) por modalidade no RJ.....	124
GRÁFICO 18 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (notícia e romance) por forma na RA.....	125
GRÁFICO 19 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (notícia e romance) por forma na RA.....	126
GRÁFICO 20 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por forma na RA.....	126
GRÁFICO 21 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (notícia) por forma na RA.....	127

GRÁFICO 22 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (romance) por forma na RA.....	128
GRÁFICO 23 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (romance) por forma na RA.....	128
GRÁFICO 24 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por forma no RJ.....	129
GRÁFICO 25 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (notícia) por forma no RJ.....	129
GRÁFICO 26 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (romance) por forma no RJ.....	129
GRÁFICO 27 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (romance) por forma no RJ.....	129
GRÁFICO 28 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por gênero gramatical na RA.....	134
GRÁFICO 29 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por gênero gramatical no RJ.....	135
GRÁFICO 30 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por gênero gramatical na RA.....	135
GRÁFICO 31 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) por gênero gramatical na RA.....	136
GRÁFICO 32 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por gênero gramatical no RJ.....	136
GRÁFICO 33 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) por gênero gramatical no RJ.....	136
GRÁFICO 34 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por gênero gramatical na RA.....	137
GRÁFICO 35 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (notícia) por gênero gramatical na RA.....	137
GRÁFICO 36 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (romance) por gênero gramatical na RA.....	138
GRÁFICO 37 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (romance) por gênero gramatical na RA.....	138
GRÁFICO 38 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por gênero gramatical no RJ.....	139
GRÁFICO 39 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (notícia) por gênero gramatical no RJ.....	139

GRÁFICO 40 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (romance) por gênero gramatical no RJ.....	139
GRÁFICO 41 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (romance) por gênero gramatical no RJ.....	139
GRÁFICO 42 – Frequência (%) de demonstrativos no gênero masculino (notícia) por forma na RA.....	140
GRÁFICO 43 – Frequência (%) de demonstrativos no gênero masculino (romance) por forma na RA.....	140
GRÁFICO 44 – Frequência (%) de demonstrativos no gênero masculino (notícia) por forma no RJ.....	141
GRÁFICO 45 – Frequência (%) de demonstrativos no gênero masculino (romance) por forma no RJ.....	141
GRÁFICO 46 – Frequência (%) de demonstrativos no gênero feminino (notícia) por forma na RA.....	141
GRÁFICO 47 – Frequência (%) de demonstrativos no gênero feminino (romance) por forma na RA.....	142
GRÁFICO 48 – Frequência (%) de demonstrativos no gênero feminino (notícia) por forma no RJ.....	142
GRÁFICO 49 – Frequência (%) de demonstrativos no gênero feminino (romance) por forma no RJ.....	142
GRÁFICO 50 – Frequência (%) de demonstrativos no gênero neutro (notícia) por forma na RA.....	143
GRÁFICO 51 – Frequência (%) de demonstrativos no gênero neutro (romance) por forma na RA.....	143
GRÁFICO 52 – Frequência (%) de demonstrativos no gênero neutro (notícia) por forma no RJ.....	143
GRÁFICO 53 – Frequência (%) de demonstrativos no gênero neutro (romance) por forma no RJ.....	143
GRÁFICO 54 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por número na RA.....	144
GRÁFICO 55 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por número no RJ.....	144
GRÁFICO 56 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por número na RA.....	145
GRÁFICO 57 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) por número na RA.....	145
GRÁFICO 58 – Frequência de demonstrativos (notícia) por número no RJ.....	145

GRÁFICO 59 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) por número no RJ.....	145
GRÁFICO 60 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por número na RA.....	146
GRÁFICO 61 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (notícia) por número na RA.....	146
GRÁFICO 62 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (romance) por número da RA.....	146
GRÁFICO 63 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (romance) por número na RA.....	147
GRÁFICO 64 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por número no RJ.....	147
GRÁFICO 65 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (notícia) por número no RJ.....	147
GRÁFICO 66 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (romance) por número no RJ.....	147
GRÁFICO 67 – Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (romance) por número no RJ.....	147
GRÁFICO 68 – Frequência (%) de demonstrativos no singular (notícia) por forma na RA.....	148
GRÁFICO 69 – Frequência (%) de demonstrativos no plural (notícia) por forma na RA.....	148
GRÁFICO 70 – Frequência (%) de demonstrativos no singular (romance) por forma na RA....	148
GRÁFICO 71 – Frequência (%) de demonstrativos no plural (romance) por forma na RA.....	149
GRÁFICO 72 – Frequência (%) de demonstrativos no singular (notícia) por forma no RJ....	149
GRÁFICO 73 – Frequência (%) de demonstrativos no plural (notícia) por forma no RJ.....	149
GRÁFICO 74 – Frequência (%) de demonstrativos no singular (romance) por forma no RJ.....	149
GRÁFICO 75 – Frequência (%) de demonstrativos no plural (romance) por forma no RJ.....	149
GRÁFICO 76 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por posição no SN na RA.....	153
GRÁFICO 77 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por posição no SN no RJ.....	153
GRÁFICO 78 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por posição no SN na RA.....	154
GRÁFICO 79 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) por posição no SN na RA.....	154
GRÁFICO 80 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por posição no SN no RJ.....	155
GRÁFICO 81 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) por posição no SN no RJ.....	155

GRÁFICO 82 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por posição no SN (sem neutros) na RA.....	155
GRÁFICO 83 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) por posição no SN (sem neutros) na RA.....	156
GRÁFICO 84 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) na modalidade oral por posição no SN na RA.....	156
GRÁFICO 85 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) na modalidade escrita por posição no SN na RA.....	156
GRÁFICO 86 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) na modalidade oral por posição no SN na RA.....	157
GRÁFICO 87 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) na modalidade escrita por posição no SN na RA.....	157
GRÁFICO 88 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) na modalidade oral por posição no SN no RJ.....	158
GRÁFICO 89 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) na modalidade escrita por posição no SN no RJ.....	158
GRÁFICO 90 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) na modalidade oral por posição no SN no RJ.....	158
GRÁFICO 91 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) na modalidade escrita por posição no SN no RJ.....	158
GRÁFICO 92 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) em posição de margem por forma na RA.....	159
GRÁFICO 93 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) em posição de núcleo por forma na RA.....	159
GRÁFICO 94 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) em posição de margem por forma na RA.....	159
GRÁFICO 95 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) em posição de núcleo por forma na RA.....	159
GRÁFICO 96 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) em posição de margem por forma no RJ.....	160
GRÁFICO 97 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) em posição de núcleo por forma no RJ.....	160
GRÁFICO 98 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) em posição de margem por forma no RJ.....	160

GRÁFICO 99 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) em posição de núcleo por forma no RJ.....	160
GRÁFICO 100 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por valor referencial na RA.....	165
GRÁFICO 101 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por valor referencial na RA.....	165
GRÁFICO 102 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) por valor referencial na RA.....	166
GRÁFICO 103 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por valor referencial no RJ...167	167
GRÁFICO 104 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) por valor referencial no RJ.....	167
GRÁFICO 105 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (notícia) por forma na RA.....	167
GRÁFICO 106 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (romance) por forma na RA.....	167
GRÁFICO 107 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (notícia) por forma na RA.....	168
GRÁFICO 108 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (romance) por forma na RA.....	168
GRÁFICO 109 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (notícia) por forma no RJ.....	168
GRÁFICO 110 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (romance) por forma no RJ.....	168
GRÁFICO 111 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (notícia) por forma no RJ.....	168
GRÁFICO 112 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (romance) por forma no RJ.....	168
GRÁFICO 113 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (notícia e romance) por forma na RA.....	170
GRÁFICO 114 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (notícia) por forma na RA.....	170
GRÁFICO 115 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (romance) por forma na RA.....	171
GRÁFICO 116 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (notícia) por forma no RJ.....	171

GRÁFICO 117 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (romance) por forma no RJ.....	171
GRÁFICO 118 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora na mod. oral (notícia) por forma na RA.....	172
GRÁFICO 119 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora na mod. escrita (notícia) por forma na RA.....	172
GRÁFICO 120 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora na mod. oral (romance) por forma na RA.....	172
GRÁFICO 121 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora na mod. escrita (romance) por forma na RA.....	173
GRÁFICO 122 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (notícia e romance) por valor na RA.....	173
GRÁFICO 123 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (notícia) por valor na RA.....	174
GRÁFICO 124 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (romance) por valor na RA.....	174
GRÁFICO 125 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (notícia) por valor no RJ.....	175
GRÁFICO 126 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (romance) por valor no RJ.....	175
GRÁFICO 127 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora espacial (notícia) por forma na RA.....	176
GRÁFICO 128 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora espacial (notícia) por forma no RJ.....	176
GRÁFICO 129 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora espacial de proximidade do locutor (notícia) por forma na RA.....	178
GRÁFICO 130 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora espacial (romance) por forma na RA.....	178
GRÁFICO 131 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora espacial (romance) por forma no RJ.....	179
GRÁFICO 132 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora espacial de proximidade do locutor (romance) por forma na RA.....	180
GRÁFICO 133 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora espacial de proximidade do interlocutor (romance) por forma na RA.....	181

GRÁFICO 134 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora temporal (notícia) por forma na RA.....	182
GRÁFICO 135 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora temporal (notícia) por forma no RJ.....	183
GRÁFICO 136 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora temporal (notícia) por valor na RA.....	184
GRÁFICO 137 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora temporal (romance) por forma na RA.....	187
GRÁFICO 138 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora temporal (romance) por forma no RJ.....	188
GRÁFICO 139 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora temporal (romance) por valor na RA.....	188
GRÁFICO 140 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (notícia e romance) por forma na RA.....	192
GRÁFICO 141 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (notícia) por forma na RA.....	193
GRÁFICO 142 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (romance) por forma na RA.....	193
GRÁFICO 143 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora na mod. oral (notícia) por forma na RA.....	194
GRÁFICO 144 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora na mod. escrita (notícia) por forma na RA.....	194
GRÁFICO 145 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora na mod. oral (romance) por forma na RA.....	194
GRÁFICO 146 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora na mod. escrita (romance) por forma na RA.....	195
GRÁFICO 147 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (notícia e romance) por valor na RA.....	195
GRÁFICO 148 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (notícia e romance) por valor no RJ.....	196
GRÁFICO 149 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (notícia) por valor na RA.....	198
GRÁFICO 150 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (romance) por valor na RA.....	198

GRÁFICO 151 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (notícia) por valor no RJ.....	198
GRÁFICO 152 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (romance) por valor no RJ.....	198
GRÁFICO 153 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora anafórica (notícia) por forma na RA.....	201
GRÁFICO 154 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora anafórica (notícia) por forma no RJ.....	201
GRÁFICO 155 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora anafórica não proposicional (notícia) por forma na RA.....	202
GRÁFICO 156 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora anafórica proposicional (notícia) por forma na RA.....	205
GRÁFICO 157 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora anafórica (romance) por forma na RA.....	206
GRÁFICO 158 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora anafórica (romance) por forma no RJ.....	207
GRÁFICO 159 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora anafórica não proposicional (romance) por forma na RA.....	207
GRÁFICO 160 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora anafórica proposicional (romance) por forma na RA.....	208
GRÁFICO 161 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora catafórica (notícia) por forma na RA.....	210
GRÁFICO 162 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora anafórica (notícia) por forma no RJ.....	210
GRÁFICO 163 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora catafórica estrutural (notícia) por forma na RA.....	211
GRÁFICO 164 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora catafórica (romance) por forma na RA.....	212
GRÁFICO 165 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora anafórica (romance) por forma no RJ.....	212
GRÁFICO 166 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora catafórica não estrutural (romance) por forma na RA.....	213
GRÁFICO 167 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora catafórica estrutural (romance) por forma na RA.....	214

GRÁFICO 168 – Frequência (%) de demonstrativos em exo-endófora (notícia) por forma na RA.....	216
GRÁFICO 169 – Frequência (%) de demonstrativos em exo-endófora (romance) por forma na RA.....	217
GRÁFICO 170 – Frequência (%) de demonstrativos na função anamnética (romance) por forma na RA.....	221
GRÁFICO 171 – Frequência (%) de demonstrativos na função indeterminadora (romance) por forma na RA.....	223

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	34
CAPÍTULO 1 – Delimitação do problema e revisão bibliográfica	36
1.1 Dêiticos e demonstrativos.....	36
1.2 Sistema de demonstrativos das línguas neolatinas.....	40
1.3 Demonstrativos na tradição gramatical da língua portuguesa.....	41
1.4 Sistema de demonstrativos do português brasileiro: ternário ou binário?.....	50
CAPÍTULO 2 – Fundamentação teórica	55
2.1 Funcionalismo.....	55
2.2 Variação linguística.....	58
2.3 Gêneros discursivos e gêneros textuais.....	61
2.4 Tradições discursivas.....	64
CAPÍTULO 3 – Hipóteses de trabalho	68
CAPÍTULO 4 – Objetivos	69
4.1 Objetivo geral.....	69
4.2 Objetivos específicos.....	69
CAPÍTULO 5 – Metodologia	70
5.1 <i>Corpus</i>	70
5.1.1 Geografia e História.....	70
5.1.2 Seleção do material do <i>corpus</i>	73
5.1.2.1 Seleção dos jornais.....	74
5.1.2.2 Seleção dos romances.....	89
5.2 Coleta de dados.....	100
5.3 Classificação dos dados.....	103
CAPÍTULO 6 – Descrição e discussão dos dados	107
6.1 Formas de demonstrativos no <i>corpus</i>	107
6.2 Estruturas cristalizadas.....	108
6.3 Demonstrativos de forma geral.....	116
6.4 Demonstrativos por gênero textual.....	118
6.5 Demonstrativos por modalidade.....	121
6.6 Tradições discursivas nos gêneros textuais e a influência da oralidade.....	130
6.6.1 Tradições discursivas na notícia.....	130
6.6.2 Tradições discursivas no romance.....	131
6.7 Morfologia dos demonstrativos.....	134

6.7.1. Gênero gramatical.....	134
6.7.2 Número.....	144
6.8 Sintaxe dos demonstrativos.....	150
6.8.1 Posição no SN.....	150
6.8.2 Ordem no SN.....	161
6.9 Análise semântico-discursiva dos demonstrativos.....	163
6.9.1 Visão geral	164
6.9.2 Paralelo entre exófora e endófora.....	167
6.9.3 Exófora.....	170
6.9.3.1 Visão geral.....	170
6.9.3.2 Exófora espacial.....	176
6.9.3.3 Exófora temporal.....	182
6.9.3.4 Exófora metatextual.....	191
6.9.4 Endófora.....	192
6.9.4.1 Visão geral.....	192
6.9.4.2 Endófora anafórica.....	199
6.9.4.3 Endófora catafórica.....	209
6.9.4.4 Endófora ana-catafórica.....	215
6.9.5 Exo-endofórica.....	216
6.9.6 Função anamnética.....	221
6.9.7 Função indeterminadora.....	223
CAPÍTULO 7 – Conclusão.....	225
REFERÊNCIAS.....	229

INTRODUÇÃO

Estudos recentes têm demonstrado que o sistema de demonstrativos do português brasileiro, tratado pela norma culta como ternário, está passando por um processo de variação que caminha em direção ao binarismo. Têm constatado também que o emprego dos demonstrativos no português do Brasil é variável e que seu uso está associado a fatores morfológicos, sintáticos e semântico-discursivos, dos quais a literatura especializada não tem conseguido dar conta plenamente. No intuito de contribuir para o entendimento desse fenômeno, realiza-se, neste trabalho, um estudo do emprego dos demonstrativos *este*, *esse*, *aquela* e flexões em um *corpus* formado por textos dos gêneros romance e notícia, realizados na região do estado do Amazonas no período que compreende a segunda metade do séc. XIX, a primeira e a segunda do séc. XX e a primeira do séc. XXI.

Nessa abordagem diacrônica, avalia-se se os gêneros textuais notícia e romance passaram por mudanças estruturais, uma vez que estão ligados historicamente às transformações da sociedade amazonense; se essas mudanças permitiram uma inovação no uso dos demonstrativos na notícia e no romance, proporcionando o surgimento de usos diferentes de demonstrativos, em relação aos estabelecidos formalmente pela norma padrão; se o sistema de demonstrativos passou por uma reorganização, com a implementação do binarismo em oposição a um sistema ternário no português da região do Amazonas; e se o processo de implementação do binarismo se deu em épocas diferentes, levando-se em conta o português da região do Amazonas e o da região do Rio de Janeiro, uma vez que se compreende que a difusão de mudanças não se dá de forma instantânea em todo um dado domínio linguístico. Destaca-se a escolha para comparação dos dados deste trabalho com os de trabalho da região do Rio de Janeiro em virtude da importância desse estado nos cenários colonial, histórico, social, político, cultural e, principalmente, pela sua influência na escrita, atuando na vanguarda da imprensa brasileira na publicação dos primeiros periódicos, folhetins e romances.

O trabalho foi estruturado em sete partes. A primeira trata da delimitação do problema e revisão bibliográfica, abordando assuntos sobre dêiticos, demonstrativos, o sistema de demonstrativos das línguas neolatinas, os demonstrativos na tradição gramatical da língua portuguesa, e o sistema de demonstrativos do português brasileiro como ternário ou binário. A segunda parte apresenta a fundamentação teórica embasada no funcionalismo, na variação linguística, nos gêneros discursivos e nas tradições discursivas. A terceira parte apresenta as hipóteses de trabalho. A quarta parte apresenta o objetivo geral e os específicos. A quinta parte apresenta a metodologia, expondo aspectos do *corpus* do trabalho, da região do estado do

(Amazonas), dos romances e dos jornais de onde foram retiradas as notícias que compõem o *corpus*, assim como considerações sobre a coleta e a classificação de dados. A sexta parte se refere à descrição e discussão dos dados, em que são apresentadas as análises das tradições discursivas dos gêneros textuais, da morfologia dos demonstrativos (por meio do gênero gramatical e do número); da sintaxe dos demonstrativos (pela posição e ordem no sintagma nominal); e, análise semântico-discursiva, abordando os valores referenciais exófora, endófora, exo-endófora, anamnética e indeterminadora. Nessa parte, apresentam-se os dados das ocorrências por meio de tabelas e gráficos, contribuindo para a melhor observação da evolução diacrônica dos fenômenos estudados e, sempre que possível, comparam-se os dados aos de Ramalho (2016), que tratou dos mesmos gêneros textuais e de períodos compatíveis com o deste trabalho. A sétima parte apresenta a conclusão, em que se avaliam as hipóteses propostas e se apresentam aspectos relevantes de resultados encontrados ao longo das análises realizadas.

CAPÍTULO 1

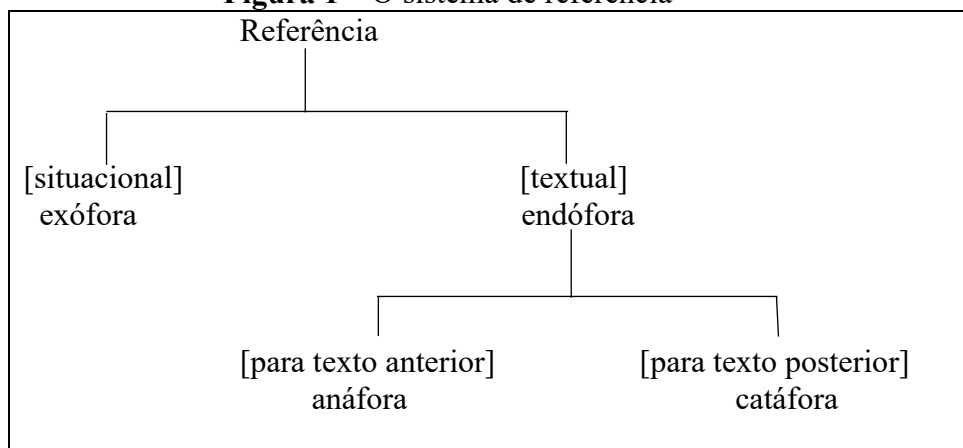
DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 Dêiticos e demonstrativos

Bechara (1962, p. 29) propõe que o gramático Said Ali introduziu, nos estudos gramaticais no Brasil, o conceito de pronome como vocábulo dêítico, dissociando-o da categoria dos adjetivos. Ao explicar o uso da forma *dêitico* (em vez de *dêítico*) pelo mencionado estudioso, relata que esse termo provavelmente foi “empregado pela primeira vez na linguística moderna pelo celtista alemão Ernest Windisch, em trabalho publicado em 1869, apoiado na lição do gramático Apolônio”. Assim, o termo *dêitico*, com base no alemão *deiktisch*, teria figurado na terminologia linguística de outros idiomas como *deictic*, no inglês; *déictique*, no francês; *deictico*, no italiano; *deictico*, no espanhol; inspirando também ao prof. Said Ali o uso da designação da forma *dêitico* em vez de *dêítico* no português. No entanto, observa-se na atualidade a preferência pelo uso da grafia *dêitico* no português.

Halliday e Hassan (1976) colocam a dêixis no quadro da referência. Para a distinção entre as classes de itens que desempenham a função de referência, adotam o uso da denominação *exofóricas* para as referências situacionais e de *endofóricas* para as que se encontram dentro dos textos. Estipulam ainda que as referências endofóricas podem se apresentar como *anáforicas* (referente está em um elemento anterior) e *catáforicas* (referente está em um elemento posterior) como no esquema a seguir:

Figura 1 – O sistema de referência



Fonte: Traduzido e adaptado de Halliday e Hassan (1976, p. 33)

Carbonero Cano (1979), em seu estudo sobre o fenômeno dêitico, atribuiu à dêixis as características de apontar e de atualizar um referente que esteja no contexto linguístico ou no extralinguístico. Para ele, o campo dêitico pode ser classificado com os seguintes critérios metodológicos: (i) experiência situacional do falante e do ouvinte, expressa por meio dos dêiticos *espacial*, *temporal* e *modal/nocional*; (ii) tipo de circunvizinhança para o qual indica o elemento dêitico, manifesto nos dêiticos *mostrativo*, *contextual/fórico* (anáfora e catáfora), *evocador* ou *pessoal*; (iii) insistência, presente pelos dêiticos *identificado* e *não identificado*; (iv) marcação de distintos graus de distância, com uso do dêitico *este* para referência a algo próximo do falante, o dêitico *esse* para referência a algo próximo do ouvinte e o dêitico *aquela* para menção a algo que esteja distante do falante e do ouvinte; (v) representação nas diversas unidades morfossintáticas por meio do dêitico *nominal* (pronominal ou adnominal) e o dêitico *verbal* (adverbial ou preposicional).

Para Levinson (1983), o fenômeno da dêixis é a forma mais óbvia de expressar a relação entre linguagem e contexto nas estruturas das línguas. Defende que o termo é um empréstimo grego empregado para o apontamento ou a indicação, sendo exemplo prototípico ou focal seu uso em demonstrativos, pronomes de primeira e segunda pessoa, tempos verbais, advérbios de lugar, tempos específicos como *aqui* e *agora*, assim como em uma variedade de outros elementos ligados diretamente às circunstâncias do enunciado. Para ele, os dêiticos dizem respeito, essencialmente, à forma como as línguas codificam ou gramaticalizam características do evento de fala, associando, dessa forma, a interpretação dos enunciados à análise do contexto da comunicação.

Himmelmann (1996), com base em um *corpus* de dados de narrativas orais das línguas *ik* (língua kuliak falada no nordeste de Uganda), *nunggubuyu* (língua não-pama-nyungan do norte da Austrália), *tagalog* (língua austronésia de tipo filipino), *indonésia* (outra língua austronésia bem conhecida, porém bem diferente do tagalog) e *inglesa*, identifica e classifica usos diferentes de demonstrativos. Segundo o pesquisador, quatro desses usos puderam ser identificados em todas as línguas da amostra, podendo, com isso, ser razoavelmente assumidos como universais, são eles: (a) *uso situacional*, que envolve a noção de distância relativa a algum centro dêitico no contexto de produção do discurso, estabelecendo um referente no universo do discurso como as exóforas; (b) *uso de rastreamento*, que envolve referência a entidades estabelecidas no próprio discurso, durante a interação anterior, proporcionando ao ouvinte o acompanhamento dos acontecimentos como as endóforas; (c) *uso dêitico-discursivo*, que envolve o apontamento a porções do discurso, podendo estabelecer uma proposição ou um evento como referente no universo do discurso (geralmente o referente que é estabelecido pela

primeira vez nesse uso não é referenciado novamente na sequência do discurso); e (d) *uso de reconhecimento ou anamnésico*, em que o referente não se faz presente no contexto de produção ou no universo discursivo, devendo ser identificado por meio de conhecimentos específicos, presumivelmente compartilhados entre os interlocutores.

Para Diessel (1999), as expressões dêiticas são elementos linguísticos cujas interpretações fazem referência crucial a algum aspecto da situação da fala, vendo os demonstrativos como exemplos de dêiticos. Compartilha a asserção de Bühler (1934, p. 102) de que as expressões dêiticas são tradicionalmente divididas nas categorias semânticas de pessoa, lugar e tempo. O dêitico *de pessoa* corresponderia aos pronomes pessoais relativos aos participantes da fala *I* (“eu”) e *you* (“tu/você”); o *de lugar* teria a função de indicar a distância relativa de um objeto, um espaço ou uma pessoa em relação ao centro dêitico que, geralmente, estaria associado com a localização do falante; e o *de tempo* indicaria um ponto de referência temporal em relação ao evento da fala. Afirma ainda que todas as línguas possuem pelo menos dois demonstrativos que localizam o referencial em dois pontos diferentes em uma escala de distância: um demonstrativo proximal, referindo-se a uma entidade próxima ao centro dêitico e um demonstrativo distal, indicando um referente que se encontra localizado a alguma distância do centro dêitico. Exemplifica com o sistema dêitico composto de dois termos do inglês: os demonstrativos proximais *here* (“aqui”) e *this* (“este”) e seus homólogos distais *there* (“lá”) e *that* (“aquele”). Esse estudioso esclarece que, além das características dêiticas, os demonstrativos geralmente fornecem algumas informações qualitativas sobre o referente como indicação de local, objeto, pessoa, se é ser animado ou inanimado, humano ou não humano, feminino ou masculino, uma única entidade ou um conjunto, ou se é uma entidade restrita ou estendida. À vista disso, divide as características semânticas dos demonstrativos, em duas categorias: (i) *características dêiticas*, que indicam a localização do referente em relação ao centro dêitico e (ii) *características qualitativas*, que fornecem algumas informações classificatórias sobre o referente. Diessel (1999), em seu estudo em que analisa uma amostra de 85 idiomas de uma ampla gama de famílias linguísticas e áreas geográficas, utilizou três critérios relevantes para a noção de demonstrativos, a saber: (a) as expressões dêiticas desempenhando funções sintáticas específicas, abrangendo o uso dos demonstrativos como pronomes ou modificadores de nomes e advérbios de localização como o inglês *here* (“aqui”) e *there* (“lá”); (b) as funções pragmáticas desempenhadas pelos demonstrativos como o direcionamento da atenção do ouvinte a objetos, pessoas ou locais na situação da fala (geralmente associada a um gesto de apontar) – função *exofórica* – e atuação de organizadores do fluxo de informações no discurso em andamento – função *endofórica*; e (c) os traços

semânticos como a marcação da distância espacial, normalmente realizados por dois demonstrativos dêiticos contrastivos, um para entidades localizadas próximas ao centro do dêitico e outro para um referente localizado a alguma distância do centro do dêitico. O pesquisador admite que os demonstrativos são utilizados mais para o apontamento de um referente no próprio discurso (rastreamento/endofórico) e para ativar conhecimentos compartilhados específicos, mas a orientação do ouvinte fora do discurso na situação circundante seria a função mais básica dos demonstrativos.

Dixon (2003) corrobora a definição do vocábulo dêitico apresentado por Diessel (1999), ao afirmar que o termo é utilizado pelos linguistas modernos em dois sentidos inteiramente diferentes. O primeiro deles é o apontado por Bühler (1934) e Lyons (1968, 1977) como termo designativo de pronomes pessoais, demonstrativos e de alterações de tempo como *now* (“agora”) e *tomorrow* (“amanhã”). O segundo diz respeito à função de apontamento dos demonstrativos, os quais são acompanhados por gestos na indicação de objeto, lugar ou imitação de ação. Ele relaciona os dêiticos aos gestos que os falantes das línguas tucano e arawak da bacia do rio Vaupes, na fronteira entre Brasil e Colômbia, utilizam para se relacionar com diferentes distâncias e visibilidade, como segue: (i) apontamento com os lábios para indicar algo visível e próximo; (ii) apontamento com os lábios, mais a inclinação da cabeça para trás indicando algo visível e distante; e (iii) apontamento com o dedo indicador para algo que não está visível (se a direção em que o objeto se encontra for conhecida). Esse pesquisador examina características linguísticas básicas como forma, funções dêiticas, sintáticas, anafóricas e tipos de referências como espacial, de altura/distância, de visibilidade, assim como realiza o estudo de suas relações com pronomes de 3ª pessoa, artigos, interrogativos e outras formas semelhantes de variadas línguas. A discussão geral do estudo é seguida por um estudo de caso de demonstrativos e itens relacionados em dyirbal. Apresenta uma tipologia de parâmetros de variação associada a três tipos principais de demonstrativos, a saber: (a) *nominal*, o qual pode ocorrer em um SN com um nome ou pronome como no exemplo [*this stone*] *is hot* (“[esta pedra] está quente”) ou, na maioria das línguas, pode criar um SN completo como em [*this*] *is hot* (“[isto] está quente”); (b) *adverbial* (lugar), podendo ocorrer sozinho como no exemplo *put it here* (“coloque-o aqui”) ou com um nome fazendo a marcação de lugar: *put it (on the table) there* (“coloque-o [na mesa] lá”); e (c) *verbal* como na expressão *do it like this* (“faça isso assim”), acompanhado com uma ação de mímica, podendo ocorrer como o único verbo no predicado ou junto com um verbo lexical. O estudioso reconhece que este último tipo é relativamente raro e explica que, excetuando na língua jul’hoan, encontrou os dois primeiros tipos em todos os idiomas que estudou.

1.2 Sistema de demonstrativos das línguas neolatinas

Na evolução do sistema de demonstrativos do latim às línguas neolatinas, os três termos do sistema demonstrativo latino *hic*, *iste* e *ille* passaram por alterações.

Said Ali (1964) assinala que os demonstrativos *este*, *esta* e *esto* (que com o decorrer do tempo, mudou para *isto*) provieram das formas latinas *iste*, *ista*, *istud*. Explica o surgimento das formas *aqueste*, *aquesta*, *aquesto* como consequência do acréscimo da anteposição latina *eccu* às formas *iste*, *ista*, *istud* e dos demonstrativos *esse*, *essa*, *esso* (*isso* no português moderno) como originários das formas latinas *ipse*, *ipsa*, *ipsum*. Acrescenta que as formas latinas *ille*, *illa*, *illud* deram origem aos pronomes *ele*, *ela* e *elo* que, ao receberem o reforço de *eccu*, constituíram as formas *aquela*, *aquela*, *aquelo*, convertendo-se esse último, ao longo do tempo, em *aquilo*.

Jungbluth (2004/05) explica que, na maioria das línguas românicas, *ille* se converteu em artigo definido e que o mesmo fenômeno se deu com *ipse* nas línguas catalã e sarda. As línguas portuguesa, espanhola e italiana (em sua fase antiga) restabeleceram o sistema ternário dos demonstrativos com base no ouvinte, adotando *ipse* como forma intermediária de 2ª pessoa, entre as formas *iste* e *ille*. A forma *iste* deu origem ao demonstrativo português/espanhol *este* assim como à forma italiana *questo*, marcando a 1ª pessoa e a noção de *perto*. A forma *ipse* originou o demonstrativo português *esse*, o espanhol *ese* e o italiano *codesto*, de 2ª pessoa. O termo de 3ª pessoa e da designação de *longe* surgiu por meio da adição do afixo de reforço *eccu*¹ à forma *ille*, formando o demonstrativo português *aquela*, o espanhol *aquel* e o italiano *quello*. Acrescenta que, no entanto, as línguas francesa e romena permaneceram com um sistema binário. A estudiosa observa ainda que o sistema demonstrativo latino ternário *hic*, *iste* e *ille* se reduziu ao binário *iste* e *ille*, passando *hic* a atuar somente como um nicho da língua escrita, impulsionando a reinterpretação do sistema demonstrativo baseado nos parâmetros de distância referente a *perto versus longe*.

Williams (2001, p. 61) apresenta uma relação dos demonstrativos portugueses aos seus respectivos no latim, aqui adaptada no seguinte quadro:

¹ A palavra *eccum*, que era usada em latim vulgar para fortalecer os demonstrativos se tornou *accu* sob a influência de *atque* ou *ac* (WILLIAMS, 1981, p. 161).

Quadro 1 — Demonstrativos latinos e portugueses²

Gênero	Latim	Português
Masculino	<i>Īste</i>	<i>êste/estes</i>
Feminino	<i>Īsta</i>	<i>êsta/êstas</i>
Neutro	<i>Īstud</i>	<i>esto</i> (arcaico) e <i>isto</i>
<hr/>		
Masculino	<i>Īpse</i>	<i>êsse/esses</i>
Feminino	<i>Īpsa</i>	<i>êssa/essas</i>
Neutro	<i>Īpsum</i>	<i>esso</i> (arcaico) e <i>isso</i>
<hr/>		
Masculino	<i>accū-ille</i>	<i>aquele/aquêles, aquel/aqueis</i> (arcaico e popular)
Feminino	<i>accū-illa</i>	<i>aque-la/aque-las</i>
Neutro	<i>accū-illud</i>	<i>aquelo</i> (arcaico) e <i>aquilo</i>
<hr/>		
Masculino	<i>accū-īste</i>	<i>aqueste/aquestes</i> (arcaico)
Feminino	<i>accū-īsta</i>	<i>aquesta/aquestas</i> (arcaico)
Neutro	<i>accū-īstud</i>	<i>aquesto</i> (arcaico) e <i>aquisto</i>

Fonte: Adaptado de Williams (2001, p. 61).

O autor chama a atenção para o fato de que o plural desses pronomes se formou de maneira analógica pela adição da terminação do plural às formas do nominativo singular, e não por derivação direta do latim.

1.3 Demonstrativos na tradição gramatical da língua portuguesa

Said Ali (1964, p. 100-106) apresenta um rico estudo sobre os demonstrativos na função dêitica e em seu papel anafórico (fazendo referência seja ao que foi enunciado, seja ao que será enunciado).

Considerando inicialmente a função dêitica, o estudioso propõe, com base em exemplos de uso do português europeu, a utilização dos pronomes *este* e *esse* para a designação de coisas mais ou menos nítidas. Dessa maneira, o demonstrativo *este* seria usado para expressão de noções claramente delimitadas ou de fácil reconhecimento na mente do ouvinte, enquanto a forma *esse* seria aplicada em designação a algo que estivesse em posse dos interlocutores, a coisas distantes e noções vagas e indecisas. Na indicação de tempo, *este* indicaria fatos atuais e o presente; contrariamente a *esse*, que se referiria a algo do passado ou do futuro.

Em relação à primeira e à segunda pessoa do discurso, o autor afirma o uso de *este* e *isto* para indicação de coisas que dizem respeito a quem está falando, enquanto o uso de *esse* e

² O caractere <ê> representa vogal aberta; e <e> e <ê>, vogal fechada.

isso se aplicaria a coisas relacionadas à pessoa a quem se dirige. Destaca a interessante observação da aplicação dessas formas a coisas que residem nas próprias pessoas como: *esta alma, esta <minha> dor, essa <tua> paixão*, assim como partes do corpo ou lugar em que os interlocutores se encontram como: *esta casa, este país, este mundo, nesta cidade <em que reside a pessoa que está falando>; nessa cidade <em que reside a pessoa com quem se está falando>*.

Quanto ao distanciamento, entende que as coisas que se acham próximas de quem fala deveriam ser indicadas com a forma *este* e, para demonstração de algo um tanto afastado, mesmo sem haver relação alguma com a pessoa a quem se fala, indica o uso do pronome *esse*. Já no apontamento de algo que esteja próximo tanto de quem fala como daquele com quem se fala, deveria prevalecer o uso do demonstrativo *este*.

Para o gramático, em designações de tempo, a forma *este* deveria ser utilizada na indicação de períodos mais ou menos longos, os quais abrangessem o momento em que se fala. Exemplifica com *esta semana, este mês, este ano e este século*. Porém, admite que *esta noite* poderia aludir tanto à noite passada quanto à noite que está por vir. Já as expressões como *nesse instante, nesse dia, nessa hora e nesse ano* deveriam se referir a um momento distante do atual como em³: “– *Nessa* noite fria e humida, arrastado por agonia íntima, vagava eu pelos alcantis escavados” (Herculano, *Eur.* 28)⁴.

Apresenta como forma coloquial e de uso familiar o emprego do demonstrativo *isto* como referência à redução do intervalo de tempo, com denotação de “agora”: “– *Isto* é noite fechada” (Gil Vicente, 2, 467)⁵ e “– I-vos embora, senhor, que *isto* quer amanhecer” (Gil Vicente 3, 37). Apresenta ainda a forma *nisto* com o sentido de “então” ou “em tal momento”, como a utilizada em narrativas com o intuito de interromper o curso de ideias, voltando a atenção para outro fato: “– *Nisto* Phebo nas águas encerrou co carro de crystal o claro dia” (Camões, *Lus.* 1, 56)⁶. Reconhece o emprego do demonstrativo *nisto* na indicação de tempo como uma expressão consagrada, que não pode ser substituída pela forma *nisso*.

Expõe ainda a versatilidade do demonstrativo *esse*, ao ser anteposto a um substantivo, com função de suprir a locução adverbial de tempo: “Depois, *esse* clarão sinistro [= o clarão sinistro que havia nesse momento] verberou na terra” (Herculano, *Eur.* 52). Chama a atenção para o uso de *este* e *esse* para designar afastamento ou aproximação mental. Nesse caso, o *este* seria usado na linguagem animada para mostrar o interesse muito de perto a algo que, na

³ Os grifos em negrito das obras consultadas foram convertidos neste trabalho para itálico.

⁴ Alexandre Herculano, *Eurico, o Presbítero* (HERCULANO, 1876).

⁵ Gil Vicente, *Obras de Gil Vicente* (VICENTE, 1852).

⁶ Luís de Camões, *Os Lusíadas* (CAMÕES, 1572).

realidade, se encontra um tanto afastado: “Se *esta* gente, que busca outro hemispherio ... não queres que padeçam vitupério” (Camões, *Lus.* 1, 38). Observa que, nesse último exemplo, imagina-se que *esta gente* está próxima de quem fala, mas, na realidade, está afastada. Por outro lado, com o pronome *esse*, a imaginação recuaria algo que estivesse ou poderia estar próximo de quem fala: “– Vês Africa, dos bens do mundo avara ... olha *essa* terra toda, que se habita *dessa* gente sem lei, quase infinita” (Camões, *Lus.* 10, 92).

No plano anafórico, reconhece que o uso de *este* e *isto* pode ser usado tanto para chamar a atenção para algo que vai ser nomeado/citado na sequência como também para o que já foi mencionado ou explicado previamente: “Entre *este* mar [que acabo de mencionar] e o Tanais” (Camões, *Lus.* 3, 11) e “– *Estas* palavras taes falando orava: Sublime rei” (Camões, *Lus.* 2, 78). Admite uma flexibilização no uso dos anafóricos *este* e *isto* para avivamento de impressões provocadas pelas palavras do falante, até mesmo em casos de afastamento ou tempo remoto, em que seria esperado o uso de *esse* e *isso*: “– Ouviu-lhe *estas* palavras piadosas a fermosa Dione” (Camões, *Lus.* 2, 33) e “– Já *neste* tempo o lucido planeta... chegava á desejada e lenta meta” (Camões, *Lus.* 2, 1). Para alusão a algo mencionado pela pessoa com quem se fala, o gramático indica o uso do anafórico de 2ª pessoa *esse* e *isso*: “Antiocho: Dai algum conforto a este desditoso a quem faltou a ventura – Calydonio: *Essa* [que tu acabas de proferir] palavra desditosa he alhea da escola de Christo.” (Arrais 582)⁷. Quanto à referenciação a duas pessoas ou coisas distintas, defende que *aquela* deveria ser utilizado para referência à palavra mencionada em primeiro plano e *este* para a mencionada por último.

Embora o emprego dos demonstrativos esteja subordinado a regras, como as propostas pelo próprio estudioso, ele considera que existem alguns dizeres que já se fixaram ou tendem a se fixar sem obediência às regras, apresentando como exemplo a expressão *isto é* (e nunca *isso é*). Já a locução *por isso* admite a variação para *por isto*. Atribui, ainda, à expressão *isto de e nisto de* a equivalência da expressão *no tocante e no que diz respeito a*.

Cunha e Cintra (1985, p. 319-331) definem os demonstrativos como responsáveis por situarem “a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais”, posicionando-as também no espaço ou no tempo. Assim como Said Ali (1964), apresentam usos das formas tanto na sua função dêitica, quanto na função anafórica.

Como função dêitica, os gramáticos consideram que os demonstrativos *este*, *esta* e *isto* deveriam ser utilizados para indicar algo que estivesse próximo do falante, como em: “As mãos que trago, as mãos são *estas*.” (C. Meireles, *OP*, 216)⁸, assim como para marcar o tempo

⁷ Frei Amador Arrais, *Diálogos de Dom Frei Amador Arrais, Bispo de Portalegre* (ARRAIS, 1846).

⁸ Cecília Meireles, *Obra Poética* (MEIRELES, 1958).

presente em relação à pessoa que fala, como em: “*Esta tarde* para mim tem uma doçura nova.” (Ribeiro Couto, *PR*, 83)⁹. Já, os pronomes *esse*, *essa* e *isso* deveriam ser usados para marcar algo que estivesse próximo da pessoa com quem se fala, fato que exemplificam com “Que susto você me pregou, entrando aqui com *essa cara* de alma do outro mundo!” (C. dos Anjos, *DR*, 32)¹⁰, como também para marcar o tempo passado ou futuro em relação à época em que se encontra a pessoa que fala, aspecto que exemplificam com: “Bons tempos, Manuel, *esses que já lá vão!*” (A. Nobre, *S*, 51)¹¹. Com os demonstrativos *aquele*, *aquela* e *aquilo* ficaria a função de denotar algo que estivesse afastado da pessoa que fala, assim como da pessoa com quem se fala, como em “Olhem *aquele monte* ali em frente. É longe, não é?” (G. Ramos, *AOH*, 107)¹², assim como para marcar uma época distante ou afastamento no tempo de modo impreciso, como em: “*Naquele tempo*, a fogueira crepitava até horas mortas.” (C. dos Anjos, *DR*, 46).

Os autores resumem os valores básicos para esses demonstrativos no seguinte quadro:

Quadro 2 – Valores das formas pronominais

DEMONSTRATIVO	PESSOA	ESPAÇO	TEMPO
Este	1ª	situação próxima	Presente
Esse	2ª	situação intermediária ou distante	passado ou futuro pouco distantes
Aquele	3ª	situação longínqua	passado vago ou remoto

Fonte: Cunha e Cintra (1985, p. 322)

Embora apresentem esse quadro de usos das três formas dos demonstrativos portugueses, os gramáticos admitem que esse sistema ternário, na prática, não é rigorosamente obedecido.

Assim como o gramático Said Ali (1964), Cunha e Cintra (1985) apontam o uso de *este* e *esse* para designar afastamento ou aproximação mental. Exemplificam esse uso com uma frase de um personagem do romance de José Lins do Rego, em que o emprego da forma *este* (*esta*, *isto*) toma lugar do esperado *esse* ou *aquele*, produzindo uma aproximação mental: “Eu só queria estar lá para receber *estes cachorros* a chicote”. (J. Lins do Rego, *FM*, 296)¹³ (o advérbio *lá* se refere à casa do personagem que, no momento da fala, estava ausente dela). Outro exemplo é retirado da obra de Ferreira de Castro: “O guarda-livros, num repelão, ordenou: — Tire *esse* bandido da minha frente, João! Tome conta dele!” (Ferreira de Castro, *OC*, I, 300)¹⁴. Explicam que o falante, ao fazer uso de *esse* em lugar de *este*, demonstra sentimento de desinteresse ou

⁹ Ribeiro Couto, *Poesias Reunidas* (COUTO, 1960).

¹⁰ Ciro dos Anjos, *Dois Romances: O Amanuense Belmiro; Abdias* (ANJOS, 1957).

¹¹ Antônio Nobre, *Só* (NOBRE, 1898).

¹² Graciliano Ramos, *Alexandre e outros Heróis* (RAMOS, 1968).

¹³ José Lins do Rego, *Fogo Morto* (REGO, 1944).

¹⁴ Ferreira de Castro, *Obra Completa* (CASTRO, 1958).

desagrado a algo que se encontra próximo dele. Com esses exemplos os autores mostram a força do sentimento no momento da enunciação se sobrepondo à razão das regras. Embora os gramáticos não reconheçam em sua obra que haja efetivamente variação entre *este* e *esse* (expressando os mesmos valores), ao apresentarem o exemplo, acabam evidenciando que o falante, no momento da comunicação, não privilegia propriamente as regras preconizadas pela gramática normativa, e sim a interação.

Na função anafórica, assim como Said Ali (1964), Cunha e Cintra (1985, p. 323) defendem que o uso de *este* (*esta* e *isto*) pode ser feito tanto para chamar a atenção sobre aquilo que já foi dito anteriormente como para aquilo que será nomeado ou ainda citado, como nos exemplos, respectivamente: “Justamente, traz uma comunicação reservada, reservadíssima; negócios pessoais. Dá licença? Dizendo *isto*, Rubião meteu a carta no bolso; o médico saiu; ele respirou.” (Machado de Assis, *OC*, I, 564)¹⁵ e “Minha tristeza é *esta* – A das coisas reais.” (F. Pessoa, *OP*, 100)¹⁶. Admitem, também, o uso da forma *esse* (*essa* e *isso*) na alusão de algo que foi mencionado pelo falante: “Não havia que pedir de fiado nas lojas; a lareira teria sempre lume. *Nisso*, ao menos, o Agostinho Serra abria bem as mãos.” (Alves Redol, *G*, 94)¹⁷. Os dois gramáticos comungam também com Said Ali (1964) o emprego da 2ª pessoa para referência a algo que foi mencionado pela pessoa com quem se fala, como em: “As minhas meditações foram sempre pessoais e intransmissíveis. – Sempre. É *nisso* que és extraordinária.” (M. J. de Carvalho, *PSB*, 56)¹⁸.

Apresentam o uso do demonstrativo *esse* determinando um aposto que marca uma característica da pessoa ou do objeto, como em “Arlequim é o D. Quixote, *esse* livro admirável onde se experimentam ao ar livre, de dia e de noite, e através de todas as eventualidades os preceitos da Honra e das outras teorias.” (Almada Negreiros, *OC*, III, 90)¹⁹, assim como para colocar em evidência um substantivo que esteja anteposto ao demonstrativo; nesse segundo caso, admitem que raramente poderia ocorrer o emprego da forma *este*, como em “O sacrificador, *esse*, ficara rodando por aí, e seu desejo seria não voltar para casa nem para dentro de si mesmo.” (C. Drummond de Andrade, *CB*, 30)²⁰.

Quanto à alusão a termos já mencionados, comungam do preceito de Said Ali (1964), que o demonstrativo *aquela* deveria ser utilizado para referência à palavra mencionada em

¹⁵ Machado de Assis, *Obra Completa* (ASSIS, 1959).

¹⁶ Fernando Pessoa, *Obra Poética* (PESSOA, 1960).

¹⁷ Alves Redol, *Gaibéus* (REDOL, 1975).

¹⁸ Maria Judite de Carvalho, *Paisagem sem Barcos* (CARVALHO, 1963).

¹⁹ José de Almada Negreiros, *Obras Completas* (NEGREIROS, 1970).

²⁰ Carlos Drummond de Andrade, *Cadeira de Balanço* (ANDRADE, 1966).

primeiro plano e o *este* para a nomeada por último: “A ternura não embarga a discrição nem *esta* diminui *aquela*.” (Machado de Assis, *OC*, I, 1124).

Conferem valor de indefinidos aos demonstrativos, quando esses aparecem alternados: “E vimos isto: homens de todas as idades, tamanhos e cores, uns em mangas de camisa, outros de jaqueta, outros metidos em sobrecasacas esfrangalhadas; atitudes diversas, uns de cócoras, outros com as mãos apoiadas nos joelhos, *estes* sentados em pedras, *aqueles* encostados ao muro, e todos com os olhos fixos no centro, e as almas debruçadas das pupilas.” (Machado de Assis, *OC*, I, 525) e assinalam o uso da forma *aquela* para o esclarecimento do sujeito expresso por um substantivo determinado por *este* ou *esse*: “Mas *esses* atos são justamente *aqueles* que os psiquiatras designam como características de qualquer perturbação mental.” (T. Barreto, *QV*, 39)²¹.

Apresentam os advérbios *aqui*, *aí*, *ali*, *cá*, *lá*, *acolá* e as palavras *mesmo* e *próprio*, que acompanham os demonstrativos, com função de gesto indicador ou de reforço, conferindo clareza ou ênfase àquilo que está sendo referido: “– Espera *aí*. *Este aqui* já pagou. Agora vocês é que vão engolir tudo, se maltratarem este rapaz.” (C. Drummond de Andrade, *CB*, 33) e “– Recusei. Não sei se fiz bem. – É por causa da mulher. – *Isso mesmo*.” (O. Lins. *FP*, 72)²².

Admitem o uso pragmático dos demonstrativos, ao reconhecerem que eles atuam também como “gestos verbais”, sendo, geralmente, acompanhados por entoação particular e gestos físicos, podendo expressar valores afetivos e, em especial, os irônicos e que se intensificam segundo a entoação e o contexto, conferindo sentido de surpresa ou espanto: “*Essa* agora!” (J. de Sena, *SF*, 518.)²³; de admiração e apreço: “*Aquilo* é que são homens fortes.” (Ferreira de Castro, *OC*, I, 154); de indignação: “– É tudo claro como água: *este* cão roubou-me. Acabo ainda hoje com *este* malandro! *Isto* não fica assim.” (F. Namora, *NM*, 193)²⁴; de comiseração: “Aquela mulher, flor de poesia, era agora *aquilo*.” (A. M. Machado, *HR*, 67)²⁵; de ironia, malícia: “– É um malandro, *esse* Barbaças!” (F. Namora, *TJ*, 193)²⁶ e de sarcasmo, desprezo: “*Isso* era até uma vergonha!” (M. Torga, *NCM*, 91)²⁷.

Assim como Said Ali (1964), os gramáticos reconhecem as formas fixas *isto é*, *por isso* e *isto de* e acrescentam à lista dessas formas as expressões *além disso* e *nem por isso*. Admitem que nessas locuções as formas nem sempre apresentam os seus sentidos básicos. Propõem a

²¹ Tobias Barreto, *Questões Vigentes* (BARRETO, 1962).

²² Osman Lins. *O Fiel e a Pedra* (LINS, 1967).

²³ Jorge de Sena, *Sinais de Fogo* (SENA, 1971).

²⁴ Fernando Namora, *A Noite e a Madrugada* (NAMORA, 1968).

²⁵ Aníbal Monteiro Machado, *Histórias Reunidas* (MACHADO, 1959).

²⁶ Fernando Namora, *O Trigo e o Joio* (NAMORA, 1974).

²⁷ Miguel Torga, *Novos Contos da Montanha* (TORGA, 1952).

locução *isto (isso) de* com equivalência às expressões *com referência a*, *no tocante a* ou *a respeito de*: “– *Isso de letras é na escola...*” (M. Torga, *V*, 174)²⁸. Reconhecem também como tradição o uso do demonstrativo *nisto* nos sentidos de “então” e “nesse momento”: “*Nisto, ouvimos vozes e passos.*” (A. Abelaira, *TM*, 112)²⁹. Ressaltam ainda a fixação das formas femininas *esta* e *essa* em construções elípticas, como: *Ora essa!*, *Essa, não!*, *Mais esta!*, *Essa é boa!*, *Essa cá me fica!* e *Esta é fina!*.

Bechara (2006, p. 187-189) também compreende que os valores básicos dos demonstrativos residem na função de apontar a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso e que a localização indicada pelos demonstrativos pode se dar no tempo e no espaço como dêiticos espaciais e temporais ou no discurso como demonstrativos anafóricos.

Considerando a função dêitica, comunga com os gramáticos vistos anteriormente (Said Ali (1964) e Cunha e Cintra (1985)) na menção ao uso da indicação de espaço. Apresenta os seguintes exemplos:

- a) *este livro*, para indicar a proximidade do livro à pessoa que fala;
- b) *esse livro*, para indicar que o livro se encontra distante do falante ou próximo da pessoa com quem se fala;
- c) *aquele livro*, para referenciar um livro que esteja distante tanto da pessoa que fala quanto da pessoa com quem se está falando.

Embora reconheça esses usos, o gramático admite que muitas vezes, em virtude de interferências de situações especiais, os demonstrativos escapam a esse rigor gramatical.

Também concorda com os demais no emprego da forma *este* para expressão de uma aproximação mental de algo que se encontra afastado daqueles que falam, como em: “Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com *este* homem... a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te despreze como já te desprezou.” (CBr. 1, 152)³⁰, assim como admite o emprego de *esse* em vez de *este* para designação do afastamento de algo que se encontra próximo do falante.

Quanto à noção de tempo, comunga com os demais gramáticos a menção ao uso de *este* para indicação de fatos atuais/presentes e de *esse* para referenciação a fatos do passado. Admite o emprego da forma *este* em casos em que os tempos passado ou vindouro estejam próximos do momento em que se fala, como em “*Esta* noite (= a noite passada) tive um sonho belíssimo”. Entende que, nos casos em que a circunstância de tempo não seja considerada pelo falante como

²⁸ Miguel Torga, *Vindima* (TORGA, 1954).

²⁹ Augusto Abelaira, *O Triunfo da Morte* (ABELAIRA, 1981).

³⁰ Camilo Castelo Branco, *A Queda de um Anjo* (BRANCO, 1953).

componente principal do conjunto, o uso das formas *esse* e *este* dispensaria uma expressão adverbial, como em “Para o jogo bastava *esse* movimento de peão.” (ML)³¹ (no exemplo, a expressão *esse movimento* equivaleria ao movimento realizado no momento da enunciação).

O gramático aborda também o uso dos demonstrativos em correspondências. Indica a forma *este* para referência do lugar em que se encontra aquele que escreve a correspondência e *esse* para o local de destino da carta. Para a referência à própria missiva sugere o emprego de *este/esta*, como no seguinte exemplo: “Escrevo *estas* linhas para dar-te *desta* nossa cidade e pedir-te as novas *dessa* região aonde foste descansar.”

Reconhece a aplicação pragmática dos demonstrativos em expressões de uso familiar e animada com valor de artigo definido: “*Esse* João é das arábias! *Aquela* Maria tem cada idéia!” (MA, 1, 36)³².

Na função anafórica, defende, assim com os gramáticos anteriores, o emprego da forma *este* em referência àquilo que o falante terminou de narrar ou ao que ainda será mencionado. Exemplifica com o trecho: “Entrou na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. *Este* pormenor (isto é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda” (CBr. 1, 93). Há concordância também entre os gramáticos quanto ao uso do demonstrativo *esse* em referência às palavras da pessoa com quem se fala: “– *Essas* lisonjas –olveu ela sorrindo – aprendeu-as nos seus livros velhos, primo Calisto?” (CBr. 1, 136). A expressão *Essas lisonjas* faz referência às lisonjas que Calisto fez à prima dele.

Outro exemplo de aplicação pragmática apresentado por Bechara (2006) foi o uso do anafórico *este* em vez do *esse* em retomada de enunciados anteriores, envolvendo o distanciamento da 1ª pessoa ou o tempo em que se fala. Geralmente, nesses casos, preponderaria a preferência pela retomada das palavras do falante: “– Então que te disse ele?... / – Que tinhas lá outra... e que te viu passear com ela. / – Viu-me a passear com uma nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que *esta* (a que me refiro) *senhora* era minha amante” (CBr. 1, 157).

Apresenta, ainda, o uso da forma *esse* para ressaltar uma característica, agregar explicação ou comparação, repetindo-se o termo, juntamente com o demonstrativo *esse*: “O olhar da opinião, *esse* olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte” (MA. 1, 81).

³¹ Monteiro Lobato, *Cidades Mortas* (LOBATO, 1919).

³² Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (ASSIS, 1899).

Assim como os demais gramáticos citados, Bechara (2006) também apresentou construções fixas/consagradas em sua gramática. Reitera as formas apresentadas pelos gramáticos anteriores: *isto é* (nunca *isso é*), com função de introduzir esclarecimentos, *por isso*, *além disso e nem por isso* (mais usuais que as variações *por isto*, *além disto e nem por isto*), com a função de introduzirem conclusão e na condução de argumentos e *isto de* (não *isso de*) no valor de “no que diz respeito a”. Observa-se que diferente de Bechara (2006), Cunha e Cintra (1985) admitiram o uso da variante *isso de*.

Ainda que os gramáticos resenhados tenham definido um quadro relativamente coeso do uso das três formas dos demonstrativos portugueses no Brasil, a dificuldade de aplicação das regras pelos usuários da norma culta é uma realidade. Esse fato é visto em Oliveira (2010) que, reconhecendo a inadequação de usos dos demonstrativos em relação à codificação da norma culta como um problema para o profissional de revisão de textos, propôs uma pesquisa em que analisou o uso dos demonstrativos *esse*, *este*, *essa*, *esta*, *isso* e *isto* por 50 pessoas de diferentes níveis de escolaridade, compreendendo estudantes dos ensinos fundamental, médio, universitário, além de graduados e pós-graduados de diversificadas áreas do conhecimento. No tocante ao uso da norma gramatical padrão, a pesquisadora constatou que a maioria dos informantes de sua pesquisa empregavam os demonstrativos em conformidade com os preceitos gramaticais, mas não conseguiam justificar plenamente o motivo dos empregos. Observou também um melhor desempenho dos informantes no emprego dos demonstrativos que se referiam à noção de espaço perto/distante e maior deficiência no emprego relacionado a referências de elementos do discurso.

O resultado da pesquisa de Oliveira possivelmente pode ser explicado por Cambraia (2008) que, ao analisar algumas gramáticas tradicionais, sobretudo as escolares, identificou pontos problemáticos nas prescrições dos demonstrativos, como falta de clareza e de consenso sobre os valores das formas, assim como incoerência interna na normatização. O problema mais grave encontrado pelo pesquisador nas propostas de normatização foi a ausência da abordagem dos casos de sobreposição de normas, uma vez que são abundantes e dificultam a obediência às normas padrões propostas pelas gramáticas tradicionais. Conclui, em sua análise, que as gramáticas tradicionais escolares tratam os demonstrativos de maneira inadequada, havendo a necessidade do surgimento de estudos mais aprofundados que consigam descrever com mais clareza o comportamento linguístico dos demonstrativos no português padrão.

Por outro lado, os gramáticos Said Ali (1964), Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2006), ao prescreverem regras de uso para a classe de demonstrativos, admitem usos das formas em

circunstâncias especiais não previstos nas normas gramaticais e que, muitas vezes, na prática, contrariam a normatização do sistema ternário dos demonstrativos da língua portuguesa.

1.4 Sistema de demonstrativos do português brasileiro: ternário ou binário?

Segundo os gramáticos apresentados, a norma padrão prevê um sistema ternário no uso dêitico/anafórico marcado pelas três pessoas do discurso: *este* (*eu*); *esse* (*tu/você*) e *aquela* (*ele*). No entanto, como já se mencionou, muitas pesquisas recentes revelam que o sistema de demonstrativos do português brasileiro está passando por um processo de variação que caminha rumo ao binarismo.

Sobre esse fenômeno linguístico, Nascentes (1965) já havia previsto o português como um sistema dicotômico de demonstrativos em que a forma *este*, pelo fato de ser de primeira pessoa e sinalizar maior proximidade do falante, suplantaria a forma *esse*.

Câmara Jr. (1971) também reconheceu a existência da mudança do sistema demonstrativo ternário para binário. Expõe que somente o português, o galego, o espanhol e o sardo formaram um sistema demonstrativo ternário a partir do latim. Interpreta os usos variantes entre *este* e *esse* como “advento retardado de uma antiga inovação românica no âmbito das significações gramaticais” uma vez que o sistema bipartido já é fato em línguas como o alemão e o inglês (CÂMARA JR. 1971, p. 329).

Para esse linguista, a predominância na área linguística ocidental de usos da oposição *perto* e *longe*, no lugar de distinção dos *campos do ouvinte* e *do falante*, tende a se propagar e talvez seja o que poderia explicar algumas incoerências presentes no espaço literário, que deixam árdua e complexa a normatização das gramáticas, com suas bases fincadas em textos escritos.

Defende que, no português, o sistema tripartido vigora nas funções dêiticas, e não na função anafórica, e que os demonstrativos *este* e *esse*, na função de distinguir os campos relativos ao falante e ao ouvinte, tendem a se tornar um único, contrapondo-se ao demonstrativo relacionado ao uso indicativo do campo externo *aquela*. Compreende a dicotomia entre *perto* e *longe* no contexto básico como a oposição *este* e *aquela*, sendo admissível a forma *esse*, como variante livre para designação de *perto*.

Para Câmara Jr. (1971), o que contribuiu para que a mudança se firmasse nitidamente na língua oral do Brasil foi a existência das semelhanças fonológicas das formas *este* e *esse*, o que não aconteceu com os locativos paralelos *aqui* (relacionado ao campo do falante), *aí* (ao campo do ouvinte), *ali* e *lá* (marcando distanciamento). Explica que

[p]ara *êste* e *êsse*, ao contrário, a diferença se resume num grupo consonântico /st/em face de um simples /s/. Numa das formas há duas consoantes homorgânicas, pela articulação bucal anterior, uma oclusiva e outra fricativa, enquanto na outra forma se repete a mesma fricativa. Não há em português, em tal ambiente, a passagem assimilatória de /t/ a /s/, que daria *êsse* com a absorção do /s/ precedente para anular a geminação consonântica. Mas é compreensível uma contaminação, determinando a coalescência de *êste* em *êsse* (ou, menos provável, por ultracorreção, a de *êsse* em *êste*). (CÂMARA JR. 1971, p. 329)

Resume os motivos da confusão entre as formas *este* e *esse* em três razões. A primeira, por motivação sintática, em virtude da interferência do uso anafórico no uso dêitico; a segunda, pela semelhança fonética das formas *este* e *esse*; e a terceira, de natureza semântica, pela reformulação no campo das categorias gramaticais, no intuito da simplificação e substituição do sistema complexo herdado do latim por outro sistema binário, como o já predominante na área da linguística ocidental.

Em relação ao uso variante de *esse* e *este*, admite a possibilidade de uma das formas desaparecer e prevê, com base no uso na língua oral brasileira, a tendência de permanência da forma *esse*. Contudo, enfatiza que a mudança linguística ainda está em andamento.

Pavani (1987), em uma pesquisa sobre a morfossintaxe dos demonstrativos na fala culta de São Paulo, baseada em inquéritos gravados em fitas magnetofônicas (*corpus* recolhido por equipes de documentadores do Projeto NURC/SP), evidencia que, além das referências *exofóricas* e das *endofóricas*, os demonstrativos também podem atuar como referência a algo que esteja apenas pressuposto, ou somente na mente dos interlocutores que compartilham os significados no momento da interação comunicativa.

Quanto às formas, registra o uso das três (*este*, *esse* e *aquele*), constatando a tendência da redução do sistema demonstrativo de ternário para binário, com o uso de *este/esse* × *aquele*. Os dados mostraram, ainda, a preferência pela forma *esse* (83,75%) por oposição a *este* (16,25%). A pesquisadora aponta como negativo o *corpus* em áudio, por limitar a realização satisfatória sobre os valores exofóricos, uma vez que não apresenta fonte visual do contexto comunicativo. Sobre esse particular, registra-se que Stradioto (2012)³³ trabalhou com dados resultantes de questionários e de experimentos de interação com estímulo visual no contexto comunicativo do sistema de demonstrativos do português de Belo Horizonte e também confirmou a preferência pelo uso da forma *esse*.

Jungbluth (2004/05), com base em estudos de situações de localização no contexto da fala brasileira, reconhece que há evidências de que o termo *este* é pouco usado. Acredita que

³³ Stradioto (2012) analisou o comportamento linguístico da referência dêitica com foco na produtividade da construção demonstrativo + locativo no português de Belo Horizonte e no espanhol da Cidade do México.

um indício que poderia comprovar que essa forma está a caminho da extinção, como pensam muitos pesquisadores, é o frequente uso da combinação do demonstrativo *esse* com o advérbio *aqui* (*esse aqui* - ao lado do falante). Vê o enriquecimento do sistema demonstrativo por meio do advérbio de lugar, como no uso do pronome *esse* junto com o advérbio *aí* (*esse aí* - ao lado do ouvinte), criando um termo intermediário entre *esse* e *aquela*, proporcionando a diferenciação entre as três regiões. Ao comparar o uso dos pronomes e advérbios demonstrativos do português europeu (PE) ao português brasileiro (PB), apresenta um quadro que evidencia a forma *esse* e a combinação do demonstrativo (*esse*) + advérbio suprimindo a lacuna da forma *este* no sistema do PB:

Quadro 3 – Demonstrativos do PB em comparação com os do PE

oposições universais		dentro	ao lado do falante	ao lado do ouvinte	fora
descrição apud Carvalho		aqui onde estamos eu e tu	aqui onde eu estou e tu não estás	aí onde tú estás e eu não estou	aquela árvore onde não estamos nem eu nem tú. ³
PE (Carvalho 1976)	Dem.	este	este	esse	aquela
PORTUGUÊS EUROPEU	Adv.	aqui	aqui	aí	lá
PORTUGUÊS BRASILEIRO (Jungbluth 2003:37 nota de rodapé 8, Jungbluth em prep.)	Dem.+Adv.	esse	esse aqui	esse aí	aquela

Fonte: Jungbluth (2004/05, p. 95)

Para a pesquisadora, de um modo geral, na fala, o sistema do PB faz uso somente dos termos *esse* e *aquela* e os padrões ensinados do PE promovem dúvidas sobre quais formas devem ser usadas. Em seu estudo, observou o uso do demonstrativo *este* raro na oralidade, sendo encontrado como:

a) *função enfática* na missão de facilitar o entendimento para o ouvinte, exemplifica com o meio de correção a uma referência equivocada por parte do ouvinte:

Homem (m, 3040)	Que prédio? Esse?	
Motorista (M, 5060)	Não, este!	RE 0404

Fonte: Jungbluth (2004/05, p. 91)

b) *sem conotação de ênfase*, em situação em que o falante se encontra em contato com aquilo a que está se referindo:

Mulher (f, 4050)	Faço chegar esta linha ao computador. (Ela toca o telefone quando diz „esta“)	BR 0304
Guia (m, 2030)	Esta rua se chama Ladeira de São Francisco. (nós estamos caminhando sobre essa rua.)	RE 1204

Fonte: Jungbluth (2004/05, p. 91)

Com essa reflexão, conclui que a forma *este* no Brasil está se tornando específica para usos em denotação de ênfase, de contraste/precisão e designação de localidade próxima, ficando os usos exofórico, anafórico e dêitico de maneira geral para os demonstrativos *esse* e *aquele*.

Traz à baila também a problemática entre a sistematização tradicional dos demonstrativos que posiciona os seres, relacionando-os às três pessoas do discurso e às novas propostas que reinterpretem as pessoas gramaticais, segundo os papéis que assumem na interação da situação comunicativa. Nesse último caso, a 1ª pessoa seria o falante e a 2ª pessoa o interlocutor, e sua função básica seria exofórica, aliada aos parâmetros da distância e da visibilidade. Lembra que o posicionamento dos seres em relação às três pessoas do discurso teve origem nas bases gramaticais latinas e gregas, porém deixou de ser transmitida ao longo do desenvolvimento das diferentes línguas românicas, ao relacionarem o uso dos demonstrativos apenas a situações comunicativas.

Marine (2005) apresenta um estudo descritivo comparativo do sistema demonstrativo do PB com base em dados de jornais do séc. XIX e início do séc. XX e da seção de cartas de revistas femininas do séc. XX. Analisa se há, no *corpus*, a prevalência do sistema ternário *este*, *esse* e *aquele*, ou de um sistema binário *este/esse* vs. *aquele*. Nesse fenômeno de especialização das formas, a pesquisadora constatou o uso de *este* vs. *aquele* marcando o uso exofórico, e *esse* vs. *aquele* marcando o uso endofórico.

Quatro anos depois do estudo mencionado acima, Marine (2009) apresenta outra pesquisa sobre o sistema pronominal dos demonstrativos no PB. Nesse trabalho, novamente buscou observar a atuação do sistema pronominal do português como ternário, como prevê a norma culta, ou binário. Em um *corpus* composto por dados de cartas de leitoras das revistas femininas *Capricho* (brasileira) e *Ragazza* (portuguesa), referentes ao período de 1994 a 2005, identificou as categorias dêiticas *exofóricas* dos tipos espacial, temporal, textual e de memória e as *anafóricas* fiel, infiel, por nomeação, de memória e anáfora por elipse. Constatou o sistema

pronominal demonstrativo do PB como binário, novamente com predominância de *esse/isso* nos usos anafóricos, enquanto do PE, observou um processo de variação com probabilidades de torná-lo binário como o PB.

Ramalho (2016) estudou os sistemas de demonstrativos do espanhol mexicano e do português brasileiro da região do Rio de Janeiro em *corpus* formado pelos gêneros notícia e romance relativos aos sécs. XIX, XX e XXI. O pesquisador analisou as ocorrências das formas *este, esse, aquele* do PB e das formas *este, ese, aquel* do espanhol mexicano (EM) segundo aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos, trabalhando com as categorias referenciais *endófora* e suas subcategorias anáfora clara, anáfora escura, catáfora e ana-catáfora; *exófora* e suas subcategorias espacial, metatextual, temporal e presencial; e *endo-exófora; anamnésica e indefinida*. Como resultado, constatou a presença do fenômeno binarismo, tanto no PB, com a forma *esse* prevalecendo sobre *este*, como no EM, com as formas *esse* e *este* produtivas e tendência ao desuso da forma *aquel*. Ramalho observou, ainda, as alterações nas tradições discursivas dos gêneros notícia e romance, registrando o incremento de reproduções de discursos orais nos textos das notícias, proporcionado pelo advento de novos recursos tecnológicos. Já no romance, constatou diversas produções com suas maneiras próprias de criação, influenciadas pelo gosto do público da época em que o romance foi publicado. Segundo o pesquisador, esse fato inviabilizou a reconstrução do modo cronológico do desenvolvimento de novas formas de constituição do gênero romance.

Rocha (2021) estudou os sistemas demonstrativos do romeno e do português brasileiro (autores do Rio de Janeiro) em textos dos gêneros comédia teatral e narrativa histórica. Os textos são referentes à 2ª met. do séc. XIX e à 1ª e 2ª met. do séc. XX. Como resultado, também verificou nos demonstrativos do PB uma elevação na frequência de *esse* em relação a *este*, em especial nos textos teatrais. No entanto, no romeno não observou mudança em andamento nos usos dos demonstrativos.

Observa-se no apanhado cronológico dos estudos sobre usos dos demonstrativos que apenas Nascente (1965) reconheceu categoricamente que a forma *este* suplantaria a forma *esse* no Brasil. Os estudos de 1971 a 2021 mostraram a forma *esse* prevalecendo sobre a forma *este*.

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Funcionalismo

Neves (2006, p. 15) afirma que observar os usos linguísticos segundo a visão funcionalista da linguagem é rejeitar o tratamento ingênuo e fácil que homogeneiza os itens da língua e enfatiza que o funcionamento de algumas classes desses itens se explica nos limites da oração, mas outras, como a classe de itens de referência, somente no funcionamento discursivo-textual.

A linguista defende a proposição de que uma descrição do uso de uma dada língua historicamente inserida, fundamentada na reflexão sobre dados, retrataria a explicitação do próprio funcionamento da linguagem. Para ela, essa proposta exclui qualquer atividade de encaixamento em moldes pré-fabricados, os quais ignorariam a oscilação e a instabilidade de equilíbrio inerente à língua, impedindo a constatação da frequente adaptação ocorrida, advinda da força das constantes pressões exercidas sobre os usos.

Historicamente, o funcionalismo tem sua base na Escola Linguística de Praga, a qual se caracteriza pelo estruturalismo funcional. Segundo Neves (2006), a mencionada escola se compôs por um grupo de estudiosos que iniciaram a sua atuação antes de 1930. Eles predicavam que, na análise de frases, tanto o contexto verbal como o não verbal deveriam ser considerados no momento da interpretação. No objetivo de organizar a informação, os estudiosos dedicavam, também, atenção especial à organização das palavras dentro da frase. Com isso, a frase, além das análises fonológica, morfológica e sintática, passava também a ser analisada no nível comunicativo.

Além do legado deixado pelos estudiosos da Escola Linguística de Praga, outros estudiosos também contribuíram com lições básicas de direção funcional, como apresenta Neves (2006, p. 16):

— Prideaux (1987): a linguagem serve a vários propósitos, visto não ser ela um fenômeno isolado;

— Givón (1995; 1979b): língua/gramática não pode ser descrita com precisão e rigor como um sistema autônomo, pois existe o fato da susceptibilidade da gramática às determinações do discurso;

- Halliday (1973; 1985): a liberdade de escolha e seleções simultâneas devem ser realizadas pelo falante, no conjunto de opções organizado pela gramática;
- Dik (1978, 1980, 1989a, 1997), Givón (1984), Hengeveld (1997): os componentes sintático, semântico e pragmático na gramática devem ser integrados entre si;
- Mackenzie (1992): a relação não arbitrária entre a instrumentalidade da língua funcional e a sistematicidade gramatical;
- Du Bois (1933; 1985): a gramática é passível de pressões do uso e ela se resolve no equilíbrio entre as forças internas e externas ao sistema;
- Beaugrande (1993): a gramática é susceptível às determinações do discurso, tendo em conta o discurso como a rede total de eventos comunicativos relevantes e da inclusão na gramática do conhecimento da comunidade sobre a organização dos eventos e de seus participantes;
- Martinet (1994): a gramática funcional tem como objetivo atingir a competência comunicativa.

Ao explicar os pontos centrais da gramática funcionalista, a linguista associa o *uso* ao sistema; o *significado* à forma e o *social* ao individual. Vê a dinâmica da linguagem como componente indispensável em considerações dos componentes linguísticos sintático-semânticos na interação verbal (pragmática), postulando ser essa a base sobre a qual têm se dado muitas atividades teóricas e práticas nas diversas propostas funcionalistas.

Dentre os modelos funcionalistas, destaca o de *Michael Halliday*, que relaciona a função ao papel que a linguagem exerce na vida dos indivíduos no cumprimento de variadas demandas, cuja gramática é assentada sobre as bases sistêmica e paradigmática, em que o enunciado parte da escolha do falante segundo seu propósito; o modelo de *Eugenio Coseriu*, de cunho estruturalista, que vê a língua como “um conjunto de paradigmas funcionais em que se estabelecem oposições funcionais” (NEVES, 2006, p. 19); a proposta de *Simon Dik*, que se fixa na valorização do papel da expressão linguística no ato comunicativo, na interação verbal entre os usuários, provendo uma formalização generalizante da gramática; e a de *Talmy Givón*, que proclama a não autonomia do sistema linguístico, pois, para esse linguista, a gramática só pode ser entendida por meio de parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social/cultural, mudança e variação; aquisição e evolução.

Dentre as propostas listadas por Neves, adota-se neste trabalho a de Givón (2001), por considerar que as exigências para a codificação das informações semântico-proposicional e discursivo-pragmática estão constantemente em conflito, resultando em uma ação de compromisso adaptativo entre as pressões funcionais em competição. Essa asserção leva à

inferência de que esse modelo teórico poderia ajudar a justificar o emprego de uma forma do demonstrativo por oposição ao desaparecimento da outra, como ocorre no fenômeno do binarismo, visto a pressão funcional exercida no uso das formas em um dado período temporal.

Givón (1995, p. 9) compartilha algumas das premissas citadas, frequentemente, por funcionalistas, condicionando suas validades a contextos bem definidos, a saber:

- a linguagem é uma atividade sociocultural;
- a estrutura serve à função cognitiva ou comunicativa;
- a estrutura é não arbitrária, motivada, icônica;
- a mudança e a variação estão sempre presentes;
- o significado é dependente do contexto e não atômico;
- as categorias não são tão discretas;
- a estrutura é maleável, não rígida;
- as gramáticas são emergentes;
- as regras da gramática permitem alguns desvios.

Para o linguista, no complexo sistema da linguagem humana, essas premissas são circunscritas por princípios concorrentes que interagem entre si e restringem sua aplicabilidade. Defende que esse sistema de processamento biológico é tipicamente uma arena interativa, onde os subsistemas concorrentes encontram seu equilíbrio dinâmico em um compromisso muitas vezes eclético.

Considera que compreender a abordagem estrutural da tipologia gramatical é o mesmo que reconhecer explicitamente o que tem estado implícito na prática da tipologia gramatical desde a sua criação pelos grandes comparativistas do séc. XIX. Essa tipologia gramatical consiste no estudo da diversidade de estruturas que podem realizar o mesmo tipo de função. Nela, enumeram-se os principais meios estruturais pelos quais diferentes idiomas codificam o mesmo domínio funcional.

Quanto aos pronomes, o estudioso esclarece que, gramaticalmente, se encontram na intersecção do domínio funcional *semântico*, que envolve a fusão de vários sistemas classificatórios que ocorrem durante o ascenso diacrônico dos sistemas pronominais como pessoa (falante e ouvinte), número, gênero, dêixis, caso, e do domínio funcional *discursivo-pragmático*, que abrange a referência anafórica. Esclarece que, embora esses dois domínios sejam distintos, interagem entre si.

Neves (2018) chama a atenção para a concepção de Givón (1984), que estabelece a importância do descarte da gramática como uma simples lista, sem ordem e sem interrelação com os domínios funcionais, entendendo que a gramática possui uma organização hierárquica,

composta por subsistemas, os quais se relacionam em variados graus, tanto em função como em estrutura. À vista disso, a sintaxe codifica a semântica (proposicional) e a pragmática (discursiva), ambas de distintos domínios funcionais, porém proximamente relacionadas. Assim, na comunicação todas as orações portadoras de informação semântica trazem consigo também alguma função pragmática, sendo desprovida dessa função, somente algum caso de isolamento proposital para fim de análise, não sendo considerado linguagem. Esse entendimento de Givón (1984) também explica a adoção do uso de pressupostos teóricos do funcionalista neste trabalho.

2.2 Variação linguística

Compreende-se melhor a existência das variações linguísticas quando se aceita a reflexão de que uma língua só existe se houver seres humanos que a falem e que esses estão sujeitos a pressões culturais, costumes locais, realidades econômicas, idade, instrução escolar e ideologias. Essa reflexão leva à conceituação de que uma língua abrange em sua constituição, além da estrutura gramatical formal, as estruturas comportamentais de um povo, as quais variam acompanhando a evolução do tempo. Esses fatores sociais, ao mesmo tempo que contribuem para uma comunicação eficiente entre os falantes, levam à existência das variações linguísticas.

Tão importante quanto esses aspectos sociais apresentados, para explicar as mudanças ocorridas em uma língua histórica, é o aspecto espacial. Ao observar a ação dos fatores sociais e espaciais na comunicação, compreende-se que as relações sociais ultrapassam as barreiras geográficas em que os falantes se encontram. As interações linguísticas realizadas entre interlocutores estabelecidos em espaços geográficos distintos também podem ser fator de mudanças na língua, uma vez que proporcionam a difusão de novos traços linguísticos.

Coseriu (1977)³⁴, ao tratar da influência dos aspectos social e espacial na língua, afirma que as formas não viajam sozinhas, e sim são introduzidas no acervo de um indivíduo por meio da fala de outro indivíduo mediante contatos que não implicam uma continuidade de áreas, uma vez que os indivíduos, ao se deslocarem de uma área a outras, levam consigo seus hábitos linguísticos.

³⁴ “las formas no “viajan” de por sí, sino que se introducen en el acervo de un individuo a través del habla de otro individuo mediante contactos que no implican una continuidad de áreas, porque los individuos se trasladan de um área a otra con todos sus hábitos lingüísticos, y también a través de contactos indirectos” (COSERIU 1977, p. 157)

O espaço geográfico como fator de mudança linguística é corroborado também por Weinreich, Labov e Herzog (2016) ao proporem que a generalização da mudança linguística por meio da estrutura linguística não se configura como uniforme, tampouco instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas no decorrer de longo tempo e observada na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.

Labov (2008) apresenta aos pesquisadores considerações e procedimentos a serem utilizados em trabalhos que envolvem a variação linguística, assim como demonstra que as pressões sociais e internas estruturais, que concorrem em uma mudança linguística, podem ser observadas e descritas. Esses preceitos do sociolinguista também motivaram o uso do modelo teórico-metodológico variacionista nesta tese.

Sobre os aspectos sociais, Labov (2008) assinala que uma variação linguística não é capaz de exercer grande influência sobre o desenvolvimento social, mas que uma mudança na posição social do falante poderia acarretar uma rápida mudança no comportamento linguístico do falante. Vê essa flexibilização da língua como um grande indicador de mudança social. Afirma que estudos das línguas associados aos seus contextos sociais revelaram que muitos itens da estrutura linguística estão ligados à variação sistemática que refletem os papéis sociais e a mudança temporal. Reconhece que os procedimentos da linguística descritiva, atualmente, são pautados em bases que consideram a língua como um conjunto estruturado de normas sociais, porém, no passado, essas normas já foram consideradas como invariantes. Observa ainda que a pesquisa que se refere ao estudo da língua em uso no seio da comunidade de fala, com fins de esclarecer fenômenos da língua por meio de teorias linguísticas, capazes de dar conta de dados, equivocadamente, é rotulada de sociolinguística, pois para ele a língua é uma forma de comportamento social e, nesse aspecto, o termo acaba sendo redundante.

Sturtevant (1947 *apud* LABOV, 2008, p. 152), considera que o processo de mudança linguística passa pelas etapas de origem, propagação e término. Na *origem*, as variações se limitam ao uso de apenas algumas pessoas. Na *propagação*, a mudança pode ser percebida em um número tão elevado de falantes, a ponto de contrastar com a forma mais antiga em momentos de interação social. No *término*, a mudança atinge a estabilidade, eliminando variantes concorrentes.

Weinreich, Labov e Herzog (2016, p. 125) consideram fundamentais no estudo da mudança linguística as seguintes premissas:

- i. A mudança linguística tem seu início no momento em que a generalização de uma alternância particular dentro de algum subgrupo da comunidade de fala segue uma direção,

aceitando seu caráter de diferenciação ordenada; não sendo, entretanto, uma força aleatória proveniente da variação inerente na fala.

ii. A estrutura linguística abrange a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos por meio de regras que controlam a variação na comunidade de fala. O domínio do falante nativo sobre a língua acaba por incluir o controle das estruturas heterogêneas.

iii. Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística pressupõe mudança, porém, toda mudança pressupõe variabilidade e heterogeneidade.

iv. A generalização da mudança linguística por meio da estrutura linguística não se configura como uniforme, tampouco instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas no decorrer de longo tempo, podendo ser observada na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.

v. As mudanças linguísticas ocorrem nas gramáticas da comunidade de fala. O fato de as estruturas variáveis da língua serem determinadas pelas funções sociais, ocasiona a ausência de base para as gramáticas autônomas ou internamente consistentes pelos idioletos.

vi. A mudança linguística não está confinada a fases discretas dentro da família, e sim propagada no seio da comunidade como um todo. Todas as descontinuidades encontradas na mudança linguística são produtos descontínuos específicos dentro da comunidade, acima até dos produtos inevitáveis do lapso gerado entre pais e filhos.

vii. No desenvolvimento da mudança linguística estão intimamente inter-relacionados os fatores sociais e os linguísticos. Exposições de outros aspectos falharão ao explicar o rico volume de regularidades presentes nos estudos empíricos do comportamento linguístico.

Labov (2008, p. 192-193), em seu estudo sobre a mudança sonora, resume os problemas centrais da evolução linguística em 5 perguntas: 1) *Existe uma direção geral para a evolução linguística?* 2) *Quais os condicionamentos universais da mudança linguística?* 3) *Quais as causas do surgimento contínuo de novas mudanças linguísticas?* 4) *Por meio de que mecanismo as mudanças ocorrem?* 5) *Existe uma função adaptativa na evolução linguística?* Como meio de solucionar essas duas primeiras questões, ele indica o estudo de mudanças no passado, como procede a linguística histórica. Para os três últimos questionamentos, o pesquisador sugere o estudo detalhado da mudança linguística em andamento. Em relação à função adaptativa na evolução linguística, Labov defende que esse aspecto se torna ainda mais intrigante quando se realiza o cotejo entre a evolução linguística e a biológica, lembrando que, até na evolução nos reinos vegetal e animal, a tarefa de explicar se torna mais difícil sem menção à adaptação dos seres aos diversos ambientes.

O linguista apresenta, ainda, estratégias para o estudo das mudanças linguísticas em andamento, subdividindo essa tarefa em três problemas distintos³⁵, acreditando que, em conjunto, poderão responder às perguntas apresentadas acima. Vejam-se as estratégias:

a) *Problema da transição*: consiste em descobrir o caminho pelo qual evoluiu a mudança linguística, ou seja, detectar o estágio que ela se deu. Nessa tarefa, observa-se a regularidade da mudança, a influência gramatical na mudança, cadeias que avançam por oposição às que retrocedem, assim como os movimentos constantes e os de alternâncias súbitas e descontínuas.

b) *Problema do encaixamento*: consiste em encontrar o ponto mais elevado em que se dá a mudança linguística por meio dos comportamentos social e linguístico.

c) *Problema da avaliação*: consiste em encontrar termos latentes nas mudanças manifestas que foram observadas, como a correlação entre atitudes/aspirações do falante e seu comportamento linguístico, assim como a relação de suas reações subjetivas inconscientes frente aos valores da variável linguística.

Esses preceitos variacionistas do linguista William Labov nortearão as análises realizadas neste trabalho, cujos resultados serão, sempre que possível, acompanhados de tabelas e gráficos.

Ainda com base no entendimento de William Labov (2008) de que as mudanças linguísticas têm seu ponto de partida no âmbito histórico-social das línguas faladas; neste trabalho, buscaram-se gêneros textuais que abrangessem a modalidade falada, mesmo que escrita. Dessa maneira, selecionaram-se os gêneros textuais *romance* e *notícia*, por terem em suas composições representações da língua oral como o diálogo, o relato e a declaração. O próximo item (Gêneros discursivos/textuais) aclarará ainda mais a importância da escolha desses gêneros textuais.

2.3 Gêneros discursivos/textuais

Bazerman (2005 *apud* COSTA, 2009, p. 640) enfatiza a importância da escolha do modelo textual para um trabalho ao propor que os gêneros discursivos são instrumentos para se “navegar nos mundos complexos da comunicação escrita e da atividade simbólica, porque, ao reconhecer um modelo textual, reconhecemos muitas coisas sobre os aspectos institucionais e sociais envolvidos na comunicação”. Os gêneros textuais *notícia* e *romance*, que compõem o

³⁵ Trata-se de três dos cinco problemas que Weinreich, Labov e Herzog (1968) haviam listado anteriormente, os quais incluíam também os problemas da implementação e dos fatores condicionadores.

corpus desta pesquisa, são compatíveis com a asserção de Bazerman, tendo em vista a capacidade que possuem em expressar as atividades sociais e culturais relativas às suas épocas. Embora um dos gêneros se refira à manifestação de fatos da realidade e o outro a fatos da ficção, ambos expressam a historicidade da linguagem.

Neves (2006) assinala que propostas modernas sobre gêneros discursivos estão mais associadas à preocupação retórica de Aristóteles do que à poética, em virtude de essa última ser mais presa ao autor, enquanto a retórica estabelece seu foco no auditório, sendo que esta tem influência na análise do discurso, na linguística de texto e nas propostas funcionalistas relativas à linguagem. Acrescenta que a noção de adaptação do discurso ao auditório, instituído pelo campo retórico foi o que levou ao estabelecimento dos gêneros atuais, tendo em vista que cada auditório reivindica um discurso segundo sua natureza.

Quanto à classificação de gêneros, lembra que essa problemática existe desde o início da fala do homem, cabendo à linguística a elucidação da consciência de que o homem fala a sua própria fala e de que essa consciência tem variação segundo a inserção histórico-social das línguas faladas e dos discursos que as diversidades das circunstâncias histórico-sociais promovem. Para a autora, o estudo de gêneros hoje tem como foco a interação pela linguagem.

Bakhtin (2016 [1952-1953]³⁶) defende que a infinita riqueza e diversidade dos gêneros do discurso se dá em virtude das inesgotáveis possibilidades das atividades do ser humano. Observa-se, com isso, que Bakhtin e Neves comungam da ideia de que os gêneros não se restringem somente à retórica e à literatura, e sim valorizam a comunicação linguística tanto escrita quanto oral, realizadas pela sociointeração no ambiente cultural e social do ser humano.

O filósofo russo enfatiza que a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos dificulta a definição da natureza geral do enunciado e propõe diferenças entre gêneros discursivos primários e secundários. Esclarece que os secundários surgem nas condições da comunicação cultural mais complexa, referindo-se às ideologias formalizadas e especializadas como o romance, o drama, a pesquisa científica, a notícia, entre outros, que incorporam e reelaboram, no processo de sua formação, os gêneros primários que, por sua vez, se constituem na comunicação discursiva imediata e pertencem à comunicação verbal espontânea do cotidiano como o bate-papo (diálogo), a piada, a conversa telefônica, o bilhete, o *e-mail*, etc. Ressalta a necessidade do estabelecimento das diferenças entre os gêneros primários e secundários, definindo-se a natureza do enunciado por meio da análise das duas modalidades. Para o autor,

³⁶ Segundo Beth Brite (2017).

somente dessa forma, a definição poderá ser adequada à natureza complexa e profunda do enunciado, pois a orientação centrada somente nos gêneros primários resultaria na vulgarização de todo o problema, uma vez que no processo de formação dos gêneros secundários se encontram diversos gêneros primários que, ao se integrarem aos complexos, transformam-se e adquirem um traço especial. Assim, os gêneros primários

perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios: por exemplo, a réplica do diálogo cotidiano ou da carta no romance, ao manterem a sua forma e o significado cotidiano apenas no plano do conteúdo romanesco, integram a realidade concreta apenas através do conjunto do romance, ou seja, como acontecimento artístico-literário e não da vida cotidiana. Em seu conjunto, o romance é um enunciado, assim como a réplica do diálogo cotidiano ou uma carta privada (ele tem a mesma natureza dessas duas) mas difere deles por ser um enunciado secundário (complexo). (BAKHTIN, 2016 [1952-1953], p. 15)

Essa discussão sobre os gêneros primários e secundários é de grande relevância para esta tese, pois este trabalho tem, na constituição de seu *corpus*, os gêneros secundários *romance* e *notícia*, os quais são recheados com os gêneros primários diálogo, relato, depoimento e declaração. A constituição desses gêneros é bastante complexa, pois, ao se abordar a *linguagem*, aborda-se simultaneamente a *sociedade*, como explica Bakhtin:

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos. (BAKHTIN, 2016 [1952-1953], p. 20)

O filósofo russo observa que o *romance* é criado pelo autor como uma obra única e integral, mas a criação se dá a partir de enunciados heterogêneos. Cita como exemplos o discurso direto do autor como “cheio de palavras conscientizadas dos outros” e o indireto, sendo apenas uma de suas linguagens possíveis, e não a única possível e incondicional.

Quanto à *notícia*, Pessoa (2007) menciona que esta palavra era empregada no séc. XIII na esfera jurídica em Portugal para indicação da elaboração de textos rascunhos, os quais antecediam a redação em latim do documento oficial. O termo *notícia* como menção a periódicos surgiu somente em 1865 com o *Diário de Notícias* em Portugal, apesar de Silva Túlio ter tomado para si a invenção da palavra *noticiário* em 1851. O autor lembra que, no primeiro número do *Diário de Notícias*, o noticiário se recolhia na crônica, a qual deu origem ao colunismo social em Portugal, enquanto no Brasil, indícios revelam que ela se voltou para o gênero literário como produto dos jornais. Somente com a secção entre jornalismo e literatura, os dois gêneros se separaram.

Bazerman (2000) admite que as fontes primárias orais e escritas de jornais parecem múltiplas, incluindo transmissão boca a boca, baladas, relatórios diários romanos e italianos, assim como panfletos ocasionais. Relata que já na metade do séc. XV correspondentes profissionais se reuniam em torno das pousadas da corte para escrever boletins informativos aos *senhores* das províncias e que a família Fugger na Europa também já tinha uma cadeia de correspondentes para fornecer notícias comerciais.

Bosi (1999) atribui o título de *gêneros públicos* a atividades extraliterárias como a prosa jornalística. Destaca, como representantes desse gênero, os publicistas Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça (1774-1823), redator único do *Correio Brasiliense*, que acompanhou de Londres o Brasil de D. João VI, dando por cumprida sua missão, após a Independência, e Evaristo Ferreira da Veiga (1799-1837) da *Aurora Fluminense*, que pôde registrar os últimos anos do Primeiro Império. Atribui a esses redatores a criação do molde brasileiro da prosa jornalística, o qual não foi superado durante o séc. XIX. Elucida que, para esses escritores, a possibilidade de expressão, de informação e de crítica era a liberdade.

2.4 Tradições discursivas

Kabatek (2006) expõe que o conceito de tradição discursiva (TD) surgiu no seio da linguística românica, sob forte influência dos fundamentos de Eugenio Coseriu, os quais estabeleciam a distinção entre os níveis dos falares *universal*, *histórico* e *individual*.

Coseriu (2004 [1986]) postula que uma descrição com base em fundamentos estruturais e funcionais deve se enquadrar tanto no estudo da estrutura das línguas como na estrutura da linguagem em geral. Para ele, a linguagem é uma atividade humana *universal*, que se realiza *individualmente*, mas sempre segundo técnicas *historicamente* determinadas. Refere-se ao nível *universal* como a característica essencial da faculdade do falar. Explica que a ausência da fala em uma criança antes de aprender a pronunciar as primeiras palavras não quer dizer que ela não fala uma determinada língua, e sim que ainda não adquiriu a faculdade geral da fala. Sobre o nível *histórico*, esclarece que na identificação de uma língua que está sendo falada, reconhece-se também o nível histórico dessa linguagem. O nível *individual* corresponde ao próprio ato linguístico (discurso), a fala em um dado momento expressa por um indivíduo. Lembra ainda que, mesmo em um diálogo, todo falante fala individualmente.

Relaciona os três níveis às suas atividades, aos seus saberes e aos seus produtos, conforme mostra o quadro sinótico:

Quadro 4 — Quadro sinótico

níveis \ pontos de vista	ἐνέργεια atividade	δύναμις saber	ἔργον produto
nível universal	falar em geral	saber elocucional	totalidade do “falado”
nível histórico	língua concreta	saber idiomático	(língua abstrata)
nível individual	discurso	saber expressivo	“texto”

Fonte: Coseriu (2004 [1986], p. 93)

Kabatek relata que as ideias fundamentais para o conceito da TD partiram de Brigitte Schlieben-Lange³⁷ com a apresentação em 1983 da proposta de uma *pragmática histórica* contida em um livro sobre a oralidade e escrita com uma visão histórica. Dentre as ideias fundamentais nesse livro, encontra-se a “observação de que existe uma história dos textos independente da história das línguas e que o estudo histórico das línguas deve tê-la em conta” (KABATEK, 2006, p. 507). Observa que nos anos seguintes à publicação do livro de Brigitte Schlieben-Lange, o termo *tradições discursivas* passou a ser aplicado a numerosas questões de trabalhos em diversas línguas.

Sobre os níveis apresentados, Kabatek (2012) compreende que assim que o indivíduo passa a ter domínio de sua língua, começa também a colaborar ativamente na criação da história dessa língua. Justifica a necessidade do conceito das TDs em virtude de os próprios enunciados reproduzirem enunciados gerados anteriormente. Defende que o ato da fala não abrange apenas a produção de enunciados conforme as regras gramaticais e lexicais normatizadas por uma determinada língua. Falar é também tradição configurada pela repetição de algo dito anteriormente. Admite que a relação mútua entre a tradição discursiva e a ciência dos sistemas linguísticos se faz essencial para a mudança linguística. Resume o assunto sobre repetição de enunciado e mudança linguística:

os sistemas linguísticos são objetos históricos adquiridos pelos falantes como técnicas e mediante os quais os indivíduos produzem enunciados individuais. Os sistemas mesmos não são estáticos, eles são transformados continuamente pelos processos dinâmicos de transmissão e de diálogo: as línguas mudam. Os enunciados individuais são historicamente únicos e, na história da sua unicidade, estão situados no tempo e

³⁷ Brigitte Schlieben-Lange estudou em Tübingen com Eugenio Coseriu e combinou variados aspectos da sociolinguística e da pragmática com a teoria dele. (KABATEK 2006, p. 507)

no espaço; mas eles podem referir-se a outros enunciados individuais, repetindo-os ou alternando-os. (KABATEK, 2012, p. 581)

Na missão de classificar as TDs, Kabatek (2012, p. 585) faz a apresentação de formas distintas de TDs como a repetição do enunciado de saudação *oi*, (forma simples) e o *romance* (forma complexa da tradição). Apresenta diferentes fenômenos particulares das mencionadas formas, os quais foram sintetizados aqui por meio do seguinte quadro:

Quadro 5 — Formas de TDs

Fenômenos	Forma “oi”	Forma “romance”
Comunicação	Cotidiana	não cotidiana
Tipo	normalmente oral	Escrita
Situação	muito concreta	sem correspondência à situação concreta
Repetição	repetição da forma e do conteúdo	não há repetição de fórmulas, e sim coincidência formal
Enunciado	relativamente breve	Longo

Fonte: Adaptado de Kabatek (2012, p. 595).

Com base nesses exemplos, o linguista destaca que quanto mais cotidiana for a tradição, haverá, também, mais possibilidade de desaparecer a sua autoria. E, quanto mais afastado do cotidiano, mais variação a tradição sofrerá, ganhando mais caráter de artefato.

Exemplifica as TDs como tradições caracterizadas fundamentalmente pela repetição, como as do meio jurídico ou religioso, materializadas nas fórmulas de juramento, de casamento, de batismo e, as de repetição concreta, sem inclusão situacional mecânica, como os fraseologismos e as citações. Enfatiza a existência de níveis de tradicionalidade nessa última, como a tradição da citação literária e a tradição da ação de citar.

Dando sequência à exposição sobre a ampla extensão do alcance e complexidade das TDs, menciona que no editorial de um jornal está presente a tradição jornalística do editorial e, ao mesmo tempo, pode ser evidenciada, no eixo sintagmático, a tradição do título, assim como as demais partes do texto. Já no eixo paradigmático, apresenta a tradição do editorial tratando de seus temas usuais. Acrescenta que o conteúdo do editorial pode sofrer variações em diferentes tradições de descrição e de opinião, assim como podem surgir outras de diversas orientações ideológicas, em virtude do amplo e (teoricamente) interminável rol dos elementos que compactuam dessa mesma rede de construção.

O linguista argumenta que o essencial para as TDs é o *princípio da composicionalidade tradicional*, ou seja: “um texto pode corresponder a toda uma série de tradições co-presentes ao mesmo tempo; e a investigação empírica das TDs tem a tarefa da identificação dessa rede de tradições” (KABATEK, 2012, p. 586)

Entende que o potencial das TDs não se limita apenas à descrição concreta de uma determinada forma de tradição textual, e sim ao descobrimento da extensão dos elementos tradicionais nos textos, presentes nas questões de descrição linguística, assim como nas questões de gramática e de pragmática. Considerando os aspectos mais limitados dos gêneros, defende que “todos os gêneros são tradições discursivas, mas nem todas as tradições discursivas são gêneros” (KABATEK, 2012, p. 587).

Barbosa (2012), ao explicar as distinções entre tradições discursivas e gêneros textuais, defende que uma TD pressupõe o estabelecimento de forma duradoura na linha do tempo, com modelos textuais oriundos da cultura escrita, capazes de criar a consciência social, cuja instância abstrata seja mais ampla que as das normas textuais formadoras da consciência da existência de estilos, de gêneros e dos domínios discursivos.

Com base nos movimentos de abstração da norma linguística e da norma histórica do modelo coseriano defende que a TD se encontra no lado do nível histórico, paralela à língua histórica, enquanto as normas textuais estão paralelas às normas linguísticas. Para o autor, alguns gêneros textuais podem ser considerados tradições discursivas, enquanto outros não. Dá como exemplo a écloga que, em um dado momento da história, tornou-se um gênero textual, porém, não chegou a formar consciência histórica em nenhum grupo da sociedade brasileira. Por outro lado, a composição poética soneto é compreendida por grupos da sociedade como algo da cultura escrita que pode ser aproveitada para novas criações da atualidade como mistura na composição de funk ou estar presente em uma música do grupo Legião Urbana ou, simplesmente, ser considerada chata ou indiferente por outros.

Quanto a pesquisas com *corpora* históricos, Barbosa (2012) destaca a inviabilidade de trabalhos com TDs baseados em pequenos períodos temporais como um lapso de cinco anos. Defende que as propriedades dos *corpora* em pesquisas linguístico-históricas devem abranger décadas, assim com o alcance de variados lugares de circulação de textos, possibilitando a avaliação do grau de alcance das TDs. Esses dois aspectos apresentados pelo autor corroboram a viabilidade da aplicação das TDs neste trabalho, pois a pesquisa abrange 4 sincronias (50 anos cada) e contempla textos das regiões Amazonas e Rio de Janeiro.

CAPÍTULO 3

HIPÓTESES DE TRABALHO

Com base no exposto anteriormente, apresentam-se aqui quatro hipóteses a serem verificadas no desenrolar das análises neste trabalho:

a) Os gêneros textuais *notícia e romance* apresentaram mudanças estruturais entre os sécs. XIX e XXI por estarem ligados historicamente às transformações da sociedade amazonense.

b) As mudanças estruturais dos gêneros textuais permitiram uma inovação no uso dos demonstrativos nos gêneros *notícia e romance*, proporcionando o surgimento de usos diferentes de demonstrativos em relação aos estabelecidos formalmente pelo sistema.

c) No português da Região do Amazonas, o sistema de demonstrativos passou por uma reorganização, com a implementação do binarismo em oposição a um sistema ternário.

d) O processo de implementação do binarismo se deu em épocas diferentes levando-se em conta o português da região do Amazonas e o da região do Rio de Janeiro, uma vez que a difusão de mudanças não se dá de forma instantânea em todo um dado domínio linguístico.

CAPÍTULO 4

OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

O objetivo geral da presente pesquisa é a observação do comportamento do sistema de demonstrativos no português brasileiro da região do Amazonas, com base nos gêneros textuais *notícia* e *romance* produzidos nessa região no período que vai da 2ª met. do séc. XIX à 1ª met. do séc. XXI.

4.2 Objetivos específicos

a) Delineamento de um panorama diacrônico do uso do sistema de demonstrativos na região do Amazonas nas sincronias correspondentes aos períodos da segunda metade do séc. XIX, primeira e segunda do séc. XX e primeira do séc. XXI, por meio da classificação das ocorrências encontradas no *corpus* (*notícia* e *romance*), segundo fatores morfológicos, sintáticos e semântico-discursivos.

b) Verificação do sistema pronominal do português realizado na Região do Amazonas, observando seu uso ternário, como determina a norma culta, ou binário, como já apontaram alguns estudos realizados em outras regiões do Brasil.

c) Observação das mudanças ocorridas nas estruturas internas e no conteúdo da notícia e do romance ao longo das sincronias e o que essas alterações implicam no comportamento das ocorrências dos demonstrativos dos textos que compõem o *corpus*

CAPÍTULO 5

METODOLOGIA

Nesta abordagem diacrônica do uso do sistema de demonstrativos, as análises terão como base a classificação das ocorrências encontradas nas *notícias* e nos *romances* da região do Amazonas, segundo fatores morfológicos, sintáticos e semântico-discursivos observando o processo de ternário ou binário do sistema demonstrativo da região, sob a luz dos modelos teóricos tipológico-funcional e variacionista. Observar-se-ão ainda se as tradições discursivas presentes nos gêneros textuais contribuem para a mudança linguística. Seus resultados, ao longo das análises, serão comparados aos de Ramalho (2016) da região do Rio de Janeiro que, além de abordar o mesmo tema com métodos semelhantes, trata dos mesmos gêneros e períodos. Essa comparação, além de contribuir para uma visão mais ampla do fenômeno linguístico em pauta, permitirá ainda observar se houve difusão espacial do processo do binarismo.

5.1 Corpus

A montagem do *corpus* compreendeu pesquisa, seleção, localização e busca dos romances e dos periódicos da região do Amazonas, referentes aos períodos da segunda metade do séc. XIX, primeira e segunda do séc. XX e primeira do séc. XXI, os pormenores da coleta de dados serão apresentados no item 5.2. Antes, porém, apresentam-se dados geográficos e históricos do Amazonas, assim como da seleção do material.

5.1.1. Geografia e história

A região Norte é a maior região em extensão territorial do Brasil; no entanto, é a que abriga a menor concentração populacional. Ela é formada pelos estados Rondônia (RO), Acre (AC), Amazonas (AM), Roraima (RR), Amapá (AP), Pará (PA) e Tocantins (TO).

No propósito de contribuir com um estudo diacrônico de região ainda não contemplada para o tema em questão, dentre os estados que compõem a região Norte se elegeu o Estado do Amazonas.

O Amazonas é o maior estado em área territorial do País, segundo dados do IBGE³⁸, sua área territorial é de 1.559.167,889 km², sua população estimada em 2020 foi de 4.207.714 pessoas. O estado possui um dos índices de densidade demográfica mais baixos do país, com 2,23 habitantes por quilômetro quadrado [2010].

Ao espanhol Francisco de Orelhana (1511-1546) foi concedido o mérito do descobrimento da região do Amazonas. Até 1850, ela fez parte da Província do Grão-Pará (Amazonas e Pará). No dia 5 de setembro daquele ano, desmembraram-se os estados, criando-se separadamente a Província do Amazonas.

Corroborando a complexidade da definição dos termos *Amazônia/Amazonas*, Dantas (2011), ao abordar a emergência da Amazônia como objeto de saber, com base em conclusões de Paiva (2000), relata que o termo *Amazônia*, que aparece frequentemente em textos no final do séc. XIX para definir a bacia do Rio Amazonas, assim como a região das províncias do Pará e do Amazonas, somente no final da década de 1910 e ao longo de 1920 passa a ser vista como um recorte espacial específico que agruparia características designando um ‘todo’ regional.

Azevedo (2013) registra que a Constituição Estadual de 1989 estabeleceu as sub-regiões geopolíticas de Juruá, Purus, Madeira, Médio Amazonas, Baixo Amazonas, Alto Solimões, Jutai-Solimões-Juruá, Alto Rio Negro e Rio Negro-Solimões.

Segundo a divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas do IBGE (1990, p. 23-24), o Estado do Amazonas apresenta a seguinte divisão: o norte do Amazonas compreende as microrregiões do *Rio Negro* (Barcelos, Novo Airão, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira) e *Japurá* (Japurá e Maraã); o sudoeste do Amazonas tem as microrregiões *Alto Solimões* (Amaturá, Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Fonte Boa, Jutai, Santo Antônio do Içá, São Paulo de Olivença, Tabatinga, Tonantins) e *Juruá* (Carauari, Eirunepé, Envira, Guajará, Ipixuna, Itamarati e Juruá); o centro abarca as microrregiões *Tefé* (Alvarães, Tefé e Uarini), *Coari* (Anamã, Anori, Beruri, Caapiranga, Coari e Codajás), *Manaus* (Autazes, Careiro, Careiro da Várzea, Iranduba, Manacapuru, Manaquiri, Manaus), *Rio Preto da Eva* (Presidente Figueiredo e Rio Preto da Eva), *Itacoatiara* (Itacoatiara, Itapiranga, Nova Olinda do Norte, Silves e Urucurituba) e *Parintins* (Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Maués, Nhamundá, Parintins, São Sebastião do Uatumã e Urucará); o sul contém as microrregiões *Boca do Acre* (Boca do Acre e Pauini), *Purus* (Canutama, Lábrea e Tapauá) e *Madeira* (Apuí, Borba, Humaitá, Manicoré e Novo Aripuanã). Para melhor compreensão, apresenta-se, a seguir, um mapa do estado com suas microrregiões.

³⁸ Acessível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am.html>

Figura 2 — Estado do Amazonas: Microrregiões³⁹



Fonte: <https://www.baixarmapas.com.br/mapa-de-microrregioes-do-amazonas/>

No objetivo de restringir o espaço geográfico, para, na medida do possível, moderar a variedade linguística dialetal, buscou-se dentro do Estado do Amazonas romances e periódicos vinculados à cidade de Manaus, considerando sua importância histórica, política, assim como sua densidade demográfica.

A capital Manaus possui área territorial de 11.401,092 km², a população estimada em 2020 foi de 2.219.580, ou seja, 52,8% da população do estado, sua densidade demográfica em 2010 foi de 158,06 habitantes por quilômetro quadrado, segundo dados do IBGE⁴⁰.

Um fato relevante em relação à cidade de Manaus foi seu surgimento com a construção do primeiro forte protetor do Rio Negro. Segundo Reis (2001, p. 59), a capital Manaus, antes de receber esse nome, era conhecida como *Lugar da Barra*, em virtude de se encontrar próxima à barra do rio, no encontro com o rio Solimões. Nesse período, a sede do governo ficava na cidade de Barcelos. Em 1808, o governador Vitório da Costa, com permissão de Portugal, transferiu o governo de Barcelos para Barra. Segundo Loureiro (2001, p. 86), por ato de lei, em 1848, o lugar elevou-se de categoria, passando a se chamar *Nossa Senhora da Conceição da Barra do Rio Negro*, nome mantido até 1856, quando passou para a denominação *Manáos* (hoje

³⁹ Mapa das microrregiões do estado do Amazonas – fonte: <https://www.baixarmapas.com.br/mapa-de-microrregioes-do-amazonas/> - acesso em 24/02/2022

⁴⁰ Acessível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/manaus.html>

Manaus). Essa transição da denominação da cidade poderá ser observada na impressão do primeiro Jornal de Manaus *Estrela do Amazonas* (figura 3), uma vez que a publicação ainda se dava na Cidade da Barra do Rio Negro.

Pesquisas linguísticas recentes que envolvem o Estado do Amazonas têm abordado as regiões segundo necessidades que requerem o objetivo do estudo. Torres (2009) analisou os fonemas palatais /ʎ/ e /ɲ/, com investigação *in loco* por meio de gravações nos municípios de Itapiranga e Silves na região do Médio Amazonas (AM). Azevedo (2013) estudou as características fonéticas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e a variação lexical com pontos de inquéritos nas comunidades Ariri, Saubinha, Itapéua, Costa do Juçara, e as cidades de Coari, Codajás e Anamá na região do Médio Solimões (AM) e no Igarapé do Juruti-velho e a vila do Juruti-velho na região do Baixo Amazonas (PA). Cruz (2018) esclarece que, em sua pesquisa dialetológica, em uma perspectiva da Geografia Linguística e da Sociolinguística Variacionista, voltada ao controle das variáveis gênero e faixa etária, realizou entrevistas *in loco*, nas regiões Barcelos (microrregião do Alto Rio Negro), Tefé (microrregião do Jutá Solimões-Juruá), Benjamin Constant (microrregião do Alto Solimões), Eirunepé (microrregião do Juruá), Lábrea (microrregião do Purus), Humaitá (microrregião do Madeira), Manacapuru (microrregião do Rio Negro – Solimões), Itacoatiara (microrregião Médio Amazonas) e Parintins (microrregião do Baixo Amazonas), mas, para dar conta de seus objetivos de estudo, excluiu a capital Manaus.

Diferentemente das pesquisas *in loco*, um estudo de cunho diacrônico, por se valer de fontes de textos antigos escritos, está sujeito à sorte dos materiais do passado que foram preservados. Quanto mais remoto for o tempo abordado na pesquisa, mais difícil se torna a montagem do *corpus*. Essa objeção pode ser evidenciada no momento da seleção dos romances para composição do *corpus* deste trabalho. Devido à dificuldade em localizar romances de escritores manauaras nas primeiras sincronias, a constituição do *corpus* romance não foi integralmente composta por escritores nascidos na cidade de Manaus, como se detalhará na seleção dos romances. Em virtude disso, a região da localização de concentração do *corpus* integral do trabalho será denominada simplesmente por *Região do Amazonas*.

5.1.2 Seleção do material do *corpus*

Santos *et. al* (1990) relatam que, no período em que o Estado do Amazonas era subordinado ao Pará (até 1850), o nheengatu e outras línguas indígenas preponderavam na região. A forte cultura indígena e o pouco hábito de leitura da população de origem lusitana que habitava a região dificultaram o desenvolvimento da imprensa na mesma proporção dos Estados

do Rio de Janeiro e São Paulo, levando também o surgimento tardio, em relação aos estados citados, da imprensa no Estado do Amazonas. No entanto, todos os periódicos que compõem o *corpus* foram redigidos na cidade de Manaus, o que não sucedeu com os romances, como se observará nas subseções a seguir.

5.1.2.1 Seleção dos jornais

O jornal impresso passou por várias fases, acompanhando e registrando a história do Brasil, de seus estados e de suas cidades. Bahia (1971, *apud* PESSOA, 2007, p. 547) apresenta três fases pelas quais passaram o jornalismo impresso no Brasil. A primeira delas, datada de 1808 a 1880, teve como foco a crônica de costumes e os ensaios político e literário substituindo a reportagem, assim como o comentário no lugar da notícia. A segunda corresponde ao período de 1880 a 1930, momento em que o jornal impresso e o rádio recorreram à identificação industrial. Nesse panorama, a reportagem dá lugar à crônica, assim como o ensaio e a notícia predominam sobre o comentário, colocando em evidência a informação. A partir de 1950 as mudanças sociais e empresariais atingiram a organização dos meios de comunicação de massa.

Santos *et al.* (1990), que trataram dos cem anos de imprensa no Amazonas (de 1851 a 1950), também abordam o valor da imprensa na história do Brasil, com sua ativa participação na transformação da sociedade brasileira, nas lutas em prol de interesses do povo, na Independência, na Abolição da Escravatura, na Proclamação da República e nas “Diretas já”, refletindo geralmente as contradições da sociedade. Os autores apontam cinco grandes linhas da imprensa brasileira⁴¹, cada uma com sua prática jornalística, tipo de linguagem e técnica redacional, a saber:

1) *Jornalismo áulico*, em que a notícia era um relato oficial, pobre de informação, devido sua fonte ser praticamente de exclusividade governamental. Relatam que em 1808, D. João VI trouxe ao Brasil um equipamento tipográfico, dando origem à Imprensa Régia no Rio de Janeiro, editando-se a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Os demais jornais surgidos nesse período comungavam do jornalismo áulico.

2) *Imprensa panfletária*, a qual também não priorizava a informação, sendo vista como imprensa de cunho doutrinário de linguagem virulenta, distorcida e que publicava insultos.

⁴¹ A análise desses autores retoma categorias tratadas por Sodré (1966).

3) *Jornalismo literário*, que se desenvolveu a partir de 1850 com o descenso do jornalismo panfletário, era também sem compromisso com a informação. Destaca-se nesse jornalismo o folhetim importado da França, agradando a um imenso público.

4) *Jornalismo político*, que apareceu a partir dos anos 1870 com o declínio do folhetim. Nesse período, o tema política neutraliza a influência literária, contribuindo para o surgimento de jornais fundados por partidos políticos, de noticiário difícil de ser entendido e com retórica vazia. Além da predominância do artigo de fundo com aparência de editorial, a publicação de informação possuía linguagem hermética, desprovida de manchetes e com títulos nada atrativos.

5) *Jornalismo informativo*, período em que a informação nos jornais começa a ser valorizada, como atesta o envio do escritor Euclides da Cunha pelo *O Estado de São Paulo* ao sertão do Nordeste em busca de informações sobre a Guerra de Canudos. Esse fato evidencia a nova categoria de repórter, com o deslocamento do profissional às ruas, à procura de informações e notícias. Santos *et al.* (1990) lembram que o início do séc. XX trouxe consigo a transição do jornal para a grande imprensa, com constantes atualizações de equipamentos, contribuindo com as mudanças nos jornais. Com isso, a informação começou a se sobressair sobre a ficção e a doutrinação, e os jornais passam a serem vistos como sinônimo de notícia, reportagem e entrevista. O folhetim cedeu lugar à reportagem e o artigo de fundo é substituído pela entrevista mais objetiva.

Segundo Santos *et al.* (1990), a imprensa amazonense compartilhou das citadas cinco linhas da imprensa brasileira; porém, com algumas características próprias, em virtude da história da região norte.

Destaca-se aqui que as notícias trabalhadas nesta tese foram retiradas de jornais impressos na cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, cuja trajetória histórica da imprensa também se faz relevante. À vista disso, passa-se a relatos históricos da imprensa manauara.

Em 3 de maio de 1851 nasceu, na cidade de Manaus, o primeiro jornal do estado amazonense intitulado *Cinco de Setembro*, com alusão à data da elevação do estado à categoria de província, sendo esse nome substituído, em 7 de janeiro de 1852, pelo título *Estrella do Amazonas*. Seu proprietário fundador foi Manoel da Silva Ramos.

Segundo Santos *et al.* (1990, p. 19), o jornal *Estrella do Amazonas* se enquadrou na linha do jornalismo áulico, limitando-se “sobretudo à publicação de atos governamentais da Província e do Império e a anúncios classificados”. O jornal, composto de quatro páginas, teve sua atuação de 1852 a 1865, com algumas mudanças de diretores no decorrer desse período.

Em 1866, Antônio da Cunha Mendes adquiriu a tipografia do jornal, mudando seu título para *Amazonas*. O jornal faz parte da história da capital Manaus, com registros de publicações, ainda com a denominação de *Cidade da Barra do Rio Negro*, como mostra a figura 2 abaixo.

Figura 3 — Jornal *Estrela do Amazonas*, nº 93, 07/06/1854, p. 1⁴²

2.504
57

NUMERO 93. QUARTA-FEIRA 7 DE JUNHO DE 1854. 8.º TRIMESTRE.

ESTRELLA DO AMAZONAS.

A ESTRELLA DO AMAZONAS publica-se uma vez por semana, e para ella subscreve-se na sua typographia na rua da Palma caza n.º — o preço da assignatura he de 2\$000 reis por trimestre, que conterá 12 numeros, pagos no recebimento do 1.º n.º de cada trimestre. As folhas avulsas, custarão 200 reis. Os assignantes terão 20 linhas gratis, e d'ahi para cima pagarão 80 reis por cada uma.

CIDADE DA BARRA DO RIO NEGRO, NA TYP. DE M. DA S. RAMOS. RUA DA PALMA N. — 1854.

PARTE OFFICIAL.

N.º 5. — Repartição Geral das Terras Publicas 20 de Março de 1854. — Illm.º e Exm.º Sr. — Convindo evitar a demora dos registros das Terras possuidas, por duvidas que se suscitem á cerca de serem ou não obrigados ao pagamento do sello os respectivos livros, cumpre-me declarar á V. Ex.ª, que, não se achando estes comprehendidos entre os de que trata o Art. 37 do Regulamento de 10 de Julho de 1850, não estão por isso sujeitos á esse imposto. O que communico a V. Ex.ª para seu conhecimento, e para que assim o declare aos encarregados dos mesmos registros. Deos Guarde a Ex.ª — Luiz Pedreira do Coutto Ferraz. — Snr. Presidente da Provincia do Pará.

(Do Treze de Maio)

GOVERNO DA PROVINCIA.

N.º 54. — O Presidente da Provincia do Amazonas, cumprindo a disposição da parte final do Art. 91 do Regulamento que baixou com o Decreto N.º 1318 de 30 de Janeiro do corrente anno, (*) determina que os prazos marcados no Artigo 92 para fazer-se em cada Freguezia o registro das terras possuidas comecem a ser contados do dia primeiro de Julho proximo futuro.

Palacio do Governo da Provincia do Amazonas na Cidade da Barra do Rio Negro 29 de Maio de 1854. — *Herculano Ferreira Penna.*

Transmitto a Vmc. um exemplar da Lei n.º 601 de 18 de Setembro de 1850, e outro do Regulamento que baixou com o Decreto n.º 1318 de 30 de Janeiro p.p.; para que Vmc. lhes dê a devida execução na parte que lhe toca, observando

(*) Vide os N.ºs 89 á 92 d'esta folha.

com todo o zelo e actividade as disposições dos Artigos 87, 88 e 89 do mesmo Regulamento.

Tambem deverá Vmc. informar circunstanciadamente a esta Presidencia se no Termo de sua jurisdicção existem, ou não, posses de terras sujeitas a legitimação, e sesmarias, ou outras concessões do Governo Geral ou Provincial sujeitas a revalidação na forma dos Artigos 24, 25, 26 e 27 do referido Regulamento, ficando na intelligencia de que se o não fizer até o fim do corrente anno incorrerá Vmc. na multa de que trata o Art. 29. O que communico a Vmc. para seu conhecimento, recommendando-lhe que accuse sem demora a recepção d'esta ordem. — Deos Guarde a Vmc. Palacio do Governo da Provincia do Amazonas na Cidade da Barra do Rio Negro 29 de Maio de 1854. — *Herculano Ferreira Penna.* — Snr. Juiz Municipal do Termo da Capital.

Identicos ao Juiz Municipal do Termo de Manaus, aos Delegados de Policia de ambos estes Termos, e a todos os Subdelegados.

Transmitto a Vmc. para seu conhecimento um exemplar da Lei N.º 601 de 18 de Setembro de 1850, e outro do Regulamento que baixou com o Decreto N.º 1318 de 30 de Janeiro proximo passado, e ordeno-lhe que informe circunstanciadamente a esta Presidencia se no Districto de sua jurisdicção existem, ou não, posses de terras sujeitas a legitimação, e sesmarias ou outras concessões do Governo Geral ou Provincial sujeitas a revalidação na forma dos Artigos 24, 25, 26 e 27 do mesmo Regulamento, advertindo que se o não fizer até o fim do corrente anno incorrerá Vmc. na multa de que trata o Art. 29.

O que lhe communico para que assim o cumpra, recommendando-lhe outro sim que accuse sem demora a recepção d'esta ordem. Deos Guarde a Vmc. Palacio do Governo da Provincia do Amazonas na Cidade da Barra do Rio Negro 29

Contam Santos *et al.* (1990) que, juntamente com o aumento da exportação de borracha, houve também a importação de equipamentos modernos de impressão e, com eles, o surgimento de jornais de edição única, com o propósito de prestar homenagens a autoridades. Nesse período áureo da borracha, o jornalismo panfletário, constituído por jornais anarco-sindicalistas e pasquins, convivia lado a lado com o jornalismo político ou imprensa de opinião. Destacam também as vertentes do jornalismo do interior e das colônias estrangeiras⁴³. Quanto ao jornalismo literário, apontam o exemplo do jornal *Ginásio Amazonense*, o qual demonstrava preocupação dos estudantes com questões literárias e políticas, tanto local quanto nacional, assim como a existência de jornais literários e estudantis publicados por estudantes das áreas rural e urbana.

É inegável a importância histórica do primeiro jornal de Manaus, *Estrela do Amazonas*; porém, sua prioridade era dar notoriedade como imprensa áulica a publicações e acontecimentos governamentais, e não ao noticiário. À vista disso, neste trabalho, foram utilizadas como fonte para coleta dos dados da 2^a met. do séc. XIX as notícias publicadas no jornal *Commercio do Amazonas*, periódico de grande importância histórica e de destaque por empenhar maior atenção ao gênero notícia, fundado em 1869.

Considerando que um dos objetivos deste trabalho é a observação das mudanças ocorridas nas estruturas internas e no conteúdo da notícia ao longo do tempo e o que essas alterações implicam no comportamento das ocorrências dos demonstrativos nesses textos, e não das diferenças entre tipos de jornais, elegeu-se, além do jornal *Commercio do Amazonas* que representa a sincronia XIX-2, o *Jornal do Commercio*, que atua em Manaus desde 1904 até os dias de hoje, como representante das sincronias XX-1, XX-2, XXI-1, conforme mostra o quadro abaixo:

Quadro 6 — Periódicos do *corpus*

Século	Periódico	Local	Período	Fonte
XIX	2 ^a met. <i>Commercio do Amazonas</i> [= CA]	Manaus	03/07/1870 a 07/12/1898	Hemeroteca digital da <i>Biblioteca Nacional</i>
XX	1 ^a met. <i>Jornal do Commercio</i> [= JC1]	Manaus	02/01/1925 a 17/02/1926	Hemeroteca digital da <i>Biblioteca Nacional</i>
	2 ^a met. <i>Jornal do Comércio</i> [= JC2]	Manaus	1 ^o a 15/02/1980	Hemeroteca digital da <i>Biblioteca Nacional</i>
XXI	1 ^a met. <i>Jornal do Commercio</i> [= JC3]	Manaus	02 a 13/04/2019	Acervo digital do <i>Jornal do Commercio</i>

⁴³ Colônias de italianos, sírio-libaneses, espanhóis, ingleses e portugueses, de diferentes regiões de Portugal, as quais, em sua maioria, escreviam em língua materna.

Os periódicos relativos às três primeiras sincronias foram retirados do material digitalizado e disponibilizado pela *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional* e os relativos à última sincronia foram retirados do *Acervo Digital do Jornal do Commercio*.

Como pode ser observado no quadro 6, os períodos que compreendem os textos da 2ª met. do séc. XIX e da 1ª met. do séc. XX foram mais extensos que os seguintes. Santos *et al.* (1990), ao exporem as mudanças ocorridas na imprensa no início do séc. XX, com o advento de novos equipamentos e, principalmente, com o fato de a informação começar a se impor sobre a ficção e a doutrinação, corroboram a escassez de conteúdo noticioso no período da 2ª met. do séc. XIX. Os fatores como a ilegibilidade das páginas, a seleção de textos exclusivamente de notícias da região e, principalmente, a interrupção na disponibilização da sequência das edições no site da *Hemeroteca digital*, com saltos de anos, meses e dias, influenciaram para a composição de períodos mais longos para as duas primeiras faixas de tempo.

Esclarece-se, ainda, que o *Jornal do Commercio*, representante das três últimas faixas de tempo, passou por ajustes ortográficos em sua denominação por três vezes no período estabelecido para a pesquisa: de *Jornal do Commercio* passou a *Jornal do Comercio*, depois a *Jornal do Comércio* e, por fim, retornou à denominação *Jornal do Commercio* que vigora até os dias de hoje. Para dirimir a dúvida de que se tratam de jornais distintos, buscou-se, nos arquivos disponíveis na própria Hemeroteca digital, os momentos dos lapsos em que ocorreram as alterações de denominações, os quais serão apresentados nas descrições dos jornais.

Na seleção das edições dos jornais, priorizaram-se aquelas de conteúdo legível, portadoras de notícias com relatos de fatos e acontecimentos recentes ocorridos na região do estado de estabelecimento do jornal e que continham a presença de demonstrativos.

a) *Commercio do Amazonas* (2ª met. do séc. XIX)⁴⁴

Segundo Santos *et al.* (1990), o jornal *Commercio do Amazonas*, fundado em 1869 por Gregório José de Moraes na cidade de Manaus, foi o primeiro jornal do Amazonas com publicação diária, excetuando-se os domingos. Seu conteúdo era menos oficial e partidário que o *Estrella do Amazonas* e aceitava diversas correntes de opinião. Sua atuação foi de 1869 a 1904, com algumas interrupções no decorrer desse período. É notável o apreço do periódico pelo gênero notícia, com a apresentação da seção *Noticiário* quase sempre na primeira página, como se observa na figura 4:

⁴⁴ Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=301337>>.

Figura 4 — *Commercio do Amazonas*, nº 262, 05/07/1870, p. 1⁴⁵

Anno I. Manãos 5 de Julho de 1870. Numero 262.

COMMERCIO DO AMAZONAS

Propriedade de Gregorio José de Moraes

ASSIGNATURAS (Capital.)	Publica-se todos os dias, excepto nos immediatos aos santificados e de festa nacional.	ASSIGNATURAS (Interior)
Por trimestre..... 5\$500		Por trimestre..... 6\$000
N.º avulso..... 200		Porte franco

NOTICIARIO.

Desastre.—Sob esta epigraphie em nossa folha de 3 do corrente dissomos, que o medico do *Atheneu das Artes* prestou todos os socorros da sciencia para salvar a Herculano, cujo abalo da queda e o tamanho das brechas, que recebeu na cabeça fel-o correr risco em sua vida.

Não nos informaram mal, a esse respeito; mas omitiram-nos o comparecimento do pharmaceutico o sr. capitão José Miguel de Lemos, que foi o primeiro a curar o enfermo.

Fizemos esta pequena rectificação, afim de não nos supporem capazes de discrepar da verdade, tanto mais que reconhecemos no sr. capitão Lemos, que como pharmaceutico he um homem verdadeiramente humanitario e prestavel.

Inauguração do terceiro monumento elevado à memoria do Sr. D. Pedro IV de Portugal e I do Brazil.—Lê-se no *Diario do Gram-Pará*:

A nação portugueza acaba de pagar uma divida sagrada. O heroe que merecera ao imperio de Santa Cruz uma estatua equestre e outra ao municipio do Porto, tem tambem um mōnumento condigno na capital do reino em que fundou a monarchia constitucional.

Foi o dia 29 de abril, 44.º anniversario da autōrga da carta constitucional o escolhido para a inauguração do referido monumento.

Foi esplendida a solemnidade, como costumam sempre ser as festas nacionaes quando os regosijos partem não de mandatos officiaes, mas do coração de um povo illustrado e agradecido.

De tudo daremos circunstanciada informação em o numero seguinte.

Commissão ás alfandegas.—O sr. ministro da fazenda nomeou os srs. Sampaio Viana ajudante d'alfandega da Bahia que se acha addido á do Rio de Janeiro como conferente, e o 2.º es-

cripturario da alfandega do Rio de Janeiro Pedro Lopes Rodrigues para nas da Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará harmonisar a nova reforma regulamentar com a pratica adoptada na alfandega da cōrte.

A commissão já tinha concluido o seo serviço n'alfandega da Bahia e ficava a seguir para Pernambuco.

Entendemos que pouco adiantará, porque se é agora que tambem no Rio entrou em execução a nova reforma, não podem os commissionados estar perfeitamente habilitados na pratica.

Convinha mais alguma espera. •

Novos titulares.—Por decretos de 18, de maio, foram agraciados, em attenção aos relevantes serviços prestados, na guerra do Paraguay: O marechal de campo Victorino José Carneiro Monteiro, com o titulo de barão de S. Borja. O brigadeiro honorario João Nunes da Silva Tavares, com o titulo de barão de Itaqui. O brigadeiro honorario Vasco Alves Pereira, com o titulo de barão de Santa Anna do Livramento.

Curiosidade archeologica.—Tendo a camara do Crato officiado ás camaras das villas do alto sertão de Pernambuco, convidando-as a adherir a idéa da criação de uma provincia, que abrangesse o territorio do mesmo alto sertão, e do Cariri, a camara da villa de Santa Maria (hoje Boa-Vista) respondeo nos seguintes termos:

• Illms. Srs. presidente e mais membros da camara municipal da villa do Crato. Accusamos a recepção do officio de Vs. Ss. de 24 de Outubro p. p., e respondemos conforme as nossas prudencias e sentimentos.

• Corroborar com a sua saneção e geralmente da assemblea geral legislativa do Imperio é *inabrogado* a deliberação ?! Porem sendo *perfulcada* por nossas mutuas vontades, intrepidamente e com energia ?

• Scientificamos a Vs. Ss., que os nossos repre-

As edições do jornal *Commercio do Amazonas* referentes à 2ª met. do séc. XIX são compostas de 4 páginas. Normalmente, em 1870, elas traziam na página 1, sob o título de *Noticiario*, informações de acontecimentos locais, curiosidades, notícias tiradas de outros periódicos e de outros estados. A página 2 apresentava textos de pessoas externas ao jornal e editais. As páginas 3 e 4 eram dedicadas a anúncios com propagandas de estabelecimentos,

⁴⁵ Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=301337&pagfis=13>>.

gratificação para captura de escravos, entre outros. No decorrer da faixa de tempo do período pesquisado, observaram-se alterações na organização de temas. Em 1874, aparecem na página 1 as seções literária e oficial, com publicação de atos do governo. Já em edições de 1898, nessa página, surgem publicações de contos, opiniões, notícias variadas (sem demarcação de tema) e uma seção de folhetim, com capítulo de romance. As demais páginas tratam de assuntos diversos como comercial, recomendados, solicitados, editais, avisos marítimos e anúncios.

b) *Jornal do Commercio/Jornal do Comercio* (1^a met. do séc. XX)⁴⁶

Segundo Santos *et al.* (1990), o *Jornal do Commercio* teve a publicação de seu primeiro número em 2 de janeiro de 1904. Nesse mesmo ano, o jornal passou a contar com correspondentes em Portugal e em várias cidades do Amazonas. A partir de 1906, o jornal instalou máquinas de linotipo, sendo o terceiro na América do Sul a utilizá-las e, em 1943, passou a participar da rede jornalística nacional dos *Diários Associados*.

O *Jornal do Commercio* mantinha a periodicidade diária. Publicado na cidade de Manaus, teve como fundador J. Rocha dos Santos e, como proprietários posteriores, Alcides Bahia, Vicente Reis, Assis Chateaubriand (1943) e Guilherme A. da Silva (1985). Destacam-se, nesses períodos de atuação do jornal, os redatores Octavio Durval, Álvares da Silva, Paulo Eleutherio, Moura Ferreira, Luís Lamego, Antônio Lamego, Iveta Ribeiro, Joaquim Gondim, Arthur César Ferreira Reis, Mário Hora, Leôncio Correia, Domingos Barbosa, Malba Tahan e Catulle Mendes.

As edições dos jornais selecionadas para o *corpus* desta pesquisa são compostas de 4 páginas. As notícias foram retiradas da primeira e da segunda página, compostas pelas seções *Avisos úteis; O que houve no fôro; Os Estados; Prophylaxia; Uma por dia* (texto com senso crítico); *Diversões; Foot-ball; Manãos Social* (anúncios de aniversários entre outros); *Omnibus* (previsão de tempo e notas); *Os Buliçosos* (notícias de furtos); *Várias* (em sua maioria relatos de atos do governo); *Coisas Policiaes* e notícias de acontecimentos diários na cidade, conforme se observa na figura 5 (p. 1) e das seções *Commercio, Industria, Finanças e Navegação; Notas; Editaes; Declarações* e propagandas comerciais (p. 2). Na página 3 estão as seções *Leilões; O que vai pelo mundo* e propagandas comerciais. Na página 4, têm-se a seção *Navegação* e propagandas comerciais.

⁴⁶ Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=170054>>.

Figura 5 — Jornal do Commercio, nº 7.702, 30/10/1925, p. 1⁴⁷

No período que compreende essa sincronia, o jornal passou por alteração em sua denominação. A edição nº 12.404, de 27/04/1941 se apresenta como *Jornal do Commercio*, sob direção do Dr. Vicente Reis e, na sequência de disponibilização na Hemeroteca Digital, na edição nº 12.434, de 01/06/1941, sob a mesma direção, observa-se a denominação *Jornal do*

⁴⁷ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=170054_01&pesq=7702&pagfis=33585>

Comercio. Inference-se que a supressão de uma consoante *M* na palavra *Comercio* seja em virtude de ajuste ortográfico. Comparem-se as figuras 6 e 7 a seguir:

Figura 6 — *Jornal do Comercio*, nº. 12.404, 27/04/1941, p. 1⁴⁸



Figura 7 — *Jornal do Comercio*, nº 12.434, 01/06/1941, p. 1⁴⁹



É possível observar nas figuras as adequações ortográficas referentes ao nome *Jornal do Comercio* para *Jornal do Comércio* (ao centro e ao lado esquerdo na figura), assim como a do nome da capital *Manaus* para *Manaus* (à esquerda)⁵⁰.

c) *Jornal do Comercio/Jornal do Comércio/Jornal do Comercio* (2ª met. do séc. XX)⁵¹

As edições de jornais selecionadas para a 2ª met. do séc. XX são compostas, em sua maioria, de 20 páginas. Na primeira página, são apresentadas chamadas das notícias principais

⁴⁸ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_01&pesq=7702&pagfis=43269>.

⁴⁹ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_01&pesq=7702&pagfis=43273>.

⁵⁰ Estes ajustes ortográficos antecedem a edição do *Formulário Ortográfico* de 1943, da Academia Brasileira de Letras, segundo o qual, por exemplo, seriam mantidas as letras dobradas *rr* e *ss* apenas.

⁵¹ Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=170054>>.

com indicação das páginas que trazem os conteúdos completos. O jornal é composto por 3 cadernos. O primeiro contém as seções *Geral*, concernente a assuntos regionais, nacionais e internacionais; *Cidade*; *Opinião*; *Política* e *Internacional*. O caderno 2, em sua primeira página, traz notícias nacionais sem denominação de seção, as demais páginas abarcam as seções *Diversão*; *Cidade e Geral*. O caderno 3 é composto pela seção *Esporte*. As edições dos dias 03 e 10 de fevereiro, ambas de domingo, são compostas de 32 e 30 páginas respectivamente. Além das seções mencionadas acima, esses jornais dominicais apresentam a seção *Sociedade* e um caderno feminino com assuntos de moda, bordado, culinária e folha de moldes para confecção de roupa.

Foram observadas mudanças organizacionais nos periódicos dessa fase, como a separação da edição em cadernos, com suas seções bem definidas; a inclusão do assunto esporte com um caderno específico; o uso da técnica da “pirâmide invertida”, com a abertura da notícia com resumo sucinto do assunto, apresentando e destacando a matéria (lide) e a publicação de fotografias vinculadas às informações, como se observa na figura 8.

Figura 8 — *Jornal do Comércio*, nº 22.908, 05/02/1980, p. 1⁵²

Russos massacraram mil no Afeganistão

Alguns de mil homens e adaltes foram massacrados em abril último numa povoação atingida pelo avião de Cabul e sob os ordens de "consulários" soviéticos. Infortunada sobrevivente da matança. **PÁGINA 7**

JORNAL DO COMÉRCIO

Publicação de Notícias, Anúncios, Esportes, Arte e Opinião

Fundado em 02/01/1904 — APO LOYAL — Nº 22.908 — MANAUS — Terça-Feira, 5 de Fevereiro de 1980. PREÇO R\$ 0,50

Já mataram muitagente no garimpo do Parauari

PÁGINA POLÍCIA

Um Cachoeirinha gente amebou nas filas

9 Postos alistam para casas da "Cidade Nova"

A Sociedade de Habitação do Amazonas abriu, ontem, em caráter permanente, o cadastramento de candidatos à aquisição de casas populares. Para facilitar esse trabalho, a SHAM instalou nove postos em diferentes pontos da cidade, com cada um devendo atender no máximo cem pessoas por dia. Para os interessados os locais de inscrição são estes: Centro Social de Educandos, Centro Social da Ratz, sede do Ipiranga, Cachoeirinha, DNOS, Alaxo; Cen-

LUCENA E ARTHUR ESCALAM DESAVENÇA DENTRO DO PMDB

Os acalorados desencontros entre o vereador Fábio Lucena e o ex-senador Arthur Virgílio Filho, culminados aqui mesmo em Manaus com um encontro pessoal entre ambos sem maiores consequências em virtude de interferência preventiva da Polícia, desdobram-se ontem em Brasília, no gabinete do deputado Uliases Guimarães, presidente do PMDB, cuja liderança no Amazonas está sendo disputada entre o grupo do vereador Fábio Lucena e deputado Mário Frota e um outro grupo do ex-senador Arthur Virgílio Filho. Lucena e Arthur encontraram-se naquele Gabinete e houve entre ambos nova escaldada de discussão violenta só não chegando a mais graves consequências em virtude da interferência dos senadores Teotônio Vilela e Aldo Faquundes, que se encontravam presentes. Após o incidente tanto o vereador Fábio Lucena como o ex-senador Arthur Virgílio Filho costuram suas versões sobre o episódio, o segundo dizendo que o primeiro lhe pusera uma arma e aquele negando que estivesse sequer armado. O vereador Fábio Lucena e o deputado Mário Frota fizeram sentir ao deputado Uliases Guimarães que a sua posição dentro do PMDB será irreconciliável em convivência com o grupo do sr. Arthur Virgílio Filho. Na **PÁGINA 8**

Teve filho dentro do taxi por não ter carteira do Inps

Margarida já com o filho em casa

Uma criança nasceu às últimas horas de anoitecer dentro de um táxi, à porta da cidadã Santa Rita, que não atendeu a parturiente Maria Margarida de Souza, de 16 anos, por não ter sido apresentado o cartão da Previdência Social, embora em seguida, após o parto, a jovem tenha sido levada às pressas para um dos leitos e permanecendo durante alguns minutos. Ontem, cuidada pelo JG, Maria disse que jamais procurará a Clínica. **PÁGINA 3**

Governo quer logo Delegacia para o combate aos "tubarões" **PÁGINA 2**

Formulários do IR estão enviados pelo Correio **PÁGINA 3**

Mulheres interessadas sobre Polícia Feminina

Uma criança verifica as divisa de Polícia Feminina

Está sendo repensada a implantação de uma Polícia Militar Feminina em Manaus. A prova melhor dessa afirmação é o grande número de mulheres que vem procurando a 2ª Seção da PNEAM solicitando informações a respeito do Curso de Preparação e Afastamento de Praças. Para as mulheres interessadas na carreira policial, eis algumas das exigências: Ser brasileira; ter no mínimo 18 e no máximo 25 anos incompletos; no mínimo 1,60 m de altura; ser solteira, viúva, divorciada; 2º grau completo além dos seguintes documentos: Título de Eleitor; Cédula de identidade; documento comprobatório do ensino civil; DIC e fotografias. Após o Curso as candidatas serão submetidas aos exames eliminatórios. **Detalhes na PÁGINA 5**

Matriculas para cursos da UA abrem a partir de hoje

As inscrições para os vestibulandos aprovados no último vestibular da Universidade do Amazonas serão abertas hoje. Os alunos antigos também já poderão efetivar suas matrículas para as matérias exlidas. Para os calouros a matrícula é feita automaticamente mediante a apresentação de toda a documentação, incluindo o certificado de conclusão do 2º grau. Os alunos regulares fazem as matrículas de acordo com os créditos estabelecidos. **PÁGINA 3**

Assassinado camponês que sobreviveu ao assalto à emboxada

O assassinato do único sobrevivente do assalto à emboxada do Espinho, na Guadalupe, Grupório Joyce, faz com que a indignação do opinião guatemalteca atingisse o seu auge. O condôver de Joyce, camponês sem terra, sequestrado do hospital um dia depois de ter sido ferido, foi descoberto no domingo, com a boca destruída por vários tiros de revólver e marcas de algemas nos pulsos. Outros 30 pessoas — entre elas dois diplomatas, morreram durante o ataque da polícia à emboxada e incendios que se seguiram. **PÁG. 6**

Fernandes mantém ato de Carrel sobre camelôs

PÁGINA 5

Temporal mata 2 em naufrágio no Rio Negro

Cadáver sendo içado do rio

O violento temporal provocado pelo resfriado temporal desabou na região, em madrugada de domingo, causou o naufrágio de uma pequena embarcação e a morte de dois dos tripulantes do motorista G de Cutuboro de bandeira pernambuca, que está encorado na enseada da Ilha do Marapá, próximo à Refinaria de Manaus. O naufrágio aconteceu quando 4 tripulantes do petroleiro e mais duas mulheres, eram transportados para o barco parauari, por um canal, depois de se divertirem na cidade. Segundo o canalista, que já foi internado na Capitania dos Portos, a pequena embarcação emborcou e um marinheiro e um oficial subalterno morreram afogados tentando alcançar a vida, mesmo na escuridão, a margem do rio Negro. Os corpos já foram encontrados. **POLÍCIA**

Mais navios russos para o Índico

Dez navios de guerra da frota soviética do Pacífico foram vistos ontem navegando a leste do Mar da China, possivelmente em direção ao Oceano Índico. Trata-se da maior frota soviética a atravessar o estreito de Thubaina, desde a segunda guerra mundial. A frota soviética localizada por avião-patrulha da marinha japonesa, inclui um dos mais modernos cruzadores, com mísseis guiados, de 6 mil toneladas, um navio de desembarque transportando mais de 10 veículos, alguns armados, e o maior submarino russo da classe de 62 mil toneladas. A notícia provoca natural impacto. **PÁGINA 7**

HOJE nesta edição VEJA o suplemento SEMI TUDO sobre equipamentos e máquinas industriais COBERTURA NACIONAL

Corroborando a boa fama do *Jornal do Comercio*, Pinheiro (2015) afirma que esse periódico, por mais de cinquenta anos, manteve-se como um dos diários mais importantes da capital amazonense, atribuindo-lhe o pioneirismo no ato de associar as fotografias das cenas de rua e do cotidiano às matérias noticiadas no periódico:

⁵² Disponível em: < http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_02&pesq=7702&pagfis=73>.

Notícias sobre crimes escabrosos, manifestações públicas, chegada de personalidades ou mesmo de novidades do mundo moderno, além das notas bizarras sobre “aberrações da natureza” (...) passaram a ser acompanhadas de fotografias e, estas, mais do que a própria matéria, tendiam a se tornar o assunto do dia. (PINHEIRO, 2015, p. 239)

Constatou-se, ainda, no período dessa sincronia, novos ajustes ortográficos na denominação do periódico. Na edição nº 18.403, de 10/05/1964, o periódico apresentava a denominação *Jornal do Comercio* (sem acento agudo) e, na edição seguinte nº 18.404, de 12/05/1964 passou a *Jornal do Comércio* (com acento agudo), conforme se observam nas figuras 9 e 10:

Figura 9 — *Jornal do Comercio*, nº 18.403, 10/05/1964, p. 1⁵³



Figura 10 — *Jornal do Comércio*, nº 18.404, 12/05/1964, p. 1⁵⁴



O periódico manteve a denominação *Jornal do Comercio* por alguns anos, porém, a partir de 1989 voltou a ser intitulado de *Jornal do Commercio*, como na denominação inicial

⁵³ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_01&pesq=7702&pagfis=72893>.

⁵⁴ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_01&pesq=7702&pagfis=72907>.

de 1904. As edições 35.051 e 35.052 respectivamente de 15 e 17 de novembro de 1989 registram essa alteração:

Figura 11 — *Jornal do Comércio*, nº 35.051, 15/11/1989, p. 1⁵⁵



Figura 12 — *Jornal do Commercio*, nº 35.052, 17/11/1989, p. 1⁵⁶



d) *Jornal do Commercio* (1ª met. do séc. XXI)⁵⁷

As edições do *Jornal do Commercio* selecionadas para a 1ª met. do séc. XXI são compostas de 20 ou 16 páginas. Assim como na sincronia anterior, os periódicos desta são compostos por cadernos. No entanto, diferentemente dos cadernos da sincronia anterior, que tiveram sua organização por números (Cadernos 1, 2, 3), os desta sincronia são organizados por letras (Cadernos A, B, C). Como exemplo da organização do periódico, tomou-se a edição nº 42.759, de 02/04/2019, a qual contém 20 páginas organizadas em cadernos A e B. A composição do caderno A do mencionado dia compreende 8 páginas: na primeira, são apresentadas as notícias principais, com indicação das páginas com conteúdo completo; as páginas A2, A3 e

⁵⁵ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_02&pesq=7702&pagfis=38254>.

⁵⁶ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_02&pesq=7702&pagfis=38282>.

⁵⁷ Disponível em: <<http://digital.maven.com.br/pub/jcam/?flip=acervo>>.

A4 tratam do tema *Opinião*; as páginas A5, A6 e A7 são referentes à seção de *Economia* e a página A8 trata da seção *Política*. O caderno B é composto por 12 páginas: as páginas B1, B2, e B3 tratam de *Negócios* regionais, nacionais e globais; as páginas B4, B5, B6, B7, B8 e B9 são destinadas para a seção de *Publicações Legais* (editais, avisos de licitações, pregões, resenhas, extratos de termo de contrato e de registro de preço, relatórios da administração e atas de empresas); na página B10, encontra-se a seção *Fazendo História*, em que é apresentada, a cada edição, cópia da primeira página de edições antigas, desde o ano da fundação do jornal (1904). As páginas B11 e B12 finalizam o caderno B, com uma seção de *Negócios* nacionais.

Na edição nº 42.763, referente aos dias 6 a 8 de abril (sábado à segunda-feira), além das seções apresentadas anteriormente, há uma seção sem denominação, a qual apresenta assuntos sobre cultura, gastronomia e sociedade.

Assim como na sincronia anterior, os periódicos deste período apresentam acentuado enfoque na economia e na política nacional, além da vinculação de fotografias às informações, como pode ser observado na figura 13:

Figura 13 — *Jornal do Commercio*, nº 42.759, 02/04/2019, p. 1⁵⁸

Cota d'Água 5 cm

26.15m 26.21m 26.26m

Moedas

Redes Sociais

Jornal do Commercio

Colar Osmia Vinici

Maraná, terça-feira, 2 de abril de 2019 **RS 1.50** Fundado em 2 de janeiro de 1904 - Edição nº **42.759**

Empresários ainda mantêm otimismo, mesmo com crise

As lideranças empresariais do Amazonas ainda se dizem otimistas em relação à capacidade de do governo federal aprovar as reformas -a da Presidência em especial- e incrementar o ambiente de negócios nacional. Esse otimismo, contudo, se mostra cauteloso diante das mais recentes notícias no Congresso e das dificuldades de articulação política do Executivo na casa legislativa. Boa parte desse desânimo e apreensão transpareceu na mais recente pesquisa sobre o ICE (Índice de Confiança Empresarial), embora os números digam respeito ao âmbito nacional. O indicador foi divulgado pela FGV (Fundação Getúlio Vargas) nesta segunda (1º), e é calculado com base em entrevistas com empresários da indústria, serviços, comércio e construção civil.

O ICE 2,7 pontos de fevereiro para março chegou a 94 pontos, em uma escala de zero a 200.

Além de estar abaixo da média, é o menor nível desde outubro de 2018 - período de indefinição política, diante das eleições. O número também ficou 0,5 ponto percentual abaixo da marca de março do ano passado.

MEDICAMENTOS
Governo autoriza aumento de até 4,33%

O governo federal autorizou reajuste de até 4,33% no preço dos remédios para 2019, já a partir deste domingo (31 de março). O aumento está publicado em edição extraordinária do "Diário Oficial da União" do dia 29/3 em decisão da Cmed (Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos). Diferentemente de anos anteriores, o reajuste em 2019 será linear para todos os tipos de medicamentos.

CONCURSOS
Governo Federal resolve endurecer regras

O governo endureceu as regras para a realização de novos concursos públicos para promover o enxugamento da máquina administrativa nos próximos anos. Decreto publicado na edição de 29/3 no "Diário Oficial da União" também cria o "gestor de projetos", uma nova categoria de cargo comissionado para tocar projetos especiais e com tempo para acabar, como as concessões.

LAVA JATO
Governo vai reforçar base da Polícia Federal

ÁGUA
Estudo prevê crescimento de 24% do consumo

O consumo e o uso das águas no país devem crescer 24% até 2030, diz um estudo lançado nesta segunda-feira (1º) pela ANA (Agência Nacional de Águas). De acordo com a agência, responsável pela gestão dos recursos hídricos no Brasil, o país usa, em média, a cada segundo, 2 milhões e 83 mil litros de água. Em 2030, esse total deve superar a marca de 2,5 milhões de litros por segundo.

MEIO AMBIENTE
Ipaam acompanha medidas para contenção

O trabalho de contenção do vazamento da emulsão asfáltica que atingiu o rio Negro, nas proximidades do Porto do São Raimundo, zona Oeste de Marapanã, foi intensificado nesta segunda-feira (1º). Técnicos do Ipaam (Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas) retornaram ao local para acompanhar as medidas tomadas pela empresa responsável pelo crime ambiental. O vazamento teve início na madrugada do último domingo (31/3).

BANCOS
Caixa aposta em novos serviços financeiros

ARTESANATO
Negócios do Amazonas para o Brasil

Aconteceu durante o dia de ontem, no Parque do Mindu, a segunda etapa da 1ª Rodada de Negócios de Artesanato e Turismo para os indígenas do Amazonas, com a participação de dez grandes lojistas do Rio de Janeiro, São Paulo, Macaé e Belém, que compareceram para revender em suas lojas, uma grande quantidade de artesanatos de indígenas dos povos do alto rio Negro: dessana, bané, tukano, baráwa, tariama, kuripaco, yanomami, e pirá-tapúia, além de artesanatos urbanos.

Nos dias 28 e 29 o grupo de empresários esteve em Benjamin Constant onde adquiriu artesanatos das etnias marubo, matís, maiorana, korubo e kanamaí.

PISCICULTURA
Governo investe na interiorização da economia

O governo do Amazonas anunciou medidas que impulsionarão a piscicultura no Estado. O valor aprovado para a primeira etapa do Pro-piscicultura é de R\$ 5 milhões, de acordo com a Sepa/Sepnor (Secretaria de Pesca e Aquicultura).




5.1.2.2 Seleção dos romances

A partir da 2ª met. do séc. XIX, observou-se, no Estado do Amazonas, o desenvolvimento tipográfico voltado à imprensa jornalística; no entanto, o interesse na publicação de romances não acompanhou o dos jornais. Embora o gênero romance tenha ganhado destaque na literatura brasileira no séc. XIX, no Estado do Amazonas não foram encontrados registros de romances (impressos) nesse século. Registra-se, nessa busca, o apoio da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro, constituída de obras raras e coleções especiais, localizada no Centro Cultural dos Povos da Amazônia⁵⁹ e o da Biblioteca virtual do Amazonas⁶⁰.

Sales e Silva (2017) citam o exemplo bem sucedido da obra *Antologia de Cultura Amazônica* de Carlos Rocque (1970), em que o antologista reconhece que a falta de divulgação, de distribuição e de impressão das obras de escritores da Amazônia é o que contribui para o total desconhecimento em nível nacional das obras escritas nessa região. Observam que o autor também considerou na antologia os escritores não nascidos na Amazônia, mas que viveram na região pelo menos uma parte de sua vida e, sobretudo, que contribuíram com a cultura amazônica. Com essas categorias estabelecidas, Rocque contabilizou 292 escritores que se dedicaram a versos, 32 que se sobressaíram mais como contistas e apenas 30 como romancistas, sendo concentrada a produção dos prosadores no séc. XX. Essas considerações corroboram a escassez de produção de romances na 2ª met. do séc. XIX no Estado do Amazonas.

Silva (2008) menciona que o crítico literário amazonense Péricles Moraes (1882-1956), no empenho de firmar uma tradição literária, considera a obra *Inferno Verde* (contos), de Alberto Rangel (1871-1945), publicada em 1908 como o primeiro texto literário sobre a Amazônia. Lembra que antes vieram *A Muhraida* (1785), poema épico de Henrique João Wilkens (1822-1889) e o romance *Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas* (1857) de Lourenço da Silva Araújo Amazonas (1803-1864) e o romance *Os Selvagens* (1875) de Francisco Gomes de Amorim (1827-1891).

Destaca-se que os autores dos romances mencionados não eram naturais do norte do Brasil. Lourenço da Silva Araújo Amazonas era natural da Bahia, fez seus estudos primários na província natal e depois no Rio de Janeiro; no Amazonas, fez parte da Marinha Imperial,

⁵⁹O complexo do Centro cultural dos povos da Amazônia possibilita acesso à pesquisa, por meio dos acervos localizados no Memorial e Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro, Biblioteca Arthur Reis, no Núcleo de Documentação Samuel Benchimol e na Biblioteca Infantil Emídio Vaz D'Oliveira.

⁶⁰Disponível em: <https://issuu.com/bibliovirtualesec> e <http://bv.cultura.am.gov.br>

ocupando o cargo de tenente dessa comarca. Francisco Gomes de Amorim era português de Lisboa.

Sem desconsiderar a importância histórica e literária das obras de Lourenço da Silva Araújo Amazonas e Francisco Gomes de Amorim, destaca-se a preferência, neste trabalho, por obras que, além de as histórias se passarem ou terem relação com a região do Amazonas, seus autores tenham tido vínculo natalício com o Amazonas, ou que possuam histórico de infância e escolaridade com a cidade de Manaus⁶¹, ou, ao menos, com a região do Grão Pará (Pará e Amazônia), no caso da primeira sincronia (2ª met. do séc. XIX), período cujo início compreende o momento da elevação do Amazonas à categoria de Província

Peregrino Jr. (1969 *apud* TUFIC, 1983, p. 51) apresenta quatro períodos literários da região Amazônica: o primeiro, sob influência do naturalismo representado por Inglês de Sousa e Veríssimo; o segundo, pela influência de Euclides da Cunha; o terceiro, sob a influência ufanista de Raimundo Morais, Alfredo Ladislau e Jorge Henrique Hurly; e o quarto, o movimento modernista.

Tufic (1983, p. 52) apresenta Inglês de Sousa como representante do primeiro período literário da região amazônica, considerando-o como precursor do romance na Amazônia: “O romance amazônico nasceu sob o signo do naturalismo. Foi INGLÊS DE SOUZA o introdutor, por excelência, das normas rígidas dessa corrente na literatura da região.”

Em face de não serem encontrados registros de romances (impressos) de romancistas de Manaus na 2ª met. do séc. XIX, considerando o histórico da prosa literária do Amazonas no séc. XIX, a evidência da importância de Inglês de Souza para a literatura amazônica e ainda a possibilidade da aquisição do romance impresso (original), elegeu-se para representar a primeira sincronia o romance *O missionario*⁶² de Inglês de Souza, publicado em 1891 e revisado pelo próprio autor em 1899, cuja história é ambientada no Estado do Amazonas.

O romancista escolheu como palco para desenvolver o romance *O missionario* a cidade de Silves (AM) e, por várias vezes, menciona na obra a capital Manaus, principalmente como lugar de ascensão, como se observam nos seguintes trechos:

Ora, toda esta gente olhava para os homens da terra, como se estivesse vendo bichos, e tornava-se incommoda afinal. Macario estava em brazas, não por si, afinal era filho de **Manáos**, d'uma capital, estava acostumado a ver gente, mas pelos companheiros – coitados! que não sabiam como evitar aquelles olhares curiosos e impertinentes! (SOUZA, 1889, p. 68, negrito nosso)

⁶¹ Esse crivo na seleção dos autores para a composição do *corpus* se deve à compreensão de que, nas reproduções dos diálogos nos romances, os autores podem ter feito uso de suas gramáticas internalizadas da infância ou da juventude, corroborando ainda mais a representatividade comunicativa da região de Manaus.

⁶² Adota-se aqui a grafia original do título das obras.

Em Silves não havia ainda imprensa; isto, porém, não foi razão para que Xico Fidencio desacorçoasse.

Um dia, lembrava-se de escrever uma correspondência para uma folha de **Manáos**, a propósito da última sessão do jury, e dissera umas coisas agradáveis ao juiz de direito, que lhe valeram a proposta para adjunto do promotor público. E, satisfeito com o resultado obtido, puzera-se em activa correspondência com o **jornal de Manáos**, o DEMOCRATA, “órgão político, noticioso, commercial, scientifico e independente” que lhe estampara a prosa, contente por ter materia nova com que encher as columnas da obrigação. As cartas de Xico Fidencio não seriam talvez muito lidas na capital da provincia, mas em Silves eram devoradas avidamente, commentadas, discutidas durante quinze dias a fio. (SOUZA, 1889, p. 16-17, negritos nossos)

Segundo Bosi (1999), Herculano Marcos Inglês de Sousa⁶³ nasceu em 1853 em Óbidos no Pará (divisa com o Estado do Amazonas) e faleceu em 1918 no Rio de Janeiro. Foi escritor, jurista, político e membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Ainda quando era estudante publicou, sob o pseudônimo de Luís Dolzani, *O cacaolista* (1876), *Histórias de um pescador* (1876) e *O coronel sangrado* (1877), romance que “precede de quatro anos à publicação de *O mulato* de Aluísio, enquanto romance naturalista de costumes.” (BOSI, 1999, p. 192). Essa asserção de Bosi leva à inferência de que Inglês de Sousa tenha sido o introdutor do Naturalismo no Brasil; contudo, seus primeiros romances não tiveram grande repercussão, pois tornou-se conhecido somente com a obra *O missionario*.

Araripe Júnior, no prólogo da 2ª edição do romance *O missionario*, enfatiza que a forma de narrar do escritor resulta “de uma feliz combinação da ‘maneira’ de E. Zola com a de P. Bourget.” (SOUZA, 1899, p. 38). Bosi corrobora essa afirmação, ao afirmar que a obra é um romance de tese, totalmente desprovido de paixão romântica: “não conseguia, de fato, abrir-se à cor e ao perfume da vida selvagem, cor e perfume de Alencar (...) Já a mornidão do vilarejo de Silves e a variedade de suas figuras provinciais encontram a versão justa na prosa e unida” (BOSI 1994, p. 193).

Representando a 1ª met. do séc. XX, tem-se o romance *Terra de Ninguém: Romance Social do Amazonas*, de Francisco Galvão, publicado em 1934.

Francisco Xavier Galvão nasceu em 1906 no município de Manicoré (AM) e faleceu em 1956. Estudou em Manaus, no Colégio Pedro II (atualmente Colégio Estadual), formou-se bacharel em Direito no Rio de Janeiro, retornou a Manaus, onde atuou como jornalista e também foi deputado estadual por dois mandatos pelo Amazonas.

⁶³ Embora as referências e as obras reeditadas do escritor reconheçam seu nome como *Herculano Marcos Inglês de Sousa*, a obra de 1899, utilizada neste trabalho, registra como *H. Inglês de Souza*: conforme se observa na figura 14.

Siqueira (2015), em uma análise sociológica da obra literária *Terra de Ninguém*, lembra que o momento da publicação do romance foi marcado pelo movimento da literatura comprometida ou arte engajada, que refletia os momentos de crises sociais marcadas por sentimento de impotência e por desorientações política, econômica e social. Observa, ainda, traços autobiográficos no personagem principal Anatólio, por esse também ter nascido em no interior, ser filho de família de posses e estudar em colégio na capital Manaus, assim como o escritor.

Esclarece-se que a realização dos estudos e atuação profissional do escritor na cidade de Manaus, assim como a possibilidade de aquisição do romance *Terra de Ninguém: Romance Social do Amazonas* de 1934 impresso (original) foram os fatores que favoreceram a escolha da obra para a sincronia referente 1ª met. do séc. XX.

Representando a 2ª met. do séc. XX, tem-se o romance *Relato de um Certo Oriente*, de Milton Hatoum, publicado em 1989 e ganhador do Prêmio Jabuti de melhor romance em 1990.

Segundo a Enciclopédia Itaú Cultural (2020)⁶⁴, Milton Hatoum nasceu em 1952 na cidade de Manaus - AM. O romancista, descendente de imigrantes libaneses, diplomou-se em arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, estudou literatura comparada na França, lecionou literatura francesa na Universidade Federal do Amazonas; como professor visitante, ministrou aulas de literatura brasileira na Universidade da Califórnia (Berkeley) onde, também, foi escritor residente. Além de *Relato de um Certo Oriente*, escreveu os romances ganhadores de prêmios: *Dois Irmãos* (2000); *Cinzas do Norte* (2005); *Órfãos do Eldorado* (2008). Em 2009, escreveu o livro de contos *A Cidade Ilhada* e, em 2013, o livro *Um Solitário à Espreita*.

Representando a 1ª met. do séc. XXI, tem-se o romance *A Próxima Cartada*, de Jackson da Mata, publicado em 2014 e intitulado pelo próprio autor de saga épica.

Jackson da Mata faz parte da geração de novos escritores do Amazonas. Além de romancista é contista e cronista. Escreveu as obras *O Maior dos Desafios* (espiritualidade cristã), *A Expressão do Completo* (contos e crônicas), *A Próxima Cartada* (romance), *O Escalpo da Ribeirinha* (novela literária), *Fuga na Floresta* (literatura infantil). Segundo o perfil administradores⁶⁵, o escritor nasceu em 1983 na cidade de Manaus e atualmente vive em Gramado (RS); e, além de escritor, também é editor de livros e criador da editora Porto de Lenha.

⁶⁴ Acessível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa7721/milton-hatoum>.

⁶⁵ Acessível em : <www.administradores.com.br/u/jacksondamata/>.

A seguir, apresentam-se o quadro dos romances que compõem o *corpus* e uma breve síntese de cada obra.

Quadro 7 – Romances do *corpus*

Século		Romance	Escritor	Naturalidade
XIX	2ª met.	<i>O Missionario</i> (1891) [=MIS]	Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853–1918)	Óbidos (PA)
XX	1ª met.	<i>Terra de Ninguém: Romance Social do Amazonas</i> (1934) [=TN]	Francisco Xavier Galvão (1906–1956)	Manicoré (AM)
	2ª met.	<i>Relato de um Certo Oriente</i> (1989) [=RCO]	Milton Hatoum (1952–...)	Manaus (AM)
XXI	1ª met.	<i>A Próxima Cartada</i> (2014) [=PC]	Jackson da Mata (1983–...)	Manaus (AM)

a) *O missionário* – Herculano Marcos Inglês de Sousa

Segundo Bosi (1999), o romance *O missionario* de Herculano Marcos Inglês de Sousa foi composto em 1888. Em Sousa (2005), consta que a obra foi publicada em 1891, sob o pseudônimo de Luís Dolzani. A 2ª edição, revisada e aumentada com um prólogo de Araripe Júnior foi impressa em 1899, conforme se observa na imagem da folha de rosto do livro na figura 14. A 2ª edição é formada de dois volumes: o volume 1 dessa edição, composto de 355 páginas é a obra selecionada para análise dos demonstrativos nesta tese.

O Missionario foi a obra que deu notoriedade ao escritor Inglês de Sousa. Araripe Júnior menciona o cuidado e o amor com que a obra foi traçada, evitando, principalmente, repetir circunstâncias já exploradas em obras de grandes escritores:

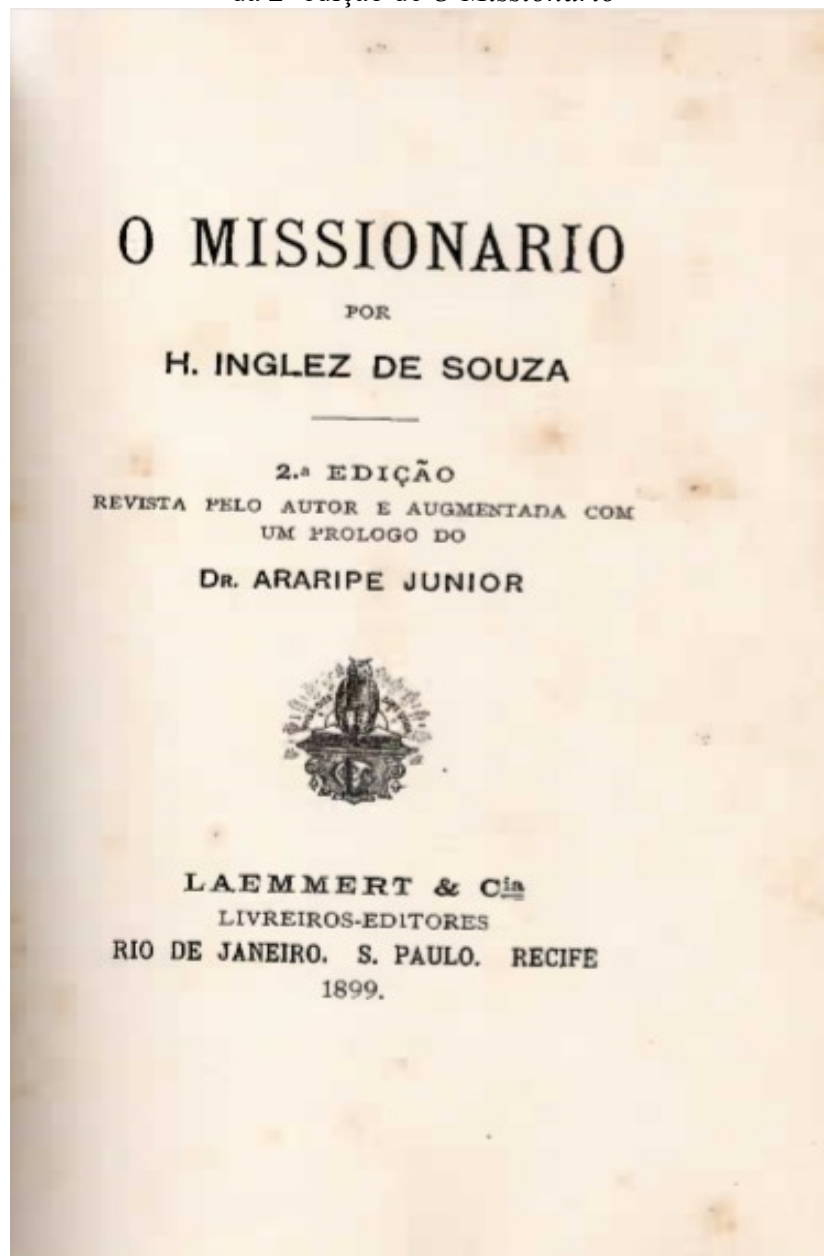
as dificuldades que o autor teria de combater para não cair nos lugares comuns do genero literário. O Eurico de A. Herculano, o padre Molina de José de Alencar e o padre Amaro de Eça de Queiroz ahi estavam á obstruir-lhe o campo de ação. (SOUZA, 1899, p. 29-30)

O volume 1 do romance é narrado em 3ª pessoa. A obra descreve com detalhes a vida no vilarejo de Silves, local em que o Padre Antônio de Moraes foi enviado para substituir o falecido padre José. Aos poucos, a narração vai apresentando os personagens componentes da sociedade local como Macário, sacristão da matriz; o tenente Valladão, subdelegado de polícia; o coletor das rendas gerais e provinciais, Manoel Mendes da Fonseca; o presidente da Câmara Municipal, Neves Barriga; o professor Aníbal Americano Selvagem Brasileiro; o lojista Joaquim da Costa e Silva; Xico Fidêncio, maçom contrário à igreja, que possuía a função de escrever para Folha de Manáos e como preferência, relatava ao jornal mexericos sobre o padre e personagens da sociedade; Bernardino de Sant’Anna, entre outros. O padre Antônio de Moraes se porta como

um sacerdote correto, o que causou espanto e admiração aos moradores do vilarejo, em virtude da má reputação que o padre anterior a ele possuía. Quando a rotina do local, com seus mexericos e intrigas passa a girar em torno dele, entediado, decide entrar na mata, juntamente com o sacristão Macário, para catequizar os índios Mundurucus. O 1º volume termina com o pedido de Totonio, rapaz desiludido e infeliz, por ter sido impedido pelos pais de se casar com Emília, para ser o remeiro do padre até o porto dos temíveis mundurucus.

Destaca-se o fato de o romance possuir descrições longas e riquíssimas em detalhes de lugares e eventos como o baile do casamento do filho do Bernardino de Sant'Anna, descrito em 40 páginas.

Figura 14 — Folha de rosto do vol. 1
da 2ª edição de *O Missionario*



b) *Terra de Ninguém: Romance Social do Amazonas* – Francisco Xavier Galvão

O romance *Terra de Ninguém*, publicado em 1934, apresenta a cultura amazônica no auge da exploração dos seringais. A obra descreve, por um lado, os hábitos dos seringueiros e, por outro, os dos patrões que exploravam os trabalhadores. A história, narrada em 1ª pessoa, tem como narrador o personagem Anatólio, que resolve deixar seu lar na cidade e ir para a floresta trabalhar nos seringais. O romance apresenta o reflexo econômico e político da década de 30, com o espectro do comunismo que, segundo a personagem Nadesca, filha de Manoel Lobo, temido coronel da borracha, exigia uma postura combativa em defesa das causas socialistas.

Nadesca se apaixona por Anatólio, trabalhador das terras do coronel Manoel Lobo e simpatizante das ideias socialistas. O casal se junta aos revoltados trabalhadores do seringal, que se sentiam prejudicados e explorados pelo coronel Manoel Lobo e participam do movimento da invasão da propriedade do coronel. Nesse movimento de revolta, o pai e a mãe de Nadesca são assassinados.

Figura 15 — Capa da 1ª edição do romance
Terra de Ninguém: Romance Social do Amazonas



c) *Relato de um Certo Oriente* – Milton Hatoum

O romance *Relato de um certo Oriente* é narrado em 1ª pessoa. A obra retrata a vida de uma família de origem árabe que se fixou em Manaus. Bosi (1999) relata a quebra de expectativa de quem supunha que na Amazônia só havia registros de seringueiros ou de índios massacrados, ao serem surpreendidos com esse romance de Milton Hatoum, cujo enredo, aos poucos, vai descortinando a dissolução de uma família em meio à dualidade das lembranças do Oriente e a realidade do Amazonas. A troca de narrador, sem prévio anúncio, dificulta a compreensão em alguns momentos, convidando o leitor à segunda leitura. O autor, já na orelha do livro, prepara o leitor para a complexidade da narração, que relembra o passado por meio de momentos retrospectivos: “pela voz da narradora em que se encaixam outras vozes num coral coeso, lembrando a tradição oral dos narradores orientais: caixa de surpresas, de que saltam as múltiplas faces das personagens, num jogo de sombra e silêncio, sob a luz ardente do Amazonas” (HATOUM, 1989).

A narradora principal, cujo nome não é revelado, é amiga da família de Emilie e, ao regressar a Manaus, procura por seus velhos conhecidos. O passado e a história da família libanesa de Emilie são retomados pelo prisma da narradora, juntamente com falas e narrativas alternadas de alguns personagens. São resgatados memórias, dramas e tragédias da família como a presença do alemão Dorner, fotógrafo e amigo da família que adorava a floresta; a morte de Emir, irmão de Emilie; as constantes peripécias dos filhos de Emilie; a gravidez de Samara Délia; e a morte da própria Emilie.

Figura 16 — Capa da 1ª edição
do romance *Relato de um Certo Oriente*



d) *A Próxima Cartada* – Jackson da Mata

No romance *A Próxima Cartada* preponderam a narração em 3ª pessoa e a presença de diálogo em todo o texto.

O romance tem início com a narração de um passeio do narrador e sua amiga Úrsula ao antigo asilo-colônia de hansenianos na comunidade ribeirinha do lago Paricatuba. No barco, conhecem um homem e, ao perceberem que ele não é da região do Amazonas, pedem-lhe para contar sua história. A partir do capítulo 1, a história de Otto Sibarita passa a ser narrada. Relatam-se acontecimentos do final da década de 1920; de 1950, período da construção de Brasília, até chegar ao período da fixação de Otto Sibarita em Paricatuba, no Amazonas.

A história de Otto inicia com a chegada dele no sítio de Sr. Dimas, que exige explicações sobre o paradeiro dele naquela terra. Para responder a isso, Otto desenrola a história de sua vida. Conta que é filho de argentino com brasileira e teve o pai assassinado em Córdoba. Com isso, sua mãe volta ao Brasil, é diagnosticada com lepra e falece. *Otto Sibarita é enviado a um abrigo de menores, de onde foge. Passa a trabalhar na embarcação do Sr. Esmirno. Abandona o velho marujo e chega à fazenda do Sr. Dimas. Sabendo que já possuía lepra, em busca da sonhada liberdade, deixa a fazenda. Por meio de um exame descobre que sua baciloscopia tinha sido negativada e que estava são. Decide ir trabalhar na construção de Brasília. Lá convive com cenas desumanas e sobrevive a um massacre. Conhece o escritor João Antenor e decide ir para o Amazonas com ele. Lá, Otto se casa com Esperança, filha de João Antenor e vão morar em Paricatuba. João Antenor consegue publicar seu romance, porém é assassinado.*

Figura 17 — Capa da 1ª edição do romance *A Próxima Cartada*



5.2 Coleta de dados

Após a montagem do *corpus*, procedeu-se à coleta de dados. Dividiu-se o período da 2ª met. do séc. XIX à 1ª met. do séc. XXI em quatro sincronias. Cada sincronia (meio século) foi representada por um periódico e um romance e, de cada fonte, foram coletadas e organizadas,

de forma manual (sem o uso de ferramenta de busca), 150 ocorrências de demonstrativos, totalizando 300 ocorrências por sincronia, compondo um *corpus* com 1200 ocorrências.

Como se trata de pesquisa baseada em *corpus*, procurou-se, na medida do possível, modalizar a generalização dos dados com a exequibilidade. Esclarece-se que um número muito maior de dados que o proposto (150 por fonte) poderia comprometer a execução das variadas análises que se propõe e, que a limitação desse número tende a viabilizar uma análise mais minuciosa, conforme exige o método funcionalista.

O número de 150 ocorrências foi utilizado também, em trabalhos diacrônicos que inspiraram a este, como o de Cambraia (2012), que trata do uso de demonstrativos no teatro e, o de Ramalho (2016), sobre o uso de demonstrativos na notícia e no romance. Lembra-se, ainda, que a adoção, neste trabalho, do mesmo número de ocorrências utilizado por Ramalho (2016) possibilitará comparações (mais precisas) entre os dois *corpora*.

A sequência linear dos textos dos romances, sem interrupções, possibilitou a contabilização das ocorrências dos demonstrativos, a partir do início dos romances até a página que atingisse o número de 150 ocorrências. A seleção do gênero notícia foi mais trabalhosa, em virtude da necessidade de uma minuciosa seleção dos textos nos periódicos, observando quais realmente poderiam ser considerados notícia, uma vez que o jornal abarca vários gêneros textuais em sua composição.

Cambraia e Bertolino (2020), em um estudo sobre crioulos, assim como os gramáticos apresentados no item 1.3, consideram que os demonstrativos que integram locuções conjuncionais, em virtude de suas funções, tendem a atuarem como estruturas cristalizadas, apresentando um comportamento singular. Em consonância com esse pressuposto, separaram-se, neste trabalho, os demonstrativos que integram combinações, presentes na faixa de cada texto em que foram coletadas as 150 formas independentes (fora de combinações). Esclarece-se que essas locuções conjuncionais não integraram o cômputo de 150 ocorrências de cada romance/periódico: essas locuções foram analisadas separadamente das 1.200 ocorrências que compõem o *corpus*.

Diferentemente da seleção das ocorrências nos textos dos jornais, em que são necessários vários jornais de cada sincronia para compor as 150 ocorrências, a sequência linear do texto do romance, sem interrupções, viabilizou uma quantificação das ocorrências das formas no romance completo, permitindo a realização de uma análise da representatividade das formas que compõem o *corpus*, como também realizou Ramalho (2016).

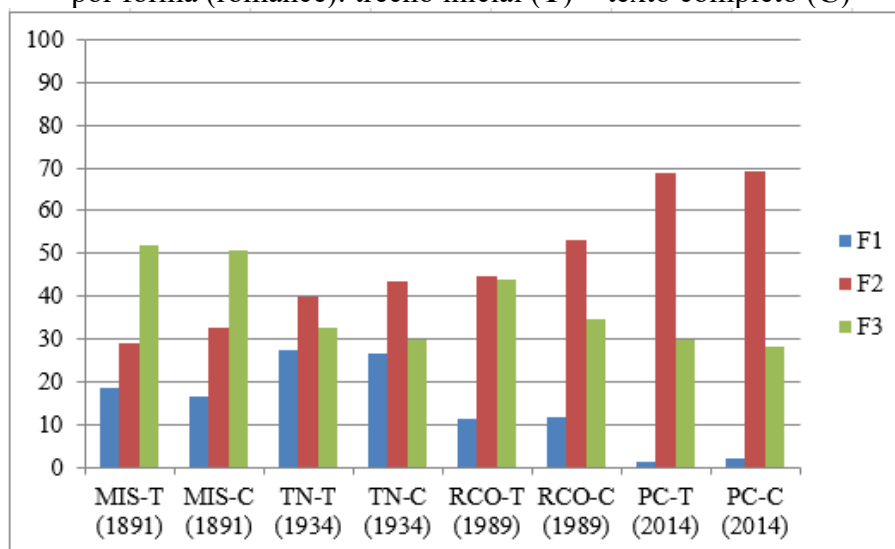
Os dados da referida análise seguem na tabela 1 e no gráfico 1. Neles, assim como nas demais partes desta tese, a forma *este* (e flexões) foi representada por F1; *esse* (e flexões) por

F2 e *aquela* (e flexões) por F3. A letra *T* no gráfico e na tabela, a seguir, representa os dados dos trechos em que foram retiradas as 150 ocorrências e a letra *C*, os dados dos romances completos.

Tabela 1 — Frequência de demonstrativos por forma (romance): trecho inicial (T) × texto completo (C)

Século	Romance	F1	F2	F3	Total	
XIX	2 ^a met. MIS (1891)	T	28 18,7%	44 29,3%	78 52%	150 100%
		C	70 16,6%	137 32,8%	211 50,6%	418 100%
XX	1 ^a met. TN (1934)	T	41 27,3%	60 40%	49 32,7%	150 100%
		C	45 26,5%	72 43,4%	50 30,1%	167 100%
	2 ^a met. RCO (1989)	T	17 11,3%	67 44,7%	66 44%	150 100%
		C	50 12%	221 53,3%	144 34,7%	415 100%
XXI	1 ^a met. PC (2014)	T	2 1,3%	103 68,7%	45 30%	150 100%
		C	5 2,2%	161 69,4%	66 28,4%	232 100%

Gráfico 1 — Frequência (%) de demonstrativos por forma (romance): trecho inicial (T) × texto completo (C)



Dos quatro romances que compõem o *corpus*, RCO é o que destoa um pouco das proporções regulares, visto que, no trecho inicial (RCO-T), F2 se equipara a F3, enquanto no romance completo (RCO-C), F2 manifesta uma frequência mais elevada que F3. O romance RCO é narrado em 1^a pessoa por vários integrantes do romance. O maior uso de F2 no romance RCO pode estar associado ao fato de alguns narradores abordarem, em seus textos, reflexões com retomadas de enunciados anteriores, como se observa no seguinte trecho:

- (01) (...) talvez desejasse que aqueles pássaros milagrosos atirassem pedras na multidão de cristãos. Emilie vingava-se **dessas** chacotas incursionando ao depósito da Parisiense, de onde retirava retalhos de algodão e peças de chitão para doar às Irmandades. Eu mesmo fui cúmplice **dessas** incursões que consistiam em roubar o que nos pertencia. Ao notar minha surpresa e o meu temor, ela se justificava dizendo que apreciava a loja e os tecidos porque os bens materiais lhe permitiam assistir aos necessitados **desse** mundo. Mas **esse** ato caridoso, festejado com as pompas de quem comemora o dia de uma Santa Padroeira, começou a ofuscar-se desde a morte trágica de Soraya Ângela. Emilie já não podia mais suportar ou fingir desprezar **esse** tipo de artimanha implacável da fatalidade que abala um cristão ou um crente qualquer (...) (RCO, p. 102)

Observa-se, em menos da metade de uma página, a presença de 5 ocorrências de F2, em que apenas uma não retoma a porção do discurso anterior: “assistir aos necessitados **desse** mundo”.

Porém, de modo geral, nota-se a equivalência quantitativa entre os trechos iniciais das obras que compõem o *corpus* e os romances completos, ou seja, os resultados das amostras refletem satisfatoriamente os padrões das obras, viabilizando com isso, o formato da composição do *corpus*.

5.3 Classificação dos dados

As ocorrências dos demonstrativos *este*, *esse* e *aquela* (flexões) serão classificadas segundo influências dos fatores morfológicos como *gênero* (masculino, feminino e neutro) e *número* (singular e plural); sintáticos como *ordem* (margem e núcleo) e *posição no sintagma nominal* (anteposto e posposto); e fatores semântico-discursivos como *valores referencias* (endófora, exófora, exo-endófora, anamnética e indeterminadora), observando as atuações dos demonstrativos no processo de configuração ternário/binário.

Sobre os fatores semântico-discursivos, como se observou na revisão bibliográfica, até o momento não há um padrão fixo de modelo de análise semântica-discursiva para os demonstrativos. Embora tenham os mesmos objetivos em relação à observação das mudanças linguísticas, os pesquisadores, em seus trabalhos, utilizam classificações e nomenclaturas distintas, não havendo, ainda, uma sistematização na padronização da classificação de termos nomenclaturais. Essa diversidade contribui para a proposição de um modelo de articulação das funções semântico-discursivas dos demonstrativos, segundo a classificação dos valores referenciais já reconhecidos pelos estudiosos, porém, ajustados às necessidades dos textos que compõem o *corpus*. Adotam-se, neste trabalho, categorias articuladas a partir das propostas de Halliday e Hassan (1976), Cambraia (2012) e Ramalho (2016), sintetizadas no quadro 8:

Quadro 8 – Categorias de classificação das funções semântico-discursivas dos demonstrativos

<p>I. EXÓFORA</p> <p>I.1. Espacial</p> <p>I.1.1. <i>Proximidade</i></p> <p>I.1.1.1. Do locutor</p> <p>I.1.1.2. Do interlocutor</p> <p>I.1.2. <i>Afastamento do locutor e do interlocutor</i></p> <p>I.2. Temporal</p> <p>I.2.1. <i>Proximidade</i></p> <p>I.2.1.1. Passado [= passado próximo]</p> <p>I.2.1.2. Presente</p> <p>I.2.1.3. Futuro [= futuro próximo]</p> <p>I.2.2. <i>Afastamento</i></p> <p>I.2.2.1. Passado [= passado distante]</p> <p>I.2.2.3. Futuro [= futuro distante]</p> <p>I.3 Metatextual</p> <p>II. ENDÓFORA</p> <p>II.1. Anáfora</p> <p>II.1.1. Não proposicional</p> <p>II.1.2. Proposicional</p> <p>II.2. Catáfora</p> <p>II.2.1. <i>Estrutural</i></p> <p>II.2.1.1. Não proposicional</p> <p>II.2.1.2. Proposicional</p> <p>II.2.2. <i>Não estrutural (coesiva)</i></p> <p>II.2.2.1. Não proposicional</p> <p>II.2.2.2. Proposicional</p> <p>II.3 Ana-catáfora</p> <p>III. EXO-ENDÓFORA</p> <p>IV. FUNÇÃO ANAMNÉTICA</p> <p>V. FUNÇÃO INDETERMINADORA</p>

As funções semântico-discursivas dos demonstrativos estão ligadas ao processo de referência. Toda língua possui certos itens com a propriedade de fazer referência, ou seja, em vez de esses elementos serem interpretados literalmente, fazem referência a outra coisa para sua interpretação (HALLIDAY; HASAN, 1976). A seguir, sintetizam-se as principais funções semântico-discursivas dos demonstrativos identificadas no *corpus*⁶⁶.

I) *Exófora* é função em que o referente se apresenta na situação da enunciação. Possui as subcategorias *espacial* (o referente é o local onde o discurso é proferido), *temporal* (o

⁶⁶ As subdivisões de cada subcategoria serão tratadas na descrição dos dados do *corpus* detalhadamente.

referente é um momento proferido no discurso) e *metatextual* (o referente é o próprio discurso em andamento). Veja-se a seguir um exemplo de cada função, respectivamente:

- (02) No dia 9 do corrente mez, n'uma das margens do Rio-Negro, limites da freguezia de Moura, acabão os indios Jauaperys de assaltar uma canôa do venezuelano André Level que ha pouco seguio **desta capital** para a republica de Venezuela, ferindo-lhe gravemente quatro tripolantes e roubando-lhe mais de cinco contos de reis de mercadorias, de que hia carregada a mesma canôa. (CA, 23 dez. 1870, p. 1) [Exófora espacial com proximidade ao locutor]
- (03) De Manaus, segundo informações chegadas na conhecida “Princesa do Solimões”, advogados, promotores, juizes e serventuários de Justiça presenciarão o grande júri **este ano**. (JC2, 8 fev. 1980, cad 2, p. 1) [Exófora temporal com proximidade referindo ao presente]
- (04) Graças à fotografia publicada por **este Jornal** na edição de ontem, a menina Débora Grace, de 8 anos, que estava desaparecida desde o dia anterior, já foi encontrada e levada de volta para a casa de sua mãe. (JC 2, 9 fev. 1980, cad. 2, p. 1) [Exófora metatextual]

II) *Endófora* é a função (referência) em que o referente está presente no contexto linguístico. Possui as subcategorias *anáfora* (o referente é um elemento anterior ao demonstrativo), *catáfora* (o referente é um elemento posterior ao demonstrativo)⁶⁷ ou *anacatáfora* (o referente está presente tanto antes quanto após o demonstrativo). A referência endofórica poderá ser *não proposicional*, quando o referente for um sintagma nominal, ou *proposicional*, caso o referente seja composto por uma ou mais orações. A referência endofórica catafórica, será classificada como *não estrutural* e *estrutural*. Segundo Halliday e Hasan (1976 [2004, p. 68-69]), quando a informação que permite reconhecer o referente estiver fora da expressão demonstrativa tem-se catáfora *não estrutural*. No entanto, quando a informação que permite reconhecer o referente estiver dentro da expressão demonstrativa tem-se catáfora *estrutural*.

Observe-se a seguir um exemplo de cada função, respectivamente (referentes destacados com sublinhado):

- (05) Mas a terra caída, levará-a, deixando-o na miséria, inesperadamente. Um estrondo como o da pororóca, e, de repente tudo a ruir e descer o rio, **esse engenheiro eterno que leva a mudar os rumos quando lhe apraz**. (TN, p. 128) [Endófora anafórica com antecedente não proposicional no discurso do locutor]
- (06) Fôra bem reles a existencia até **aquella data** – a data da carta – digna de ser marcada com uma pedra branca, como se marcam os dias felizes da vida, segundo ouvira ao professor Annibal ao jantar de casamento do infeliz Joaquim Feliciano. (MIS, p. 51) [Endófora catafórica não estrutural não proposicional no discurso do locutor]
- (07) Não sabemos quaes as providencias que foram dadas na ocasião para salvar-se este official; o que não resta duvida é que o infeliz Manoel Valente da Silva morreu e que o companheiro salvou-se por um milagre. Factos **desta ordem, em que operarios perdem a vida**, devem calar no espírito das

⁶⁷ No caso de catáforas, o referente sempre está no discurso do locutor.

peças que empreendem obras sem saber o que estão fazendo, que todas as cautelas são poucas, e lembrarem-se que por falta de cuidado, de inteligência e de conhecimentos práticos, involuntariamente são a causa da morte de um seu semelhante. (CA, 4 jun. 1874, p. 3) [Endófora ana-catafórica com anáfora com antecedente proposicional no discurso do locutor e catafóra estrutural proposicional]

III) *Exo-endófora* é a função em que há acumulação de exófora e endófora, ou seja, o referente está, ao mesmo tempo, no contexto linguístico e na situação de enunciação, como o exemplo abaixo:

- (08) A alfandega de Manáos remetteu o delegado fiscal o processo em que a dita alfandega recorre da decisão proferida, julgando nullo o acto de infracção e apprehensão mandado lavrar pelo delegado auxiliar de policia, **desta capital**, contra o commerciante J.S. Amorim e a advogado Constantino Marinho Falcão, resolvendo a Delegacia negar provimento ao recurso ex-officio, para manter a decisão recorrida. (JC1, 23 jan. 1926, p. 2) [Exo-endófora com exófora espacial com proximidade do locutor e anáfora com antecedente não proposicional no discurso do locutor]

IV) *Anamnética* é a função em que o referente é inferido por meio de conhecimento que se pressupõe ser compartilhado (essa categoria é nomeada por Himmelmann (1996) como *anamnésico* ou *uso de reconhecimento* e por Marine (2009) como *dêixis de memória*). Observe-se um exemplo dessa função:

- (09) — Não tenha mais dúvidas; o que ela tem é gravidez...
Foi um deus-nos-acuda no barracão. A mãe aflita, nervosa, perdeu os sentidos. Minervina ao vê-la assim, arrependeu-se de lhe ter dado a nova, sem lhe preparar o espírito. Assim sofria menos. Nadesca dáva-lhe a cheirar “Água Florida” a dona Rosa, desfalecida preparando-se para a defeza. Voltando a si do acesso, perguntou-lhe.
— Quem foi **esse malvado**, minha filha? (TN, p. 152)

V) *Indeterminadora* é a função em que o referente é um ente genérico, não sendo identificado no texto, no ambiente de produção discursiva e nem em algum conhecimento compartilhado, como no exemplo que se segue:

- (10) Nessa época nosso avô não tinha ímpeto para contestar **esse** ou **aquele**, e muito menos para repreender os dois filhos que outrora ele insultara de javardos, ameaçando-os com um cinturão. (RCO, p. 19)

CAPÍTULO 6

DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

6.1 Formas de demonstrativos no *corpus*

No *corpus* analisado, as formas de F1, F2 e F3 se apresentaram também com combinações e alterações ortográficas ocorridas ao longo dos períodos, conforme os quadros 9 e 10:

Quadro 9 — Formas de demonstrativos (notícia)

Séc.	Per.	F1	F2	F3
XIX	CA (1870-98)	<i>este(s), esta(s), isto, desta, d'esta, deste(s), d'este, disto, nesta, n'esta, neste.</i>	<i>esse(s), essa(s), isso, desse(s), d'esse(s), dessa, d'essa, disso, nesse, n'esse, nessa, n'essa.</i>	<i>aquelle(s), áquelle, aquella(s), áquella.</i>
XX	JC1 (1925-26)	<i>este(s), esta(s), isto, desta, deste, disto, nestes, nesta(s).</i>	<i>esse(s), essa(s), isso, desse(s), dessa(s), disso, nesse, nessa.</i>	<i>aquelle, áquelle, áquella, aquillo, daquelle(s), daquella, naquella, naquelle.</i>
	JC2 (1980)	<i>este(s), esta, isto, desta(s), deste(s), neste(s), nesta.</i>	<i>esse(s), essa(s), isso, desse(s), dessa(s), disso, nesse, nessa.</i>	<i>aquele(s), àquele, aquela, àquela, daquele(s), daquela, naquela, naquele.</i>
XXI	JC3 (2019)	<i>este(s), esta(s), desta(s), deste(s), neste(s), nesta.</i>	<i>esse(s), essa(s), isso, desse(s), dessa(s), disso, nesse(s), nessa(s), nisso.</i>	<i>aquele(s), àqueles.</i>

Quadro 10 — Formas de demonstrativos (romance)

Séc.	Rom.	F1	F2	F3
XIX	MIS (1891)	<i>este(s), esta(s), isto, desta(s), deste, n'este, n'esta.</i>	<i>esse(s), essa(s), isso, desse(s), d'esse(s), d'essa(s), disso, n'esse(s), n'essa, n'isso.</i>	<i>aquelle(s), áquelle, aquella(s), áquella, aquillo, d'aquelle(s), d'aquella(s), n'aquelle(s), n'aquella, naquela.</i>
XX	TN (1934)	<i>este(s), esta(s), isto, desta(s), deste, neste, nesta(s).</i>	<i>esse(s), essa, isso, desse, dessa(s), nesse, nessa.</i>	<i>aquele(s), áquele, aquela(s), áquela (s), aquilo, daquele, daquelle, daquela, naquela(s), naquele(s).</i>
	RCO (1989)	<i>este(s), esta, desta(s), neste, nesta.</i>	<i>esse(s), essa(s), isso, desse(s), dessa(s), disso, nesse, nessa(s), nisso.</i>	<i>aquele(s), aquela(s) àquela, daquele, daquela, naquela, naquele(s).</i>
XXI	PC (2014)	<i>esta, neste.</i>	<i>esse(s), essa(s), isso, desse(s), dessa(s), disso, nesse, nessa, nisso.</i>	<i>aquele(s), aquela(s) àquela, aquilo, daquele(s), daquela, naquela, naquele.</i>

Como pode ser percebido nos quadros, o sistema demonstrativo das quatro sincronias que compõem o *corpus* foi constituído pelas formas *este*, *esse* e *aquele*, suas flexões tanto em

gênero quanto em número e pelas combinações com as preposições *de*, *em* e *a*. Verifica-se, em XIX-2, a presença de elisões compostas pelos três demonstrativos (e flexões) e as referidas preposições com o uso de apóstrofo (*d'este*, *d'esse*, *d'aquelle*, *n'este*, *n'esse*, *n'aquelle*) e também a presença de F3 (derivado de *ille*) grafado com <l> duplo como *aquelle*. No entanto, nesse mesmo período, já se encontram alguns casos de composições sem o uso de apóstrofo como o demonstrativo *desse(s)* e F3 com <l> simples (*naquela*). A partir de XX-1, observam-se, nos dois gêneros textuais, as composições das formas sem o uso do apóstrofo; já o <l> duplo permanece no gênero notícia, enquanto no romance prevalece o uso do *l* simples, com apenas uma ocorrência com o duplo (*daquelle*).

Com relevância para a grafia, destaca-se o acento indicativo de crase na composição da preposição *a* + F3 que, nas duas primeiras sincronias é representado pelo acento agudo (*àquelle/àquele*), passando a acento grave a partir de XX-2 (*àquele*).

6.2 Estruturas cristalizadas

Os gramáticos Said Ali (1964), Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2006) reconhecem que, embora o emprego dos demonstrativos esteja subordinado a regras, existem expressões já consagradas constituídas com demonstrativos que já se fixaram ou tendem a se fixarem sem obediência a regras e a seus sentidos básicos. Apresentam em suas gramáticas as seguintes construções desse tipo: *isto é*; *por isso/isto*; *além disso*; *nem por isso*; *isto/isso de*, *nisto de* (com equivalência às expressões: *no tocante*, *no que diz respeito a*, *com referência a*), *Ora essa!*, *Essa, não!*, *Mais esta!*, *Essa é boa!*, *Essa cá me fica!* e *Esta é fina!*.

Algumas dessas expressões passaram ou estão passando pelo processo de gramaticalização⁶⁸. Bechara (2006) atribui à locução *isto é* a função de introduzir esclarecimentos; já às construções *por isso*, *além disso* e *nem por isso*, as funções de introduzirem conclusão e conduzirem argumentos. Em seu trabalho sobre sintaxe dos demonstrativos *este* e *esse* no livro *A Mulher do Vizinho* (crônicas) de Fernando Sabino, Bechara (1972) atribui a essas expressões as denominações de *clichês* e *estruturas cristalizadas*. No mencionado trabalho, ele registra as seguintes estruturas cristalizadas: *isto é*, *essa/esta é boa*, *isso mesmo*, *é isso mesmo*, *não é isso mesmo*, *por isso*, *nem por isso*, *ficar tudo por isso*

⁶⁸ Segundo Lopes (2013, p. 1), “[a] gramaticalização, a grosso modo, ocorre quando um item lexical/construção passa a assumir, em certas circunstâncias, um novo *status* como item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais, podendo mudar de categoria sintática (= recategorização), receber propriedades funcionais na sentença, sofrer alterações semânticas e fonológicas, deixar de ser uma forma livre e até desaparecer como consequência de uma cristalização extrema.”

mesmo, isso (concordativo), *pois foi isso, ora essa, ora essa é (era) muito boa*. Observa, nesse trabalho, a composição da maioria dessas estruturas cristalizadas com a forma *esse/isso* em vez de *este/isto*. O gramático reconhece que essas estruturas com demonstrativos apresentam comportamentos alheios às normas gramaticais, semânticas e estilísticas dos demonstrativos:

Contrasta com a riqueza e variedade de aplicações dos demonstrativos **este/esse, isto/isso**, a fixidez de numerosas frases feitas na base dos referidos pronomes. Impassíveis às múltiplas perspectivas gramaticais, semânticas e estilísticas dos demonstrativos, esses clichês vêm resignada e coerentemente vencendo, através dos tempos, a onda inovadora que perpassa por todos os níveis da língua e nos dão uma das maiores demonstrações de estabilidade numa seara tão convidativa e propícia a mudanças. (BECHARA, 1972, p. 67)

Neste trabalho, optou-se por analisar separadamente do *corpus* (1200 ocorrências) as estruturas cristalizadas que surgiram em meio aos demonstrativos independentes no decorrer da seleção. Dessa maneira, nas extensões dos textos que compõem o *corpus* da presente tese, registram-se 157 ocorrências com traços de *estruturas cristalizadas*, sendo 96 nos textos dos jornais e 61 nos dos romances, representadas pelas locuções:

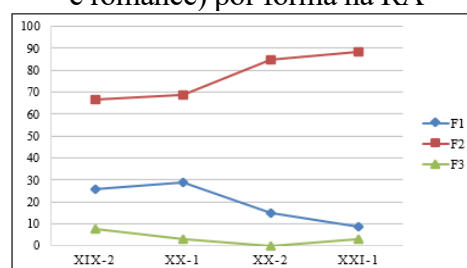
- a) Só com F1: *a vista disto, por este motivo, neste aspecto, isto é, diante disto, isto de;*
- b) Só com F2: *a esse respeito, com esse respeito, nesse sentido, nesse ponto, nessa ocasião, para esse fim, para isso, nada disso, dessa forma, dessa maneira, apenas isso, toda essa, nessa oportunidade, com esse fim, além dessas, por isso, como resultado disso, em decorrência disso, lá isso, além dessas, isso sim, n'isso de;*
- c) Com F1 e F2: *por esta/essa ocasião, com isto/isso, nem isto/isso, além disto/disso, d'esta-desta/dessa vez; e*
- d) Com F2 e F3: *tudo isso/aquilo.*

Apresentam-se, a seguir, tabelas e gráficos com as frequências das formas que concorreram na formação das estruturas cristalizadas mencionadas acima.

Tabela 2 — Frequência de demonstrativos em estruturas cristalizadas (notícia e romance) por forma na RA

Séc.		F1	F2	F3	Total
XIX	2 ^a met.	7 25,9%	18 66,7%	2 7,4%	27 100%
	1 ^a met.	10 28,6%	24 68,6%	1 2,8%	35 100%
XX	2 ^a met.	9 15%	51 85%	-	60 100%
	1 ^a met.	3 8,6%	31 88,6%	1 2,8%	35 100%

Gráfico 2 — Frequência (%) de demonstrativos em estruturas cristalizadas (notícia e romance) por forma na RA



Os dados da frequência por formas nas estruturas cristalizadas dos dois gêneros conjuntamente mostram F2 como a forma de mais elevada frequência ao longo de todas as faixas de tempo, com ascenso gradual de 66,7% a 88,6%, por oposição ao descenso de F1, com variação entre o intervalo de 28,6% a 8,6%; enquanto F3 ocupa o posto de mais baixa frequência, com variação de 7,4% a 0%. Isso evidencia que as ditas estruturas cristalizadas não são tão fixas, já que mudaram também ao longo do tempo.

Passa-se a observar o comportamento das frequências das formas que compõem as estruturas cristalizadas na notícia e no romance, separadamente.

Tabela 3 — Frequência de demonstrativos em estruturas cristalizadas (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	4	4	-	8
		50%	50%	-	100%
XX	JC1 (1925-26)	8	12	-	20
	JC2 (1980)	8	34	-	42
XXI	JC3 (2019)	3	23	-	26
		11,5	88,5%	-	100%

Gráfico 3 — Frequência (%) de demonstrativos em estruturas cristalizadas (notícia) por forma na RA

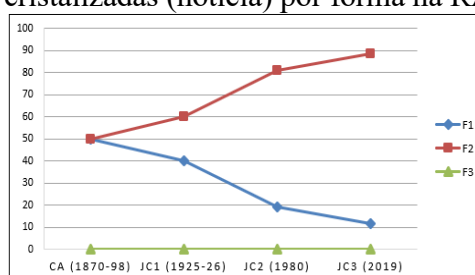
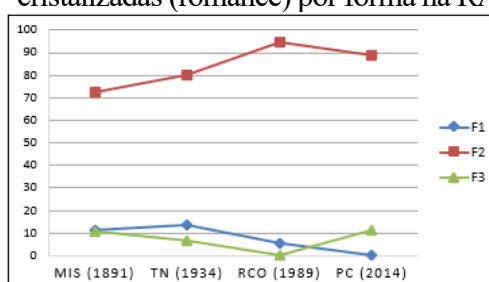


Tabela 4 — Frequência de demonstrativos em estruturas cristalizadas (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	3	14	2	19
		11,1%	72,2%	10,5%	100%
XX	TN (1934)	2	12	1	15
	RCO (1989)	1	17	-	18
XXI	PC (2014)	-	8	1	9
		-	88,9%	11,1%	100%

Gráfico 4 — Frequência (%) de demonstrativos em estruturas cristalizadas (romance) por forma na RA



No gênero notícia, F1 e F2 dividem equitativamente as frequências (50%) em XIX-2; na sincronia seguinte, inicia o ascenso gradual de F2 por oposição ao descenso de F1. F3 não apresenta ocorrências.

No gênero romance, F2 também é a forma mais produtiva (72,2% a 94,4%), enquanto F1 e F3 oscilam entre 0% e 11,1%.

Nos dois gêneros, F2 é a forma responsável pela composição da maioria das estruturas cristalizadas. Observa-se que, embora em declive, F1 é mais produtiva na notícia (50% a 11,5%) do que no romance (13,3% a 0%) e F3 está presente somente no romance (0% a 11,1%).

Assim como no resultado dos dados das crônicas de XX-2 de Bechara (1972), as estruturas cristalizadas analisadas aqui, tanto no período da pesquisa do estudioso quanto nas demais etapas, também foram compostas predominantemente com F2.

Constatam-se usos das estruturas cristalizadas *além disto/disso, com isto/isso, d'esta-desta/dessa vez, nem isto/isso e por esta/essa ocasião, tudo isso/aquilo* com variações de formas. Apresentam-se, a seguir, tabelas com as ocorrências dessas variações ao longo das sincronias. Observa-se que foram arredondados os números (fragmentados) nas porcentagens, de modo que fechassem os 100%.

Tabela 5 — Frequência de demonstrativos em variação nas estruturas cristalizadas (notícia e romance) por forma na RA

Estruturas cristalizadas	XIX-2	XX-1	XX-2	XXI-1	Subtotal	Total
além disto	1 9%	-	-	-	1 9,0%	11 100%
além disso	-	-	5 45,5%	5 45,5%	10 91%	
com isto	1 7,1%	1 7,1%	-	-	2 14,2%	14 100%
com isso	1 7,1%	1 7,1%	5 35,8%	5 35,8%	12 85,8%	
d'esta vez, desta vez	2 22,2%	1 11,1%	4 44,5%	1 11,1%	8 88,9%	9 100%
dessa vez	-	-	1 11,1%	-	1 11,1%	
nem isto	-	-	1 50%	-	1 50%	2 100%
nem isso	-	-	1 50%	-	1 50%	
por esta ocasião	-	2 28,6%	-	-	2 28,6%	7 100%
por essa ocasião	-	5 71,4%	-	-	5 71,4%	
tudo isso	1 8,3%	1 8,3%	4 33,4%	2 16,7%	8 66,7	12 100%
tudo aquilo	2 16,7	1 8,3	-	1 8,3	4 33,3	

Ao todo, foram identificadas 6 estruturas que apresentam variação. De forma geral, a maioria das estruturas privilegiam a composição com o uso de F2. A estrutura *d'esta-desta/dessa vez* é a única que privilegia F1 e a estrutura *nem isto/isso* apresenta equivalência no uso das duas formas.

Apresentam-se, a seguir, as tabelas com as estruturas cristalizadas por gênero textual.

Tabela 6 — Frequência de demonstrativos em variação nas estruturas cristalizadas (notícia) por forma na RA

Estruturas cristalizadas	CA (1870-98)	JC1 (1925-26)	JC2 (1980)	JC3 (2019)	Subtotal	Total
além disto	1 16,7%	-	-	-	1 16,7%	6 100%
além disso	-	-	-	5 83,3%	5 83,3%	
com isto	-	1 10%	-	-	1 10%	10 100%
com isso	-	1 10%	5 50%	3 30%	9 90%	
d'esta vez, desta vez	1 16,7%	-	3 50%	1 16,7%	5 83,4%	6 100%
dessa vez	-	-	1 16,6%	-	1 16,6%	
nem isto	-	-	1 100%	-	-	1 100%
nem isso	-	-	-	-	-	
por esta ocasião	-	2 28,6%	-	-	2 28,6%	7 100%
por essa ocasião	-	5 71,4%	-	-	5 71,4%	
tudo isso	-	-	1 50%	1 50%	2 100%	2 100%
tudo aquilo	-	-	-	-	-	

Tabela 7 — Frequência de demonstrativos em variação nas estruturas cristalizadas (romance) por forma na RA

Estruturas cristalizadas	MIS (1891)	TN (1934)	RCO (1989)	PC (2014)	Subtotal	Total
além disto	-	-	-	-	-	5 100%
além disso	-	-	5 100%	-	5 100%	
com isto	1 25%	-	-	-	1 25%	4 100%
com isso	1 25%	-	-	2 50%	3 75%	
d'esta vez, desta vez	1 33,3%	1 33,3%	1 33,4%	-	3 100%	3 100%
dessa vez	-	-	-	-	-	
nem isto	-	-	-	-	-	1 100%
nem isso	-	-	1 100%	-	1 100%	
por esta ocasião	-	-	-	-	-	-
por essa ocasião	-	-	-	-	-	

tudo isso	1 10%	1 10%	3 30%	1 10%	6 60%	10 100%
tudo aquilo	2 20%	1 10%	-	1 10%	4 40%	

As 7 ocorrências da estrutura *por esta/essa ocasião* são empregadas somente no gênero notícia. Tanto as locuções formadas com F1 quanto as com F2 atuam com função de endófora anafórica.

A estrutura *com isso/isto* está presente em ambos os gêneros, porém a frequência maior se dá no gênero notícia com 10 ocorrências (90% dos casos com F2 e 10% com F1), enquanto o romance apresenta 4 (75% dos casos com F2 e 25% com F1). Tanto as locuções formadas com F2 quanto as com F1 também atuam com função de endófora anafórica.

As duas ocorrências da estrutura *nem isso/isto* se fazem presentes apenas na terceira sincronia e dividem a frequência entre os dois gêneros, a notícia privilegia a construção *nem isto* (100%), já o romance faz uso de *nem isso* (100%). Atuam nos textos como endófora anafórica.

Das 11 ocorrências de *além disso/disto*, 6 estão na notícia e 5 no romance. Na notícia ocorre apenas 1 uso da estrutura com F1 e no romance todas as ocorrências são realizadas com F2. Também atuam nos textos como endófora anafórica.

Na estrutura *d'esta-desta/dessa vez*, tanto na notícia quanto no romance, prevalece o uso de *d'esta-desta vez*. A única ocorrência da estrutura composta com F2 atua como endófora anafórica na notícia, como mostra o exemplo (11). O romance privilegia o uso de F1 com 100% das ocorrências. Das 8 estruturas compostas com F1, 5 são endóforas anafóricas como o exemplo (12), apenas 1 atua como endófora catafórica como em (13) e 2 atuam como exófora temporal como no exemplo (14):

(11) A exportação do pescado e a sua predação voltou a causar conflitos, **dessa vez** entre pescadores e moradores do rio Arari, município de Itacoatiara. (JC, 3 fev. 1980, cad. 1, p. 5).

(12) “Dimas” foi preso **desta vez** atuando com um parceiro novo. (JC, 3 fev. 1980, cad. 2, p. 1)

(13) – **Dest**a vez quando atuava em companhia de um marginal, ...” (JC, 3 fev. 1980, cad. 2, p. 1)

(14) – Aonde vai, Piranha?

– Não guento mais, compade. **Dest**a vez vou mêmo. Lá o Amazonas me espera.” (TN, p. 49).

Das 12 estruturas **tudo isso/aquilo**, 10 se encontram no romance e 2 na notícia. Quanto às formas, 8 foram realizadas com F2 e 4 com F3.

No tocante aos valores referenciais, das 157 ocorrências de demonstrativos nas estruturas cristalizadas coletadas (com variação ou não) 155 são endóforas e apenas 2 exóforas. Das 96 ocorrências da notícia, 88 (91,7%) são endóforas anafóricas com antecedentes proposicionais; 7 (7,3%) são endóforas anafóricas com antecedentes não-proposicionais e 1 (1%) é endófora catafórica proposicional. Das 61 ocorrências do romance, 2 (3,3%) são exóforas temporais; 2 (3,3%) são endóforas catafóricas estruturais proposicionais, 2 (3,3%) endóforas catafóricas estruturais não-proposicionais e 1 (1,6%) endófora catafórica não estrutural proposicional; 5 (8,2%) endóforas anafóricas não-proposicionais; e 49 (80,3%) endóforas anafóricas com antecedentes proposicionais. Como se observa, a maioria das ocorrências das endóforas são anafóricas com antecedentes proposicionais. Os 20 dados em que as estruturas cristalizadas não apresentam a função de endófora anafórica com antecedente proposicional seguem abaixo:

a) Endófora anafórica não proposicional em notícia:

- (15) A Secretaria de Estado de Fazenda – SEFAZ, está preocupada com a reformulação dos critérios de distribuição do Imposto de Circulação de Mercadorias – ICM devido aos municípios amazonenses. Essa preocupação que vem desde 1977, por ocasião do I Encontro de Prefeitos, renovou-se em 1978, quando o órgão fazendário encaminhou ao chefe do Poder Executivo circunstancia da exposição de motivos com o qual, inclusive, apresentou minuta de Decreto **para esse fim**. (JC2, 9 fev. 1980, cad. 1, p. 2)
- (16) Era o dia do aniversário natalício do dr. Francisco Caetano da Silva Campos, integro juiz de direito da comarca....Lembramo-nos que orarão **nessa ocasião**:
 – O sr. Gomes Castro, saudando os progenitores do dr. Silva Campos; (...)
 – O sr. Furtado Belem, fazendo votos para que durante muitos annos nos reunissemos alli com igual prazer o mesmo fim; (CA, 8 jun.1898, p. 1)
- (17) As vítimas da colisão, foram os soldados Nelson de Oliveira Melo e Raimundo Edenildo Santos, que estão internados no Pronto Socorro dos Acidentados com graves ferimentos. **Além destes**, todos os ocupantes do Opala em número três, também saíram feridos, mas estão passando bem. (JC2, 10 fev. 1980, cad. 2, p.1)
- (18) Diante da demora na expedição de laudos, Lindoso advertiu: “é **por isso** que ficam falando mal desta repartição do Governo. (...)”. (JC2, 15 fev. 1980, cad.1, p. 5)
- (19) Os limites impostos pela LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) com pagamento de pessoal impedem que o Estado, que já atingiu limite máximo de gastos **com esse fim**, conceda percentual maior de reposição salarial. (JC3, 3 abr. 2019 – cad. A, p. 8)
- (20) Na semana passada, a Sefaz-AM (Secretaria de Estado de Fazenda) emitiu uma nota técnica apontando que a evolução dos gastos com pessoal decorrente de reajustes salariais concedidos em 2018, e com escalonamentos previstos para 2019, fez com que as despesas do Estado **com esse fim** atingissem, em fevereiro deste ano, o percentual de 49,73% da RCL (receita corrente líquida), ultrapassando o limite máximo permitido pela LRF. (JC3, 3 abr. 2019, cad. A, p. 8)
- (21) A economista explica, que dar autonomia à Suframa para a aprovação de novos PPBs (Processos Produtivos Básicos) significa estimular a implantação de novos produtos que não são produzidos atualmente, além de influenciar na quota de importações das empresas.

“Se a Suframa tiver autonomia **para isso**, com certeza teríamos agilidade na fixação de novos PPBs, estimulando novos empreendimentos e nichos de mercado. (...)”, (JC3, 4 abr. 2019, cad. A, p. 5)

b) Endófora catafórica estrutural proposicional em notícia:

- (13) **Desta vez** quando atuava em companhia de um marginal, até então desconhecido das autoridades policiais, o conhecido lanceiro Dimas de Jesus Oliveira, vulgo “Dimas, o bom ladrão”, foi preso em flagrante, na manhã de ontem, quando tentava furtar alguns discos no interior da Lobrás. (JC, 3 fev. 1980 – cad. 2, p.1)

c) Endófora anafórica não proposicional em romance:

- (22) A concentração em que vivia por força das circunstâncias, entregara-o avidamente ao estudo dos tempos heroicos do christianismo, exaltando-lhe a imaginação com os exemplos de abnegação e de sacrifício dos Martyres da Igreja. E ao passo que os collegas decoravam **tudo aquilo**, para a utilidade pratica dos sermões, Antonio de Moraes creava para si um mundo á parte, e ardia em desejos de reproduzir n’este seculo as lendas que enchiam aquelles livros santos... (MIS, p. 95)
- (23) A distribuição de presentes aos amigos. Cúias de Santarém e garrafas de cheiro, envelopes de patchuli e fâvas de baunilha, **tudo isso** que agrada os que estão longe e desejam ter noticia da terra distante, onde se vinha buscar a ilusão, o fascínio, e, quasi sempre a morte. (TN, p. 119-120)
- (24) – Sim, se pensasse em casamento ninguem influiria na minha escolha. Sou bem ativa **nesse ponto...** (TN, p. 109)
- (25) Honorato, na rua das mulheres, em Humaitá conversava com Laurinha sobre a tragedia. Um verdadeiro inferno.
A rameira deitou-se com um sorriso triste no canto dos labios, onde dormia esquecido um cigarro malandro.
– **Por isso** não trouxestes-te o meu lenço de seda? (TN, p. 149-150)
- (26) Otto tremeu com a reportagem estampada em um dos jornais: “A liberdade da lepra – o fim da internação compulsória”. Uma noticia insípida com uma pitada de desdém. Liberdade? Não, um contraste fortuito munido de escárnio. **Tudo isso** não passa de um processo de censura social, um crime fúnebre julgado como salutar à liberdade humana. (PC, p. 43)

d) Endófora catafórica estrutural não-proposicional em romance:

- (27) A conversação versou sobre a moradia nos sitios do sertão. O Neves dizia-se amigo dos centros populosos. O Fonseca abundava nas mesmas idéas:
– **Isto de roça** não é commigo. (MIS, p. 82-83)
- (28) – Não faltava mais nada, exclamara o Costa e Silva um domingo, aguardando a entrada da missa, não faltava mais nada do que admitir que minha mulher vá contar ao senhor vigario o numero de beijos que lhe dou por noite. Ora essa é boa! Sou catholico, e dos bons, mas **n’isso de confissão** não acredito. (MIS, p. 179-180)

e) Endófora catafórica estrutural proposicional em romance:

- (29) Eram agora ellas mesmas que chamavam a attenção publica para os artigos do professor, que o commentavam, indagando hypocritamente se seria verdade **tudo aquilo que se dizia do Padre José**, alardeando indignação, exclamando que taes monstruosidades eram dignas de severo castigo. (MIS, p. 142-143)
- (30) Para Otto, **tudo aquilo que tinha vitimado sua vida**, era mais um crime personificado da sociedade defraudada pela insolência egocêntrica. (PC, p. 43)

f) Endófora catafórica não estrutural proposicional em romance:

(31) – Que é que manda, rapaz?

– **Apenas isso:** quero trabalhar no interior e vim disposto a que me leve. (TN, p. 15)

g) Exófora temporal em romance

(32) – Outro dia encontrei Dorner na porta do Café Polar – disfarçou Esmeralda. – Fazia festa com os amigos que deixou aqui, e queria saber se conheciam algum nubente ou o aniversariante da semana. Parece que **desta vez** veio para ficar. (41)

(14) – Aonde vai, Piranha?

– Não guento mais, compade. **Dest**a vez vou mêmo. Lá o Amazonas me espera.” (TN, p. 49).

6.3 Demonstrativos de forma geral

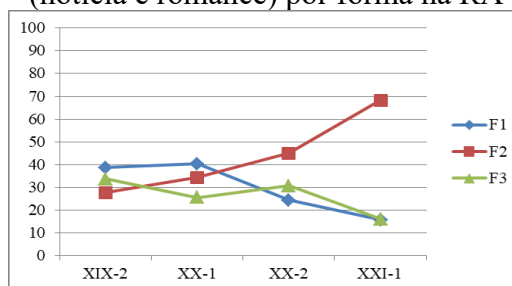
Passa-se a apresentar tabelas com números absolutos e porcentagens das três formas de demonstrativos, assim como seus respectivos gráficos, que facilitarão o acompanhamento da evolução temporal do fenômeno em estudo, elucidando as diferenças das frequências dos demonstrativos ao longo das sincronias, conforme preveem as estratégias propostas por Labov (2008). Esse método será seguido ao longo das análises dos demonstrativos.

A tabela e o gráfico a seguir representam a frequência das formas no *corpus* (notícia e romance).

Tabela 8 — Frequência de demonstrativos (notícia e romance) por forma na RA

Séc.		F1	F2	F3	Total
XIX	2 ^a	116	83	101	300
	met.	38,7	27,7%	33,6%	100%
XX	1 ^a	121	103	76	300
	met.	40,3%	34,3%	25,4%	100%
	2 ^a	73	135	92	300
	met.	24,3%	45%	30,7%	100%
XXI	1 ^a	47	205	48	300
	met.	15,7	68,3%	16%	100%

Gráfico 5 — Frequência (%) de Demonstrativos (notícia e romance) por forma na RA

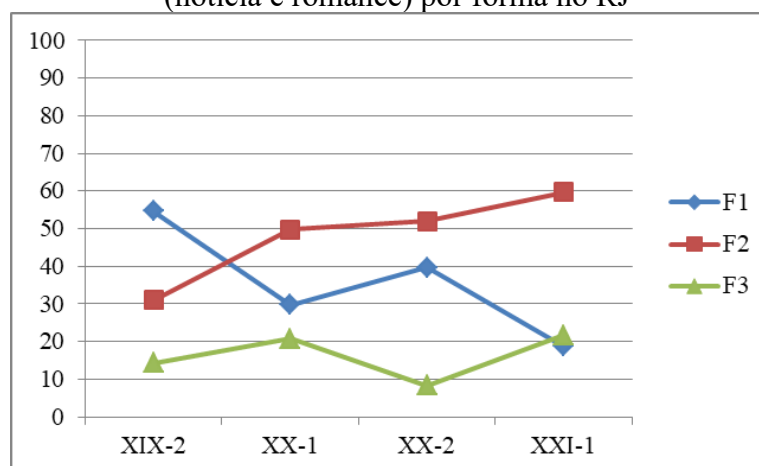


O gráfico 5 mostra nitidamente o ascenso gradual de F2 ao longo dos séculos, ocupando, a partir de XX-2, o posto da forma mais frequente, enquanto F1, nesse período, apresenta a frequência mais baixa das formas. Esse ascenso gradual de F2, com descenso também gradual de F1, mostra F2 ocupando o lugar de F1 ao longo das sincronias. F3, embora tenha apresentado

baixa frequência ao longo dos períodos, nas duas últimas sincronias, apresenta-se mais produtivo que F1.

Ramalho (2016) tratou dos mesmos gêneros textuais e de períodos compatíveis com o deste trabalho; porém, considerando a região do Rio de Janeiro. A semelhança de parâmetros utilizados nas pesquisas permitiu a realização de um paralelo comparativo entre os dados dos dois trabalhos. Há que se lembrar, no entanto, que Ramalho (2016) tratou as estruturas cristalizadas e as formas independentes conjuntamente. Registra-se, ainda, que nas comparações entre os dois *corpora* que se farão a seguir, adotou-se a sigla RA para o *corpus* deste trabalho da Região do Amazonas e RJ para o *corpus* de Ramalho (2016) referente à Região do Rio de Janeiro.

Gráfico 6 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 105)

No gráfico do RJ, observam-se também o ascenso gradual de F2 ao longo dos períodos, assim como o descenso de F1 e F3 como a forma menos produtiva. Releva-se que F3 se mostrou mais produtivo na RA, com frequências entre 16% e 33,6%, enquanto na RJ, as frequências ficaram por volta de 10% e 20%. Nota-se também a ascensão de F2 a partir de XX-1 no RJ, um período antes da ascensão dessa forma na RA.

Pelos resultados, constata-se que o sistema de demonstrativos das duas regiões tendem a uma mudança de ternário para binário, com prevalência de F2 por oposição a F1.

6.4 Demonstrativos por gênero textual

Passa-se à apresentação de tabelas e seus respectivos gráficos referentes às frequências das formas concernentes aos gêneros textuais notícia e romance separadamente.

Tabela 9 — Frequência de demonstrativos (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	88	39	23	150
		58,7%	26%	15,3	100%
XX	JC1 (1925-26)	80	43	27	150
	JC2 (1980)	56	68	26	150
XXI	JC3 (2019)	45	102	3	150
		30%	68%	2%	100%

Gráfico 7 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por forma na RA

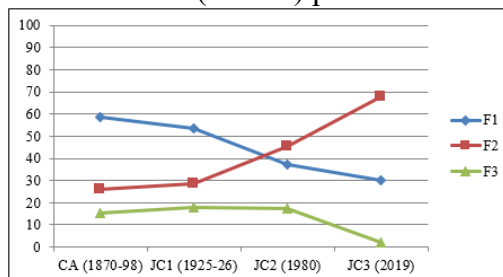
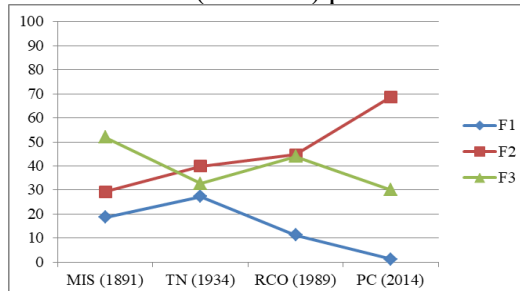


Tabela 10 — Frequência de demonstrativos (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	28	44	78	150
		18,7%	29,3%	52%	100%
XX	TN (1934)	41	60	49	150
	RCO (1989)	17	67	66	150
XXI	PC (2014)	2	103	45	150
		1,3%	68,7%	30%	100%

Gráfico 8 — Frequência (%) de demonstrativos (romance) por forma na RA



A análise das formas de demonstrativos nos gêneros separados permite observar, na notícia, o descenso gradativo de F1 (58,7% a 30%), por oposição ao ascenso gradual de F2 (26% a 68%). F3 ocupa o posto de mais baixa frequência, oscilando entre 18% e 2%. Esse pouco uso de F3 na notícia pode ser compreendido pelo fato de o conteúdo noticioso abordar acontecimentos recentes, que não evocam retomadas de eventos do passado distante, atmosfera propícia para uso de F3. Observa-se ainda que a baixa frequência de F3 no gênero notícia já havia sido previamente assinalada no quadro das formas de demonstrativos (quadro 9), em especial em XXI-1 com o registro apenas dos itens *aquela(s)* e *àqueles*.

No romance, F1 apresenta a frequência mais baixa das formas em todas as sincronias (1,3% a 27,3%), enquanto F2 ascende gradualmente ao longo dos períodos (29,3% a 68,7%). A baixíssima frequência de F1 (1,3%) em XXI-1 também reflete a composição do quadro das formas de demonstrativos (cf. quadro 10) que apresenta somente os itens *esta* e *neste* para esse período. F3 é mais produtiva que F1 no romance, revezando e até se equiparando à F2. A grande

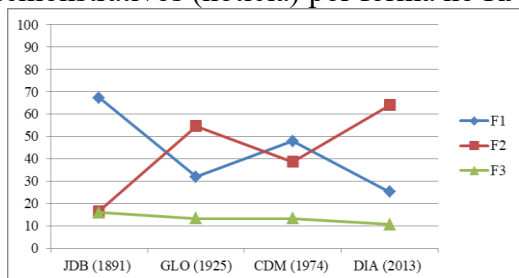
produtividade de F3 no romance está vinculada possivelmente à tradição desse gênero em narrar fatos de acontecimentos passados, assim como em menções a lugares distantes, cujas retomadas, geralmente, são realizadas com F3.

Destaca-se que a singularidade na forma de narrar assim como a natureza do conteúdo de cada obra também podem influenciar as frequências. As frequências mais elevadas de F3 se deram em XIX-2 (MIS) com 52% e em XX-2 (RCO) com 44%. Sobre esses romances, convém esclarecer que RCO teve sua narração pautada basicamente em relatos de momentos retrospectivos, que evocam eventos distantes, cenário auspicioso para o uso de demonstrativo como o F3. Esse fenômeno do uso de F3 se deu também com MIS, composto por descrições longas e riquíssimas em detalhes de eventos remotos e lugares distantes. Observa-se que RCO foi narrado em 1ª pessoa e MIS em 3ª pessoa, o que mostra que o tipo (1ª ou 3ª pessoas) de narração não foi fator de influência nesses resultados, o que é corroborado pelo fato de TN, com 32,7% de frequência, e PC, com 30%, serem narrados respectivamente em 1ª e 3ª pessoas também.

Em síntese, observa-se que o sistema de demonstrativos presente no *corpus* da RA tende a uma mudança de ternário para binário, com prevalência de F2 em ambos os gêneros textuais e que a produtividade de F3 no gênero romance é maior que no gênero notícia.

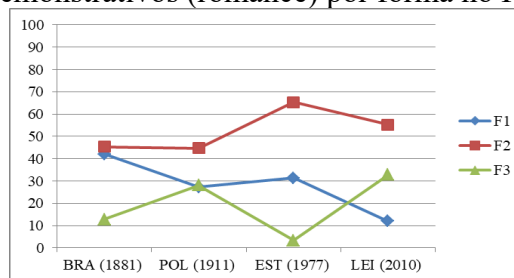
Os valores obtidos por Ramalho (2016) para o RJ foram:

Gráfico 9 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por forma no RJ⁶⁹



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 106)

Gráfico 10 — Frequência (%) de demonstrativos (romance) por forma no RJ⁷⁰



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 106)

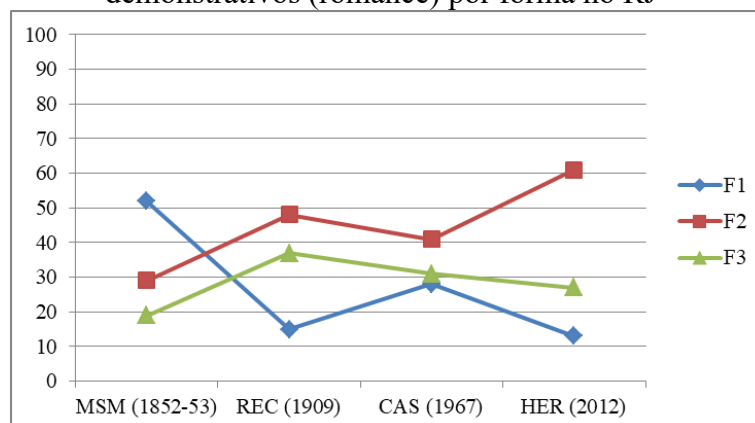
Assim como no *corpus* da RA, nos dois gêneros textuais do RJ se constata as frequências ascendentes de F2, por oposição ao descenso das frequências de F1. F3 no RJ, assim como na RA, é mais produtivo no romance que na notícia.

⁶⁹ **JDB (1891)** = *Jornal do Brasil*; **GLO (1925)** = *O Globo*; **CDM (1974)** = *Correio da Manhã*; **DIA (2013)** = *O Dia*.

⁷⁰ **BRA (1881)** = Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*; **POL (1911)** = Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*; **EST (1977)** = Clarice Lispector, *A Hora da Estrela*; **LEI (2010)** = Chico Buarque, *Leite Derramado*.

Cambráia (2015) também contemplou a região do RJ, analisando igualmente textos do gênero romance no período de XIX-2 a XXI-1. Seus resultados, que compreendem demonstrativos tanto em estruturas cristalizadas quanto como formas independentes, são:

Gráfico 11 — Frequência (%) de demonstrativos (romance) por forma no RJ⁷¹



Fonte: Adaptado de Cambráia (2015, p. 43)

O resultado das frequências do gênero romance obtido por Cambráia (2015) apresenta semelhanças com o da RA e o do RJ, com ascenso gradativo de F2 por oposição ao descenso de F1 e largo uso de F3 que, excetuando XIX-2, foi mais produtiva que F1; contudo, dentre os três trabalhos, o *corpus* do romance da RA é o que apresenta frequências de F3 mais altas, por volta de 30% e 50%.

O resultado da baixa frequência de F1 no gênero romance dos *corpora* da RA e do RJ pode ser entendido como uma forte evidência do processo de binarismo na língua portuguesa. Nota-se, nos trabalhos, o apagamento gradativo da forma *este* (e flexões), dando espaço, também, de forma gradativa, ao avivamento da forma *esse* (e flexões).

O fenômeno da alta produtividade de F3, verificado no gênero textual romance dos três trabalhos, reafirma a influência da tradição textual presente no gênero romance de referenciar acontecimentos transcorridos no passado, promovendo situações discursivas que elevam a frequência de F3.

Mesmo considerando a presença da heterogeneidade que envolve a produção dos romances como tema, a região geográfica, o estilo de narração e a liberdade de criação literária, o resultado dos três trabalhos que envolvem o gênero romance mostra certa homogeneidade,

⁷¹ **MSM (1852-53)** = Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um Sargento de Milícias*; **REC (1909)** = Afonso Henriques de Lima Barreto, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*; **CAS (1967)** = Stanislaw Ponte Preta [Sérgio Marcus Rangel Porto], *As Cariocas*; **HER (2012)** = Ivan Sant'Anna, *Herança de Sangue: um Faroeste Brasileiro*.

atestando as mudanças linguísticas pelas quais está passando o sistema de demonstrativos da língua portuguesa.

6.5 Demonstrativos por modalidade

Segundo Bakhtin (2016), no processo de formação dos gêneros secundários como a notícia e o romance se encontram os gêneros primários como os diálogos, os relatos e as declarações, que, ao se integrarem aos secundários, transformam-se e adquirem um traço especial. Reconhece que os gêneros primários se constituem na comunicação discursiva imediata e que pertencem à comunicação verbal espontânea relativa às ideologias do cotidiano, marcadas pela informalidade e interação entre os interlocutores. Já a língua escrita, expressa nos romances e nas notícias pelas vozes dos escritores e redatores, ele a considera como categoria secundária, tendo em vista que surge nas condições da comunicação cultural mais complexa, relativa às ideologias formalizadas e especializadas. O filósofo russo ressalta a necessidade de se descobrir e se definir a natureza do enunciado por meio dos gêneros primário e secundário, pois somente dessa forma a definição poderia ser adequada à natureza complexa e profunda do enunciado, uma vez que a orientação centrada somente nos gêneros primários resultaria na vulgarização de todo o problema.

Marine (2009), assim como Bakhtin, admite que oralidade e a escrita possuem suas características próprias; no entanto, ela não as vê como modalidades opostas, sistemas linguísticos diferentes ou uma dicotomia, e sim como algo que compõe “um continuum marcado por polos prototípicos da realização da oralidade e da escrita, ao longo do qual se situam diversos tipos de interação verbal” Marine (2009 p. 200). Em seu estudo sobre o sistema demonstrativo no PB e no PE com cartas de leitoras de revistas brasileira e portuguesa, a pesquisadora batiza a modalidade do conteúdo como *língua oral-escrita*. Reconhece, em seu estudo variacionista de cunho laboviano, a relevância do *corpus* composto por essa modalidade, admitindo a hipótese de que, quando o pesquisador consegue observar variações linguísticas na modalidade *oral-escrita*, é porque o fenômeno pesquisado se encontra em uma etapa avançada de variação, visto que pode ser percebido até no domínio do texto escrito.

Assim como o *corpus* trabalhado por Marine (2009), o desta tese também apresenta a oralidade escrita, expressa nas notícias por meio de depoimentos, relatos, e exposições orais coletados no momento das reportagens e nos romances, pelos diálogos.

Releva-se que os registros de oralidade respeitaram uma marcação gráfica bem definida de discurso direto como uso de pontuação como travessão, dois pontos, abertura e fechamento

das aspas e a presença de verbos utilizados na função de *dicendi*, como *explicar, falar, comentar, dizer, finalizar, pontuar, concluir, frisar, destacar, declarar, apontar, encerrar, informar, analisar, afirmar, completar, lembrar e contar, amenizar e monologar*, como no seguinte trecho: “Agora Otto *monologava* consigo mesmo em voz alta: — Loucos... Loucos somos nós, que encaramos a vida com sobriedade.” (PC, p. 68, itálico nosso).

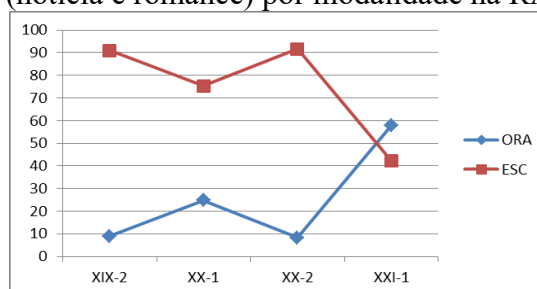
Convém registrar que essa marcação gráfica bem definida do discurso direto foi de vital relevância para a identificação dos aspectos de oralidade no romance RCO, em que vários participantes do romance narram a história. O autor deu voz de narrativa a vários personagens e, na maioria das vezes, a mudança de narrador se inicia com o diálogo do personagem, seguido da narração de fatos pelo mesmo personagem. O critério metodológico da marcação gráfica contribuiu, especialmente, no controle da delimitação dos aspectos orais (e também dos escritos) nessas alterações de narrador.

Feitas tais considerações sobre a língua oral e a escrita, passa-se à apresentação de tabelas e gráficos das frequências dos demonstrativos presentes no *corpus* referentes a tais modalidades. Registram-se os usos nas tabelas e nos gráficos das abreviaturas ORA para oral e ESC para escrita.

Tabela 11 — Frequência de demonstrativos (notícia e romance) por modalidade na RA

Século		ORA	ESC	Total
XIX	2 ^a met.	27	273	300
		9%	91%	100%
XX	1 ^a met.	74	226	300
	2 ^a met.	25	275	300
XXI	1 ^a met.	8,3%	91,7%	100%
		173	127	300
		57,7%	42,3%	100%

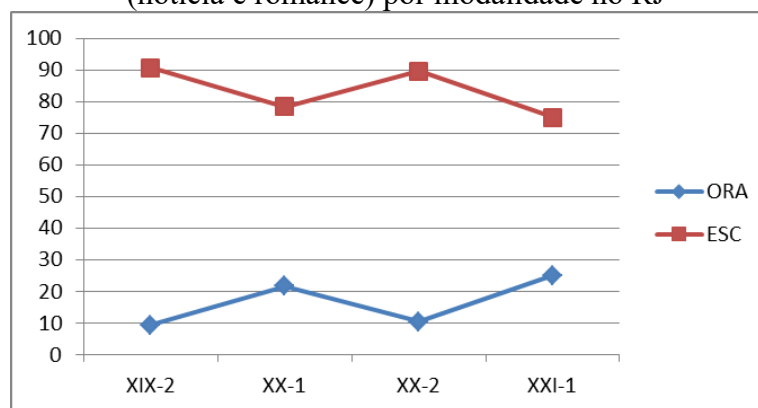
Gráfico 12 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por modalidade na RA



Os dados das frequências se mostram coerentes com os tipos de gêneros textuais em que ocorrem, com a oralidade presente em todas as sincronias. Eles evidenciam também a alta frequência no *corpus* da modalidade escrita em XIX-2 e XX-2 (91% e 91,7%), por oposição à baixa frequência da modalidade oral nesses períodos, assim como a alteração de *status* das modalidades em XXI-1, com ascenso da frequência da oralidade de 8,3% para 57,7% e o descenso da escrita de 91,7% para 42,3%. Essa inversão das frequências das modalidades na última sincronia pode ser explicada pelo uso intenso de discurso oral no romance PC e nas notícias dos jornais da mesma época, como se observará, à frente, nas análises das frequências das modalidades na notícia e no romance separadamente.

Ramalho (2016) também controlou a frequência dessas modalidades, possibilitando comparação dos resultados.

Gráfico 13 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por modalidade no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 98)

Ao comparar os gráficos 12 e 13, verifica-se que tanto o *corpus* da RA quanto o do RJ mantiveram-se até XX-2 com padrões semelhantes, com a modalidade escrita mais elevada. Esse resultado mostra uma semelhança na composição dos *corpora* do RA e do RJ nas três primeiras sincronias; no entanto, em XXI-1, o resultado da RA apresenta inversão nas frequências, com ascenso da modalidade oral por oposição ao descenso da escrita, enquanto no *corpus* do RJ, a modalidade escrita se mantém como a mais frequente.

Passa-se à observação das frequências das modalidades oral e escrita na notícia e no romance separadamente:

Tabela 12 — Frequência de demonstrativos (notícia) por modalidade na RA

Séc.	Per.	ORA	ESC	Total
XIX	CA (1870-98)	9	141	150
		6%	94%	100%
XX	JC1 (1925-26)	-	150	150
			100%	100%
	JC2 (1980)	15	135	150
		10%	90%	100%
XXI	JC3 (2019)	73	77	150
		48,7%	51,3%	100%

Gráfico 14 - Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por modalidade na RA

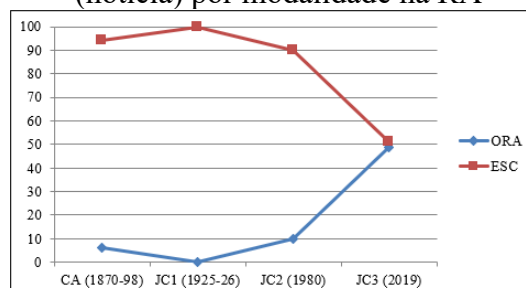
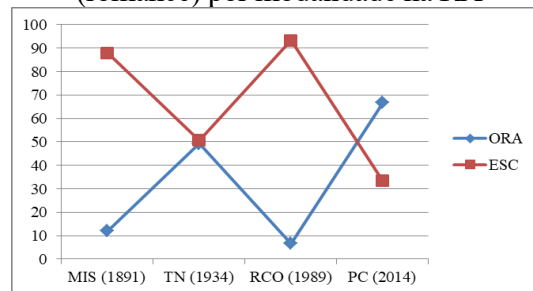


Tabela 13 — Frequência de demonstrativos (romance) por modalidade na RA

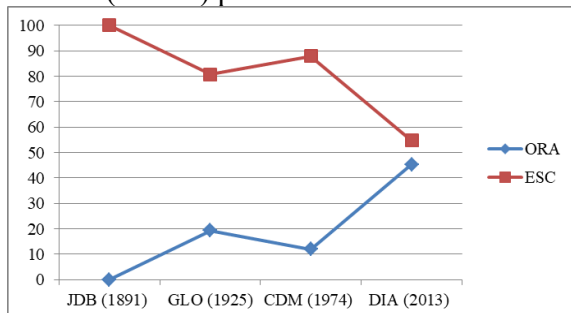
Séc.	Rom.	ORA	ESC	Total
XIX	MIS (1891)	18	132	150
		12%	88%	100%
XX	TN (1934)	74	76	150
		49,3%	50,7%	100%
XX	RCO (1989)	10	140	150
		6,7%	93,3%	100%
XXI	PC (2014)	100	50	150
		66,7%	33,3%	100%

Gráfico 15 — Frequência (%) de demonstrativos (romance) por modalidade na RA

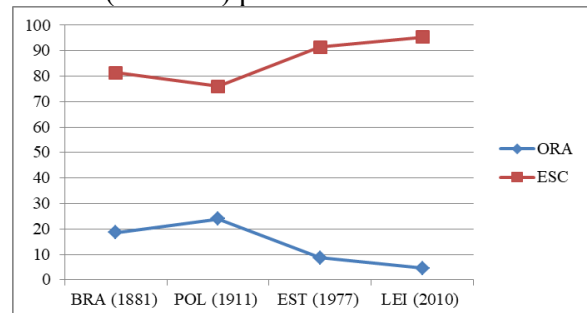
Os dados do gênero notícia revelam a alta frequência da modalidade escrita nas três primeiras sincronias e queda acentuada em XXI-1, período em que se dá o ascenso da modalidade oral. Esse aumento do registro da oralidade na última sincronia pode ser explicado pela presença de discursos diretos nas notícias, uma vez que nesse período os redatores passam a transcrever nas notícias os discursos gravados no momento de suas reportagens.

A mesma linearidade dos traços das modalidades na notícia não pode ser observada no romance. Embora a modalidade escrita também tenha mantido frequências mais elevadas que a oral nas três primeiras sincronias, as frequências oscilam entre bruscas subidas e descidas (88%, 50,7%, 93,3% e 33,3%) ao longo dos períodos. Conseqüentemente, observa-se a oralidade com frequências mais baixas que a escrita nas três primeiras sincronias, também com grandes oscilações. No entanto, ascende de 6,7% em XX-2 para 66,7% em XXI-1. Esse ascenso da oralidade no romance na última sincronia está vinculado ao fato de o autor do romance PC ter privilegiado, ao longo de todo o texto, o uso intenso de diálogo.

Observam-se a seguir, os resultados das frequências das modalidades nos gêneros textuais notícia e romance do RJ.

Gráfico 16 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por modalidade no RJ

Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 99)

Gráfico 17 — Frequência (%) de demonstrativos (romance) por modalidade no RJ

Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 99)

O gráfico das modalidades da notícia do RJ mostra a alta frequência da escrita por oposição à baixa oralidade nas três primeiras sincronias; no entanto, no decorrer das sincronias, a escrita segue em descenso e a oralidade em ascensão, chegando em XXI-1 praticamente equiparadas em 50%, apresentando um resultado muito semelhante ao da RA. Já no gráfico do romance, observa-se a escrita em uma escala produtiva por volta de 75% a 95%, enquanto a oralidade fica por volta de 5% a 25%. Esse resultado das modalidades no romance é distinto do resultado do romance da RA, que apresenta oscilações de frequências no decorrer de todas as sincronias e ascensão da frequência da modalidade oral por oposição ao descenso da escrita na 1ª met. do séc. XXI. Tal diferença pode ser justificada pelas divergências na composição dos conteúdos dos romances dos dois *corpora*, pois, como já mencionado, os romancistas fizeram uso da liberdade de criação artística, optando pelo maior ou menor uso de diálogo em suas obras e, os autores da RA, em especial os de XX-1 e XXI-1, utilizaram mais discurso direto que os do RJ, proporcionando assim, uma frequência maior de oralidade nos romances desses períodos.

Jungbluth (2004-2005) defende que a forma *este* (e flexões) é pouco usada na fala em todas as regiões brasileiras e que, segundo pesquisadores, ela está a caminho da extinção. Embora o *corpus* da presente pesquisa não contemple a fala direta de conversação *in loco*, acredita-se que a presença da língua oral escrita (discurso direto nas notícias e nos romances) também possa dar conta de resultados consistentes, conforme menciona Marine (2009). Dessa forma, no objetivo de examinar o fenômeno apontado por Jungbluth, apresenta-se a análise das frequências das formas nas modalidades oral e escrita do *corpus*.

Tabela 14 — Frequência de demonstrativos na modalidade oral (notícia e romance) por forma na RA

Século		F1	F2	F3	Total
XIX	2ª met.	18 66,7%	5 18,5%	4 14,8%	27 100%
XX	1ª met.	33 44,6%	33 44,6%	8 10,8%	74 100%
	2ª met.	8 32%	15 60%	2 8%	25 100%
XXI	1ª met.	14 8,1%	144 83,2%	15 8,7%	173 100%

Gráfico 18 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (notícia e romance) por forma na RA

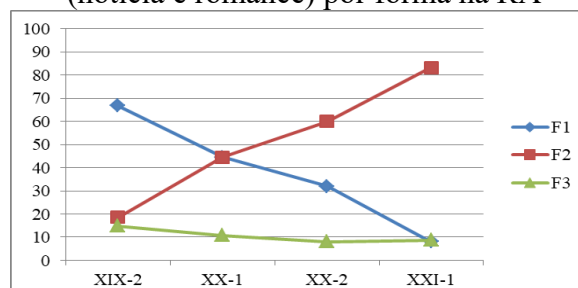
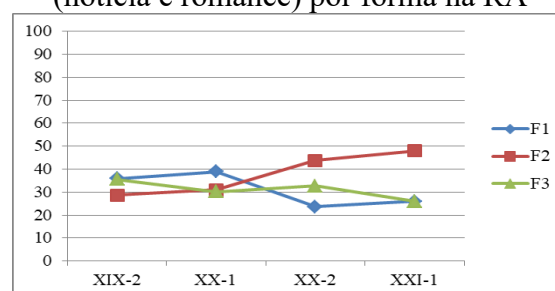


Tabela 15 — Frequência de demonstrativos na modalidade escrita (notícia e romance) por forma na RA

Século		F1	F2	F3	Total
XIX	2 ^a	98	78	97	273
	met.	35,9%	28,6%	35,5%	100%
XX	1 ^a	88	70	68	226
	met.	38,9%	31%	30,1%	100%
	2 ^a	65	120	90	275
	met.	23,6%	43,7%	32,7%	100%
XXI	1 ^a	33	61	33	127
	met.	26%	48%	26%	100%

Gráfico 19 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (notícia e romance) por forma na RA



Observa-se, na modalidade oral, o ascenso gradativo de F2 (18,5%, 44,6%, 60% e 83,2%) por oposição ao descenso gradativo de F1 (66,7%, 44,6%, 32% e 8,1%). Esse resultado é compatível com a asserção de Jungbluth quanto ao pouco uso de F1 na fala brasileira na atualidade e, pelo acentuado descenso das frequências de F1, pode-se dizer também que essa forma está a caminho da extinção. F3 porta-se, ao longo dos períodos, como a forma menos frequente. Na modalidade escrita, as três formas disputam entre si dentro das frequências de 23% a 48%. Nessa modalidade, ocorre também o ascenso de F2 por oposição do descenso de F1 nas duas últimas sincronias. Observa-se ainda que F3 é mais produtiva na escrita que na oralidade, com frequência média em torno de 30%. De forma geral, destaca-se o ascenso de F2 por oposição do descenso de F1 nas duas modalidades, embora esse fenômeno tenha ficado mais evidente na oralidade.

Passa-se à análise das formas demonstrativas nas modalidades oral e escrita dos gêneros notícia e romance separadamente.

Tabela 16 — Frequência de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	8	-	1	9
		88,9%	-	11,1%	100%
XX	JC1 (1925-26)	-	-	-	-
	JC2 (1980)	5	9	1	15
		33,3%	60%	6,7%	100%
XXI	JC3 (2019)	12	61	-	73
		16,4%	83,6%	-	100%

Gráfico 20 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por forma na RA

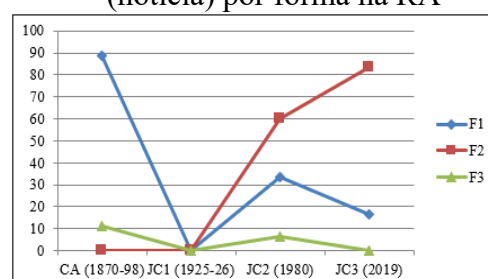
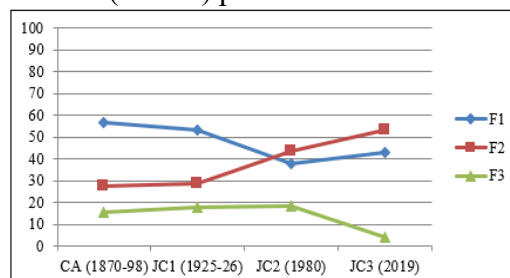


Tabela 17 — Frequência de demonstrativos na modalidade escrita (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	80 56,7%	39 27,7%	22 15,6%	141 100%
	JC1 (1925-26)	80 53,3%	43 28,7%	27 18%	150 100%
XX	JC2 (1980)	51 37,8%	59 43,7%	25 18,5%	135 100%
	JC3 (2019)	33 42,9%	41 53,2%	3 3,9%	77 100%

Gráfico 21 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (notícia) por forma na RA



Na modalidade oral da notícia, destaca-se a alta frequência de F1 em XIX-2. Esse resultado contou com a sorte de o jornal apresentar uma notícia com um discurso proferido em uma festa/reunião. Observa-se no discurso a preferência por F1 na menção do evento e de seu local:

- (33) Exm. sr. tenente-coronel José Clarindo de Queiróz. Antes que principie **este festim**, permita-me que eu exponha em breves palavras o motivo que aqui nos traz reunidos.

Esta reunião não é por modo algum uma reunião politica, é pura e simplesmente uma festa de amisade, eis a rasão:

Não é a primeira vez que v. exc. vem a **esta provincia**; durante o tempo em que esteve entre nós, como inspector das fronteiras, as suas excellentes qualidades pessoas grangearão-lhe muitas affeições em todas as classes de nossa sociedade, entre nacionaes e estrangeiros, entre homens de todas as profissões e de todos os creditos politicos.

Ao propalar-se **nesta cidade** o boato da sua proxima retirada da provincia, boatos que supomos infundados, alguns dos seus numerosos amigos resolverão manifestar-lhe publicamente que v. exc. como administrador da provincia em nada tem desmerecido em seu conceito, e que agora, como outrora continuão a tributar-lhe subida consideração e sincera amisade.

Se a nossa modesta festa se transformou em esplendido festim, **isto** provem da geral sympathia de que v. exc. gosa no Amazonas; portanto, como eu dice a principio, **esta reunião** não tem o menor caracter politico, porque ella é apenas uma festa de pura amisade.

Tendo explicado o fim **desta reunião**, permita-me ainda v. exc., que inicie **esta manifestação de amisade**, dizendo mais algumas palavras e levantando um brinde a v. exc. e a sua virtuosa consorte em nome d'aquelles que, como eu, concorrerão para que ella tivesse lugar. (CA, 29 mai.1880, p. 2)

Já em XX-1, a seleção de notícias não abarca nenhum traço de oralidade, levando as frequências das três formas a 0%. Em XX-2 e XXI-1, F2, em um percurso ascendente, atinge respectivamente 60% e 83,6 das frequências, e F1 ascende de 0% a 33,3%, mas depois desce para 16,4%. F3 se apresenta como a forma menos produtiva.

Na modalidade escrita, observa-se o ascenso de F2 por oposição ao descenso de F1 e F3 como a forma menos produtiva.

Nas duas modalidades da notícia, ocorre o ascenso de F2 a partir XX-2, no entanto, as frequências mais altas se dão na oralidade, confirmando a produtividade de F2 na língua falada.

Passa-se, a seguir, à análise das formas demonstrativas nas modalidades oral e escrita do romance:

Tabela 18 — Frequência de demonstrativos na modalidade oral (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	10 55,5%	5 27,8%	3 16,7%	18 100%
	TN (1934)	33 44,6%	33 44,6%	8 10,8%	74 100%
XX	RCO (1989)	3 30%	6 60%	1 10%	10 100%
	PC (2014)	2 2%	83 83%	15 15%	100 100%

Gráfico 22 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (romance) por forma na RA

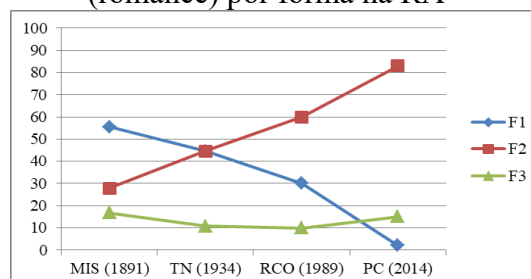
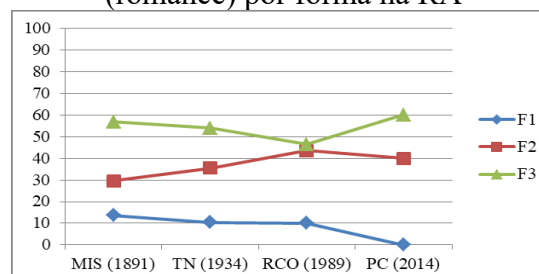


Tabela 19 — Frequência de demonstrativos na modalidade escrita (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	18 13,6%	39 29,6%	75 56,8%	132 100%
	TN (1934)	8 10,5%	27 35,5%	41 54%	76 100%
XX	RCO (1989)	14 10%	61 43,6%	65 46,4%	140 100%
	PC (2014)	- 0%	20 40%	30 60%	50 100%

Gráfico 23 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (romance) por forma na RA



Na modalidade oral do romance, fica bem evidente o ascenso gradual de F2 (27,8% a 83%) por oposição ao descenso gradual de F1 (55,5% a 2%). F3 se mantém como a forma menos produtiva com frequências entre 10% e 16,7%.

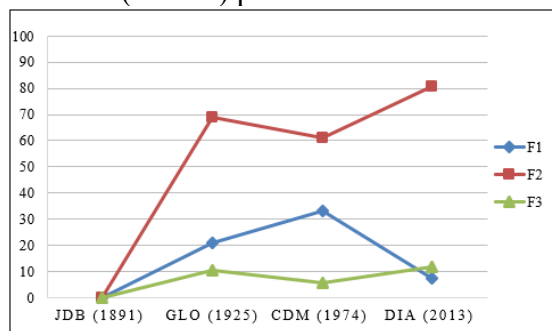
O resultado da modalidade escrita do romance surpreende, ao apresentar F3 como a forma mais produtiva ao longo de todos os períodos, com frequências entre 46,4% e 60%, visto essa forma ter apresentado as frequências mais baixas nas duas modalidades da notícia e na oralidade do romance. F2 ocupa o posto intermediário (29,6% a 43,6%) e F1 é a forma menos produtiva, apresentando descenso de 13,6% a 0%, levando a constatar o pouco uso de F1 na escrita do gênero romance.

Em síntese, tanto a modalidade oral quanto a escrita apresentam ascenso de F2 por oposição a F1 nos dois gêneros textuais. F3, embora tenha sido a forma menos privilegiada pela oralidade dos dois gêneros, apresenta-se muito produtiva no romance. Na modalidade escrita da notícia, a forma F2 é mais produtiva que F1 somente nas duas últimas sincronias. Já na modalidade escrita do romance, a forma F2 se apresenta mais produtiva que F1 em todas as sincronias.

Os dados revelaram que, ao longo do tempo, F2 está ocupando o lugar de F1 na escrita e mais intensamente na fala e que F3 é pouco usado na modalidade oral e bem mais frequente na escrita do romance do que na escrita da notícia.

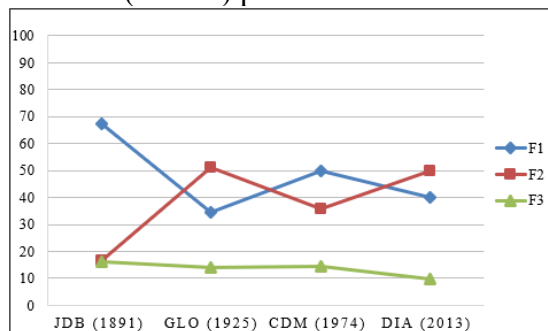
Ramalho (2016) apresenta o seguinte resultado das formas nas modalidades dos gêneros na notícia e no romance:

Gráfico 24 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por forma no RJ



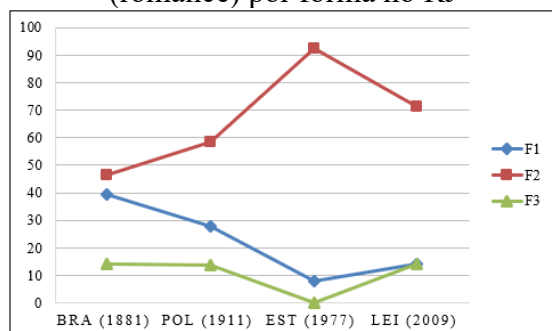
Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 109)

Gráfico 25 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (notícia) por forma no RJ



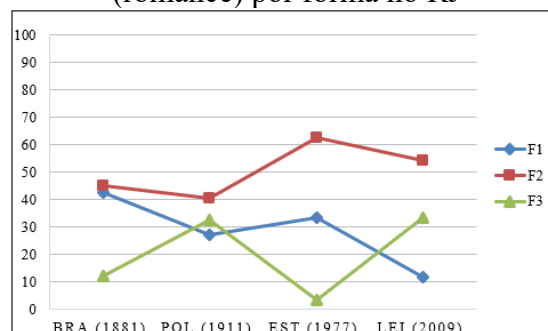
Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 109)

Gráfico 26 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (romance) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 110)

Gráfico 27 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (romance) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 110)

Nas duas primeiras sincronias da notícia na modalidade oral, observam-se alguns resultados com 0% de ocorrência na RA e no RJ: nesses períodos, não havia ainda o procedimento da transcrição do discurso gerado na reportagem, sendo raros nesses períodos alguns discursos diretos nos *corpora*. Em XX-2 e XXI-1, com a alteração formal do gênero, nota-se uma equalização nos dados dos *corpora* da RA e RJ, com F1 por volta de 10% e 30%, F2 ascendendo de 60% a 80% e F3 com frequência por volta de 0% e 10%.

Na modalidade escrita da notícia, em ambos os estudos, F2 culmina a última sincronia com frequências por volta de 50%. RJ apresenta alternâncias entre F1 e F2 ao longo dos períodos, enquanto RA apresenta ascendência contínua de F2. A forma F3 é a menos produtiva em ambos os trabalhos.

Na modalidade oral do romance do RJ, nota-se a frequência de F2 superior a de F1 a partir de XIX-2, enquanto, na RA, F2 supera a frequência de F1 somente a partir de XX-2; F3 ocupa o posto de menor frequência das formas nas duas regiões (por volta de 0% a 15%).

Na modalidade escrita do romance se dá a maior dessemelhança entre os *corpora*. No RJ se observa F2 como a forma mais utilizada pelos romancistas em todas as sincronias, com frequências por volta de 40% e 60%, enquanto, na RA, F3 é a forma mais produtiva em todas as sincronias com frequências por volta de 50% e 60%. No RJ, as frequências de F1 competem com as de F3, alternando-se ao longo de todos os períodos, no RA as formas seguem a hierarquia na ordem de F3, F2 e F1.

Mesmo havendo as heterogeneidades inerentes aos textos, ainda assim se observa nos resultados das modalidades dos GTs dos dois *corpora* muita similaridade. Em ambos os trabalhos, comprova-se o descenso de F1 nas duas modalidades do romance e na modalidade oral da notícia e, conseqüentemente ascensão de F2. Na modalidade escrita da notícia é onde F1 e F2 mais competem entre si, atuando juntamente na composição dos textos. Nos *corpora* das duas regiões, F3 é mais produtiva na escrita do romance, confirmando a tradição dessa forma em referenciar acontecimentos transcorridos no passado.

A ascensão da forma *esse* em oposição ao descenso da forma *este* ao longo das sincronias, com ênfase na modalidade oral nas regiões do Amazonas e do Rio de Janeiro, leva a crer que a semelhança fonética entre as duas formas pode ter contribuído para a mudança no sistema demonstrativo no Brasil. Compara-se esse caso com o processo ocorrido com a *assimilação* da passagem de *ipse* em *esse* (cf. quadro 1).

6.6 Tradições discursivas nos gêneros textuais e a influência da oralidade

A história do desenvolvimento da imprensa jornalística e da literatura na região do Amazonas juntamente com as análises quantitativas das formas demonstrativas permitiram observar mudanças ocorridas nas estruturas internas dos GTs, em especial na notícia, com relevância para os usos dos demonstrativos, como se observam, a seguir, nas reflexões sobre as tradições discursivas de cada gênero textual.

6.6.1 Tradições discursivas na notícia

Os jornais selecionados para as sincronias tiveram influências das linhas da imprensa brasileira áulica, panfletária, literária, política e informativa, cada uma com sua prática

jornalística, tipo de linguagem e técnica redacional, que acompanharam e mostraram a transformação da sociedade brasileira. No entanto, somente com o jornalismo informativo, a notícia passa a ser valorizada como informação, surgindo até a nova categoria de repórter com o deslocamento do profissional às ruas, à procura de informações para noticiá-las. As constantes atualizações de equipamentos da imprensa no início do séc. XX contribuíram com as mudanças nos jornais, fazendo sobressair mais ainda a informação e, com isso, os jornais passam a serem vistos como sinônimo de notícia.

Kabatek (2012), ao expor a ampla extensão de alcance e complexidade das tradições discursivas (TDs) lembra que, no editorial de um jornal, está presente a tradição jornalística do editorial e, ao mesmo tempo, pode ser evidenciada, no eixo sintagmático, a tradição do título, assim como as demais partes do texto. Essa asserção permite inferir que a notícia, ao incorporar transcrições de discursos previamente gravados, possibilita a inserção da modalidade oral em sua composição. A coincidência da alta frequência da modalidade oral na 2ª met. do séc. XX, seguida de ascensão nos dois *corpora*, mostra que o fenômeno não se deu de forma isolada, corroborando a modalidade oral como uma tradição discursiva do gênero notícia.

Considerando os resultados anteriores, pode-se conceber também que as altas frequências de F2 na modalidade oral da notícia na RA e no RJ a partir do séc. XX, também estão vinculadas à tradição discursiva de inserção do discurso direto na notícia, pois, com o aumento da oralidade na notícia aumentaram também as frequências de F2, como pode ser observado nos gráficos 20 da RA e 24 do RJ.

Às inovações e tradições nas notícias, Ramalho (2016) agrega a transformação da maneira de se noticiar, proporcionada pela implementação do esquema de pirâmide invertida no RJ. Esse esquema, que proporciona mais agilidade na visualização do conteúdo das informações mais relevantes da notícia no primeiro parágrafo, também pode ser constatado nas notícias da RA. Destaca-se ainda a inserção, nos jornais, de elementos gráficos como fotos (a princípio em preto e branco e depois coloridas), no intuito de direcionar a atenção do leitor à mensagem do jornal em ambos os *corpora*. Segundo Ramalho (2016), essas mudanças, que acarretam uma visualização mais expressiva no jornal, aconteceram em virtude da concorrência com outros meios de comunicação como o telégrafo, o rádio, a televisão e a internet.

6.6.2 Tradições discursivas no romance

Kabatek (2012) menciona as citações como portadoras de níveis de tradicionalidade. Para ele, o ato da citação literária já é uma tradição, da mesma forma que a tradição da ação de

citar. Todos os romances dos *corpora* da RA e do RJ apresentam a oralidade por meio de diálogos. Infere-se que a oralidade escrita, representada pelos diálogos nos romances, possui o caráter de tradição parecido com o mencionado por Kabatek para a citação, ou seja, é tradição tanto a presença de diálogos no romance, quanto a ação de inserir diálogos, visto que o diálogo foi contemplado por todos os romancistas dos dois *corpora*.

Os romances da primeira e quarta sincronias são narrados em 3ª pessoa; os da segunda e terceira sincronias, em 1ª pessoa. No entanto, o tipo de narração não influenciou o quantitativo das frequências nas modalidades oral e escrita, tendo em vista a presença de resultados opostos exatamente nos romances com o mesmo tipo de narrador; por outro lado, a intensidade no uso de diálogo parece ter influenciado no uso das formas.

O romance MIS, referente à 2ª met. do séc. XIX, é narrado em 3ª pessoa e apresenta descrições longas de lugares e eventos, como o baile do casamento do filho do Bernardino de Sant'Anna, descrito em 40 páginas. O largo uso de descrições e a infrequente presença de diálogo contribuiu para a baixa frequência da modalidade oral (12%) nesse período (cf. tabela 13). Dentre os romances, MIS apresenta também a menor frequência de F2.

O romance TN, representante da 1ª met. do séc. XX, é narrado pelo personagem principal e recheado de diálogos. Apresenta frequências praticamente equivalentes nas modalidades escrita (50,7%) e oral (49,3%). Esse resultado fez ascender a frequência da modalidade oral em 37 pontos percentuais (cf. tabela 13) em relação à sincronia anterior, elevando também a frequência de F2, tornando-a a mais produtiva do período, conforme gráfico 22.

O romance RCO, representante da 2ª met. do séc. XX, também é narrado em 1ª pessoa; porém, de forma diferente. Junto à narradora principal, outros participantes do romance também narram suas histórias, método que, segundo o autor, lembra a tradição oral dos narradores orientais. Esse procedimento de narração não privilegiou a modalidade oral, como mostra a polarização dos resultados de 93,3% na modalidade escrita *versus* 6,7% na oral (cf. tabela 13). Nesse romance, a frequência de F2 foi mais alta que a dos dois primeiros romances. Lembre-se que o largo uso de F2 no romance RCO já foi justificado anteriormente pela sua composição alicerçada em memórias retrospectivas, em que os narradores frequentemente faziam o uso de F2, na retomada de enunciados anteriores para explicar acontecimentos.

O período da 1ª met. do séc. XXI é representado pelo romance PC. Excetuando a introdução e o fechamento do livro, a narração é em 3ª pessoa, com prevalência de diálogos em todo o texto, o que provavelmente contribuiu para a elevada frequência na modalidade oral (66,7%), com ascensão de 60 pontos percentuais em relação à sincronia anterior, por oposição

à baixa frequência na escrita (33,3%). Dentre os quatro romances, PC é o que apresenta maior produtividade na modalidade oral e, coincidentemente, maior frequência de F2. Esse resultado confirma a associação de F2 com a fala; porém, outros fatores também podem desencadear alta frequência de F2, como visto no romance RCO.

Como se observa, os escritores dos romances que optaram pelo mesmo tipo de narração (1ª ou 3ª pessoa) não seguiram a mesma tradição para adoção quantitativa de diálogos em suas composições, e sim, fizeram usos de diferentes métodos de criação literária. Destaca-se que o resultado da modalidade oral nos romances do *corpus* está vinculado à escolha pessoal de métodos redacionais com vasto ou estreito uso de diálogo. Ramalho (2016) também reconhece que não há uma tradição padrão para a oralidade no romance, devido às grandes possibilidades de criação literária do gênero. No entanto, observa-se o fenômeno da alta produtividade de F3 nos romances dos trabalhos da RA, do RJ e de Cambraia (2015), reafirmando a influência da tradição de referenciar acontecimentos transcorridos no passado, promovendo situações discursivas que elevam a frequência de F3, principalmente na modalidade escrita

Em linhas gerais, observa-se a modalidade oral como TD na notícia e no romance; porém, com traços distintos. Tanto na RA quanto no RJ, no gênero notícia, a modalidade oral se fez presente de forma ascendente, enquanto, no gênero romance, essa modalidade ficou condicionada à criatividade e à liberdade literária de cada romancista, na utilização de mais ou menos diálogo.

Neste ponto do trabalho, propõe-se para reflexão a hipótese da existência de um paralelo entre acontecimentos históricos do ensino brasileiro e os resultados da pesquisa, mais especificamente o ascenso do demonstrativo *esse* por oposição ao descenso de *este* a partir de XX-2. Coincidentemente, nesse período, o governo brasileiro propõe o direito à educação/ensino a todos, buscando a universalização da educação básica no Brasil.⁷² Junto a essa iniciativa surgem várias questões a serem refletidas, dentre elas a heterogeneidade das gramáticas internalizadas dos falantes brasileiros que, nesse contexto, são confrontadas com as gramáticas normativas ensinadas nas escolas. Essa situação parece ser um cenário propício para o estabelecimento de um conflito entre usos.

O aumento de escolarização pressupõe aumento do aprendizado das regras preconizadas pela gramática normativa e, conseqüentemente, seus usos com ascendência gradativa, o que

⁷² Em 20 de dezembro de 1961 é sancionada a Lei nº 4.024, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A aprovação da primeira LDB, como ficou conhecida, assegurou o direito à educação com recursos do Estado e determinou autonomia didática (portal.mec.gov.br, acesso em: 20 de dez. 2021)

influenciaria na fixação do sistema demonstrativo ternário. No entanto, tanto no *corpus* da RA quanto no do RJ, observa-se que ocorre concomitante ao aumento da escolarização a marcha evolutiva do binarismo, com descenso de F1 e conseqüente ascensão de F2, atestando que nem sempre os padrões preconizados pela gramática normativa é o que prevalece em um processo de mudança linguística.

6.7 Morfologia dos demonstrativos

A análise morfológica dos demonstrativos abarcará os gêneros gramaticais (feminino, masculino e neutro) e o número (singular e plural).

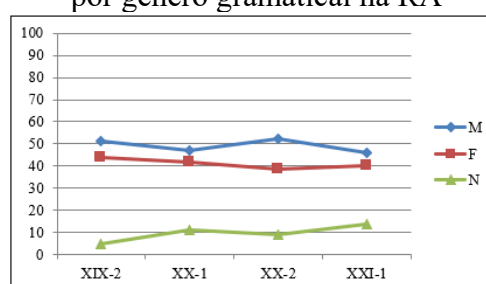
6.7.1. Gênero gramatical

Como lembra Cambraia (2012), os demonstrativos do português constituem uma das poucas classes de palavras que possuem flexão nos gêneros masculino (M), feminino (F) e neutro (N). A verificação desses gêneros no *corpus* tem por objetivo a observação de suas atuações, ao longo do tempo, no processo de configuração ternário/binário do sistema demonstrativo.

Tabela 20 — Frequência de demonstrativos (notícia e romance) por gênero gramatical na RA

Séc.		M	F	N	Total
XIX	2 ^a	154	132	14	300
	met.	51,3%	44%	4,7%	100%
XX	1 ^a	141	125	34	300
	met.	47%	41,7%	11,3%	100%
	2 ^a	157	116	27	300
	met.	52,3%	38,7%	9%	100%
XXI	1 ^a	138	120	42	300
	met.	46%	40%	14%	100%

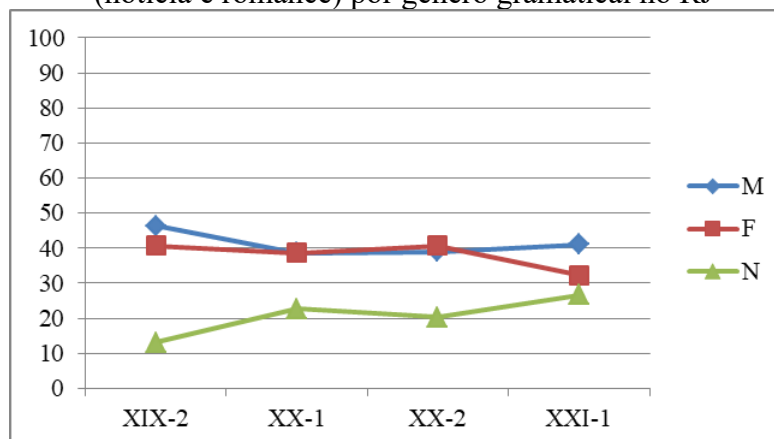
Gráfico 28 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por gênero gramatical na RA



O resultado da análise dos dados revela linearidade hierárquica das frequências dos três gêneros gramaticais ao longo do tempo, com o M na posição de frequência mais elevada, por volta de 50%, F ocupando uma frequência intermediária, muita próxima do masculino, em torno dos 40%, e N, o gênero gramatical menos frequente, com frequências ao redor de 10%.

Observem-se, a seguir, os resultados das frequências dos gêneros gramaticais no *corpus* do RJ.

Gráfico 29 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por gênero gramatical no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 122)

O RJ apresenta um resultado muito próximo ao da RA, com frequências dos gêneros M e F em torno de 40% e N, o gênero menos produtivo, com frequências ao redor de 20%. Em síntese, os dois *corpora* privilegiaram o gênero M ao F, embora com tênue diferença, e N foi o gênero menos frequente, com maior produtividade no *corpus* do RJ.

Passa-se à verificação dos gêneros gramaticais nos GTs notícia e romance separadamente.

Tabela 21 — Frequência de demonstrativos (notícia) por gênero gramatical na RA

Séc.	Per.	M	F	N	Total
XIX	CA (1870-98)	72 48%	74 49,3%	4 2,7%	150
	JC1 (1925-26)	67 44,7%	68 45,3%	15 10%	150
XX	JC2 (1980)	80 53,3%	52 34,7%	18 12%	150
	JC3 (2019)	71 47,3%	58 38,7%	21 14%	150

Gráfico 30 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por gênero gramatical na RA

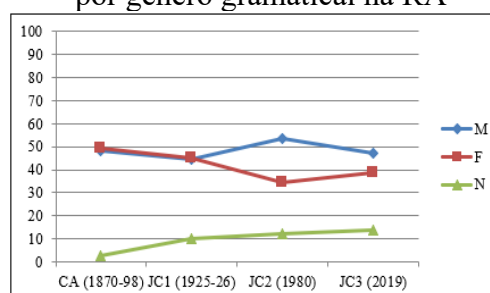
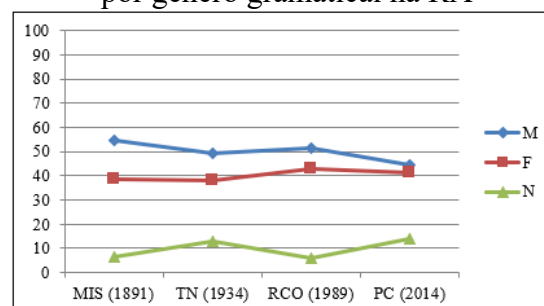


Tabela 22 — Frequência de demonstrativos (romance) por gênero gramatical na RA

Séc.	Rom.	M	F	N	Total
XIX	MIS (1891)	82 54,7%	58 38,7%	10 6,6%	150 100%
XX	TN (1934)	74 49,3%	57 38%	19 12,7%	150 100%
	RCO (1989)	77 51,3%	64 42,7%	9 6%	150 100%
XXI	PC (2014)	67 44,7%	62 41,3%	21 14%	150 100%

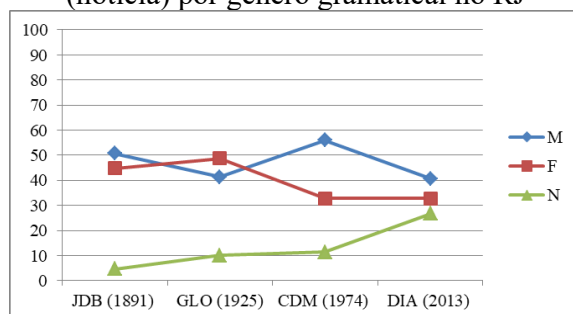
Gráfico 31 — Frequência (%) de demonstrativos (romance) por gênero gramatical na RA



Na notícia, as frequências do M em XIX-2 e em XX-1 são equivalentes às do F, já nas sincronias seguintes, o gênero M ascende, por oposição ao descenso do F. No romance, constata-se, como nos dados do *corpus*, a linearidade hierárquica M, F e N. Observa-se, no entanto, a proximidade do número das ocorrências de M e F, com frequências por volta de 30% e 50% e N por volta de 5% e 15%, nos dois GTs.

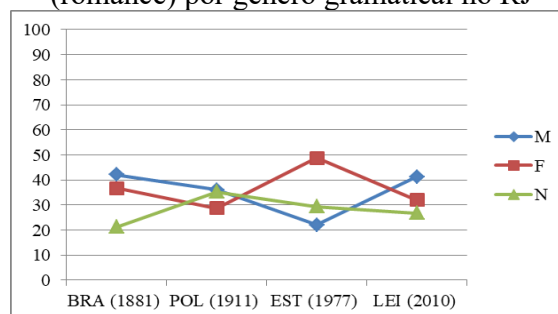
Compararam-se também os resultados dos gêneros gramaticais nos GTs separados de Ramalho (2016).

Gráfico 32 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por gênero gramatical no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 123)

Gráfico 33 — Frequência (%) de demonstrativos (romance) por gênero gramatical no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 123)

Na notícia, os dois *corpora* apresentam padrões semelhantes, com M e F caminhando em torno de 30% e 50% e ascensão de M nas duas últimas sincronias. O N é o gênero menos frequente; porém, em ascensão ao longo dos períodos em ambos os *corpora*. No romance M, F e N se revezam entre frequências de 20% a 50% no RJ, enquanto, na RA, os gêneros gramaticais se apresentam em ordem hierárquica M, F, N.

De modo geral, constata-se grande semelhança nas médias históricas da notícia na RA e no RJ. Já no romance, a produtividade do gênero N no RJ se sobressai à da RA.

Ramalho (2016), motivado por resultados de pesquisas como de González Álvarez (2006) e Silva (2013), que apontam a oralidade como um fator de influência determinante para o aparecimento de demonstrativos do gênero N, analisa, nos GTs notícia e romance, as modalidades oral e escrita e também constata maior produtividade de N nos dados orais do romance. Com o resultado obtido, o pesquisador acredita que o gênero neutro pode exercer um papel importante para as mudanças dos demonstrativos, visto sua produtividade na modalidade oral, onde se originam as inovações linguísticas. Com base nessa asserção, apresentam-se, a seguir, tabelas e gráficos com frequências por gêneros gramaticais dos demonstrativos nas modalidades oral e escrita dos GTs notícia e romance da RA para averiguação do fenômeno citado.

Tabela 23 — Frequência de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por gênero gramatical na RA

Séc.	Per.	M	F	N	Total
XIX	CA	2	6	1	9
	(1870-98)	22,2%	66,7%	11,1%	100%
XX	JC1	-	-	-	-
	(1925-26)	-	-	-	-
XX	JC2	5	4	6	15
	(1980)	33,3%	26,7%	40%	100%
XXI	JC3	25	31	17	73
	(2019)	34,2%	42,5%	23,3%	100%

Gráfico 34 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por gênero gramatical na RA

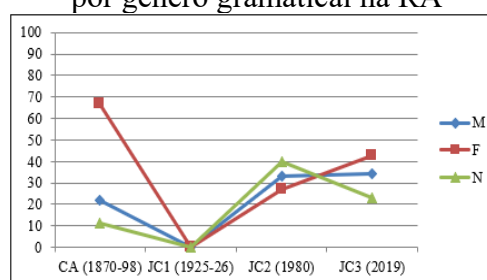
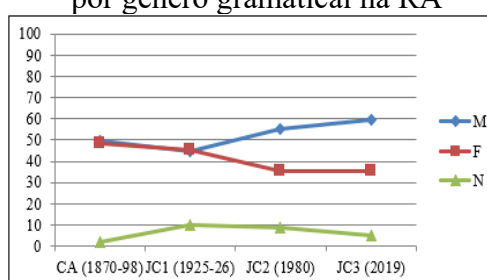


Tabela 24 — Frequência de demonstrativos na modalidade escrita (notícia) por gênero gramatical na RA

Séc.	Per.	M	F	N	Total
XIX	CA	70	68	3	141
	(1870-98)	49,6%	48,3%	2,1%	100%
XX	JC1	67	68	15	150
	(1925-26)	44,7%	45,3%	10%	100%
XX	JC2	75	48	12	135
	(1980)	55,5%	35,6%	8,9%	100%
XXI	JC3	46	27	4	77
	(2019)	59,7%	35,1%	5,2%	100%

Gráfico 35 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (notícia) por gênero gramatical na RA



Observa-se que a maior produtividade de N se dá na modalidade oral da notícia. Excetuando XX-1, em que não há ocorrência de oralidade, as frequências de N oscilam entre 11% a 40%; enquanto, na modalidade escrita, as frequências atingem o máximo 10%.

Tabela 25 — Frequência de demonstrativos na modalidade oral (romance) por gênero gramatical na RA

Séc.	Rom.	M	F	N	Total
XIX	MIS (1891)	10 55,5%	5 27,8%	3 16,7%	18 100%
	TN (1934)	30 40,5%	29 39,2%	15 20,3%	74 100%
XX	RCO (1989)	6 60%	3 30%	1 10%	10 100%
	PC (2014)	41 41%	43 43%	16 16%	100 100%

Gráfico 36 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (romance) por gênero gramatical na RA

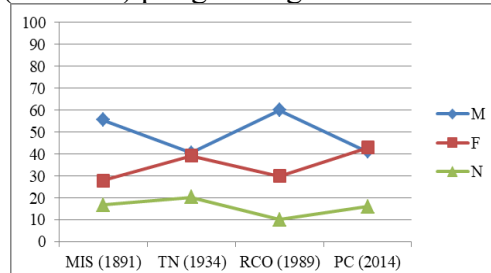
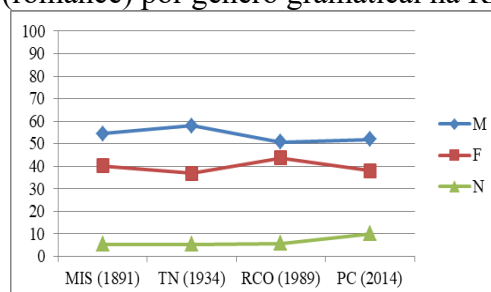


Tabela 26 — Frequência de demonstrativos na modalidade escrita (romance) por gênero gramatical na RA

Séc.	Rom.	M	F	N	Total
XIX	MIS (1891)	72 54,5%	53 40,2%	7 5,3%	132 100%
	TN (1934)	44 57,9%	28 36,8%	4 5,3%	76 100%
XX	RCO (1989)	71 50,7%	61 43,6%	8 5,7%	140 100%
	PC (2014)	26 52%	19 38%	5 10%	50 100%

Gráfico 37 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (romance) por gênero gramatical na RA

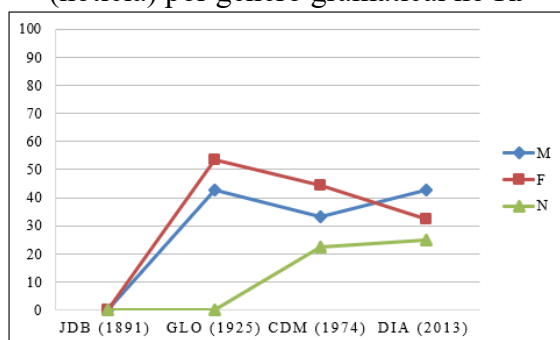


No romance, N também apresenta maior produtividade na modalidade oral, com frequências entre 10% e 20%, enquanto na modalidade escrita mantém-se na faixa dos 5%, nas três primeiras sincronias, ascendendo a 10% somente em XXI-1.

O resultado dos dados das análises dos gêneros gramaticais nas modalidades oral e escrita nos GTs corrobora a asserção dos pesquisadores que apontam a oralidade como um fator de influência determinante para o comportamento de demonstrativos do gênero neutro.

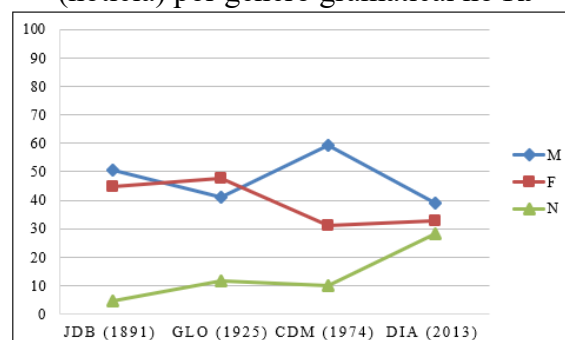
Observam-se, a seguir, os resultados de Ramalho (2016).

Gráfico 38 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por gênero gramatical no RJ



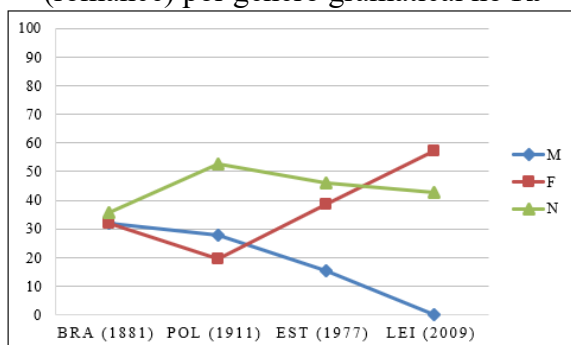
Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 126)

Gráfico 39 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (notícia) por gênero gramatical no RJ



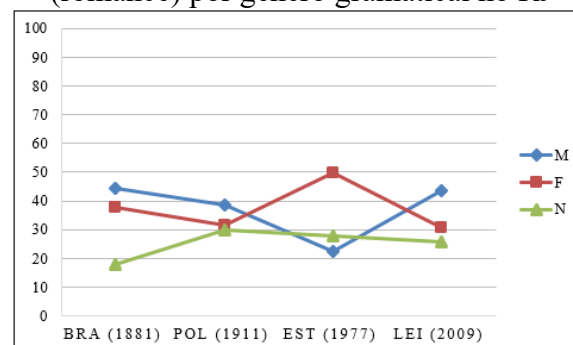
Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 126)

Gráfico 40 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (romance) por gênero gramatical no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 126)

Gráfico 41 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (romance) por gênero gramatical no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 126)

Excetuando a modalidade oral da notícia, nos dados do RJ, as frequências de N são mais expressivas que as da RA. Sobressaem ainda mais nos dados orais do romance, em que N supera, nas três primeiras sincronias, as frequências do M e do F. Esse resultado levou Ramalho a acreditar que N pode ser um dos protagonistas da mudança dos demonstrativos, por estar ligado à modalidade oral. O resultado dos dados da RA ratifica essa proposição do pesquisador, pois também teve sua produtividade maior na modalidade oral.

Apresentam-se, a seguir, tabelas e respectivos gráficos das frequências dos gêneros gramaticais por formas de demonstrativos nos GTs notícia e romance da RA, assim como os gráficos do RJ, para na sequência, comparar o desenvolvimento das formas nos gêneros gramaticais de cada GT.

a) Gênero gramatical masculino

Passa-se a observar as frequências das formas no gênero gramatical masculino nos GTs notícia e romance da RA:

Tabela 27 — Frequência de demonstrativos no gênero masculino (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	30 41,7%	29 40,3%	13 18%	72 100%
	JC1 (1925-26)	36 53,7%	17 25,4%	14 20,9%	67 100%
XX	JC2 (1980)	32 40%	37 46,3%	11 13,	80 100%
	JC3 (2019)	30 42,3%	38 53,5%	3 4,2%	71 100%

Gráfico 42 — Frequência (%) de demonstrativos no gênero masculino (notícia) por forma na RA

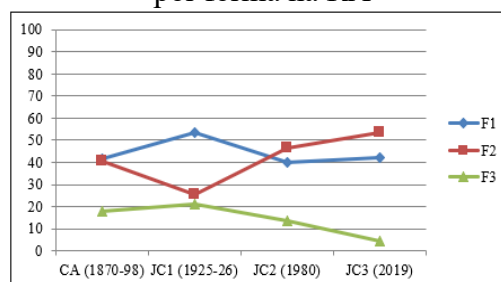
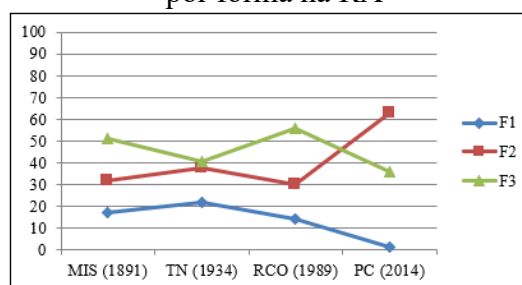


Tabela 28 — Frequência de demonstrativos no gênero masculino (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	14 17,1%	26 31,7%	42 51,2%	82 100%
	TN (1934)	16 21,6%	28 37,8%	30 40,6%	74 100%
XX	RCO (1989)	11 14,3%	23 29,9%	43 55,8%	77 100%
	PC (2014)	1 1,5%	42 62,7%	24 35,8%	67 100%

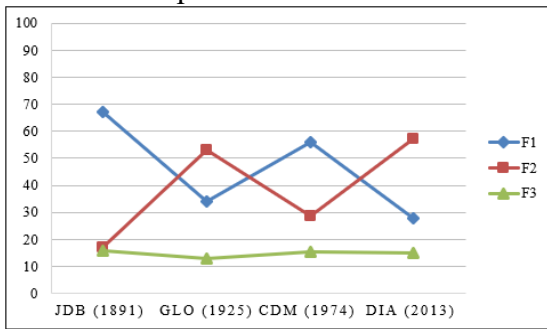
Gráfico 43 — Frequência (%) de demonstrativos no gênero masculino (romance) por forma na RA



Na RA, observa-se no gênero M, o ascenso de F2 nas duas últimas sincronias da notícia e na última do romance. F1 foi muito produtivo na notícia (40% a 53,7%), enquanto no romance foi a forma menos frequente ao longo de todos os períodos (1,5% a 21,6%). Nota-se ainda o fenômeno da alta produtividade de F3 no romance (35,8% a 55,8%), enquanto, na notícia, a forma se porta como a menos frequente ao longo de todos os períodos, com frequências variando de 4,2% a 20,9%.

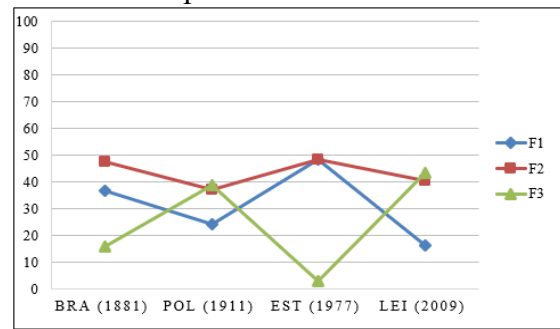
Passa-se a observar os dados do gênero gramatical masculino nos GTs de Ramalho (2016):

Gráfico 44 — Frequência (%) de demonstrativos no gênero masculino (notícia) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 127)

Gráfico 45 — Frequência (%) de demonstrativos no gênero masculino (romance) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 127)

Tanto na RA quanto no RJ, observam-se, no gênero M da notícia, alternâncias de frequências entre F1 e F2, com ascenso de F2 em XXI-1 e F3 como a forma menos frequente. No romance, F1 se apresenta mais produtiva no RJ que na RA. No entanto, ao longo dos períodos F2 se mantém como a forma mais produtivas; já na RA esse posto fica para F3. No RJ, F3 também é mais produtiva no romance que na notícia.

b) Gênero gramatical feminino

Passa-se a observar as frequências das formas no gênero gramatical feminino nos GTs notícia e romance da RA:

Tabela 29 — Frequência de demonstrativos no gênero feminino (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	55 74,3%	9 12,2%	10 13,5%	74 100%
	XX	JC1 (1925-26)	35 51,4%	22 32,4%	11 16,2%
JC2 (1980)		20 38,5%	17 32,7%	15 28,8%	52 100%
XXI	JC3 (2019)	15 25,9%	43 74,1%	-	58 100%

Gráfico 46 — Frequência (%) de demonstrativos no gênero feminino (notícia) por forma na RA

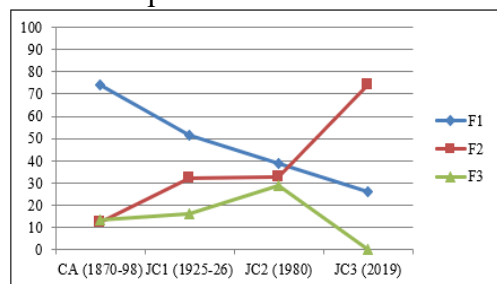
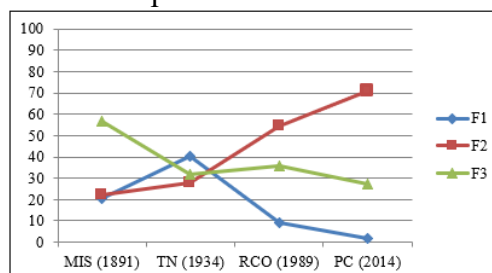


Tabela 30 — Frequência de demonstrativos no gênero feminino (romance) por forma na RA

Séc.	Rom	F1	F2	F	Total
XIX	MIS (1891)	12	13	33	58
		20,7%	22,4%	56,9%	100%
XX	TN (1934)	23	16	18	57
	40,3%	28,1%	31,6%	100%	
XX	RCO (1989)	6	35	23	64
		9,4%	54,7%	35,9%	100%
XX	PC (2014)	1	44	17	62
		1,6%	71%	27,4%	100%

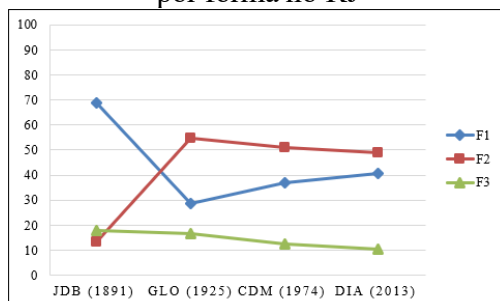
Gráfico 47 — Frequência (%) de demonstrativos no gênero feminino (romance) por forma na RA



Nota-se, tanto na notícia quanto no romance, o descenso de F1 em oposição à ascensão de F2, assim como a maior produtividade de F3 no romance.

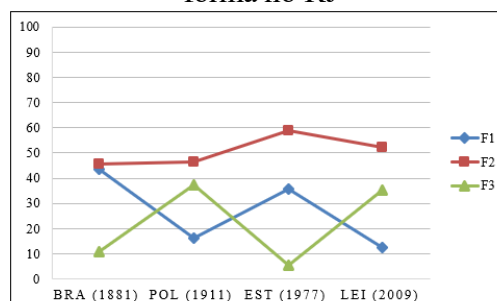
Passa-se a observar os dados do gênero gramatical feminino nos GTs de Ramalho (2016):

Gráfico 48 — Frequência (%) de demonstrativos no gênero feminino (notícia) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 128)

Gráfico 49 — Frequência (%) de demonstrativos no gênero feminino (romance) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 128)

Nos dois GTs do RJ, observa-se, no gênero F, uma constância de F2 a partir de XX-1, enquanto, na RA, é perceptível o ascenso de F2 por oposição ao descenso de F1. Em ambos os *corpora*, observa-se F3 mais produtiva no romance.

a) Gênero gramatical neutro

Passa-se a observar as frequências das formas no gênero gramatical neutro nos GTs notícia e romance da RA:

Tabela 31 — Frequência de demonstrativos no gênero neutro (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	3 75%	1 25%	-	4 100%
	JC1 (1925-26)	9 60%	4 26,7%	2 13,3%	15 100%
XX	JC2 (1980)	4 22,2%	14 77,8%	-	18 100%
	JC2 (2019)	-	21 100%	-	21 100%

Gráfico 50 — Frequência (%) de demonstrativos no gênero neutro (notícia) por forma na RA

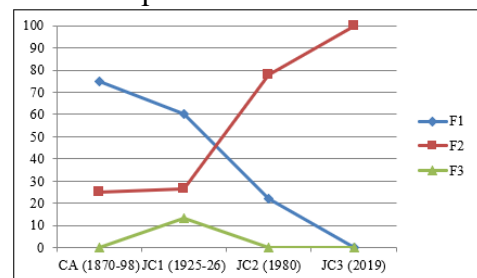
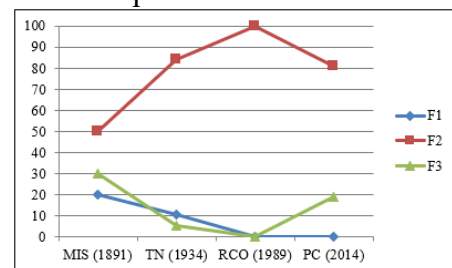


Tabela 32 — Frequência de demonstrativos no gênero neutro (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	2 20%	5 50%	3 30	10 10
	TN (1934)	2 10,5%	16 84,2%	1 5,3%	19 100%
XX	RCO (1989)	-	9 100%	-	9 100%
	PC (2014)	-	17 81%	4 19%	21 100%

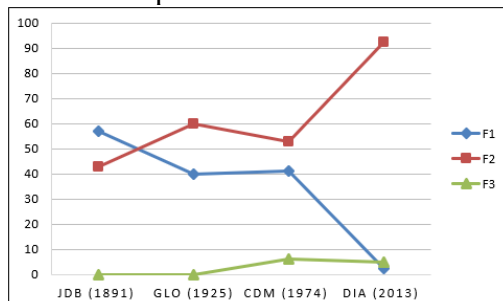
Gráfico 51 — Frequência (%) de demonstrativos no gênero neutro (romance) por forma na RA



Na notícia, o gênero N apresenta o clássico resultado do ascenso de F2 por oposição ao descenso de F1 e F3 como a forma menos produtiva. No romance, F2 é a forma mais produtiva ao longo de todos os períodos; F1 e F3 dividem as frequências entre 0% a 30%.

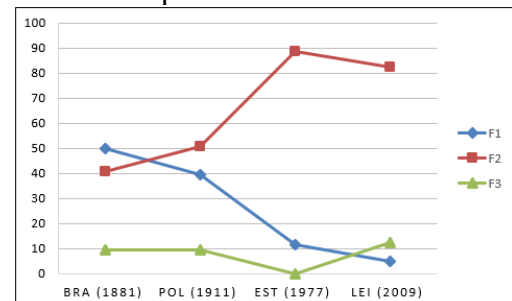
Passa-se a observar os dados do gênero gramatical neutro nos GTs de Ramalho (2016):

Gráfico 52 — Frequência (%) de demonstrativos no gênero neutro (notícia) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 128)

Gráfico 53 — Frequência (%) de demonstrativos no gênero neutro (romance) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 128)

Na notícia e no romance do RJ, observam-se no gênero neutro a ascensão de F2 por oposição ao descenso de F1, assim como a atuação de F3 como forma menos produtiva.

Os dados de Ramalho (2016), assim como os da RA evidenciam a expansão no uso de F2 por oposição à retração de F1, tanto na notícia quanto no romance. Consta-se ainda nos *corpora*, a expressiva frequência de F3 no GT romance, em especial nos gêneros M e F.

A frequência de F2 em ascensão e o descenso de F1 em todos os gêneros gramaticais, assim como a produtividade de F3 superior a de F1 no romance dos dois trabalhos, corroboram a hipótese do possível surgimento de um sistema binário, composto pelas formas F2 e F3.

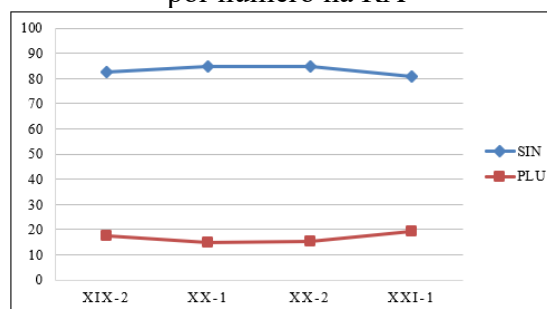
6.7.2 Número

A análise da categoria gramatical *número* tem como objetivo a observação da prevalência do singular e do plural nos demonstrativos ao longo do tempo pesquisado. Registra-se o uso nas tabelas e nos gráficos da abreviatura SIN para singular e PLU para plural.

Tabela 33 — Frequência de demonstrativos (notícia e romance) por número na RA

Séc.		SIN	PLU	Total
XIX	2 ^a met.	248 82,7%	52 17,3%	300 100%
	1 ^a met.	255 85%	45 15%	300 100%
XX	2 ^a met.	254 84,7%	46 15,3%	300 100%
	1 ^a met.	242 80,7%	58 19,3%	300 100%

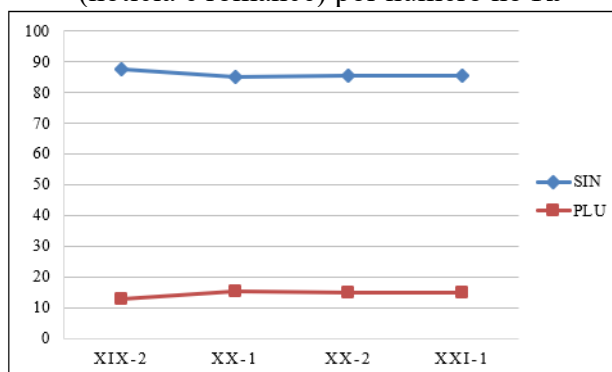
Gráfico 54 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por número na RA



Os dados mostram a alta frequência do singular por volta dos 80% por oposição à baixa frequência do plural que não ultrapassa 20% no decorrer das sincronias.

Compararam-se os dados da categoria número do *corpus* da RA com os de Ramalho (2016) para o RJ:

Gráfico 55 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por número no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 136)

Nota-se grande semelhança nos dados dos dois *corpora*, ambos com frequência do singular por volta dos 80% e plural no intervalo de 10% a 20% ao longo dos períodos.

Os GTs notícia e romance na RA não apresentam resultados muito diferentes do visto no *corpus* integral, como se observam nas tabelas e gráficos a seguir:

Tabela 34 — Frequência de demonstrativos (notícia) por número na RA

Séc.	Per.	SIN	PLU	Total
XIX	CA (1870-98)	130 86,7%	20 13,3%	150 100%
	JC1 (1925-26)	127 84,7%	23 15,3%	150 100%
XX	JC2 (1980)	128 85,3%	22 14,7%	150 100%
	JC3 (2019)	117 78%	33 22	150 100%

Gráfico 56 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por número na RA

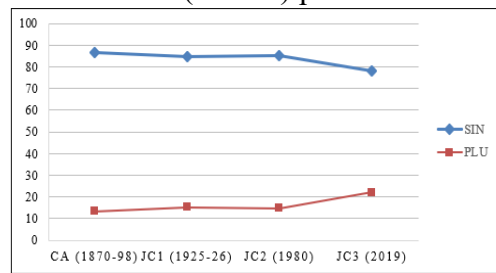
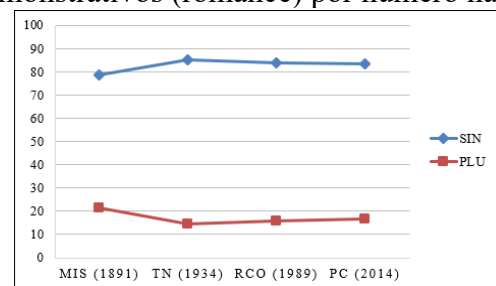


Tabela 35 — Frequência de demonstrativos (romance) por número na RA

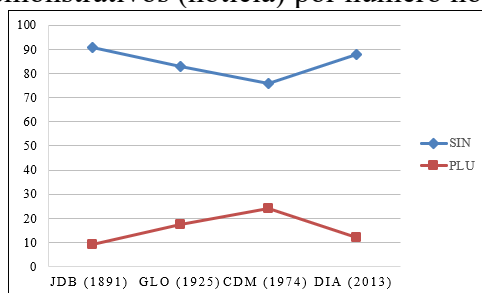
Séc.	Rom.	SIN	PLU	Total
XIX	MIS (1891)	118 78,7%	32 21,3%	150 100%
	TN (1934)	128 85,3%	22 14,7%	150 100%
XX	RCO (1989)	126 84%	24 16%	150 100%
	PC (2014)	125 83,3%	25 16,7%	150 100%

Gráfico 57 — Frequência (%) de demonstrativos (romance) por número na RA



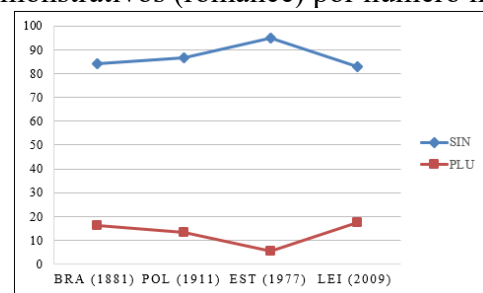
Os resultados das frequências em ambos os GTs são similares ao do *corpus*. Notam-se apenas pequenas variações de frequências. As frequências no SIN giram em torno de 80% e no PLU de 10% a 20%. Observem-se também os resultados da categoria número nos GTs notícia e romance do *corpus* do RJ:

Gráfico 58 — Frequência de demonstrativos (notícia) por número no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 136)

Gráfico 59 — Frequência (%) de demonstrativos (romance) por número no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 136)

Os GTs notícia e romance no *corpus* do RJ também exibem resultados com frequências superiores no SIN por oposição às baixas no PLU, com índices de frequências muito semelhantes aos da RA.

Apresentam-se, a seguir, tabelas e gráficos das frequências dos demonstrativos por número nas modalidades oral e escrita da RA.

Tabela 36 — Frequência de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por número na RA

Séc.	Per.	SIN	PLU	Total
XIX	CA (1870-98)	8 88,9%	1 11,1%	9 100%
	XX	JC1 (1925-26)	-	-
	JC2 (1980)	15 100%	-	15 100%
XXI	JC3 (2019)	61 83,6%	12 16,4%	73 100%

Tabela 37 — Frequência de demonstrativos na modalidade escrita (notícia) por número na RA

Séc.	Per.	SIN	PLU	Total
XIX	CA (1870-98)	122 86,5%	19 13,5%	141 100%
	XX	JC1 (1925-26)	127 84,7%	23 15,3%
	JC2 (1980)	113 83,7%	22 16,3%	135 100%
XXI	JC3 (2019)	56 72,7%	21 27,3%	77 100%

Gráfico 60 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por número na RA

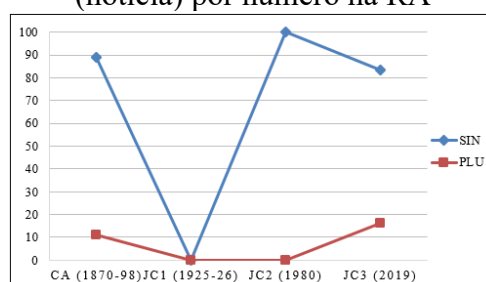
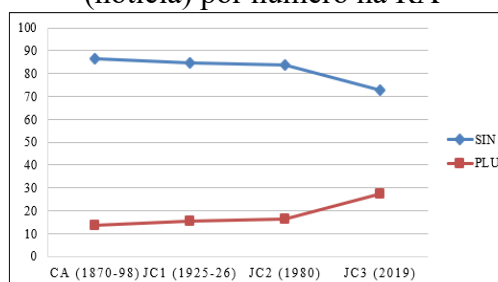


Gráfico 61 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (notícia) por número na RA



Tanto na modalidade oral quanto na escrita da notícia prevalece o maior uso do SIN. A vertiginosa queda na frequência do SIN na modalidade oral em XX-1 coincide com a ausência de discurso direto nas notícias selecionadas para essa sincronia. Excetuando essa sincronia, a frequência do singular permanece acima de 80% na oralidade e acima de 70% na escrita.

Tabela 38 — Frequência de demonstrativos na modalidade oral (romance) por número da RA

Séc.	Rom.	SIN	PLU	Total
XIX	MIS (1891)	16 88,9%	2 11,1%	18 100%
	XX	TN (1934)	65 85,3%	9 14,7%
	RCO (1989)	9 90%	1 10%	10 100%
XXI	PC (2014)	82 82%	18 18%	100 100%

Gráfico 62 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (romance) por número da RA

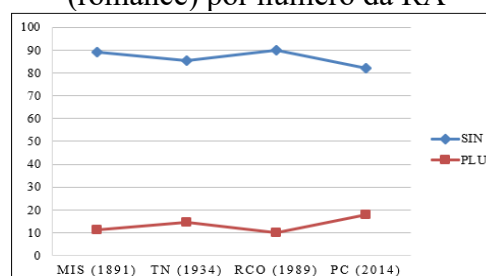
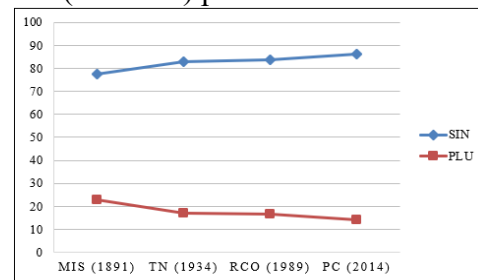


Tabela 39 — Frequência de demonstrativos na modalidade escrita (romance) por número na RA

Séc.	Rom.	SIN	PLU	Total
XIX	MIS (1891)	102 77,3%	30 22,7%	132 100%
	TN (1934)	63 82,9%	13 17,1%	76 100%
XX	RCO (1989)	117 83,6%	23 16,4%	140 100%
	PC (2014)	43 86%	7 14%	50 100%

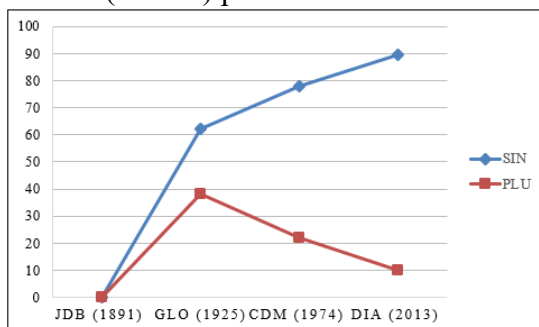
Gráfico 63 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (romance) por número na RA



A categoria número apresenta resultados similares nas modalidades oral e escrita no romance da RA, com frequências de SIN por volta de 80% e 90% e de PLU por volta de 10% e 20%.

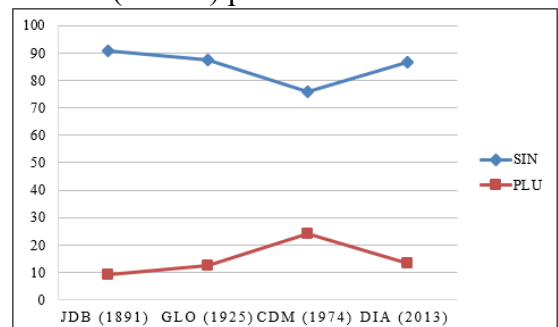
Observam-se também os resultados do número nas modalidades oral e escrita dos GTs notícia e romance no *corpus* do RJ

Gráfico 64 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por número no RJ



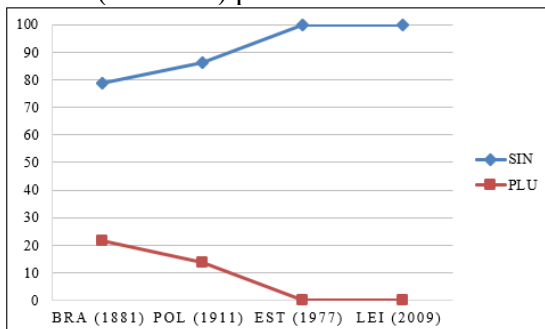
Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 138)

Gráfico 65 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (notícia) por número no RJ



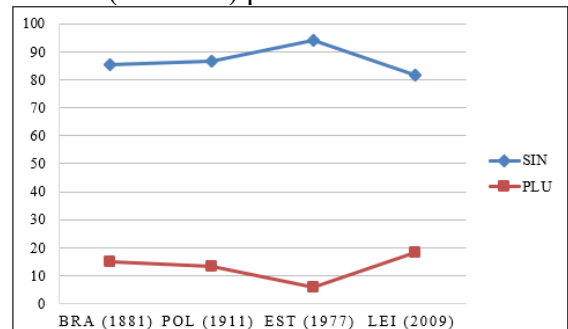
Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 138)

Gráfico 66 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (romance) por número no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 138)

Gráfico 67 — Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (romance) por número no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 138)

Nota-se na modalidade oral, tanto na notícia quanto no romance do RJ, o ascenso de SIN por oposição ao descenso de PLU ao longo das sincronias. Na modalidade escrita da notícia e do romance do RJ, assim como na RA, SIN apresenta frequências acima de 70% e 80%.

Passa-se à observação de tabelas e gráficos com frequências dos demonstrativos por formas no singular e no plural dos GTs notícia e romance.

Tabela 40 — Frequência de demonstrativos no singular (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	83 63,9	31 23,8%	16 12,3%	130 100%
	JC1 (1925-26)	71 55,9%	33 26%	23 18,1%	127 100%
XX	JC2 (1980)	49 38,3%	57 44,5%	22 17,2%	128 100%
	JC3 (2019)	37 31,6%	79 67,5%	1 0,9%	117 100%

Gráfico 68 — Frequência (%) de demonstrativos no singular (notícia) por forma na RA

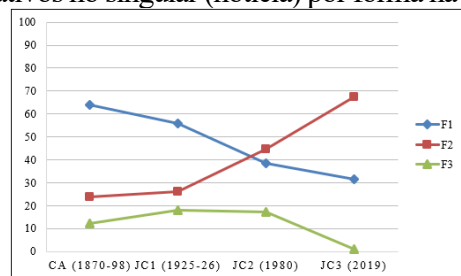
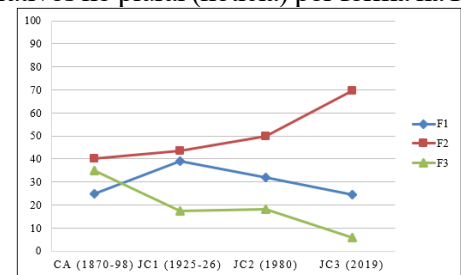


Tabela 41 — Frequência de demonstrativos no plural (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	5 25%	8 40%	7 35%	20 100%
	JC1 (1925-26)	9 39,1	10 43,5	4 17,4	23 100%
XX	JC2 (1980)	7 31,8%	11 50%	4 18,2%	22 100%
	JC3 (2019)	8 24,3%	23 69,7%	2 6%	33 100%

Gráfico 69 — Frequência (%) de demonstrativos no plural (notícia) por forma na RA



Verifica-se, nos demonstrativos do GT notícia, tanto no SIN quanto no PLU, o ascenso gradativo de F2, F1 em descenso e F3 como a forma menos produtiva, exceto em XIX-2, em que apresenta a frequência superior à de F1 em PLU.

Tabela 42 — Frequência de demonstrativos no singular (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	24 20,4%	30 25,4%	64 54,2%	118 100%
	TN (1934)	31 24,2%	57 44,5%	40 31,3%	128 100%
XX	RCO (1989)	13 10,3%	51 40,5%	62 49,2%	126 100%
	PC (2014)	2 1,6%	82 65,6%	41 32,8%	125 100%

Gráfico 70 — Frequência (%) de demonstrativos no singular (romance) por forma na RA

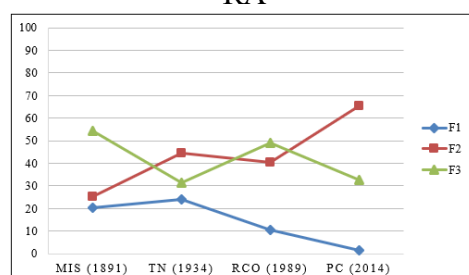
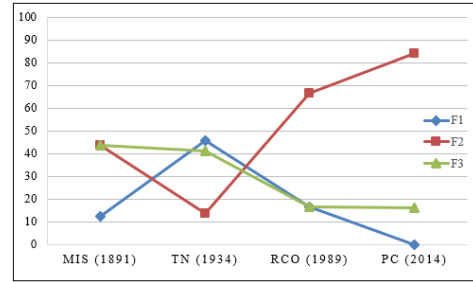


Tabela 43 — Frequência de demonstrativos no plural (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	4 12,5%	14 43,7%	14 43,8%	32 100%
	TN (1934)	10 45,5%	3 13,6%	9 40,9%	22 100%
XX	RCO (1989)	4 16,7%	16 66,6%	4 16,7%	24 100%
	PC (2014)	-	21 84%	4 16	25 100%

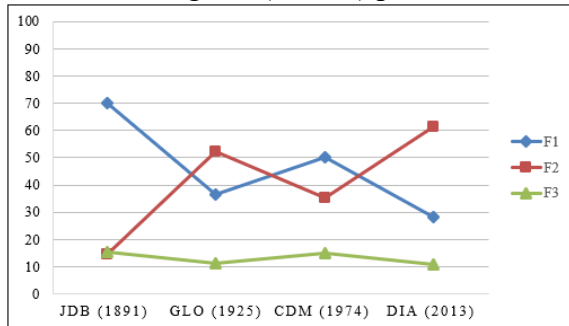
Gráfico 71 — Frequência (%) de demonstrativos no plural (romance) por forma na RA



Nos dados do romance, verifica-se no singular a concorrência entre F2 e F3 ao longo de todas as sincronias e F1 como a forma menos frequente. No plural, F3 concorre com F1 e F2 nas duas primeiras sincronias e, a partir desse período, ocorre o ascenso de F2 por oposição ao descenso das duas outras formas. Destaca-se a alta produtividade de F3 no singular do romance, com frequências por volta de 30% e 50%.

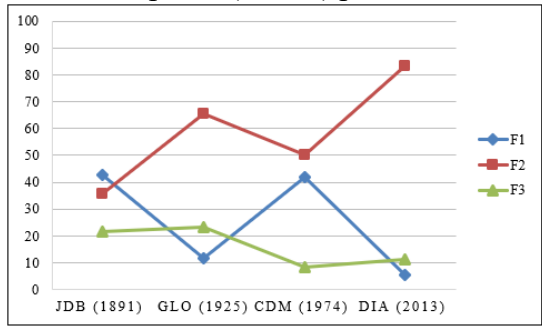
Os resultados de Ramalho (2016) para os dados dos demonstrativos por forma no singular e no plural dos GTs foram:

Gráfico 72 — Frequência (%) de demonstrativos no singular (notícia) por forma no RJ



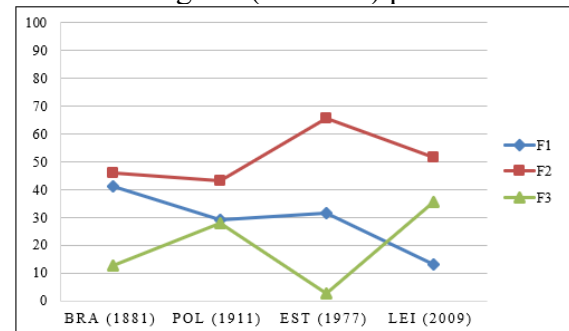
Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 139)

Gráfico 73 — Frequência (%) de demonstrativos no plural (notícia) por forma no RJ



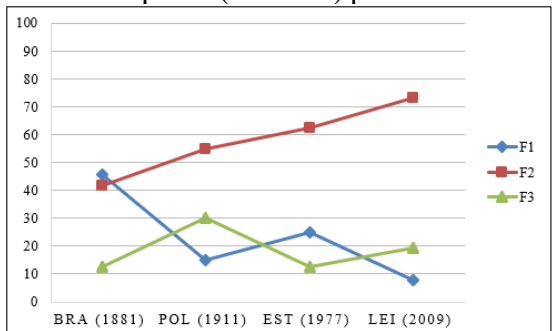
Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 139)

Gráfico 74 — Frequência (%) de demonstrativos no singular (romance) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 140)

Gráfico 75 — Frequência (%) de demonstrativos no plural (romance) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 140)

Assim como na RA, os dados dos demonstrativos nos dois gêneros textuais do RJ mostram a prevalência de F2 no singular e no plural.

6.8 Sintaxe dos demonstrativos

A análise da sintaxe dos demonstrativos consistirá na observação da posição dos demonstrativos no sintagma nominal (SN) como margem ou núcleo, observando também a ordem dos demonstrativos com relação ao núcleo do SN (anteposição ou posposição).

6.8.1 Posição no SN

Cambraia (2012) reconhece a complexidade da posição dos demonstrativos no SN. Compreende que, em casos em que o demonstrativo seja o único elemento de um SN, atuará como *pronome*; porém, quando está acompanhado de substantivo, sua atuação será de *determinante*. Em seu trabalho, considera os demonstrativos com função de determinantes como em posição de *margem* e os com função de pronome como em posição de *núcleo*. Para os casos em que os demonstrativos são acompanhados de substantivo, de adjetivo, de possessivo, de numeral, do indefinido *outro* ou dos referenciadores *mesmo* e *tal*, adota o critério de *margem* do SN e, para os casos em que os demonstrativos estão sozinhos no SN, ou acompanhados de quantificador *todo/tudo*, de oração relativa, de sintagmas preposicionados e adverbiais, ou ainda em estrutura coordenada, assim como em expressões idiomáticas, adota o critério de *núcleo* do SN.

A exemplo de Cambraia (2012), adotam-se, neste trabalho, os termos *margem* para os demonstrativos com função de determinantes e *núcleo* para os demonstrativos com função de pronome.

A composição do *corpus* com um gênero literário e outro não literário relativos a distintas épocas proporcionou a observação de variadas construções com os demonstrativos. Nos casos abaixo, podem ser observados exemplos de demonstrativos (flexões e composições) em posição de *margem*:

a) Demonstrativo + substantivo:

- (34) O humanitario pescador, que por ocasião do abalroamento dos dous vapores na boca do Tapará salvou a 13 vidas, e que relevantes serviços prestou aos desditosos naufragos, chegou hontem a **esta capital**, chama-se Cyrillo, e tudo quanto relata é a triste realidade!” (CA, 13 jul. 1870, p. 1)

b) Demonstrativo + substantivo + advérbio:

- (35) Lindoso, então mandou buscar todos os registros de acidentes com ônibus, depois que Lincoln afirmou: “Os ônibus têm sempre razão. Muitos laudos são dados graciosamente”. Folheando várias pastas com casos de acidentes envolvendo ônibus, Lincoln mostrou um ao Governador, dizendo: “**Neste caso aqui** a pista é que foi a culpada”. (JC2, 15 fev. 1980, cad. 1, p. 5)

c) Demonstrativo + substantivo + sintagma preposicionado:

- (36) Partiu de Santarem nos ultimos dias de dezembro de mil novecentos e vinte quatro, para Manáos, daí subiu o rio Negro a vapor até Santa Isabel, continuando sua viagem, em lancha, até São Gabriel e Cucuhy, e **deste ponto para cima** acompanhado pelos índios Tucanos, na propria canôa que levara de Santarem, entrando no Cassiquiare, alcançou, finalmente o alto Orenoco.” (JC1, 5 nov. 1925, p. 1)

d) Demonstrativo + substantivo + oração relativa apositiva:

- (37) - Tania Federova tomou conta de mim para sempre. Acabrunha-me **este exilio, onde demoram tanto as suas noticias**_(TN, p. 92-93)

e) Demonstrativo + adjetivo:

- (38) De cima do ultimo andaime da obra da nova matriz, no dia 9 do corrente, cahio um servente de menor idade, escravo dos srs. Mesquita & Irmãos, que felizmente foi salvo por um outro escravo dos mesmos srs., que achava-se em outro andaime por baixo, e d’onde conseguiu agarrar **esse infeliz**, cuja morte já o esperava. (CA, 13 jul. 1870, p. 1)

f) Demonstrativo + adjetivo + substantivo:

- (39) Sob esta epigraphe em nossa folha de 3 do corrente dissemos, que o medico do *Atheneu das Artes* prestou todos os socorros da sciencia para salvar a Herculano, cujo abalo da queda e o tamanho das brechas, que recebo na cabeça fel-o correr risco em sua vida. Não nos informaram mal, a esse respeito; mas ommitiram-nos o comparecimento do pharmaceutico o sr. capitão José Miguel de Lemos, que, foi o primeiro a curar o enfermo. Fizemos **esta pequena ractificação**, afim de não nos suporem capazes de discrepar da verdade, tanto mais que reconhecemos no sr. capitão Lemos, que como pharmaceutico he um homem verdadeiramente humanitario e prestavel. (CA, 05 jul. 1870, p. 1)

g) Demonstrativo + adjetivo + locução adverbial:

- (40) O Antonio Carpina, por muito empenho, só pudera fornecer uma mesa de pinho, envernizada e decente e a marquezia de palhinha que fôra do ultimo juiz municipal, reformada para servir a “algum d’**esses exquisitos lá de fóra** que não gostam de dormir em rede”. (MIS, p. 44)

h) Demonstrativo + referenciador *mesmo(a)* + substantivo:

- (41) Ante-hontem pelas 9 horas da manhã na fasenda do sr. Sebastião Roberto, a 44 legoas distante desta capital ficou bastante mutilado proviniente da explosão de um barril que continha mais ou menos tres libras de polvora um filinho do mesmo, menor de 3 annos. Informan-nos que occazionou essa explosão uns phosphoros inflamados; que lançou dentro do barril, **essa mesma criança**, que sem ser vista de ninguem entrara no repartimento da casa, (...). (CA, 03 jul. 1870, p. 1)

i) Demonstrativo + numeral cardinal + substantivo + adjetivo:

- (42) O dr. Matta recenseou mais quinze casos de lepra no Careiro, Paraná de Santo Antonio, Purupurú, Curary, Rosa Branca, no municipio de Manaos e Lago do Cuman, do Japiim, no de Itacoatiara. Há, além **desses quinze casos verificados**, mais quatro suspeitos. (JC1, 22 set. 1925, p. 1)

j) Demonstrativo + numeral ordinal + numeral cardinal + substantivo + sintagma preposicionado:

- (43) Com recursos da ordem de 15 milhões de cruzeiros a SUDEPE pretende, ainda **nestes primeiros seis meses do ano**, iniciar a construção do Entrepasto de pesca de Itacoatiara. (JC2, 10 fev. 1980, cad. 2, p. 8)

k) Demonstrativo + verbo substantivado + adjetivo:

- (44) No dia 25 á tarde tiveram lugar, na praça de S. Sebastião, os festejos anunciados pela Sociedade dos Crentes. A concorrência foi numerosa. Grande numero de senhoras deo realce á esses festejos, que vieram arrancar-nos por alguns instantes **este viver vegetal** que aqui temos. (CA, 28 dez. 1870, p. 2)

l) Demonstrativo + possessivo + adjetivo + substantivo + sintagma preposicionado:

- (45) O Ministro Cesar Cals pernoitará em nossa cidade, retornando a Brasília amanhã e **nesta sua nova visita ao nosso Estado**, terá oportunidade de reafirmar o seu interesse pela solução dos problemas de interesse regional, na área energética. (JC2, 1º fev.1980, cad. 1, p. 5)

m) Demonstrativo + indefinido *outro* + substantivo:

- (46) Quando ião caminho da cadeia, um respeitavel e inoffensivo cidadão, Soriano José Moreira, tio do pobre Meira, pedio aos soldados que o não maltratassem por forma tão brutal, em reposta teve campanudos palavrões; igual pedido tambem fez um outro cidadão. Depois de deixarem o infeliz Meira na cadeia, voltaram os soldados e prenderam a Soriano e a **esse outro cidadão**, cujo nome ignoramos, no canto da casa do sr. Marçal, e isto pelo simples facto de terem pedido a esses desalmados que não maltratassem o preso. (CA, 8 mai. 1879, p. 1)

n) Demonstrativo + advérbio (*quase*) + numeral cardinal + substantivo:

- (47) Em coletiva para a imprensa realizada na manhã de ontem, na sede da Suframa, o superintendente Alfredo Menezes fez um balanço dos seus quase 60 dias à frente da autarquia, completados agora no próximo dia 15. Antes da coletiva, Alfredo lembrou que foi menino humilde, criado no Alvorada II e que, após passar a estudar no Colégio Militar de Manaus, aprendeu o que era meritocracia e por isso chegou até onde chegou.
Não se chega a lugar nenhum se você não tiver qualidade na educação”, disse. “Quero que meus filhos e netos ganhem dinheiro nessa terra. Por isso estou trabalhando para formar um Estado pujante”, completou. **Nesses quase dois meses** à frente da Suframa, “tenho buscado implementar uma gestão centrada em planejamento e fiscalização, a fim de concretizar minha missão que é regatar o protagonismo da instituição no cenário regional e nacional”, lembrou. (JC3, 9 abr. 2019, cad. A, p. A5)

Seguem também exemplos de demonstrativos na posição de *núcleo no corpus*:

a) Demonstrativo sozinho:

- (48) Dados do Banco Mundial que apontam o declínio da renda da população brasileira aumentam ainda mais a apreensão da economia do Amazonas e também do resto do país. **Esta** é a análise das principais lideranças empresariais e políticas do Estado. (JC3, 6 a 8 abr. 2019, cad. A, p. A5)

b) Demonstrativo + advérbio:

- (49) O Neves, enterrando os dedos na grande caixa de rapé, dizia, com a sua cara de carneiro manso:
— Eu, por meu gosto, morava, mas era só na villa. **Isto aqui** sempre é outra cousa. Ha gente com

quem conversar, ha recursos, vêm-se caras novas. Mas a D. Eulalia, coitada! não quer deixar os cherimbabos! (MIS, p. 82)

c) Demonstrativo + oração relativa restritiva

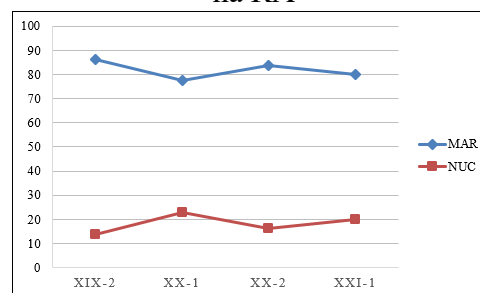
(50) As roupas expostas para comercialização nas vitrines das lojas em Manaus, sofreram um aumento de quase 80 por cento, com a aproximação dos últimos dias de festas carnavalescas. A reclamação é geral, principalmente por parte **daqueles que tentam comprar roupas estampadas para participarem de bailes tradicionais em clubes da cidade**, como o do Havai, levado a efeito no Olimpico e Rio Negro. (JC2, 7 fev. 1980, cad. 1, p.3)

Passa-se à observação das frequências dos demonstrativos do *corpus* (notícia e romance) em posições de margem (MAR) e de núcleo (NUC) no sintagma nominal.

Tabela 44 — Frequência de demonstrativos (notícia e romance) por posição no SN na RA

Século		MAR	NUC	Total
XIX	2 ^a met.	259 86,3%	41 13,7%	300 100%
	1 ^a met.	232 77,3%	68 22,7%	300 100%
XX	2 ^a met.	251 83,7%	49 16,3%	300 100%
	1 ^a met.	240 80%	60 20%	300 100%

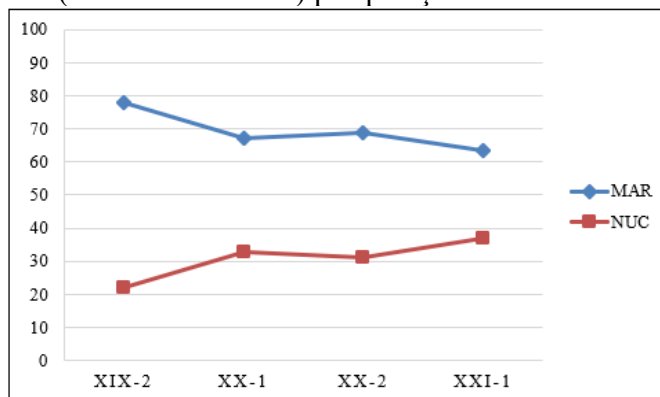
Gráfico 76 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por posição no SN na RA



Os dados mostram claramente a posição MAR como a mais produtiva, com frequências por volta de 80% e, conseqüentemente, a posição NUC como a menos frequente, com frequências por volta de 15 e 20%.

Apresenta-se, a seguir, o gráfico com os dados dos demonstrativos em posição de MAR e NUC no *corpus* de Ramalho (2016):

Gráfico 77 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por posição no SN no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 162)

Assim como na RA, o gráfico do RJ mostra a predominância dos demonstrativos em posição MAR ao longo dos períodos. Em ambos os *corpora* o ápice da frequência da posição MAR se dá em XIX-2.

Passa-se à observação das frequências dos demonstrativos em posições de margem e núcleo na notícia e no romance separadamente:

Tabela 45 — Frequência de demonstrativos (notícia) por posição no SN na RA

Séc.	Per.	MAR	NUC	Total
XI	CA (1870-98)	132	18	150
		88%	12%	100%
XX	JC1 (1925-26)	114	36	150
	JC2 (1980)	119	31	150
XXI	JC3 (2019)	79,3%	20,7%	100%
		117	33	150
		78%	22%	100%

Gráfico 78 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por posição no SN na RA

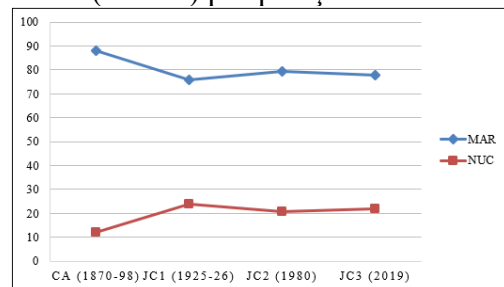
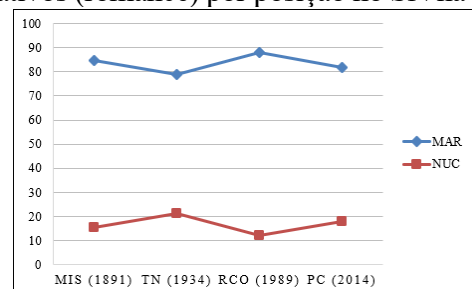


Tabela 46 — Frequência de demonstrativos (romance) por posição no SN na RA

Séc.	Rom.	MAR	NUC	Total
XIX	MIS (1891)	127	23	150
		84,7%	15,3%	100%
XX	TN (1934)	118	32	150
	RCO (1989)	132	18	150
XXI	PC (2014)	123	27	150
		82%	18%	100%

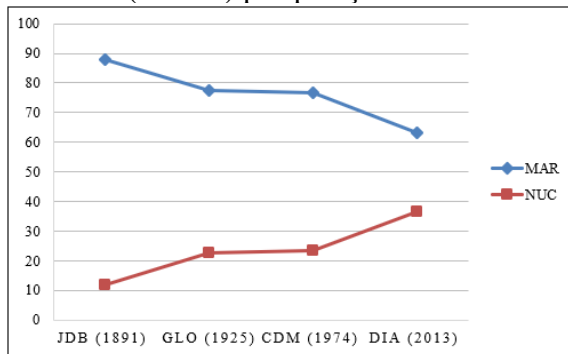
Gráfico 79 — Frequência (%) de demonstrativos (romance) por posição no SN na RA



Os dados dos dois GTs confirmam o padrão visto no *corpus* integral, com frequências de MAR por volta de 80% e de NUC por volta de 10% e 20%.

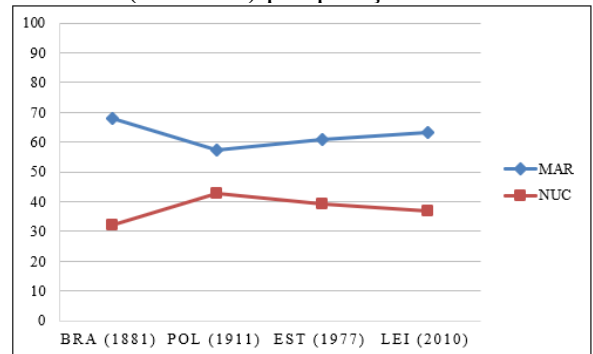
Observam-se os dados das frequências dos demonstrativos em posições de margem e núcleo na notícia e no romance em Ramalho (2016):

Gráfico 80 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por posição no SN no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 163)

Gráfico 81 — Frequência (%) de demonstrativos (romance) por posição no SN no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 163)

Embora a posição MAR seja a mais produtiva em ambos os GTs do RJ, nota-se o ascenso das frequências dos demonstrativos em posição de NUC. No romance, a frequência da posição NUC (por volta de 40%) é superior à da notícia e, também, mais produtiva que a posição NUC da RA (por volta de 10% e 20%) nos dois GTs.

Ramalho (2016) explica que essa frequência mais elevada da posição NUC no romance do RJ se deve à presença do grande número de demonstrativos do gênero gramatical neutro no romance, proporcionada pela ligação desse GT com a língua falada.

A exemplo de Ramalho (2016) e Cambraia (2012), analisar-se-ão também as frequências de MAR e NUC nos GTs notícia e romance sem as ocorrências dos demonstrativos do gênero neutro (*isso, isto e aquilo*), que sempre atuam como NUC.

Tabela 47 — Frequência de demonstrativos (notícia) por posição no SN (sem neutros) na RA

Séc.	Per.	MAR	NUC	Total
XI	CA (1870-98)	132	14	146
		90,4%	9,6%	100%
XX	JC1 (1925-26)	114	21	135
	JC2 (1980)	119	13	132
XXI	JC3 (2019)	117	12	129
		90,7%	9,3%	100%

Gráfico 82 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por posição no SN (sem neutros) na RA

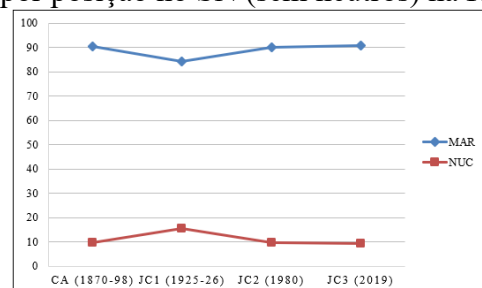
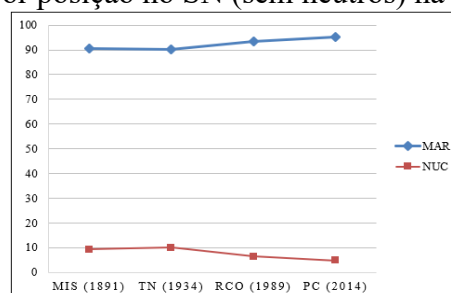


Tabela 48 — Frequência de demonstrativos (romance) por posição no SN (sem neutros) na RA

Séc.	Rom.	MAR	NUC	Total
XIX	MIS (1891)	127 90,7%	13 9,3%	140 100%
XX	TN (1934)	118 90,1%	13 9,9%	131 100%
	RCO (1989)	132 93,6%	9 6,4%	141 100%
XXI	PC (2014)	123 95,3%	6 4,7%	129 100%

Gráfico 83 — Frequência (%) de demonstrativos (romance) por posição no SN (sem neutros) na RA



Com a retirada dos neutros do NUC, as frequências dos demonstrativos nos GTs por posição no SN apresentam elevação de MAR da casa dos 80% para a dos 90%, prevalecendo o equilíbrio proporcional entre os dois GTs.

Passa-se à verificação das frequências dos demonstrativos em posição MAR e NUC nos GTs notícia e romance por modalidade.

Tabela 49 — Frequência de demonstrativos (notícia) na modalidade oral por posição no SN na RA

Séc.	Per.	MAR	NUC	Total
XI	CA (1870-98)	7 77,8%	2 22,2%	9 100%
XX	JC1 (1925-26)	-	-	-
	JC2 (1980)	9 60%	6 40%	15 100%
XXI	JC3 (2019)	50 68,5%	23 31,5%	73 100%

Gráfico 84 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia) na modalidade oral por posição no SN na RA

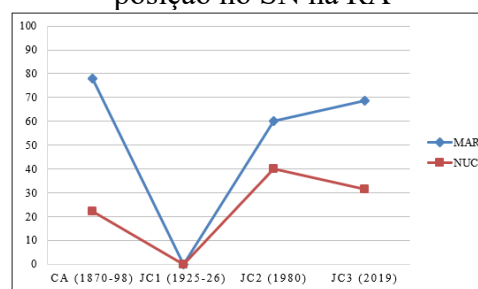
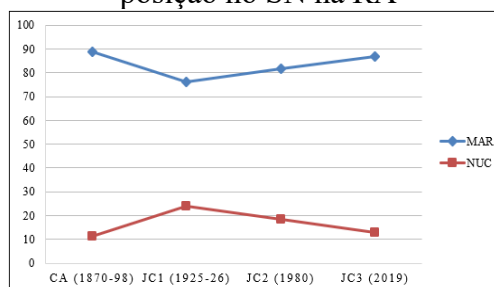


Tabela 50 — Frequência de demonstrativos (notícia) na modalidade escrita por posição no SN na RA

Séc.	Per.	MAR	NUC	Total
XI	CA (1870-98)	125 88,7	16 11,3%	141 100%
XX	JC1 (1925-26)	114 76%	36 24%	150 100%
	JC2 (1980)	110 81,5%	25 18,5%	135 100%
XXI	JC3 (2019)	67 87%	10 13%	77 100%

Gráfico 85 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia) na modalidade escrita por posição no SN na RA



Tanto na modalidade oral quanto na escrita da notícia, a posição MAR mantém frequências mais elevadas que NUC. No entanto, excetuando XX-1, que não contemplou a

modalidade oral, a posição NUC se apresenta mais produtiva na modalidade oral (por volta de 20% e 40%) que na modalidade escrita (por volta de 10% e 25%).

Tabela 51 — Frequência de demonstrativos (romance) SN na modalidade oral por posição na RA

Séc.	Rom.	MAR	NUC	Total
XIX	MIS (1891)	14 77,8%	4 22,2%	18 100%
	TN (1934)	53 71,6%	21 28,4%	74 100%
XX	RCO (1989)	9 90%	1 10%	10 100%
	PC (2014)	81 81	19 19%	100 100%

Gráfico 86 — Frequência (%) de demonstrativos (romance) na modalidade oral por posição no SN na RA

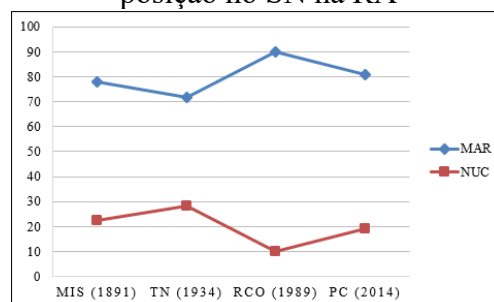
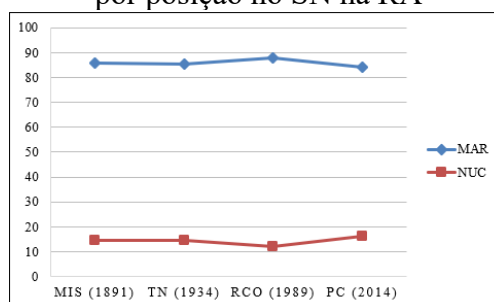


Tabela 52 — Frequência de demonstrativos (romance) na modalidade escrita por posição no SN na RA

Séc.	Rom.	M	NUC	Total
XIX	MIS (1891)	113 85,6%	19 14,4%	132 100%
	TN (1934)	65 85,5%	11 14,5%	76 100%
XX	RCO (1989)	123 87,9%	17 12,1%	140 100%
	PC (2014)	42 84%	8 16%	50 100%

Gráfico 87 — Frequência (%) de demonstrativos (romance) na modalidade escrita por posição no SN na RA

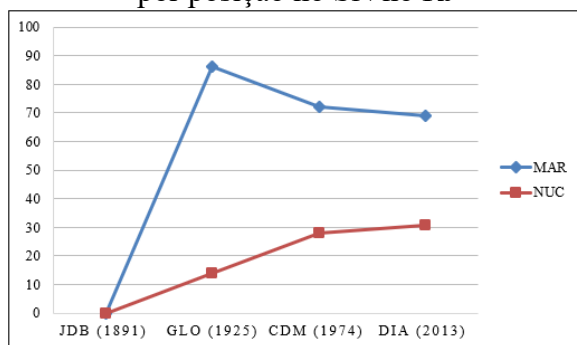


Nas modalidades oral e escrita do romance também prevalece a posição MAR, com frequências entre 70% a 90%. Assim como na notícia, a posição NUC foi mais produtiva na modalidade oral, por volta de de 10% e 30%, enquanto na escrita manteve uma constância, com frequências próximas aos 15% ao longo dos períodos.

Os dados dos dois GTs confirmam o maior uso da posição NUC na modalidade oral, como supôs Ramalho (2016).

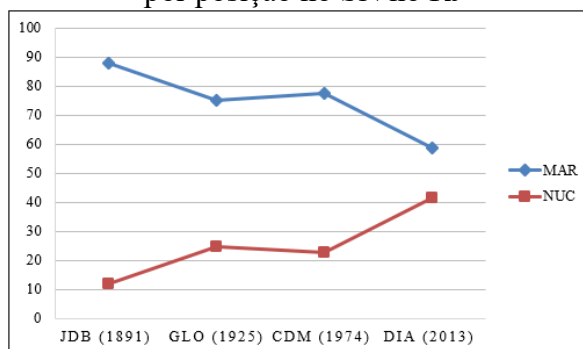
Seguem para comparação as frequências dos demonstrativos por posição no SN nas modalidades oral e escrita na notícia e no romance do RJ.

Gráfico 88 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia) na modalidade oral por posição no SN no RJ



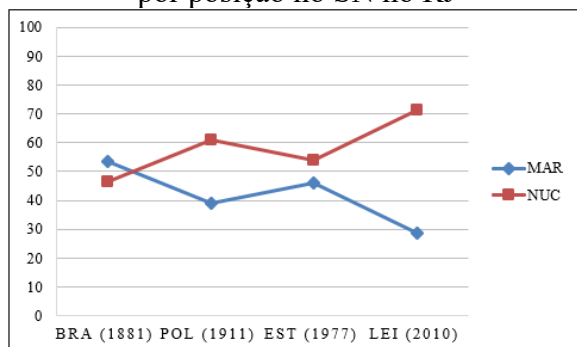
Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 166)

Gráfico 89 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia) na modalidade escrita por posição no SN no RJ



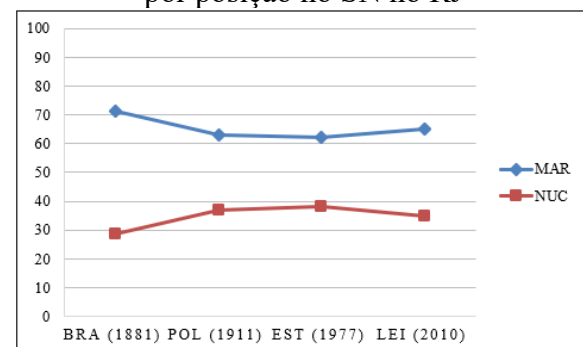
Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 166)

Gráfico 90 — Frequência (%) de demonstrativos (romance) na modalidade oral por posição no SN no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 166)

Gráfico 91 — Frequência (%) de demonstrativos (romance) na modalidade escrita por posição no SN no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 166)

Observa-se, no RJ, a prevalência da posição MAR nas duas modalidades da notícia e na escrita do romance. Na modalidade oral do romance, excetuando XIX-2, NUC é mais produtiva que MAR, com frequências por volta de 40% a 70%, enquanto na escrita NUC ocupa posições entre 30% e 40%.

Na modalidade oral do GT romance, o RJ apresenta frequências de NUC superiores às da RA. Convém lembrar que a modalidade oral no romance da RA apresenta frequências médias superiores às do RJ, conforme mostram os gráficos 15 (da RA) e 17 (do RJ) da seção 6.5. Esse resultado da menor produtividade da modalidade oral no romance do RJ (no entanto, com maior uso de NUC que a RA) potencializa ainda mais o valor da posição NUC no RJ, evidenciando a grande produtividade dessa posição no RJ.

Passa-se a verificar as frequências das formas em posição de MAR e de NUC na notícia e no romance.

Tabela 53 — Frequência de demonstrativos (notícia) em posição de margem por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	78 59,1%	38 28,8%	16 12,1%	132 100%
	XX	JC1 (1925-26)	53 46,5%	37 32,5%	24 21%
JC2 (1980)		45 37,8%	52 43,7%	22 18,5%	119 100%
XXI	JC3 (2019)	42 35,9%	74 63,2%	1 0,9%	117 100%

Gráfico 92 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia) em posição de margem por forma na RA

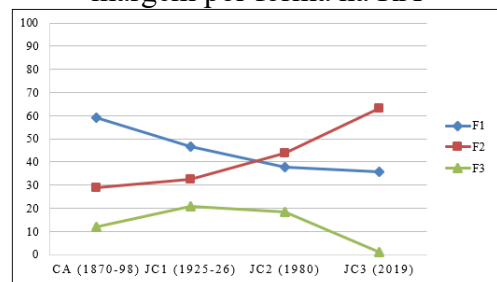
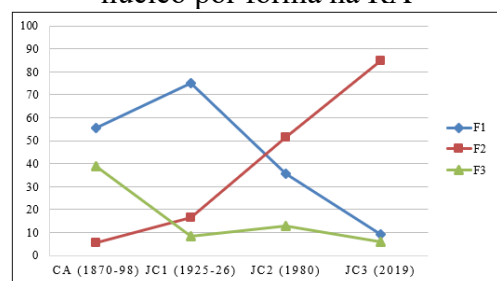


Tabela 54 — Frequência de demonstrativos (notícia) em posição de núcleo por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	10 55,6%	1 5,5%	7 38,9%	18 100%
	XX	JC1 (1925-26)	27 75%	6 16,7%	3 8,3%
JC2 (1980)		11 35,5%	16 51,6%	4 12,9%	31 100%
XXI	JC3 (2019)	3 9,1%	28 84,8%	2 6,1%	33 100%

Gráfico 93 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia) em posição de núcleo por forma na RA



Na notícia, as formas em posição MAR e NUC apresentam ascenso de F2, descenso de F1 e F3 como a forma menos produtiva.

Tabela 55 — Frequência de demonstrativos (romance) em posição de margem por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	18 14,0%	39 30,5%	71 55,5%	128 100%
	XX	TN (1934)	32 27,1%	41 34,8%	45 38,1%
RCO (1989)		11 8,3%	57 43,2%	64 48,5%	132 100%
XX	PC (2014)	2 1,7%	80 65%	41 33,3%	123 100%

Gráfico 94 — Frequência (%) de demonstrativos (romance) em posição de margem por forma na RA

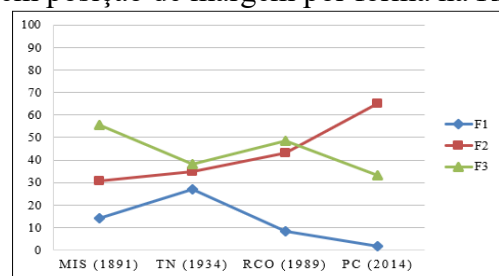
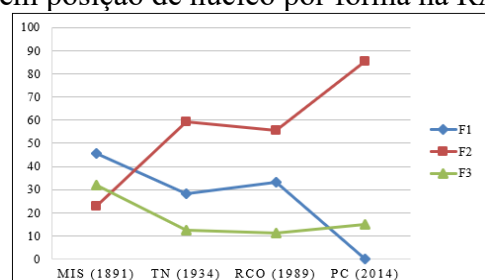


Tabela 56 — Frequência de demonstrativos (romance) em posição de núcleo por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	10 45,5%	5 22,7%	7 31,8%	22 100%
	XX	TN (1934)	9 28,1%	19 59,4%	4 12,5%
RCO (1989)		6 33,3%	10 55,6%	2 11,1%	18 100%
XXI	PC (2014)	-	23 85,2%	4 14,8%	27 100%

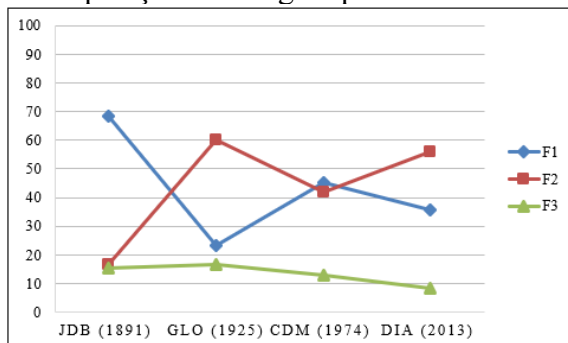
Gráfico 95 — Frequência (%) de demonstrativos (romance) em posição de núcleo por forma na RA



A separação das formas em posição MAR e NUC no romance evidencia que a grande produtividade de F3 no romance, observada essencialmente na escrita desse GT (gráfico 23) ocorre na posição MAR. Nota-se ainda nessa posição F1 como a forma menos frequente. Na posição NUC, observa-se o ascenso de F2 por oposição ao descenso de F1 e F3 como a forma menos frequente.

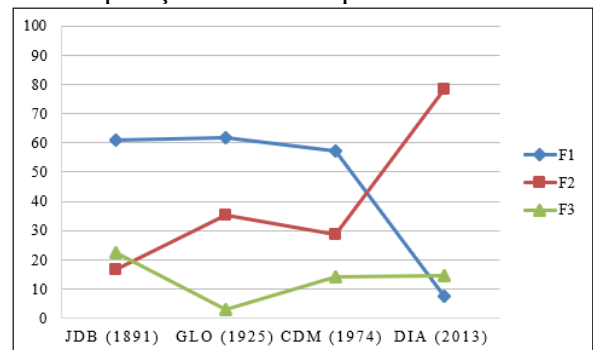
Passa-se a observar os gráficos das frequências das formas em posição de MAR e de NUC na notícia e no romance do RJ.

Gráfico 96 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia) em posição de margem por forma no RJ



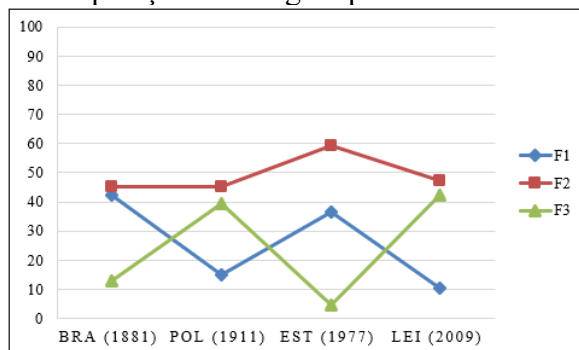
Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 167)

Gráfico 97 — Frequência (%) de demonstrativos (notícia) em posição de núcleo por forma no RJ



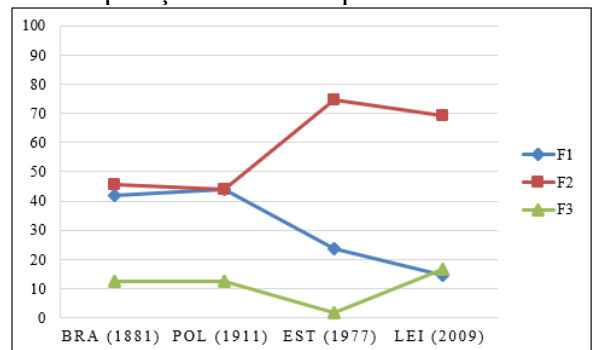
Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 167)

Gráfico 98 — Frequência (%) de demonstrativos (romance) em posição de margem por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 168)

Gráfico 99 — Frequência (%) de demonstrativos (romance) em posição de núcleo por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 168)

Observa-se em ambas as posições da notícia a atuação de F1 mais intensa que nas posições do romance. No entanto F2 ascende em XXI-1. No romance, as frequências de F2 se sobressaem ao longo de todo o período em ambas as posições. Como na RA, a maior produtividade de F3, se dá na posição MAR do romance.

6.8.2 Ordem no SN

A maioria das ocorrências dos demonstrativos em posição de margem nos SNs do *corpus* da RA se dá de forma anteposta ao núcleo. Das 1.200 ocorrências de demonstrativos no *corpus* da RA, há 982 na posição de margem, das quais apenas 7 (0,7%) estão pospostas ao núcleo dentro do SN. Esse dado corrobora a asserção de Cambraia (2009) que reconhece que no português brasileiro a posposição do demonstrativo ocorre muito raramente.

As 7 ocorrências de posposição ao núcleo dentro do SN estão presentes no *corpus* referente às notícias. Sendo uma ocorrência em XIX-2 (exemplo 51), 3 ocorrências na XX-1 (exemplos 52 a 54) e 3 ocorrências em XX-2 (exemplos 55 a 57).

Embora as ocorrências relativas à 2^a met. do séc. XIX e 1^a met. do séc. XX foram codificadas com F1 e as da 2^a met. do séc. XX com F2, atestando o desuso de F1 e a preferência de F2 na 2^a met. do séc. XX, todas as ocorrências atuaram como anáfora, como se observam nos exemplos 51 a 57:

- (51) Em beneficio da obra do hospital da sociedade portugueza beneficente desta provincia no dia 2 diversos cavalheiros offereceram um espectaculo no theatro Beneficente, e por ser o dia do anniversario natalicio de S. M. o Imperador o Senhor D. Pedro II, o deram em grande gala, **facto este** com que bastante nos congratulamos tendo em vista a maioria deses moços ser de nacionalidade differente da nossa. (CA, 4 dez. 1877, p. 1)
- (52) Entrou hontem em nosso porto o vapor Belem do commando do piloto Clementino Jucá. Este vaticano que zarpou de Manáos no dia 7 deste mez, com destino a Iquitos, para aqui arribou em virtude de ter recebido um rombo no casco, em consequencia de haver batido num páo submerso, **accidente este** verificado no dia 9, quando ás 10 e ½ horas, navegava em frente ao porto Libanez, no rio Solimões. (JC1, 13 jan.1925, p. 2)
- (53) O dr. Raymundo Montenegro, inspector agricola interino do primeiro districto, dirigira, em data de vinte sete de março de mil novecentos e vinte tres, um telegrama ao director do fomento agricola, no Rio de Janeiro, communicando-lhe que a alfandega de Manáos estava cobrando o imposto de setenta mil reis dos criadores fabricantes de queijo, **taxa esta** que achava quasi prohibitiva em virtude do estado de incipienca em que se encontrava a pecuaria amazonense. (JC1, 14 mai. 1925, p. 1)
- (54) Pelo dr. Ary Tapajóz Cahn, promotor publico do primeiro districto, foram denunciados hontem Virgilio Rosas e Alberto Pereira, o primeiro como mandante do espancamento que o segundo levou a effeito na pessoa de Justiniano Gonçalves, **facto este** occorrido nesta cidade no dia vinte tres de abril findo.(JC1, 27 mai. 1925, p. 1)
- (55) Governo oferece bolsas para os estudantes pobres (...) Não há limite de vagas, porém, para a concessão das bolsas, a Secretaria de Educação e Cultura cumprirá um regime de seleção em que prevalecerá a renda familiar, idade serie e outros fatores. O candidato, por exemplo, que apresentar menor renda familiar terá melhor possibilidade de adquirir uma bolsa_e ajuda para custear seus estudos **bolsa essa** que nesse ano foi estipulada em dois mil cruzeiros, por ano. (JC2, 12 fev. 1980, p. 5)
- (56) Em outro expediente, o engenheiro Antonio Caricato Petrucelli afirma que a Cosama está empenhada na solução do problema do fornecimento d'água para os bairros do Coroado e Aleixo que

tanto reclamam desse produto, **solução essa** que deverá ser apresentada ainda neste ano de 1980. (JC2,13 fev.1980, p. 2)

- (57) Em termos de recursos, a SUDAM investiu na empresa siderúrgica, atendendo a orientação do Ministério do Interior e conseqüentemente da Presidência da República, verbas do seu próprio orçamento assim como do fundo de investimento da Amazônia – FINAM, da ordem de 500 milhões de cruzeiros, **recursos esses** que foram aplicados na montagem da laminação que hoje passa a funcionar na manutenção do alto forno e na aquisição de componentes da aciaria, que futuramente será implantada, com vistas a integração da Siderama. (JC2, 15 fev. 1980, p. 3)

Dentro das 1200 ocorrências do *corpus* do RJ, Ramalho (2016) registrou 1.030 demonstrativos em posição de margem, dos quais apenas 14 (1,4%) estão pospostos aos núcleos dentro dos SNs. O pesquisador não identificou ocorrências de posposição em XIX-1, entendendo com isso que a gênese do uso da posposição no PB se deu em XIX-2, fato que o exemplo (51) da RA, notícia de 4 dezembro de 1877 corrobora.

Cambraia (2009), ao buscar a origem do uso do demonstrativo posposto ao núcleo, também analisa dados do séc. XIX. Com base em exemplos de textos desse período, o pesquisador propõe que o uso do demonstrativo posposto tenha surgido a partir da reanálise de estruturas compostas por *predicativo* (substantivo) e *sujeito* (demonstrativo) interpretadas como um único sintagma nominal. Exemplifica o trajeto da reanálise com uma frase de Júlio Dinis⁷³: *Que homem este!* [[*Que homem*] [*este*]] > [*Que [homem este]*] > [*Homem este*] (CAMBRAIA, 2009, p. 24)

Na RA também foram observadas no *corpus* (romance) estruturas com demonstrativos que, à primeira vista, poderiam ser confundidas com posposição no SN; contudo, como na frase de Júlio Dinis, são compostas por *predicativos* (compostos de substantivo) + *sujeitos* (compostos de demonstrativo):

- (58) — A flauta do Xico Ferreira, ás moscas na alfaiataria, interrompia o silencio da villa recolhida, casando os sons agudos e picados com a ruido monotono da agua repinicando nos telhados. **Que dia estúpido aquelle!** Silencio na rua, silencio na casa! (MIS, p. 120)
- (59) O cearense nem se importava com a bóia, absorvido a recordar a sua terra, com a fartura, a opulencia dos dias de inverno, e as mulheres mais lindas deste mundo e do outro. **Homem feliz, aquele.** Simples. Acomodatício. (TN, p. 21)
- (60) Indiferente ao rumo das cousas, a harmónica de Zé Vicente continuava a desferir sons abafados. E êle cantava a trova:
 Parece tróça, parece
 mas é verdade patente,
 Que a gente nunca se esquece,
 De quem se equece da gente.
 — **Cáibra bêsta, este.** Maria do Rosario nem se alembra mais dêle. (TN, p. 26)

⁷³ Os *Fidalgos da Casa Mourisca* (1871), de Júlio Dinis (1839-1871).

- (61) Chorára a bordo, com saudades antecipadas de um jabotí que era o seu companheiro de brincadeiras. Minervina, a ama, ficára com os olhos inchados de tanto chorar pela sua partida. **Dias tristes aqueles da primeira separação.** (TN, p. 66)
- (62) Tinha de cortar sessenta árvores. Algumas seringueiras obrigavam-me a trepar numa escada para feri-las, onde não tivésse a marca do córte da véspera. Entalhava as tigelinhas, colhendo-as de regresso, trazendo o galão cheio de “latex” para o defumador, onde coagulava o leite na fumaça feita pelos caroços de urucuri. Tirava este da bacia com um cuia, derramando-a sobre a pá de remo, pósta acima do boião, de onde se espiralavam gróssos rólos de fumaça cinzenta. Camadas superpunham-se, umas sobre as outras, até se formar a péle de borracha. **Luta anónima, quotidiana essa,** travada com o estómago vasio, porque entravamos nas estradas sem alimento nenhum além de uma cuia de chibé, feito de farinha d’agua mofada. (TN, p. 38)
- (63) **Terra inclemente essa, amaldiçoada,** onde, nem ao menos, o sólo é fixo. Terra que a própria Natureza destróe, numa intermitencia vandálica, - exclamava Capitulino, rememorando o que acontecera a Viriato Oiticica,...(TN, p. 127)

Esses exemplos estão presentes nos romances da 2ª met. do séc. XIX e 1ª do séc. XX e possuem estruturas similares à que Cambraia (2009) considera ter originado a posposição dos demonstrativos. Assim como na frase que o pesquisador usou como modelo para reanálise, os exemplos (58) a (63) apresentam estruturas com dois SNs autônomos, como pode ser esquematizado abaixo:

- (58b) [Que dia estúpido] [aquelle]
 (59b) [Homem feliz,] [aquele]
 (60b) [Cáibra bêsta], [este]
 (61b) [Dias tristes] [aqueles da primeira separação]
 (62b) [Luta anónima, quotidiana] [essa]
 (63b) [Terra inclemente] [essa], [amaldiçoada]⁷⁴

6.9 Análise semântico-discursiva dos demonstrativos

O valor semântico-discursivo dos demonstrativos requer uma atenção muito especial em virtude de sua versatilidade na aplicação pragmática. Corroborando essa asserção, inicia-se essa seção com um excerto do romance MIS em que o romancista Inglês de Souza realiza nove usos de demonstrativos em apenas um diálogo. Observe-se o exemplo (64):

- (64) E, intrigada, a caseira collocou sobre a mesa grande a palangana de café, e pôz-se a interrogar o professor com os olhos.
 Fidencio começou, narrando: (...)
 Sempre que chegava algum viajante, João Pinheiro gritava para dentro:
 — Moleque, traze café para **este homem.**
 O moleque, lá de dentro, respondia:
 — Já, sim siô.

⁷⁴ Neste caso, há novo predicativo após o sujeito composto por demonstrativo apenas.

O viajante ficava com a boca doce, esperando refrescar-se com o cafédorio do João Pinheiro. Passava um quarto d’hora... e nada.
 — Moleque, olha **esse café!** Gritava o fazendeiro.
 — Já vai, sim siô.
 O viajante, que já estava com a garganta secca de engulir em falso, concebia uma esperança. Passava outro quarto d’hora... e de café, nem lembrança.
 — Moleque, vem ou não vem **esse café?** perguntava o João Pinheiro.
 E o moleque:
 — Já vai já, sim, siô.
 O viajante puxava o relógio, sentindo não ter tempo de esperar que fizessem o fogo. Passava outro quarto d’hora:
 — Ó moleque do dianho, então **esse marvado café** não vem hoje?
 — Já vai agora mesmo, meu siô.
 O viajante levantava-se e despedia-se, farto de esperar.
 — **Este dianho de moleque**, dizia o João Pinheiro, apertando a mão ao hospede, **este dianho de moleque** é assim mesmo.
 E acrescentava muito aborrecido:
 — Que vexame sahir V. S. sem beber café!
 Montando a cavallo, o viajante ouvia ainda o moleque gritar lá de dentro:
 — Já vai, sim, siô.
 A Maria Miquelina pôz as mãos nas ilhargas, rindo muito.
 — **Este diacho de seu Xico** tem cada história! Pois o homem havera de fazer **isso mesmo?**!
 — Ara tome lá o seu café, que **este** não é do João Pinheiro. (MIS, p. 155-156-157)

O excerto acima reflete a alta produtividade dos demonstrativos, cujos valores são identificados na análise da interação linguística entre o falante e o ouvinte.

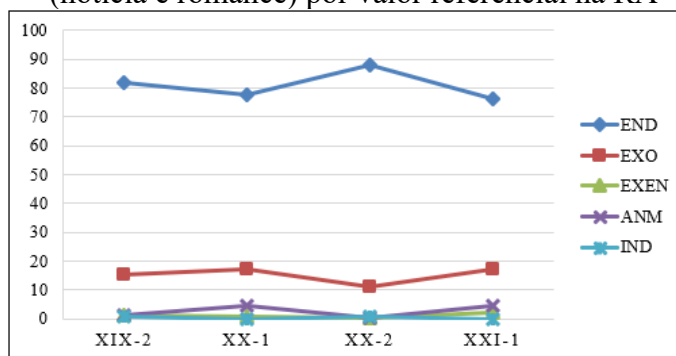
6.9.1 Visão geral

Os valores semântico-discursivos dos demonstrativos estão ligados ao processo de referência. A presente análise se pauta nas categorias de valores referenciais de *endófora* (END), *exófora* (EXO), *exo-endófora* (EXEN), *anamnética* (ANM) e *indeterminadora* (IND), previamente apresentadas no quadro 8 da seção metodologia. A tabela e o gráfico a seguir exibem aspectos quantitativos dessas categorias presentes no *corpus*:

Tabela 57 – Frequência de demonstrativos
(notícia e romance) por valor referencial na RA

Século		END	EXO	EXEN	ANM	IND	Total
XIX	2ª met.	242	46	7	3	2	300
		80,7%	15,3%	2,3%	1%	0,7%	100%
XX	1ª met.	233	51	2	14	–	300
	2ª met.	77,7%	17%	0,7%	4,6%	–	100%
XXI	1ª met.	263	33	1	1	2	300
		87,7%	11%	0,3%	0,3%	0,7%	100%
XXI	1ª met.	229	52	6	13	–	300
		76,3%	17,3%	2%	4,4%	–	100%

Gráfico 100 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia e romance) por valor referencial na RA



Os dados mostram a referência *endofórica* como a mais produtiva em todas as sincronias, com frequências entre 76,3% a 87,7%, seguida da *exofórica*, com frequências por volta dos 15% e da *anamnética*, que oscila entre 0,3% a 4,6%. A função *exo-endofórica*, embora represente uma pequena porcentagem das ocorrências, está presente em todas as sincronias. A *indeterminadora* só aparece em XIX-2 e XX-2 e não atinge 1% de frequência em cada caso. Observam-se as frequências dos demonstrativos por valor referencial nos GTs notícia e romance separadamente:

Tabela 58 – Frequência de demonstrativos (notícia) por valor referencial na RA

Séc.	Per.	END	EXO	EXEN	ANM	IND	Total
XIX	CA (1870-98)	113 75,3%	37 24,7%	–	–	–	150 100%
	JC1 (1925-26)	123 82%	26 17,3%	1 0,7%	–	–	150 100%
XX	JC2 (1980)	126 84%	23 15,3%	1 0,7%	–	–	150 100%
	JC3 (2019)	127 84,7%	20 13,3%	3 2%	–	–	150 100%

Gráfico 101 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por valor referencial na RA

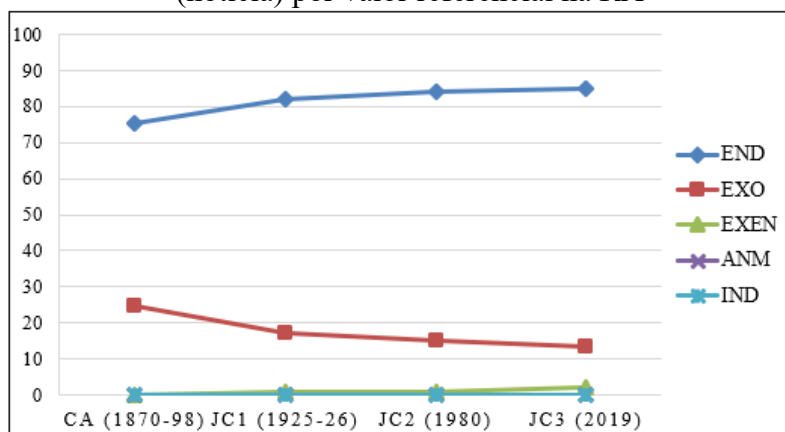
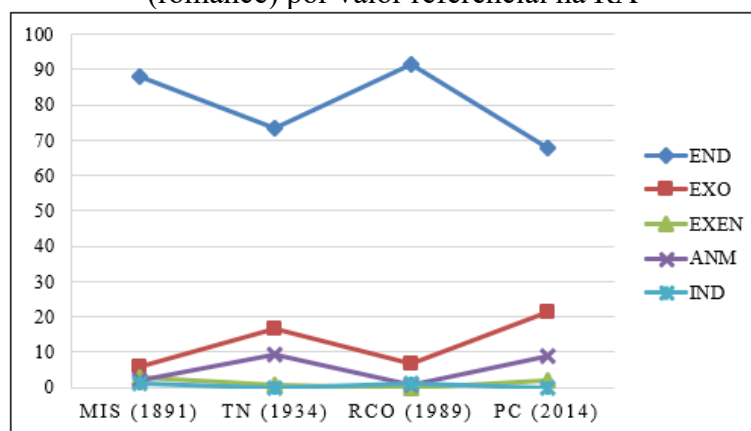


Tabela 59 – Frequência de demonstrativos (romance) por valor referencial na RA

Séc.	Rom.	END	EXO	EXEN	ANM	IND	Total
XIX	MIS (1891)	129 86%	9 6%	7 4,7%	3 2%	2 1,3%	150 100%
XX	TN (1934)	110 73,3%	25 16,7%	1 0,7%	14 9,3%	–	150 100%
	RCO (1989)	137 91,3%	10 6,7%	–	1 0,7%	2 1,3%	150 100%
XXI	PC (2014)	102 68%	32 21,3%	3 2%	13 8,7%	–	150 100%

Gráfico 102 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) por valor referencial na RA

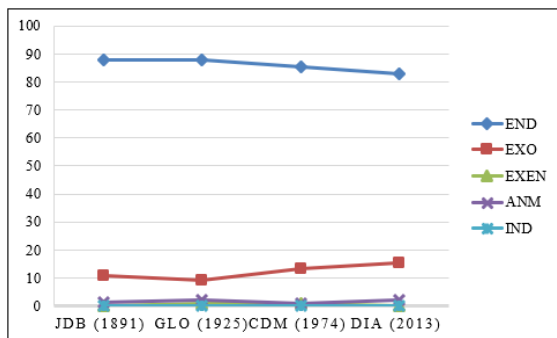


Assim como sucedeu no resultado do *corpus* conjunto (notícia e romance), também na análise de cada GT houve o predomínio da endófora em todas as sincronias. Nota-se, no entanto, que, na notícia, há menos oscilação de frequências no decorrer das sincronias (entre 75,3% e 84,7%), enquanto, no romance, há declives e aclives acentuados entre 68% e 91,3%. Outro fato a observar é que as funções anamnética e indeterminadora estão presentes somente no GT romance, o que leva à inferência de que o uso dessas funções está associado ao GT romance e, principalmente, ao estilo do romancista. Convém esclarecer que os demonstrativos presentes na função indeterminadora co-ocorrem no enunciando, originando a necessidade da presença de dois demonstrativos para conferir a propriedade de indeterminado, como mostra o exemplo (65), em que as expressões *filho desta* e *filho d'aquella* juntas insinuam a qualidade de filho de qualquer pessoa. Observe-se:

- (65) Devia engraxar-lhe as botinas, escovar-lhe a roupa, varrer-lhe a casa, levar recadinhos ás moças. Não contente com isto, descompunha-o em público: a besta do Macario, o caolho do sacristão, o burro do meu sacrista, **filho desta**, **filho d'aquella**, tambor de sargento, ladrão, velhaco, e outros epithetos não menos injuriosos. (MIS, p. 59)

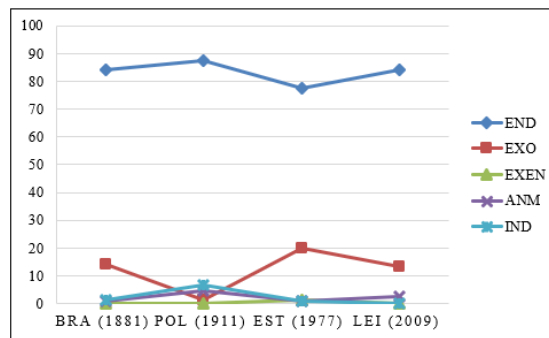
Os valores referenciais citados foram encontrados também por Ramalho (2016) nos GTs notícia e romance no *corpus* do RJ e os resultados são semelhantes aos da RA:

Gráfico 103 – Frequência (%) de demonstrativos (notícia) por valor referencial no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 183)

Gráfico 104 – Frequência (%) de demonstrativos (romance) por valor referencial no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 183)

No GT notícia, os dados das duas regiões são muito similares: a endófora com frequências por volta de 80% e a exófora por volta de 10%, não atingindo as demais funções nem mesmo 10% de frequência. No GT romance, a endófora também se sobressai às demais referências, com frequências por volta de 80% ao longo das sincronias no RJ e 70% a 90% na RA. A referência exofórica oscila em torno de 10% e 20% nos dois *corpora*. Assim como na RA, a função indeterminadora no RJ ocorre somente no romance, confirmando o vínculo dessa função com esse GT.

6.9.2 Paralelo entre exófora e endófora

Para uma visão geral da atuação das duas referências mais produtivas no *corpus*, traça-se um paralelo entre os dados da endófora e os da exófora na notícia e no romance:

Gráfico 105 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (notícia) por forma na RA

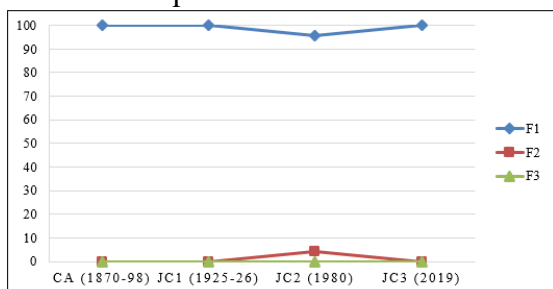


Gráfico 106 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (romance) por forma na RA

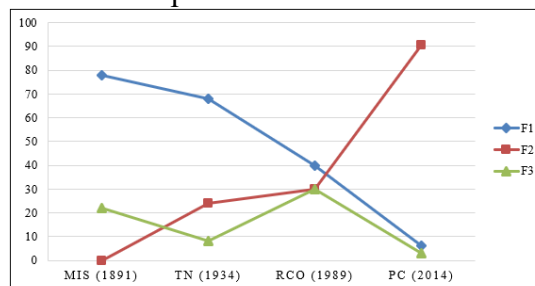


Gráfico 107 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (notícia) por forma na RA

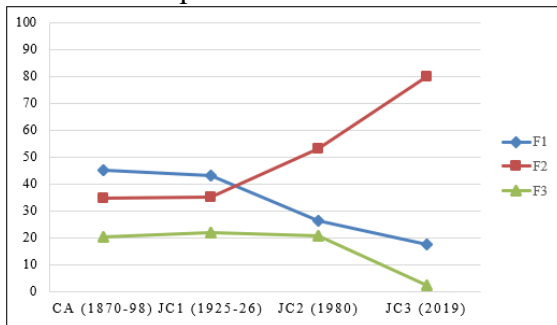
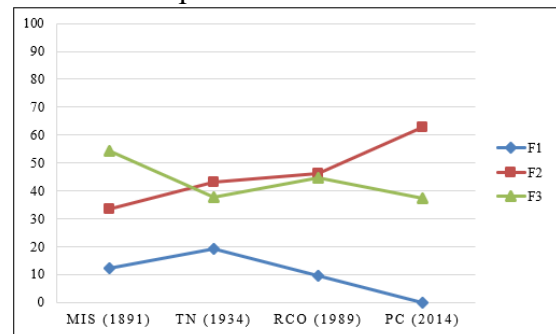


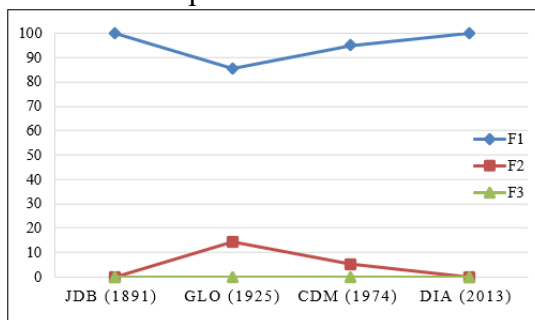
Gráfico 108 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (romance) por forma na RA



Na notícia, observa-se a exófora realizada basicamente por F1, sem probabilidade de mudança de padrão. No romance, a exófora apresenta F2 em ascensão e F1 em descenso ao longo das fases. Observa-se na endófora, tanto na notícia quanto no romance, descenso de F1 e ascenso de F2. Destaca-se ainda a produtividade de F3 no romance.

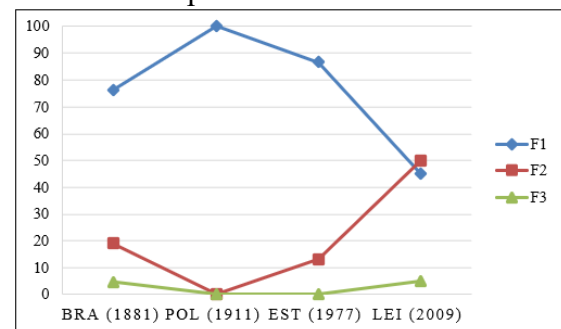
Observam-se, a seguir, os dados de Ramalho (2016) referentes às formas dos demonstrativos em exófora e endófora nos gêneros notícia e gênero:

Gráfico 109 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (notícia) por forma no RJ



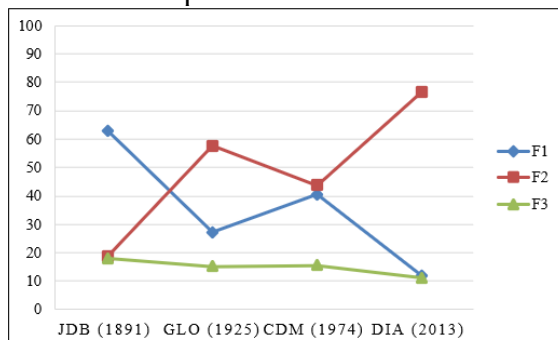
Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 223)

Gráfico 110 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (romance) por forma no RJ



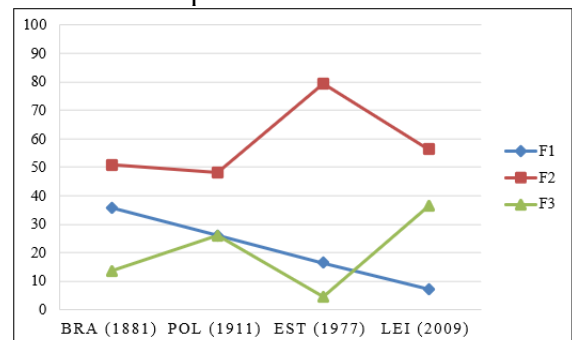
Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 223)

Gráfico 111 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (notícia) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 223)

Gráfico 112 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (romance) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 223)

Os resultados do RJ são bastante similares aos da RA, com predominância de F1 nas exóforas da notícia ao longo de todas as sincronias e no romance até XX-2; em XXI-1, F2 se apresenta mais produtiva que F1. Observa-se que na endófora da notícia do RJ a ascensão de F2 se dá em XX-1, uma sincronia antes da observada na notícia da RA (XX-2). No romance, a endófora, em ambos os trabalhos, apresenta F2 com frequências superiores às de F1 ao longo dos períodos.

No intuito de elucidar os detalhes da atuação das duas referências ao longo dos períodos analisados nos dois trabalhos, apresentam-se os seguintes quadros dos gêneros notícia e romance dos *corpora*, registrando-se com X a situação em que F2 é mais frequente do que F1:

Quadro 11 — Predomínio de F2 sobre F1 em exófora e em endófora (notícia) da RA e do RJ

Períodos	RA		RJ	
	EXO	ENDO	EXO	ENDO
2ª met. séc. XIX	—	—	—	—
1ª met. séc. XX	—	—	—	X
2ª met. séc. XX	—	X	—	X
1ª met. séc. XXI	—	X	—	X

Quadro 12 — Predomínio de F2 sobre F1 em exófora e em endófora (romance) da RA e do RJ

Períodos	RA		RJ	
	EXO	ENDO	EXO	ENDO
2ª met. séc. XIX	—	X	—	X
1ª met. séc. XX	—	X	—	X
2ª met. séc. XX	—	X	—	X
1ª met. séc. XXI	X	X	X	X

Os quadros mostram que, no gênero notícia, a expansão de F2 sobre F1 na endófora no RJ (XX-1) acontece uma sincronia antes que a observada na RA (XX-2) e, na exófora, nunca ocorre. No gênero romance, os dados dos dois estudos são similares; na endófora, as frequências de F2 são superiores a F1 em todas as sincronias e, na exófora, em ambos os estudos, F2 é mais frequente a partir de XXI-1.

Esses resultados corroboram a hipótese de Câmara Jr. (1971, 1985) de que o binarismo no PB seria um caso de estabelecimento de simetria no sistema de demonstrativos, com o comportamento dos demonstrativos na endófora influenciando o comportamento dos demonstrativos da exófora, hipótese comprovada por Cambraia (2012) e Ramalho (2016).

Para uma visão mais detalhada dos valores referenciais, passa-se a apresentar dados e descrições de cada valor referencial presente no *corpus* da RA e, sempre que possível, comparar-se-ão aos resultados de Ramalho (2016).

6.9.3 Exófora

6.9.3.1 Visão geral

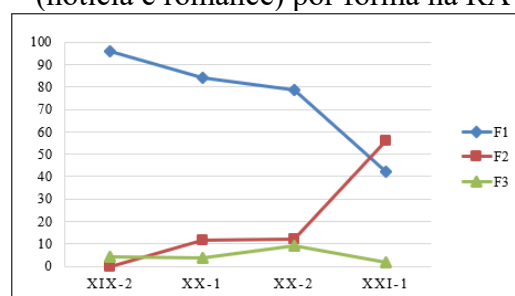
A exófora está relacionada à função dêitica do demonstrativo no cumprimento de apontar ou indicar algo ou alguém não mencionado no discurso; porém, presente no contexto situacional. Em virtude dessa funcionalidade, Diessel (1999) analisa o valor exofórico como básico e principal, do qual os usos endofóricos teriam sido derivados.

Passa-se à apresentação das frequências das formas dos demonstrativos que atuam como exófora nos GTs notícia e romance:

Tabela 60 – Frequência de demonstrativos em exófora (notícia e romance) por forma na RA

Século		F1	F2	F3	Total
XIX	2 ^a met.	44 95,7%	–	2 4,3%	46 100%
	1 ^a met.	43 84,3%	6 11,8%	2 3,9%	51 100%
XX	2 ^a met.	26 78,8%	4 12,1%	3 9,1%	33 100%
	1 ^a met.	22 42,3%	29 55,8%	1 1,9%	52 100%

Gráfico 113 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (notícia e romance) por forma na RA



Os dados dos demonstrativos por exófora no *corpus* (notícia e romance) mostram o ascenso de F2 em oposição do descenso de F1 e F3 como a forma menos produtiva.

Passa-se a observar as frequências das formas dos demonstrativos que atuam como exófora na notícia e no romance separadamente:

Tabela 61 – Frequência de demonstrativos em exófora (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	37 100%	–	–	37 100%
	JC1 (1925-26)	26 100%	–	–	26 100%
XX	JC2 (1980)	22 95,7%	1 4,3%	–	23 100%
	JC3 (2019)	20 100%	–	–	20 100%

Gráfico 114 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (notícia) por forma na RA

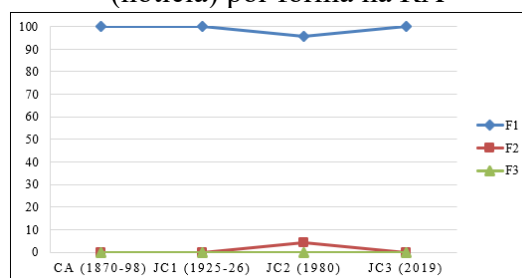
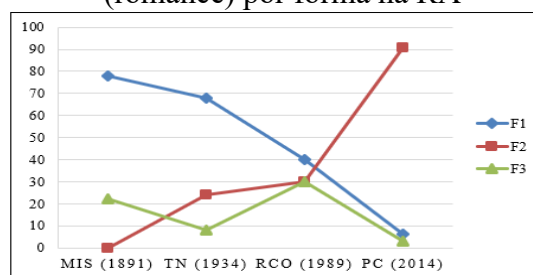


Tabela 62 – Frequência de demonstrativos em exófora (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	7 77,8%	–	2 22,2%	9 100%
	TN (1934)	17 68%	6 24%	2 8%	25 100%
XX	RCO (1989)	4 40%	3 30%	3 30%	10 100%
	PC (2014)	2 6,3%	29 90,6%	1 3,1%	32 100%

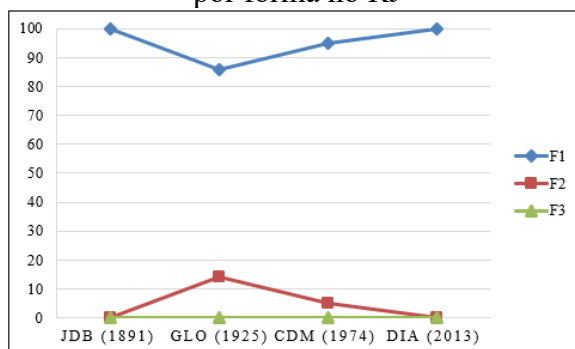
Gráfico 115 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (romance) por forma na RA



Das 106 ocorrências de exóforas na notícia, 105 se realizam com F1 e apenas 1 com F2, mostrando ser um contexto de resistência de F1. No romance observa-se divisão entre F1 e F2, no entanto, com o ascenso de F2 em oposição ao descenso de F1. F3 atua como a forma menos produtiva. Como se observou no item anterior, nos dados do RJ, na exófora da notícia também houve a prevalência de F1 e no romance, a ascensão de F2 em oposição ao descenso de F1.

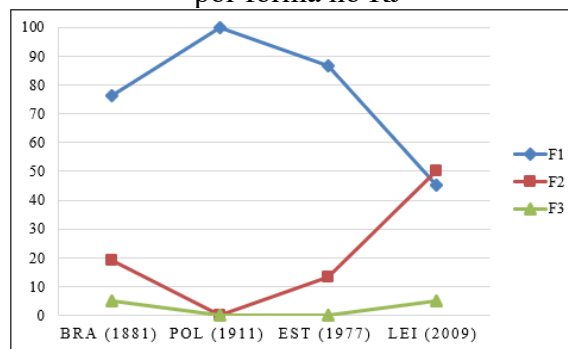
Observe-se agora os dados do RJ para demonstrativos em exófora por forma, separado por gênero:

Gráfico 116 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (notícia) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 223).

Gráfico 117 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (romance) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 223).

Notam-se que os dados da notícia do RJ são muito similares aos da RA, com F1 com frequências por volta de 100% a 90%, refletindo a presença de tradição discursiva no gênero notícia. Nos dados do romance, embora em ambos os trabalhos tenha ficado evidente o ascenso de F2 em oposição ao descenso de F1, observam-se percursos distintos das frequências, refletindo a liberdade literária dos romancistas.

Ramalho (2016, p. 185) relata que a oralidade influencia no aumento de exóforas no GT romance, em virtude de os personagens realizarem, em seus diálogos, constantes referências temporais e espaciais relativas ao contexto da produção linguística. No intuito de observar se esse

fenômeno também se dá na RA, apresentam-se as frequências dos demonstrativos por exófora dos GTs notícia e romance nas modalidades oral e escrita:

Tabela 63 – Frequência de demonstrativos em exófora na mod. oral (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	5 100%	–	–	5 100%
	JC1 (1925-26)	–	–	–	–
XX	JC2 (1980)	2 100%	–	–	2 100%
	JC3 (2019)	2 100%	–	–	2 100%

Gráfico 118 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora na mod. oral (notícia) por forma na RA

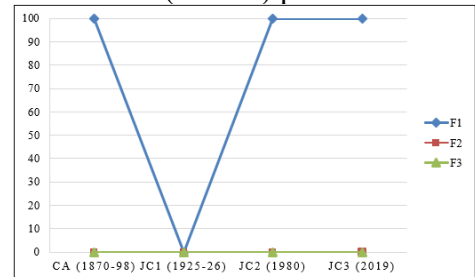
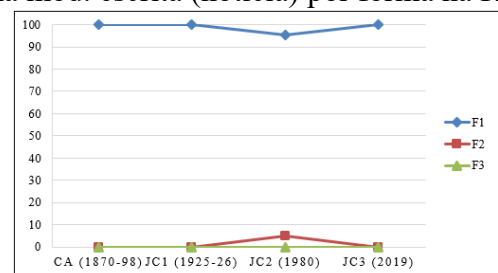


Tabela 64 – Frequência de demonstrativos em exófora na mod. escrita (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	32 100%	–	–	32 100%
	JC1 (1925-26)	26 100%	–	–	26 100%
XX	JC2 (1980)	20 95,2%	1 4,8%	–	21 100%
	JC3 (2019)	18 100%	–	–	18 100%

Gráfico 119 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora na mod. escrita (notícia) por forma na RA



Na modalidade escrita na notícia na RA, a exófora é mais produtiva que na modalidade oral. Há 97 ocorrências da modalidade escrita e 9 na oral, em sua maioria realizadas com F1.

Passam-se aos dados dos demonstrativos por exófora nas modalidades oral e escrita do romance.

Tabela 65 – Frequência de demonstrativos em exófora na mod. oral (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	5 100%	–	–	5 100%
	TN (1934)	16 76,2%	5 23,8%	–	21 100%
XX	RCO (1989)	2 66,7%	1 33,3%	–	3 100%
	PC (2014)	2 6,7%	28 93,3%	–	30 100%

Gráfico 120 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora na mod. oral (romance) por forma na RA

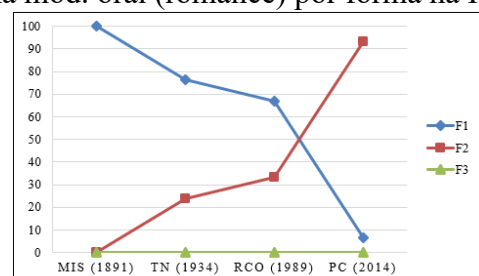
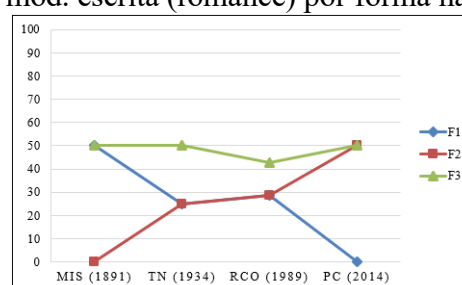


Tabela 66 – Frequência de demonstrativos em exófora na mod. escrita (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	2 50%	–	2 50%	4 100%
	TN (1934)	1 25%	1 25%	2 50%	4 100%
XX	RCO (1989)	2 28,6%	2 28,6%	3 42,8%	7 100%
	PC (2014)	–	1 50%	1 50%	2 100%

Gráfico 121 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora na mod. escrita (romance) por forma na RA



Diferentemente do resultado da notícia, no romance, a exófora é mais produtiva na modalidade oral que na escrita, apresentando 59 ocorrências divididas entre F1 e F2, com observável acíve de F2 por oposição ao declive de F1, enquanto a modalidade escrita apresenta 17 ocorrências divididas entre as três formas com preponderância de F3 ao longo dos períodos.

Esse resultado corrobora a asserção de Ramalho (2016)⁷⁵ de que a modalidade oral no romance influencia o aumento de exóforas, pois, na RA, é onde elas são mais produtivas. Confirma ainda a modalidade escrita da notícia (contexto de maior formalidade) como reduto de exóforas codificadas com F1.

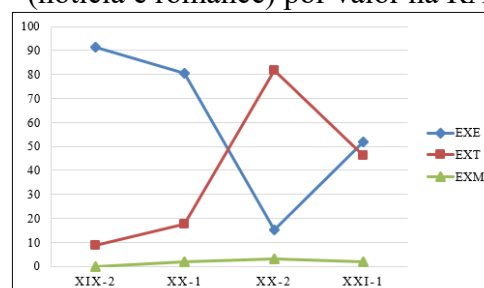
Nas notícias e nos romances, a exófora tem o compromisso de levar os leitores à compreensão do *espaço* (exófora espacial) e do *tempo* (exófora temporal) inscritos na situação da enunciação. Em alguns casos, faz-se referência ao próprio texto ou a suas partes (exófora metatextual). Nas tabelas e gráficos, tais categorias são representadas pelas seguintes abreviaturas: EXE = exófora espacial, EXT = exófora temporal e EXM = exófora metatextual.

Passa-se à análise dessas três categorias de exófora no *corpus* (notícia e romance).

Tabela 67 – Frequência de demonstrativos em exófora (notícia e romance) por valor na RA

Século		EXE	EXT	EXM	Total
XIX	2 ^a met.	42 91,3%	4 8,7%	–	46 100%
	1 ^a met.	41 80,4%	9 17,6%	1 2%	51 100%
XX	2 ^a met.	5 15,2%	27 81,8%	1 3%	33 100%
	1 ^a met.	27 51,9%	24 46,2%	1 1,9%	52 100%

Gráfico 122 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (notícia e romance) por valor na RA



⁷⁵ Ramalho (2016, p. 205-208) não apresentou o resultado da análise do valor exofórico globalmente em relação às formas (apenas por subfunção exofórica), razão pela qual não se realiza aqui comparação destes resultados.

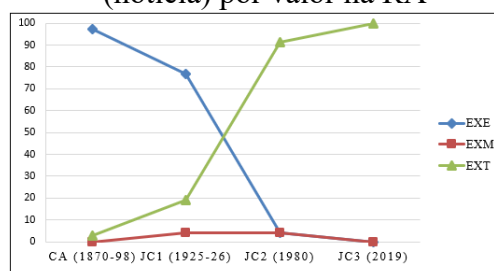
Os dados acima evidenciam que a presença de EXM é rara no *corpus* e EXE e EXT alternam a predominância, embora a EXE seja a mais frequente na maioria das sincronias.

Passa-se à análise dessas três categorias de exófora nos GTs notícia e romance, separadamente.

Tabela 68 – Frequência de demonstrativos em exófora (notícia) por valor na RA

Séc.	Per.	EXE	EXT	EXM	Total
XIX	CA (1870-98)	36 97,3%	1 2,7%	–	37 100%
	JC1 (1925-26)	20 76,9%	5 19,2%	1 3,9%	26 100%
XX	JC2 (1980)	1 4,3%	21 91,4%	1 4,3%	23 100%
	JC3 (2019)	–	20 100%	–	20 100%

Gráfico 123 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (notícia) por valor na RA

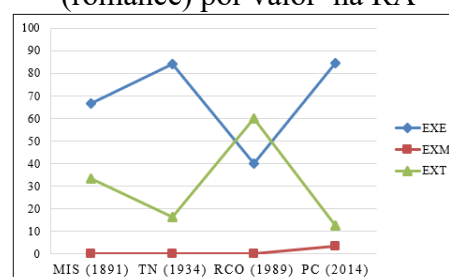


O gráfico revela inversão de uso entre a EXE e a EXT, com descenso da EXE (97,3% a 0%) por oposição ao ascenso gradual de EXT (2,7% a 100%). O valor EXM apresenta apenas 2 ocorrências, não atingindo 5%, o que leva a crer que não é um hábito recorrente dos redatores da RA fazerem alusões a seus próprios textos nas notícias.

Tabela 69 – Frequência de demonstrativos em exófora (romance) por valor na RA

Séc.	Rom.	EXE	EXT	EXM	Total
XIX	MIS (1891)	6 66,7%	3 33,3%	–	9 100%
	TN (1934)	21 84%	4 16%	–	25 100%
XX	RCO (1989)	4 40%	6 60%	–	10 100%
	PC (2014)	27 84,4%	4 12,5%	1 3,1%	32 100%

Gráfico 124 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (romance) por valor na RA



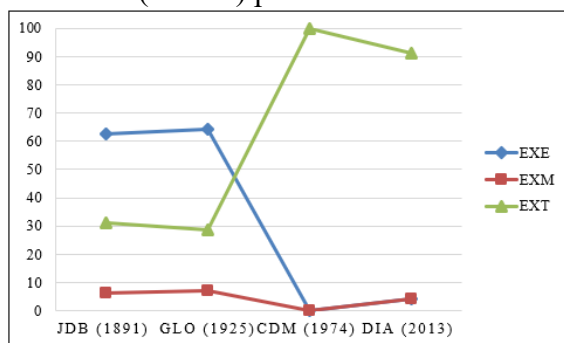
No romance, excetuando XX-2, em que o RCO privilegia a menção a tempo com 60%, os demais períodos abordam com mais frequência a EXE (40% a 84,4%). A EXM apresenta apenas 1 (3,1%) ocorrência em XXI-1, confirmando que os romancistas eleitos para comporem o *corpus* da RA também não possuíam o hábito de referenciar seus próprios textos. No entanto, referenciam outros textos como se observará na seção das endóforas.

Além das categorias exofóricas *espacial*, *temporal* e *metatextual*, Ramalho (2016) denomina de *presencial*, a exófora em que o referente se encontra presente no campo de visão de quem realiza a referência, como no exemplo a seguir:

- (66) — Eu recompensar-te-hei, se fores fiel.
 — Mais prompto, mais lesto, e mais agudo.
 — Por agora toma **estes cobres**.
 — Oh meo Snr. promptissimo, lestissimo, e agudissimo.
 (MOR, 1844, *apud* Ramalho 2016, p. 212)⁷⁶

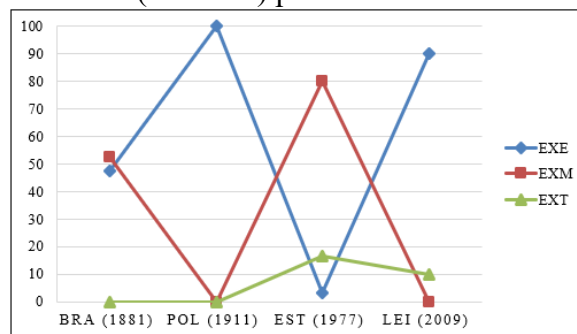
Casos como o contemplado acima são analisados neste trabalho como exófora espacial; portanto, para comparação dos dados dos *corpora* do RJ e da RA, as ocorrências de exóforas presenciais e espaciais foram somadas nos dados de Ramalho (2016), como nos dados adaptados abaixo:

Gráfico 125 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (notícia) por valor no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 206)

Gráfico 126 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora (romance) por valor no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 206)

Os dados dos valores exofóricos na notícia do RJ são similares aos da RA, com descenso da EXE por oposição ao ascenso de EXT e baixa frequência de EXM. No romance do RJ, assim como no da RA, excetuando XX-2, o valor EXE é o que mais se destaca na produtividade. No entanto, EXM se mostra produtiva em dois romances no RJ, enquanto na RA é a referência menos produtiva em todas as sincronias. Esse resultado do RJ evidencia o gosto dos romancistas Machado de Assis e Clarice Lispector por referenciar conteúdos em seus próprios textos nos romances: cf. respectivamente, BRA (XIX-2) e EST (XX-2).

Passa-se à abordagem mais aprofundada das três categorias da exófora presentes no *corpus* da RA.

⁷⁶ MOR (1844) = *A Moreninha*, Joaquim Manuel de Macedo.

6.9.3.2 Exófora espacial

As exóforas espaciais exprimem noções de proximidade ou de afastamento de um centro dêitico. Como apresentado na seção 1.3, na tradição gramatical da língua portuguesa, os valores espaciais dos demonstrativos estão associados às pessoas do discurso. Segundo essa tradição, o demonstrativo *este* (1ª pessoa) codifica situação de proximidade do locutor; o *esse* (2ª pessoa) codifica proximidade do interlocutor e o demonstrativo *aquela* (3ª pessoa) codifica afastamento de ambos.

a) Exófora espacial na notícia

a.1) Visão geral

Na notícia, todas as ocorrências de exófora espacial são codificadas com F1, como se observam na tabela e no gráfico a seguir:

Tabela 70 – Frequência de demonstrativos em exófora espacial (notícia) por forma na RA

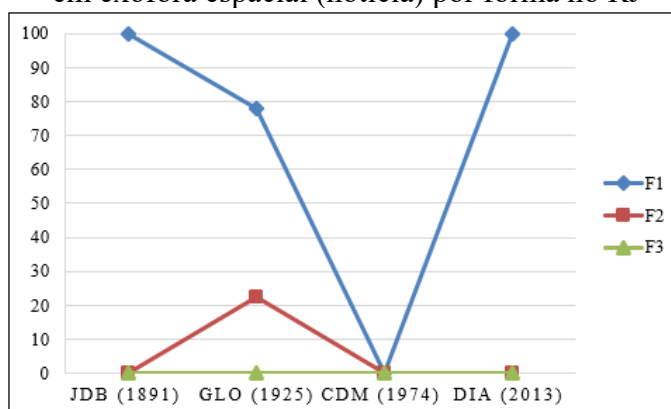
Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	36	–	–	36
		100%	–	–	100%
XX	JC1 (1925-26)	20	–	–	20
		100%	–	–	100%
XX	JC2 (1980)	1	–	–	1
		100%	–	–	100%
XXI	JC3 (2019)	–	–	–	–

Gráfico 127 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora espacial (notícia) por forma na RA



Observam-se os dados da exófora espacial (espacial + presencial) no *corpus* (notícia) de Ramalho (2016):

Gráfico 128 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora espacial (notícia) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 209 e 213)

Assim como na RA, os dados da exófora espacial na notícia do RJ mostram F1 como a forma mais frequente.

A maioria das ocorrências da exófora espacial na notícia da RA faz referência à cidade de Manaus, mencionada ora como capital, ora como cidade, e, em XIX-2, como província, conforme mostram respectivamente os exemplos (67) a (69).

- (67) No dia 9 do corrente mez, n'uma das margens do Rio-Negro, limites da freguezia de Moura, acabão os indios Jauaperys de assaltar uma canôa do venezuelano André Level que ha pouco seguio **desta capital** para a republica de Venezuela, ferindo-lhe gravemente quatro tripolantes e roubando-lhe mais de cinco contos de reis de mercadorias, de que hia carregada a mesma canôa. (CA, 23 dez.1870, p. 1)
- (68) Damos hoje noticia de um terrivel e fatal acontecimento que tem constringido a população **desta cidade**. Ás 2 horas e 15 minutos da madrugada do dia 8 do corrente, deo-se o abalroamento entre os vapores nacionaes, o da Companhia do Amasonas – Arary e o da Companhia Fluvial do Amasonas – Purús. (CA, 09 jul.1870, p. 1)
- (69) Pelo ministério da guerra foi declarado ao presidente **desta província** que a vista do que informou no officio de n. 28 de 3 passado, relativamente a bateria assentada no local em que existia outr'ora o forte de S. José, em Manãos, deve ser abandonado considerando-se não existente o referido forte, e mandando recolher ao deposito de artigos bellicos da mesma provincia o material aproveitavel. (CA, 10 jun, 1875, p. 1)

Notam-se nos exemplos acima, F1 codificando o espaço em que o locutor se encontra, obedecendo o uso indicado pela tradição gramatical. Há, ainda na notícia, ocorrências referentes a eventos que transcorrem no momento da enunciação e a ambientes, como os exemplificados, respectivamente, em (70) e (71):

- (70) Se a nossa modesta festa se transformou em esplendido festim, isto provem da geral sympathia de que v. exc. gosa no Amazonas; portanto, como eu dice a principio, **esta reunião** não tem o menor caracter politico, porque ella é apenas uma festa de pura amisade. (CA, 29 mai. 1880, p. 2)
- (712) Temos desde hoje e por alguns dias em exposição na sala **desta redacção** duas esplendidas photogravuras, representando o bello vaso da marinha de guerra portugueza, o “Adamastor” que realmente merecem ser admiradas. (CA, 7 dez. 1898, p. 1)

a.2) Valores da exófora espacial na notícia⁷⁷

A exófora espacial está relacionada ao envolvimento de proximidade ou de distanciamento dos interlocutores do discurso. Para verificação dessas noções espaciais se adotam as seguintes subcategorias: (i) proximidade do locutor; (ii) proximidade do interlocutor e (iii) afastamento do locutor e do interlocutor.

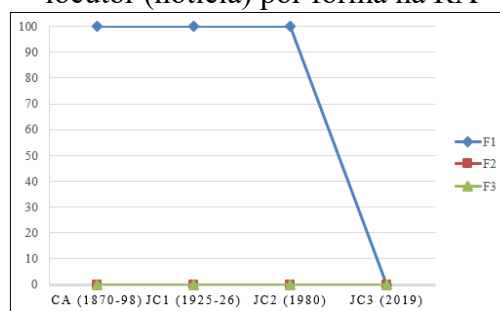
⁷⁷ Ramalho (2016) não abordou a questão das subcategorias em seu estudo, razão pela qual a presente análise fica restrita à RA.

A tabela e o gráfico a seguir mostram os demonstrativos em exóforas espaciais presentes na notícia que exprimem apenas proximidade do locutor. As subcategorias proximidade do interlocutor e afastamento do locutor e do interlocutor não apresentaram dados na notícia.

Tabela 71 – Frequência de demonstrativos em exófora espacial de proximidade do locutor (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	36 100%	–	–	36 100%
XX	JC1 (1925-26)	20 100%	–	–	20 100%
	JC2 (1980)	1 100%	–	–	1 100%
XXI	JC3 (2019)	–	–	–	–

Gráfico 129 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora espacial de proximidade do locutor (notícia) por forma na RA



Todas as 57 ocorrências de exófora espacial na notícia que exprimem proximidade do locutor são codificadas com F1. Esse resultado se deve ao fato de a maioria dos casos estarem vinculados a referências de locais em que os redatores se encontram.

Passa-se à observação das frequências dos demonstrativos em exófora espacial no romance.

b) Exófora espacial no romance

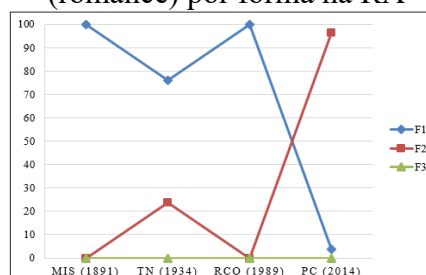
b.1) Visão geral

No romance, F1 está presente em todas as sincronias; no entanto, em XXI-1, sua frequência cai vertiginosamente e ascende a de F2 com 96,3%, mostrando a preferência do autor de PC pelo uso de exóforas espaciais com F2.

Tabela 72 – Frequência de demonstrativos em exófora espacial (romance) por forma na RA

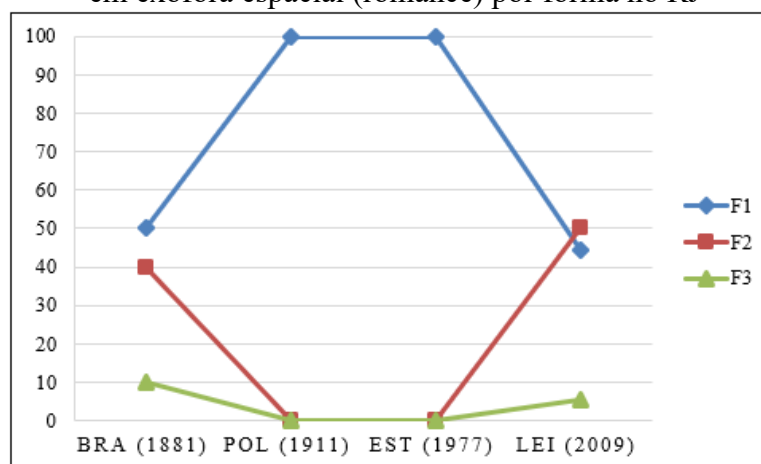
Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	6 100%	–	–	6 100%
XX	TN (1934)	16 76,2%	5 23,8%	–	21 100%
	RCO (1989)	4 100%	–	–	4 100%
XXI	PC (2014)	1 3,7%	26 96,3%	–	27 100%

Gráfico 130 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora espacial (romance) por forma na RA



A seguir, os resultados das frequências dos demonstrativos em exófora espacial (espacial + presencial) no GT romance de Ramalho (2016):

Gráfico 131 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora espacial (romance) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 209 e 213)

Em XXI-1, observam-se, no GT romance das duas regiões (RA e RJ), o ascenso de F2 por oposição ao descenso de F1, assim como F3 como a forma menos produtiva dos *corpora*.

A exófora espacial se faz presente no romance da RA por meio de espaços retratados no momento da enunciação como o exemplo (72), referente abstrato como no exemplo (73) e descrição de fenômeno da natureza indicando a atmosfera do espaço em (74).

(72) — Ah, eu não, eu... — Otto não sabia o que responder enquanto o Velho Esmirno dizia: - Venha cá, você precisa de um lugar para descansar. Otto ia relutante, com a cabeça baixa e sem dizer uma palavra.

— Ô, garoto, você pode ficar com **esse camarote**, não tem ninguém nele. Só se comporte, e esteja onde meus olhos alcancem — disse Esmirno. (PC, p. 42)

(73) Ao quarto dia, quando lhe vieram abrir a porta do carcere, estava magro e pallido, denunciando no olhar febril e na agitação do pulso a exaltação que o possuía. Devorara o almoço com um apetite de tres dias, e recolhera-se ao dormitório, dizendo-se adoentado.

— **Esta febre**, dissera o Reitor, é obra do demonio da soberba. (MIS, p. 114)

(74) — É uma hora ingrata — lamentou-se o homem. — Ainda mais com **este chuveiro e o sol ralado**; o olhar não se decide por nada. (RC, p. 64)

Nos romances, há várias passagens em que o narrador introduz um assunto e, em seguida, ele é citado pelo personagem como no exemplo (75):

(75) Antes de atravessar uma picada recentemente aberta, demos com uma árvore imensa em cujas raízes elevadas do sólo, podiam abrigar-se vinte homens. Era a sapopema.

— Quando se perderem — adiantou o guia — batam com o terçado **nestas raízes**. Assim serão logo pressentidos pelos companheiros, que repetirão o aviso, anunciando o rumo. (TN, p. 34-35)

Em exemplos como o de (75), se o texto fosse tratado como uma sequência linear de proposições, ignorando-se os autores de cada proposição, classificar-se-ia a expressão demonstrativa *nestas raízes* como endófora anafórica, por retomar o antecedente *raízes elevadas do sólo*. No entanto, como, na estrutura da narrativa, ficam evidentes os limites dos discursos do narrador e do personagem, considera-se a realidade de que o personagem não tem acesso ao discurso do narrador, não podendo, assim, retomá-lo. Essa compreensão leva à adoção neste trabalho da classificação de exófora espacial para casos como o (75), tendo em vista que a expressão demonstrativa *nestas raízes* faz referência a algo presente no contexto da situação vivenciada pelo personagem.

A seguir, tratam-se das subcategorias dos demonstrativos em exófora espacial no romance.

b.2) Valores da exófora espacial no romance

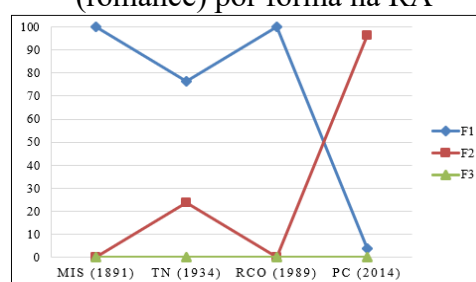
Para verificação dessas noções espaciais no romance também se adotam as três subcategorias já mencionadas em (a.2).

Das 58 ocorrências de exófora espacial no romance, 56 (96,6%) exprimem proximidade do locutor, como mostram a tabela e o gráfico a seguir:

Tabela 73 – Frequência de demonstrativos em exófora espacial de proximidade do locutor (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	5 100%	–	–	5 100%
	TN (1934)	16 76,2%	5 23,8%	–	21 100%
XX	RCO (1989)	4 100%	–	–	4 100%
	PC (2014)	1 3,8%	25 96,2%	–	26 100%

Gráfico 132 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora espacial de proximidade do locutor (romance) por forma na RA



Nessa subcategoria, F1 é contemplada em todas as sincronias, no entanto, em XXI-1, F2 ascende, representando 96,2% das ocorrências e F3 não é contemplada. Os exemplos (76) e (77) mostram respectivamente usos de F1 e de F2 para proximidade do locutor:

(76) — E dona Nadesca, como vai passando? Está mais acostumada **neste ermo**? Trouxe **estas revistas** para que se lembre – disse, com acentuada ironia – da Metropole. (TN, p. 142)

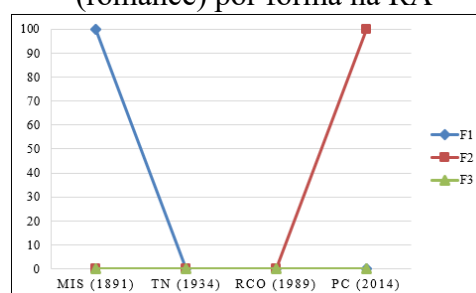
(77) — Caramba, acorda, Otto. Não é hora de brincar. É a chance que temos de sair **dessa prisão**. (PC, p. 37)

O exemplo (76) pertence ao romance de XX-1 e apresenta duas expressões demonstrativas que indicam proximidade do locutor, ambas realizadas com F1. No entanto, o exemplo (77), do romance de XXI-1 apresenta uso de F2 codificando o espaço em que o interlocutor se encontra, contrariando a prescrição da gramática normativa e consequentemente endossando a tese da substituição de F1 por F2. A seguir, apresentam-se as frequências de demonstrativos em exófora espacial que expressam proximidade do interlocutor.

Tabela 74 – Frequência de demonstrativos em exófora espacial de proximidade do interlocutor (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	1 100%	–	–	1 100%
XX	TN (1934)	–	–	–	–
	RCO (1989)	–	–	–	–
XXI	PC (2014)	–	1 100%	–	1 100%

Gráfico 133 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora espacial de proximidade do interlocutor (romance) por forma na RA



As duas ocorrências que exprimem proximidade do interlocutor codificam os espaços com F1 e F2, como se observam nos exemplos (78) e (79):

(78) Ao quarto dia, quando lhe vieram abrir a porta do carcere, estava magro e pallido, denunciando no olhar febril e na agitação do pulso a exaltação que o possuía. Devorara o almoço com um appetite de tres dias, e recolhera-se ao dormitorio, dizendo-se adoentado.

— **Esta febre**, dissera o Reitor, é obra do demonio da soberba. (MIS, p. 114)

(79) Toda vez que passavam por alguns pontos do cenário arquitetônico em construção, o gordo dizia: “Aqui será o Congresso Nacional”, “O Palácio do Planalto”, “Aqui, o Supremo Tribunal Federal...”, “A Explanada dos Ministérios, o Palácio do Itamaraty...”, “Teatro Nacional”, “Conjunto Nacional, Praça 21 de Abril...”, “Igrejinha... Estação Rodoviária do Plano-Piloto”...

— Que merda, Caramujo – disse o do volante revelando a alcunha do indivíduo. – Fecha **essa matraca** que já sabemos. (PC, 81)

Destaca-se que a subcategoria afastamento do locutor e do interlocutor não apresenta dados para exófora espacial.

Rocha (2021) estuda a proximidade e o afastamento na exófora espacial em textos referentes ao período de XIX-2 a XX-2 de romancistas brasileiros vinculados ao RJ. Como

resultado, obtém 20 ocorrências ligadas à subcategoria que exprime proximidade do locutor e apenas 2 exprimindo proximidade do interlocutor e, assim como na RA, não localizou caso da subcategoria de afastamento do locutor e do interlocutor. Em XX-2, observa o predomínio de F2 sobre F1 nas duas subcategorias, fenômeno constatado na RA somente em XXI-1. Aparentemente, o processo de avanço de F2, especialmente para proximidade do locutor, parece ter ocorrido mais cedo no RJ do que na RA.

6.9.3.3 Exófora temporal

A exófora temporal diz respeito a marcações de tempo com as quais os interlocutores do discurso se relacionam. Como observado na tradição gramatical da língua portuguesa (seção 1.3), os demonstrativos codificam distância temporal: o demonstrativo *este* deve codificar o tempo presente; *esse*, os tempos passado e futuro pouco distantes; e *aquele*, o tempo passado vago ou remoto.

a) Exófora temporal na notícia

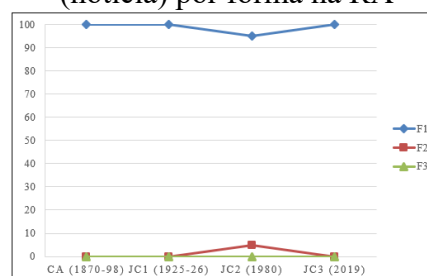
a.1) Visão geral

Passa-se à apresentação das frequências dos demonstrativos em exófora temporal na notícia, assim como de exemplos de ocorrências.

Tabela 75 – Frequência de demonstrativos em exófora temporal (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	1 100%	–	–	1 100%
	JC1 (1925-26)	5 100%	–	–	5 100%
XX	JC2 (1980)	20 95,2%	1 4,8%	–	21 100%
	JC3 (2019)	20 100%	–	–	20 100%

Gráfico 134 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora temporal (notícia) por forma na RA



Das 47 ocorrências de exófora temporal presentes na notícia, 46 são codificadas com F1 e apenas 1 com F2. Observa-se, na tabela, o aumento das ocorrências de F1 (de 1 a 20), permitindo a inferência de que a notícia aumenta a abordagem do aspecto temporal em seus discursos ao longo do tempo. Na maioria das ocorrências, F1 codifica o tempo presente em que

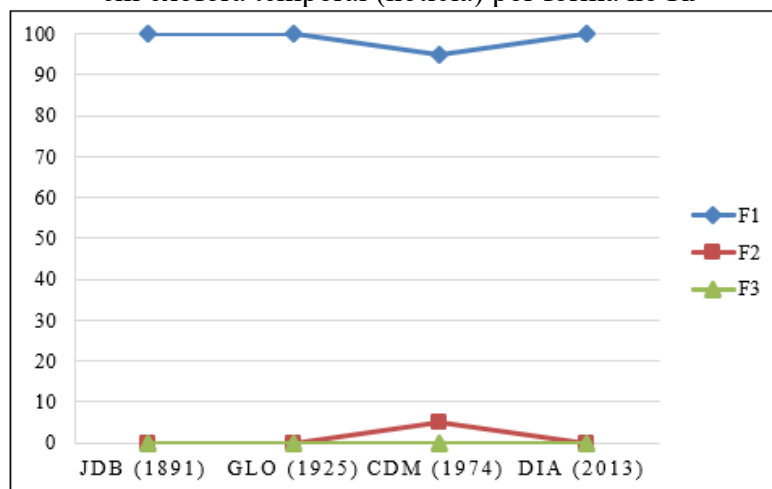
o interlocutor se encontra, tal como prescreve a tradição gramatical. No entanto, a única exófora temporal codificada com F2 também faz referência ao momento da redação (ano), sendo necessário conhecer o contexto e a data do periódico para compreensão adequada do tempo referido, enquanto com F1, a convenção da tradição gramatical leva à inferência do tempo presente. Observam-se os exemplos com F1 e F2 respectivamente em (80) e (81):

(80) De Manaus, segundo informações chegadas na conhecida “Princesa do Solimões”, advogados, promotores, juizes e serventuários de Justiça presenciarão o grande júri **este ano**. (JC2, 8 fev. 1980, cad 2, p. 1)

(81) O candidato, por exemplo, que apresentar menor renda familiar terá melhor possibilidade de adquirir uma bolsa e ajuda para custear seus estudos bolsa essa que **nesse ano** foi estipulada em dois mil cruzeiros, por ano. (JC2, 12 fev. 1980, cad.1, p. 5)

A seguir, observa-se o gráfico de Ramalho (2016) com as exóforas temporais presentes na notícia do RJ.

Gráfico 135 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora temporal (notícia) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 215)

Curiosamente, as frequências dos demonstrativos da exófora temporal na notícia do RJ apresentam quase os mesmos percentuais das formas por sincronias da RA. De 50 ocorrências presentes na notícia do RJ, assim como na RA apenas 1 foi codificada com F2 em XX-2. Essa coincidência corrobora a asserção de que há tradição discursiva no gênero notícia.

a.2) Valores da exófora temporal na notícia

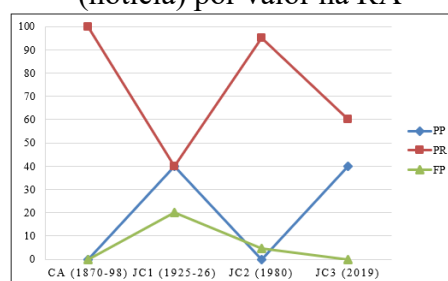
A exófora temporal exprime proximidade ou do distanciamento temporal em relação aos interlocutores do discurso. Para verificação dessas noções temporais se adotam as seguintes subcategorias: *passado distante* (PD), *passado próximo* (PP), *presente* (PR), *futuro próximo* (FP) e *futuro distante* (FD).

Passa-se à análise dos dados de demonstrativos em exófora temporal na notícia. Destaca-se que na notícia só se fazem presentes as categorias PP, PR e FP, como mostram os dados abaixo:

Tabela 76 – Frequência de demonstrativos em exófora temporal (notícia) por valor na RA

Séc.	Per.	PP	PR	FP	Total
XIX	CA (1870-98)	–	1 100%	–	1 100%
XX	JC1 (1925-26)	2 40%	2 40%	1 20%	5 100%
	JC2 (1980)	–	20 95,2%	1 4,8%	21 100%
XXI	JC3 (2019)	8 40%	12 60%	–	20 100%

Gráfico 136 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora temporal (notícia) por valor na RA



Na notícia, o PR está em todas as sincronias e é o mais produtivo (40% a 100%). Consideraram-se como PR expressões que indicam o tempo do momento da enunciação como o exemplo (82):

- (82) A Companhia Siderurgica da Amazônia – SIDERAMA – ingressa no contexto da produção de laminados não planos na Amazônia.

A notícia foi recebida em telex pelo superintendente Elias Seter, da SUDAM, assinado pelo presidente daquela empresa, coronel Joaquim Pessoa Igrejas Lopes, nos seguintes termos: “dou ciência ao ilustre superintendente, **nesta data**, que pela primeira vez foi iniciado o reaquecimento de semi acabado de aço para laminação. (JC2, 15 fev. 1980, cad. 1, p. 3)

Foram considerados também PR as exóforas temporais que indicam semana, mês, semestre e ano que transcorrem no momento da redação da notícia, podendo ser confirmadas pela data do jornal mencionada ao final de cada notícia, como os exemplos (83), (84), (85) e (86), respectivamente:

- (83) O Estado pagará o “Grupo um” do funcionalismo público na próxima sexta-feira para que todos possam brincar o carnaval. Anunciou na tarde de ontem o Secretário de Administração, que no início **desta semana** fora orientada nesse sentido pelo governador José Lindoso. (JC2, 13 fev. 1980 - caderno 1, p. 5)

- (84) Entrou hontem em nosso porto o vapor Belem do commando do piloto Clementino Jucá. Este vaticano que zarpou de Manáos no dia 7 **deste mez**, com destino a Iquitos, para aqui arribou em virtude de ter recebido um rombo no casco, em consecuencia de haver batido num páo submerso,

accidente este verificado no dia 9, quando ás 10 e ½ horas, navegava em frente ao porto Libanez, no rio Solimões. (JC 1, 13 jan.1925, p. 2)

(85) A diretora do receptivo da Abav-AM, Glória Reynolds, afirma que recebeu muitas solicitações de cotações, tanto em grupo familiar, quanto individual. Bem mais que o ano passado. Em comparação ao ano passado ela afirma que houve um aumento bem considerado do Amazonas como rota de turismo “O nosso Estado tem atraído turistas de vários locais **neste primeiro semestre**. Essa rotatividade é atribuída às novidades que a capital vem oferecendo. A perspectiva é excelente e já estamos com alguns percentuais de grupos fechados”, declarou. (JC 3, 13 abr. 2019, cad. A , p 7)

(86) Como era esperada, chegou hontem no Marajó, o sr. Joaquim Infante da Camara, com a companhia dramatica, que vem fazer a estação theatral **deste anno**. (CA, 27 ago. 1881, p. 1)

Como já assinalado, a única ocorrência de F2 foi justamente para PR, com referência a ano, cf. exemplo (81).

Consideraram-se como PP expressões como (87) e (88).

(87) Constituio, por todos os titulos, um dos acontecimentos artisticos mais formosos e impressionantes de quantos temos havido a ventura de presenciari, **nestes ultimos tempos**, o recital de declamação, levado a effeito, nos salões do Ideal Club, pela festejada e brilhante poetisa patricia Maria Sabina de Albuquerque. (JC1, 30 out. 1925, p. 1)

(88) No Brasil um dos maiores depósitos de Potássio fica no município de Autazes, localizado a 120Km de Manaus. O minério a ser extraído do município é capaz de suprir de 20 a 30% da necessidade do Brasil.
Neste início de ano, os chineses buscaram o governo do Amazonas para articular uma parceria na busca de fertilizantes fabricados a partir de potássio. Sabendo do interesse da China e vendo que essa pode ser uma grande fonte de renda econômica para o município de Autazes, que abriga cerca de 37 mil habitantes, Alberto Neto sugeriu durante sessão na Cindra que seja feita uma audiência pública para estudar a viabilidade de extração do fertilizante. (JC3, 6 a 8 abr. 2019, cad. A, p. 8)

Há também várias ocorrências em que o PP é identificado por meio da data da redação do jornal, como no exemplo (89), em que a expressão *nesta quinta (4)* pertence a uma notícia do periódico do dia 5 de abril, ou seja, um dia depois da data mencionada no periódico:

(89) O governo do Amazonas aproveitou a presença de representantes de nove países europeus no seminário “Oportunidades de Negócios, Parcerias e Investimentos entre Amazonas e União Europeia”, realizado na sede da Fieam, **nesta quinta (4)** para apresentar suas alternativas de matriz econômica a serem agregadas ao modelo Zona Franca de Manaus.(JC3, Manaus, 5 abr. 2019 - cad. A, p. 6)

As duas únicas ocorrências de FP na notícia são codificadas com F1 e para boa compreensão desse aspecto temporal nos enunciados é necessário recorrer ao contexto pragmático da enunciação. Observe-se inicialmente o exemplo (90):

(90) O carnaval aproxima-se. O mez da troça está quase á porta. Momo ahi vem e os seus adeptos já estão ficando a postos. E a prova é que a inana começa hoje por parte do pessoal do arrasta-pé. Temos para iniciar o pagode, tres festanças cutubas **esta noite** no Club Carnavalesco de Lenhadores, no

Gremio Recreativo Infantil Luso Amazonense e no Guarany Sport Sport Club. (JC1, 23 jan. 1926, pag. 1)

No exemplo (90), a palavra *hoje* é a chave que leva à compreensão de que a expressão demonstrativa *esta noite* indica FP. Considerando-se que o jornal normalmente é distribuído pela manhã, a noite do presente dia ainda está por vir. Logo, na noite do dia em que foi escrita a notícia (hoje) acontecerão as três festanças cutubas.

No exemplo a seguir, compreende-se que a expressão *neste fim de semana* também codifica FP, pela observação da data da redação do periódico (15 de fev.) que é uma sexta-feira. Logo, o final de semana está por vir. Observe-se o exemplo (91):

- (91) Apesar de não dispor de um estoque normal em seu frigorífico central a Cobal está fornecendo normalmente a carne bovina e outros alimentos aos seus supermercados” – disse um informante. Ressaltando que a companhia sempre está atenta para as necessidades de seus clientes, do qual precisa, afastando a hipótese gerada anteriormente na comunidade manauara. Enquanto isso, técnicos paulistas continuam averiguando minuciosamente o defeito da câmara frigorífica danificada, e poderão encerrar seus trabalhos ainda **neste fim de semana**, depois do prazo de observação da máquina. (JC2, 15 fev. 1980, cad. 1, p. 3)

O resultado do aspecto de distância temporal no *corpus* notícia, com a maioria das exóforas temporais no PR (35 ocorrências), seguidas do PP (10 ocorrências) e do FP (2 ocorrências), assim como a ausência do passado e futuro distantes, mostra-se coerente, uma vez que a função desse gênero é transmitir informações atualizadas a seu público. Nota-se grande resistência ao avanço de F2 na exófora temporal, sendo que curiosamente se manifestou apenas para PR, apesar de a gramática normativa associar essa forma a passado ou futuro pouco distantes.

b) Exófora temporal no romance

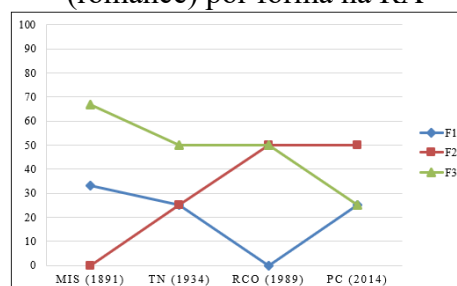
b.1) Visão geral

Passa-se à apresentação das frequências dos demonstrativos em exófora temporal no romance, assim como exemplos de ocorrências no uso.

Tabela 77 – Frequência de demonstrativos em exófora temporal (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	1	–	2	3
		33,3%		66,7%	100%
XX	TN (1934)	1	1	2	4
		25%	25%	50%	100%
XX	RCO (1989)	–	3	3	6
			50%	50%	100%
XXI	PC (2014)	1	2	1	4
		25%	50%	25%	100%

Gráfico 137 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora temporal (romance) por forma na RA



O romance apresenta 17 ocorrências de referências exofóricas que exprimem tempo. Embora, essa referência tenha sido menos produtiva no romance (17 ocs.) que na notícia (47 ocs.), a diversidade no uso das formas é bem superior. F3 esteve presente em todos os romances, sendo a forma mais produtiva (8 ocs.), seguida de F2 (6 ocs.) e de F1 (3 ocs.).

As ocorrências de F3 estão vinculadas a menções a época remota como em (92) e a tempo vago como em (93):

(92) Tu ainda engatinhavas **naquele natal de 54** e Soraya Ângela era a minha companheira. (RCO, p. 12)

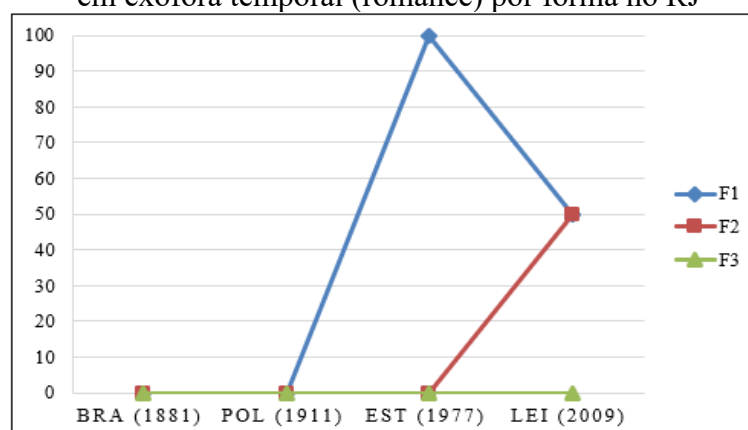
(93) **Naquela manhã de ano novo**, vim ao mundo. Da igreja, caiada de frêsko, os fieis, mal findara a missa cantada, correram á casa do velho Nicacio, a vêr-me no berço, empacotado em coeiros grossos devido o inverno. (TN, p. 8)

O fato de haver poucas ocorrências registradas de exófora temporal não significa que não haja mais demonstrativos que se refiram a tempo nos romances. Várias expressões demonstrativas que expressam tempo retomam um evento/ação anterior na narrativa como o exemplo (94), sendo classificados por isso como endófora anafórica:

(94) O quarto parecia ter sido assolado por um cataclisma, um furação ou um único grito vindo do Todo-Poderoso. Hindié revelou novamente o rosto e me olhou como se eu fosse um eco, uma reverberação do descontrole paterno, como se o tempo tivesse dado uma guinada para trás e **naquele instante** ela estivesse compartilhando as lamúrias com Emilie e eu andasse sumido após ter profanado o espaço do quarto. (RCO, p. 44)

Os dados a seguir são de Ramalho (2016), obtidos para a exófora temporal no romance:

Gráfico 138 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora temporal (romance) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 215)

O romance do RJ registra menos ocorrências de exófora temporal que a da RA, sendo 6 codificadas com F1, 1 com F2 e nenhuma com F3. Essa diferença nos usos dos demonstrativos na exófora temporal entre as regiões pode estar associada à singularidade de tema e composição que adota cada romancista na narração do romance.

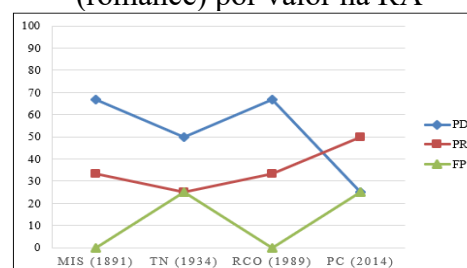
b.2) Valores da exófora temporal no romance

Passam-se a observar as relações de proximidade e distanciamento exercidas por meio da exófora temporal. Das subcategorias propostas, estão presentes no romance PD, PR e FP. No entanto, PP e FD não apresentaram ocorrências nesse gênero textual, como se observam nos dados a seguir:

Tabela 78 – Frequência de demonstrativos em exófora temporal (romance) por valor na RA

Séc.	Rom.	PD	PR	FP	Total
XIX	MIS (1891)	2 66,7%	1 33,3%	–	3 100%
	TN (1934)	2 50%	1 25%	1 25%	4 100%
XX	RCO (1989)	4 66,7%	2 33,3%	–	6 100%
	PC (2014)	1 25%	2 50%	1 25%	4 100%

Gráfico 139 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora temporal (romance) por valor na RA



No romance, PD é a subcategoria mais produtiva, em virtude das menções a épocas remotas. As obras MIS, TN e PC, já no primeiro parágrafo dos romances, fazem alusões a lembranças de um passado vago, não identificado antes no discurso, como recurso de busca da

história nos arquivos da memória. Observem-se os exemplos (93) citado anteriormente, bem como (95) e (96) a seguir:

(95) Padre Antonio de Moraes devia chegar a Silves **n’aquella esplendida manhan de Fevereiro**. (MIS, p. 43)

(96) Lembro-me bem **daquele dia**. Como poderia esquecer a conversa que tivemos com aquele velho de olhos luzentes... (PC, p. 11)

Convém assinalar que as frases com as expressões demonstrativas acima, assim como no exemplo (93), por serem a primeira do romance, não podem ser consideradas como casos de endófora.

Outro fenômeno similar ao mencionado anteriormente, que contribui com a produtividade de PD e, conseqüentemente, para o uso de F3, são menções a épocas em inícios de capítulos como o exemplo (97):

(97) Macário, **aquelle dia**, em alegre, anciedade, accendia uma a uma as velas de cera amarellada do altar-mór, fazendo ranger sobre os degraus as botinas de bezerro, lustradas de fresco. (MIS, p. 170)

PR é contemplado em todas as sincronias, codificado em 3 ocs. por F1 e em 3 ocs. por F2, como nos exemplos a seguir:

(98) — A safra **deste ano**, boa, meu filho, porém os preços, bem ruins. O ano passado pensei em perder a cabeça. A borracha desceu até não poder mais. (TN, p. 70)

(99) “A cada ano, **nessa época de vazante**, bóia um cadáver que acende o ânimo da opinião pública”, lia-se no Jornal do Comércio. A publicação desse artigo fantasioso já começava a fomentar dúvidas quando teu pai apareceu com uma prova irrefutável que dissipou todas as especulações em torno da identidade da vítima e, de certo modo, selou o destino afetivo de Emilie. (RCO, p. 68)

(100) Ao se despedir da antiga vizinha, Ofélia disse baixinho no momento de distração de Siba. — Estou debilitada e bastante lânguida, não sei como explicar para o meu filho **nesse momento**, tenho medo de ter que o abandonar. (PC, p. 31)

O exemplo (100) é um dos casos em que o personagem faz uso da expressão demonstrativa *nesse momento*, cuja referência está no discurso do narrador (“Ao se despedir da antiga vizinha”/“no momento de distração de Siba”). No entanto, como o personagem não tem acesso ao discurso do narrador, não pode retomá-lo, sendo por esse motivo a mencionada expressão demonstrativa classificada como exófora temporal.

Como o romancista narra a história acontecida em um tempo passado, em seu discurso, está mais propenso a usar F3 codificando afastamento temporal. No entanto, não é impossível encontrar F1 expressando o tempo presente no discurso do narrador, como no exemplo (101):

- (101) A concentração em que vivia por força das circunstancias, entregara-o avidamente ao estudo dos tempos heroicos do christianismo, exaltando-lhe a imaginação com os exemplos de abnegação e de sacrificio dos Martyres da Igreja. E ao passo que os collegas decoravam tudo aquillo, para a utilidade pratica dos sermões, Antonio de Moraes creava para si um mundo á parte, e ardia em desejos de reproduzir **n'este seculo** as lendas que enchem aquelles livros santos...(MIS, p. 95)

As duas ocorrências de exófora temporal que exprimem FP foram codificadas com F2. No exemplo (102), o verbo *irei* (futuro) contribui para compreensão do tempo. No entanto, no exemplo (103) se fez necessária a análise do contexto pragmático para compreensão do tempo:

- (102) Está satisfeita? Por **esses dias** irei até aí consolar o seu coração de mãe idolatrada e apresentar, reverentemente, os meus respeitos á dona Nadesca. Cro Obro. e admirador, Frederico". (TN, p. 135)
- (103) — O que trouxeste para nós hoje?
 — Hoje nada, Seu Manduca. Só vim atrás de um mate, acabou minha erva. E gaúcho que vive na peleia não fica sem tomar um amargo!
 — Eu tenho mate que é de sobra, Seu Dimas. Pode levar, que patricio meu assim como você leva de graça. Aproveita e fica com nós **essa noite** pra sorver o gole da branquita. (PC, p. 62)

Em (103), para entendimento como FP, consideram-se aspectos sociais habituais como o atendimento em estabelecimento comercial durante o dia e a tomada da branquita (aguardente) após o expediente (noite).

Rocha (2021), ao analisar o valor referencial da exófora temporal sob os prismas de passado, presente e futuro (sem especificar aspectos como distante ou próximo) em textos de romances brasileiros vinculados ao RJ, registra 5 ocorrências no passado, sendo 4 codificadas com F3 (2 em XIX-2 e 2 em XX-1) e 1 com F2 (em XIX-2); 1 ocorrência no futuro, realizada com F1 (em XIX-2); e nenhuma no tempo presente. Como não houve especificação como distante ou próximo no trabalho de Rocha (2021), não é possível estabelecer comparação precisa entre os estudos, mas seus resultados têm semelhança com o da RA nas exóforas que exprimem passado (pois se constataram F3 mas também F2 em ambos), embora não nas exóforas que exprimem futuro (já que constatou F1 para RJ mas sempre houve F2 para a RA).

Como observado, os resultados dos demonstrativos atuantes nas exóforas temporais na notícia e no romance foram diferentes. Esse fato se dá em virtude das funções distintas dos gêneros textuais. A periodicidade dos jornais possibilita a redação de textos com fatos contemporâneos à data do periódico, favorecendo o predomínio de F1, como visto nas duas

regiões. No romance, em função das menções a épocas pretéritas, destacam-se as ocorrências codificadas com F3. Embora Ramalho (2016) não registre ocorrências dessa forma, Rocha (2021) a apresenta também como a mais produtiva no romance.

6.9.3.4 Exófora metatextual

A exófora metatextual diz respeito ao texto em que se faz referência a seu próprio discurso como no exemplo (104), a suas partes ou até mesmo ao suporte veicular como ocorre na notícia nos exemplos (105) e (106) em que a notícia faz alusão à própria *folha* e ao próprio *jornal*. Observem-se esses exemplos:

- (104) Tentarei transcrever da forma mais vitalícia possível como um escritor comprometido com a história e a vida, que tem o dever de registrar a marca desse experiente brasileiro. Quiçá, amigos leitores, mergulharemos na realidade e contradições brasileiras. Não obstante, **essa** é uma história que traça amor, ódio, compaixão e vingança em um triste retrato de um país que não cura as suas feridas. (PC, p. 18)
- (105) Damos a alviçareira nova aos leitores de que passou a fazer parte dos colaboradores **desta folha**, o padre Dubois, escriptor elegante e satyrico, excellent polemist que sempre agrada pelo seu estylo brilhante. Mandará de Belem para o JORNAL uma chronica, de quinze em quinze dias. A primeira inserimos hoje. (JC1, 11 set. 1925, p. 1)
- (106) Graças à fotografia publicada por **este Jornal** na edição de ontem, a menina Débora Grace, de 8 anos, que estava desaparecida desde o dia anterior, já foi encontrada e levada de volta para a casa de sua mãe. (JC 2 9 fev. 1980, cad. 2, p. 1)

Na RA, foram identificadas apenas as três ocorrências de exófora metatextual, apresentadas acima, sendo uma no romance em XXI-1, exemplo (104) codificada com F2, e duas nas notícias, uma em XX-1 e uma em XX-2, respectivamente nos exemplos (105) e (106), codificadas com F1.

Ramalho (2016) registrou três ocorrências na notícia no decorrer das sincronias, todas codificadas com F1, assim como nas ocorrências encontradas na notícia da RA. No romance, o pesquisador registrou 35 ocorrências, sendo 11 no BRA (XIX-2), codificadas com F1, e 24 no EST (XX-2), 20 com F1 e 4 com F2. Como nem todos os romances do RJ apresentaram esse tipo de exófora e na RA houve somente uma ocorrência, novamente se conclui a ligação da exófora metatextual ao estilo e à criatividade do romancista.

6.9.4 Endófora

6.9.4.1 Visão geral

Na endófora, o referente está presente no contexto linguístico. Quando o referente está posicionado antes do demonstrativo, tem-se endófora *anafórica*, como no exemplo (107); quando se posiciona depois do demonstrativo, tem-se endófora *catafórica* como no exemplo (108), e, em casos em que o referente ocorre antes e depois do demonstrativo simultaneamente, tem-se a endófora *ana-catafórica* como no exemplo (109):

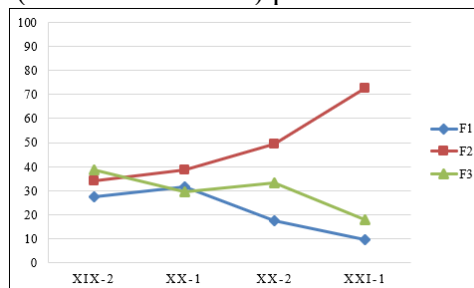
- (107) DESASTRE – Sob **esta epigraphe** em nossa folha de 3 do corrente dissemos, que o medico do *Atheneu das Artes* prestou todos os socorros da sciencia para salvar a Herculano, cujo abalo da queda e o tamanho das brechas, que recebeu na cabeça fel-o correr risco em sua vida. (CA, 5 jul. 1870, p. 1)
- (108) A cada passo Otto pensava no verdadeiro significado da palavra “liberdade”, proferida pelo amigo Gervandro. Será que liberdade era **aquilo**? Passar fome, andar sem rumo. (PC, p. 40)
- (109) Não sabemos quaes as providencias que foram dadas na ocasião para salvar-se este official; o que não resta duvida é que o **infeliz Manoel Valente da Silva morreu** e que o companheiro salvou-se por um milagre. Factos desta ordem, em que operarios perdem a vida, devem calar no espirito das pessoas que emprehem obras sem saber o que estão fazendo, que todas as cautellas são poucas, e lembrarem-se que por falta de cuidado, de intelligencia e de conhecimentos práticos, involuntariamente são a causa da morte de um seu semelhante. (CA, 4 jun. 1874, p. 3)

Passa-se à apresentação das frequências das formas demonstrativas em endófora no *corpus* da RA.

Tabela 79 – Frequência de demonstrativos em endófora (notícia e romance) por forma na RA

Século		F1	F2	F3	Total
XIX	2 ^a	67	80	95	242
	met.	27,7%	33%	39,3%	100%
XX	1 ^a	74	90	39	233
	met.	31,8%	38,6%	29,6%	100%
XXI	2 ^a	46	130	87	263
	met.	17,5%	49,4%	33,1%	100%
XXI	1 ^a	22	166	41	229
	met.	9,6%	72,5%	17,9%	100%

Gráfico 140 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (notícia e romance) por forma na RA



Diferentemente dos dados da exófora, os da endófora mostram F1 como a forma menos produtiva (entre 9,6% e 31,8%) e F2 como a mais produtiva e em ascensão (de 33% a 72,5%). F3 é mais produtiva que F1 (entre 17,9% e 38,8%), exceto em XX-1.

Observem-se as frequências das formas em endófora na notícia e no romance separadamente:

Tabela 80 – Frequência de demonstrativos em endófora (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	51	39	23	113
		45,1%	34,5%	20,4%	100%
XX	JC1 (1925-26)	53	43	27	123
	JC2 (1980)	33	67	26	126
XXI	JC3 (2019)	22	102	3	127
		17,6%	80%	2,4%	100%

Gráfico 141 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (notícia) por forma na RA

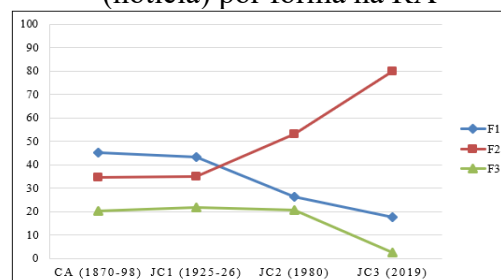
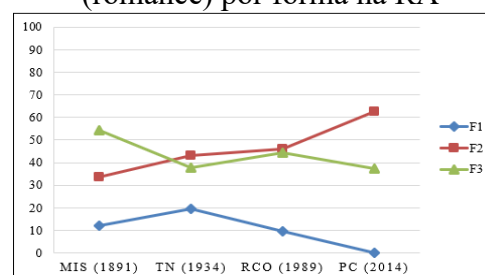


Tabela 81 – Frequência de demonstrativos em endófora (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	16	41	72	129
		12,4%	31,8%	55,8%	100%
XX	TN (1934)	21	47	42	110
	RCO (1989)	13	63	61	137
XXI	PC (2014)	–	64	38	102
		–	62,7%	37,3%	100%

Gráfico 142 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (romance) por forma na RA



Evidenciam-se, na notícia, o descenso de F1 por oposição ao ascenso de F2 e também F3 como a forma menos produtiva. No romance, F1 apresenta a frequência mais baixa das formas em todas as sincronias, e F2 em ascensão concorre com as frequências de F3. Esse resultado é muito similar ao observado na frequência geral das formas no *corpus* (gráficos 7 e 8), o que permite inferir que as endóforas influem no resultado das formas em geral, já que é a função mais frequente no *corpus*. Convém lembrar que a grande produtividade de F3 no romance está associada à narração de acontecimentos passados, que, via de regra, é realizada com F3.

Assim como se observou a influência da oralidade na exófora, observa-se, também, na endófora. Seguem-se tabelas e gráficos por endófora nas modalidades oral e escrita nos gêneros notícia e romance da RA.

Tabela 82 – Frequência de demonstrativos em endófora na mod. oral (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	3 75%	–	1 25%	4 100%
XX	JC1 (1925-26)	–	–	–	–
	JC2 (1980)	3 23,1%	9 69,2%	1 7,7%	13 100%
XXI	JC3 (2019)	10 14,1%	61 85,9%	–	71 100%

Gráfico 143 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora na mod. oral (notícia) por forma na RA

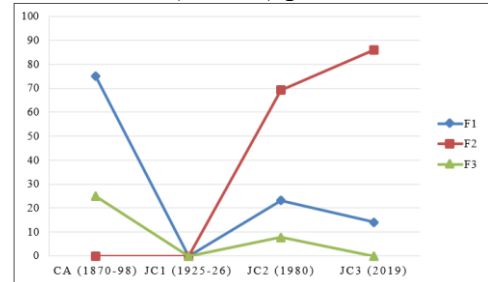
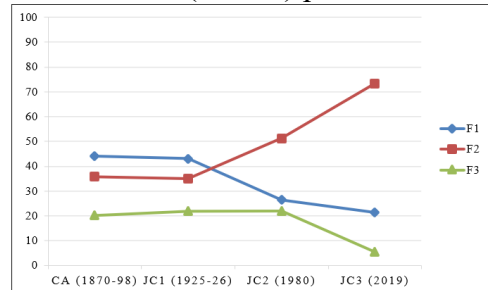


Tabela 83 – Frequência de demonstrativos em endófora na mod. escrita (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	48 44%	39 35,8%	22 20,2%	109 100%
XX	JC1 (1925-26)	53 43,1%	43 34,9%	27 22%	123 100%
	JC2 (1980)	30 26,5%	58 51,3%	25 22,1%	113 100%
XXI	JC3 (2019)	12 21,4%	41 73,2%	3 5,4%	56 100%

Gráfico 144 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora na mod. escrita (notícia) por forma na RA



Na notícia, observa-se a elevação das frequências de F2 por oposição ao descenso de F1, em ambas as modalidades a partir de XX-2. Nota-se, além disso, que a endófora, de forma geral, é mais frequente na modalidade escrita.

Passa-se a observar os dados das modalidades oral e escrita na endófora do romance:

Tabela 84 – Frequência de demonstrativos em endófora na mod. oral (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	1 20%	2 40%	2 40%	5 100%
XX	TN (1934)	14 32,5%	22 51,2%	7 16,3	43 100%
	RCO (1989)	1 14,3%	5 71,4%	1 14,3%	7 100%
XXI	PC (2014)	–	47 81%	11 19%	58 100%

Gráfico 145 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora na mod. oral (romance) por forma na RA

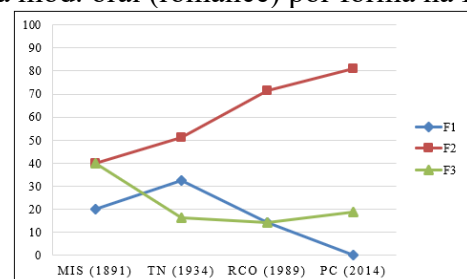
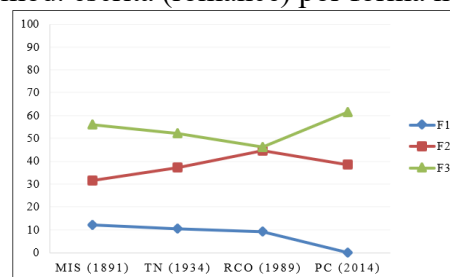


Tabela 85 – Frequência de demonstrativos em endófora na mod. escrita (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	15 12,1%	39 31,5%	70 56,4%	124 100%
	TN (1934)	7 10,4%	25 37,3%	35 52,2%	67 100%
XX	RCO (1989)	12 9,2%	58 44,6%	60 46,2%	130 100%
	PC (2014)	–	17 38,6%	27 61,4%	44 100%

Gráfico 146 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora na mod. escrita (romance) por forma na RA



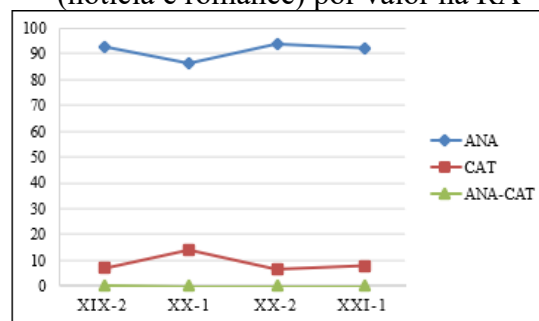
Na modalidade oral do romance, F2 é a forma mais produtiva ao longo das sincronias, no entanto, na modalidade escrita, há o predomínio de F3, também em todo o período. As frequências de F1 estão abaixo das frequências de F2 em ambas as modalidades do romance. Como na notícia, a endófora é mais produtiva na modalidade escrita que na oral.

A tabela e o gráfico a seguir mostram as frequências dos demonstrativos que atuam como endófora, segundo as categorias de *anáfora* (ANA), *catáfora* (CAT) e *ana-catáfora* (ANA-CAT) no *corpus* da RA.

Tabela 86 – Frequência de demonstrativos em endófora (notícia e romance) por valor na RA

Século		ANA	CAT	ANA-CAT	Total
XIX	2ª met.	225 93%	16 6,6%	1 0,4%	242 100%
	1ª met.	201 86,3%	32 13,7%	–	233 100%
XX	2ª met.	246 93,5%	17 6,5%	–	263 100%
	1ª met.	211 92,1%	18 7,9%	–	229 100%

Gráfico 147 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (notícia e romance) por valor na RA

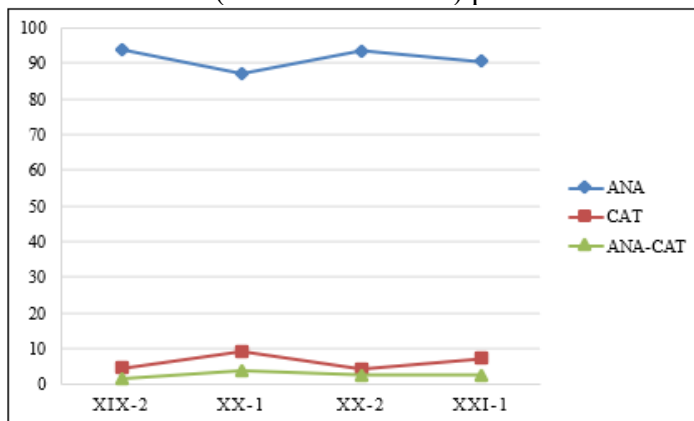


Dentre os valores referenciais endofóricos, a anáfora se sobressai com frequências por volta dos 90%, seguida da catáfora com frequências por volta da casa dos 10%. A categoria ana-catáfora se mostra rara com apenas 1 (0,4%) ocorrência em XIX-2.

Ramalho (2016) divide as endóforas anafóricas em *claras* e *escuras*. Define as claras como de fácil delimitação, compreendendo que remetem a um elemento específico no contexto linguístico anterior; e as escuras, como as que oferecem um grau maior de dificuldade para delimitação no texto, por se apresentarem como “uma série de entidades, uma parte do discurso anterior de forma mais ampla ou a participantes implícitos”. (RAMALHO, 2016, p. 197 e 199). Para comparação das frequências endofóricas entre os dois trabalhos, adaptam-se os dados das

frequências em endófora (notícia e romance) do pesquisador, juntando as anáforas claras às escuras, equalizando, assim, o tratamento das categorias endofóricas dos dois trabalhos.

Gráfico 148 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (notícia e romance) por valor no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 195)

Os *corpora* das duas regiões apresentam resultados semelhantes. Assim como nos dados da RA, os do RJ apresentam a categoria anáfora como a mais produtiva. Coincidentemente, nos dois trabalhos, apenas em XX-1 a frequência dessa categoria fica abaixo de 90%. A catáfora apresenta frequências por volta de 10% em ambos os trabalhos. A ana-catáfora no RJ, assim como na RA, apresenta-se como a menos produtiva.

Há um tipo especial de endófora que merece ser mencionado: trata-se da endófora metatextual. Nesse tipo de endófora, os referentes são as próprias formas linguísticas, ou seja, tem-se uma referência metalinguística. No *corpus* deste estudo, foram poucos os casos desse tipo, que podem ser tanto em anáfora como em catáfora. Os oito dados desse tipo encontrados são os seguintes:

a) Anáfora:

(110) (...) que ainda elle relutou dizendo, que iriam, sem duvida sobre o outro vapor, mas como nem assim fosse attendido, que mandou chamar o primeiro pratico, que tambem estava embriagado, e foi igualmente de opinião que se devia continuar no mesmo rumo! E mal eram ditas **estas palavras**, o outro vapor veio sobre elles e os metteo á pique. (CA, 13 jul.1870, p. 1)

(111) Recebida no salão de despachos de palacio essa comissão se deteve por algum tempo em palestra com o sr. interventor, a quem o professor Sá Peixoto transmittiu a noticia da homenagem, acrescentando que a congregação da Faculdade de Direito tivera em vista, com a sua resolução, reconhecer os serviços que s. exa. tem prestado no governo, principalmente com a sua norma inflexivel de acatamento religioso a todos os direitos e com o seu zelo incançavel pelo desenvolvimento da instrucção, bastantes para tornar a sua magistratura memoravel no estado. Ao agradecer **essa comunicação**, o dr. Alfredo Sá accentuou que, embora não fosse um jurista no

elevado sentido do termo, recebia sem constrangimento a homenagem, (...) (JC1, 23 mai. 1925, p. 1)

- (112) Podia escrever para ocupar-se. Foi á pequena meza do canto da sala, abriu uma gaveta, tirou algumas folhas de papel, caneta e penna, puxou a cadeira de palhinha, sentou-se e traçou sobre a alvura do papel em tiras as seguintes palavras: “Am.º redactor”. Depôz a penna, cruzou os braços sobre a mesa, e pôz-se a soletrar **aquellas palavras**, muito aborrecido. (MIS, p. 123-124)
- (113) - E si tivesse um filho?
Os olhos encheram-se de uma luz mais viva, ao dizer **estas palavras**, enquanto um receio surdo se apoderou de mim. Não pensava, ainda, nas consequencias, embriagado como estava com a delicia daquelle amor seu. (TN, p. 146)
- (114) Ela ensinava sem qualquer método, ordem ou seqüência. Ao longo dessa aprendizagem abalroada eu ia vislumbrando, talvez intuitivamente, o halo do “alifebata”, até desvendar a espinha dorsal do novo idioma: as letras lunares e solares, as sutilezas da gramática e da fonética que luziam em cada objeto exposto nas vitrinas ou figgado da penumbra dos quartos. Passei cinco ou seis anos exercitando **esse jogo especular entre pronúncia e ortografia**, distinguindo e peneirando sons, (...) (RCO, p. 51)

b) Catáfora:

- (115) Finalmente o cidadão Henrique de Souza salientando as boas qualidades do dr. Silva Campos desenvolvendo **este trecho de Enverzon**: “Os homens de caracter são a consciencia da sociedade a que pertencem” (CA, 08 jun. 1898, p. 1)
- (116) No outro dia encontraram **esta receita** enrolando um despacho na porta do barracão:
“ECHU TIRIRI:
3 vélas.
3 charutos.
3 garrafas de paratí.
3 caixas de fósforo.
3 galinhas pretas.
3 rabos de bóde.
Correr tres encrusilhadas e fazer o sinal de Tirirí”. (TN, p. 59)
- (117) A noite vinha chegando carregada dos cheiros silvestres. Nadesca, como não houvesse voltado da minha viagem ao Humaitá, recostada ao tronco de uma ingazeira, vendo o perfil da lua, em mingunte, surgindo entre as primeiras estrelas, recitava baixinho **estes versos de uma india**:
“Ruda, ó Rudá
Vós que estáes no céu
e que amaes as chuvas,
vós que estaes no céu,
fazei com que êle ache feias
todas as mulheres que êle encontre,
e que êle se lembre de mim,
quando o sol se deitar”. (TN, p. 117)

Uma vez que, como assinalado, são casos de anáfora e catáfora, suas ocorrências foram contabilizadas dentro dessas categorias nas próximas seções.

A seguir, apresentam-se tabelas e gráficos das referências endofóricas (por valor) da notícia e do romance da RA separadamente:

Tabela 87 — Frequência de demonstrativos em endófora (notícia) por valor na RA

Séc.	Per.	ANA	CAT	ANA-CAT	Total
XIX	CA (1870-98)	106 93,8%	6 5,3%	1 0,9%	113
	XX	JC1 (1925-26)	121 98,4%	2 1,6%	—
XX	JC2 (1980)	123 97,6%	3 2,4%	—	126
	XXI	JC3 (2019)	123 96,9%	4 3,1%	—

Gráfico 149 — Frequência (%) de demonstrativos em endófora (notícia) por valor na RA

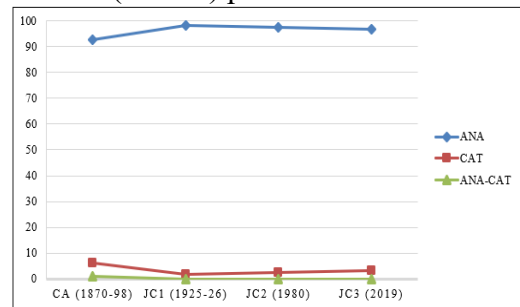
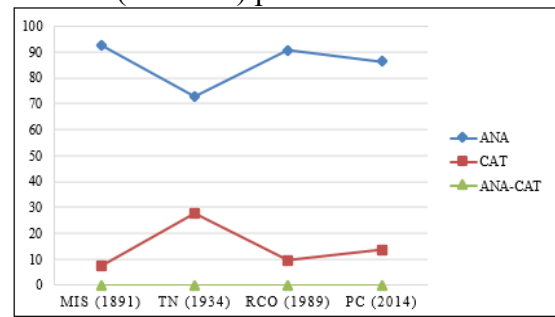


Tabela 88 – Frequência de demonstrativos em endófora (romance) por valor na RA

Séc.	Rom.	ANA	CAT	ANA-CAT	Total
XIX	MIS (1891)	119 92,2%	10 7,8%	—	129
	XX	TN (1934)	80 72,7%	30 27,3%	—
XX	RCO (1989)	124 90,5%	13 9,5%	—	137
	XXI	PC (2014)	88 86,3%	14 13,7%	—

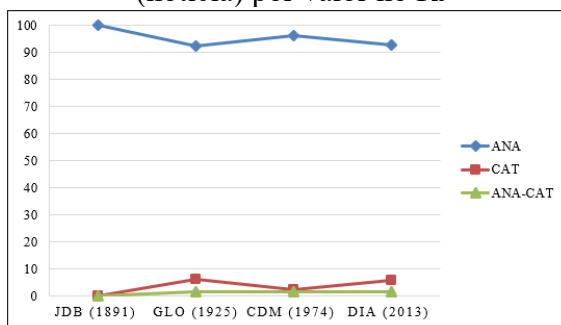
Gráfico 150 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (romance) por valor na RA



Observa-se, no romance, a anáfora com frequências um pouco mais baixas que a da notícia. No romance, as frequências da anáfora vão de 72,7% a 92,2% e na notícia, a frequência fica, ao longo dos períodos, acima de 90%. Vê-se ainda que a catáfora é mais produtiva no romance que na notícia. A única ocorrência de ana-catáfora do *corpus* se dá no gênero notícia.

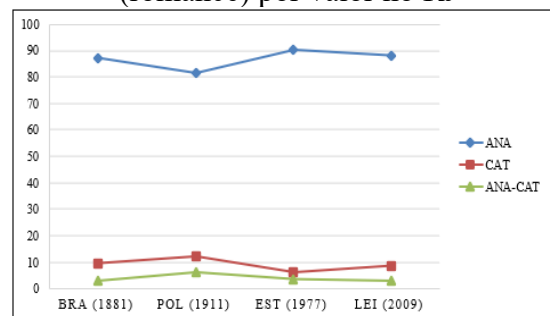
A seguir, comparam-se os dados dos gêneros textuais da RA aos do RJ:

Gráfico 151 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (notícia) por valor no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 195)

Gráfico 152 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora (romance) por valor no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 195)

Os dados mostram resultados da anáfora e catáfora das duas regiões muito semelhantes, inclusive a anáfora com frequências um pouco mais baixas no romance, quando comparada à notícia, e a catáfora mais produtiva no romance. O destaque de diferença entre as regiões fica para ana-catáfora, por apresentar maior produtividade nos dois gêneros textuais no RJ.

6.9.4.2 Endófora anafórica

Na anáfora, o referente se posiciona anteriormente à expressão demonstrativa. Nela, o antecedente pode estar tanto no discurso do locutor como no discurso do interlocutor, como mostram respectivamente os exemplos (118) e (119):

(118) A matança dos urubus continua a ter os seus inconvenientes. Uma vez intoxicados alçam o vôo e vão cair nos quintaes onde, numa ancia estonteadora, despejam parte da comida envenenada, que é ingerida pelas galinhas, resultando serem **estas** também imediatamente sacrificadas. (JC 1, 19 ago. 925, p. 1)

(119) — Não, Maria Miquelina. João Pinheiro era um fazendeiro da minha terra, muito conhecido e apatacado.
— Pois como eu houvera de saber d'ele se eu nunca estive lá **n'esses Rio de Janeiro...** (MIS, p. 154)

Como já mencionado, Ramalho (2016) dividiu as endóforas anafóricas em *claras* e *escuras*. No presente estudo, optou-se por outro enfoque, para se avaliar se a seleção de demonstrativos é realizada por fator diferente dessa oposição entre anáfora clara e escura.

Observando-se a complexidade para análise dos textos que compõem o *corpus* da AM, decidiu-se pela divisão das anáforas em *não proposicionais* e *proposicionais*. Na *anáfora não proposicional*, o referente é um sintagma nominal⁷⁸. Nela, o referente pode ser de fácil reconhecimento, como se observam nos exemplos (120) e (121), ou estar presente em enunciado de maior complexidade, que demande maior esforço para reconhecimento, como exemplificado em (122), em que os referentes se encontram separados. Já a *anáfora proposicional* tem sempre como referente uma ou mais orações e também pode ter o referente de fácil reconhecimento no contexto linguístico, como no exemplo (123), ou que demande mais esforço para reconhecimento, como no exemplo (124):

(120) Quando se fôra adiantando nos estudos e entrara a decifrar a philosophia de S. Thomaz e do Genuense com auxilio de Padre Azevedo, quando cursara a theologia moral e dogmatica, o seu

⁷⁸ Mesmo que houvesse uma oração dentro do SN, como no caso de orações relativas, a classificação foi como não proposicional, porque o sintagma se organiza em torno de um substantivo, explícito ou elíptico.

espírito perdera-se n'um dedalo de idéas antagonicas e contradictorias. A duvida, essa filha de Satanaz, pairara sobre a sua alma d'ignorante, como um gavião prestes a devoral-a. (MIS, p. 95-96)

(121) Ao assinar, ontem de manhã, o Decreto que cria o Pelotão de Polícia Feminina, o governador José Lindoso disse que tanto ele como sua mulher, D. Amine, “esperamos muito do pelotão, especialmente no trato com os menores”. Lindoso ressaltou que **aquele Decreto** seria um mato (ato) de rotina se não tivesse a importância que tem na sociedade, (JC2, 9 fev. 1980 - cad. 1, p. 5)

(122) **Vilas esportivas para interior e conclusão da piscina olímpica**

(...) No entanto é sabido que os Módulos Esportivos se constituirão de um campo de futebol gramado, com a medida de 95 mts x 55 mts, possuindo uma pista de atletismo em seu derredor e tres quadras sendo uma para a pratica de voleibol (em areia); uma de basquetebol e outra para futebol de salão, sendo que as duas últimas serão construidas em pisos próprios à pratica **dessa modalidade** [*isto é, modalidade*] **de esporte**. (JC2, 14 fev. 1980, cad. 1, p. 6)

(123) Nenhum dos dois o viu ultrapassar o portão principal; alegavam que ele bem poderia ter rodeado o edificio da Alfândega e alcançado o trapiche sem ser visto. Um dos vigias afirmou, resoluto, que um rapaz vestido de branco se encontrava perto da beira do atracadouro.

- Não movia uma palha e estava tão juntinho da água que parecia uma estátua de mármore flutuando no rio – disse no meio de uma roda de curiosos. Mas o outro contestou **essa afirmação**, admitiu que ambos estavam exaustos e famintos, com o estômago em alvoroço e os olhos quase fechados. (RCO, p. 64)

(124) Partiu de Santarem nos ultimos dias de dezembro de mil novecentos e vinte quatro, para Manáos, dahi subiu o rio Negro a vapor até Santa Isabel, continuando sua viagem, em lancha, até São Gabriel e Cucuhy, e deste ponto para cima acompanhado pelos indios Tucanos, na propria canôa que levara de Santarem, entrando no Cassiquiare, alcançou, finalmente o alto Orenoco. O dr. Ternetz conseguiu fazer **este penoso trajeto** [*isto é, trajecto*], vencendo as inumeras cachoeiras dos rios Tocantins, Negro e Orenoco, sem o minimo accidente, graças, (JC1, 5 nov. 1925, p.1)

Passa-se a tratar dos dados dos demonstrativos em endófora anafórica do no *corpus*.

a) Endófora anafórica na notícia

a.1) Visão geral

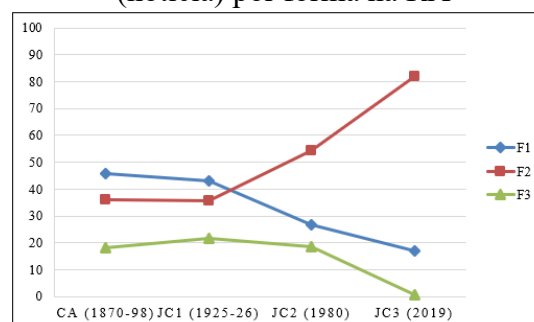
Nas endóforas anafóricas da notícia, todos os antecedentes se encontram no discurso do locutor. Convém lembrar que a partir da 2ª met. do séc. XX iniciou no jornal um novo formato de redação com inserção do discurso direto proferido pelo entrevistado na notícia. Esse fenômeno conferiu ao texto uma aparência híbrida com discursos do jornalista e do entrevistado, dando a impressão de que o entrevistado retoma o discurso do jornalista. Mas a referência não é do texto em si, mas ao conteúdo do texto, pois não há interlocução entre o jornalista e entrevistado. Entende-se que esse é um caso atípico de anáfora e nesses casos, considerou-se o antecedente como parte do discurso do entrevistado/locutor, por compreender que o entrevistado tenha retomado a informação dita por ele anteriormente.

Vejam-se a seguir os dados de demonstrativos em endófora anafórica (não proposicional e proposicional) por forma na notícia.

Tabela 89 – Frequência de demonstrativos em endófora anafórica (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	48 45,3%	38 35,8%	20 18,9%	106 100%
XX	JC1 (1925-26)	52 43%	43 35,5%	26 21,5%	121 100%
	JC2 (1980)	33 26,8%	67 54,5%	23 18,7%	123 100%
XXI	JC3 (2019)	21 17,1%	101 82,1%	1 0,8%	123 100%

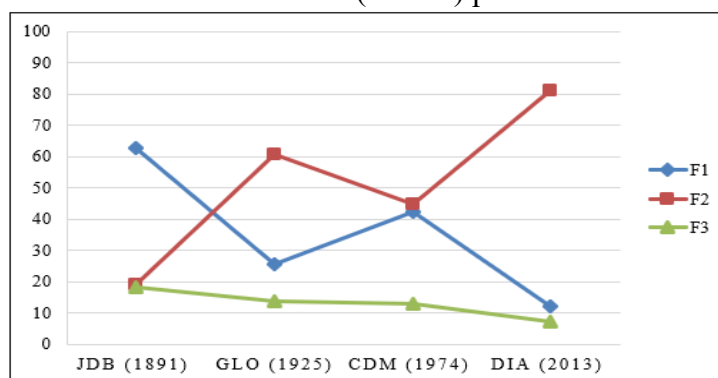
Gráfico 153 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora anafórica (notícia) por forma na RA



Os dados de demonstrativos que compõem as endóforas anafóricas na notícia espelham o mesmo padrão presente nas formas gerais (cf. gráfico 7), com ascenso de F2, descenso de F1 e F3 como a forma menos produtiva. O ascenso de F2 em XX-2 e XXI-1 (respectivamente, 54,5% e 82,1%) foi mais elevado que nas formas gerais do *corpus* de notícia (respectivamente, 45,3% e 68%), confirmando a influência da anáfora para a mudança linguística.

Observem-se os dados da endófora anafórica (já com reunião de claras e escuras) na notícia no estudo de Ramalho (2016):

Gráfico 154 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora anafórica (notícia) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 198 e 200)

Os dados de demonstrativos que compõem as endóforas anafóricas em Ramalho (2016) também representaram o padrão das formas gerais do *corpus* notícia do RJ. F2 se apresenta como mais produtiva na anáforas do que no *corpus* geral (gráfico 9), confirmando também a influência das anáforas para a mudança linguística. Diferenciam-se dos dados de RA de forma mais visível pela grande frequência de F2 em XX-1, o que sugere a implementação da mudança mais cedo no RJ do que na RA.

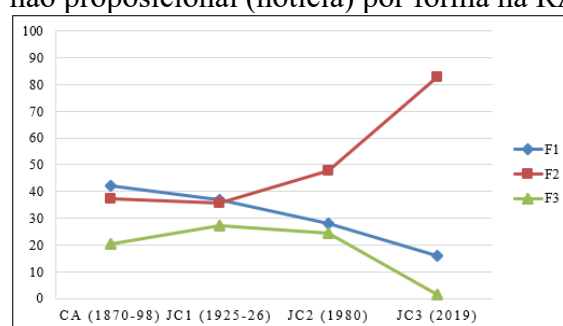
a.2) Valores da endófora anafórica não proposicional na notícia

Passa-se a observar os dados de demonstrativos por forma em endófora anafórica não proposicional na notícia da RA.

Tabela 90 – Frequência de demonstrativos em endófora anafórica não proposicional (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	35 42,2%	31 37,3%	17 20,5%	83 100%
XX	JC1 (1925-26)	35 36,8%	34 35,8%	26 27,4%	95 100%
	JC2 (1980)	23 28%	39 47,6%	20 24,4%	82 100%
XXI	JC3 (2019)	13 16%	67 82,7%	1 1,3%	81 100%

Gráfico 155 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora anafórica não proposicional (notícia) por forma na RA



Nas sincronias relativas a XIX-2 e XX-1, a frequência de F1 se sobressai à das demais. A partir de XX-2, F2 supera a frequência de F1 chegando a XXI-1 com 82,7% das ocorrências. F3 se apresenta como a forma menos produtiva da notícia ao longo de todo o período.

Nas anáforas não proposicionais, F1 e F2 codificam tanto enunciados imediatamente anteriores às expressões demonstrativas como mostram os exemplos (125) e (126) quanto enunciados distantes das expressões demonstrativas como nos exemplos (127) e (128).

(125) Com procedencia de Belem do Pará, ancorou hontem em nosso porto, ás doze horas e meia, a canhoneira Amapá da flotilha de guerra do Amazonas. **Esta nave de guerra**, que vem aqui estacionar, por ordem do ministro da marinha, gastou sete dias de viagem. (JC1, 16 jul.1925, p. 1)

(126) O dr. Alfredo da Matta, que se demorou seis dias nessa viagem, foi recebido, na foz do Gurupá, pelo sr. coronel Manoel Alves de Senna, em canôa trifpulada. **Nessa fragil embarcação**, o dr. Matta e os enfermeiros do serviço percorreram o paraná do Gurupá, o lago Grande, o Autaz-Miri manauense, Purupurú, no municipio de Maués e Cuman, Japiim, Capiranga, no Itacoatiara. (JC1, 22 set.1925, p.1)

(127) Começa a vigorar de hoje em deante no Polytheama, Alcazar e Odeon, e demais casas de diversões, a cobrança do imposto de caridade que, a exemplo das outras capitaes, foi creado ultimamente em Manãos. E' uma importancia insignificante, cem réis, por pessoa, mas que irá alliviar muitos enfermos e necessitados. Com o fim de evitar atropelos sobre os trocos, pedem-nos a empresa Fontenelle que solicitemos do publico que empregue o meio mais facil com relação a compra dos ingressos, dada a falta de dinheiro miudo, esperando tambem que as repartições arrecadadoras a auxilie, na troca de dinheiro miudo, visto ser **este imposto** destinado a um fim tão nobre e elevado.(JC1, 11 mai. 1925, p. 1)

- (128) Foi ontem ao palacio Rio Negro uma comissão da Faculdade de Direito composta dos professores Sá Peixoto Franklin Washington de Almeida, Caio Valladares, Waldemar Pedrosa e Leopoldo Canha Mello, afim de communicar ao dr. Alfredo Sá, interventor federal, a sua nomeação para lente honorario daquelle instituto de ensino superior, em virtude de deliberação unanime tomada pela congregação na sua reunião de dezenove do corrente. Recebida no salão de despachos de palácio **essa comissão** se deteve por algum tempo em palestra com o sr. interventor, a quem o professor Sá Peixoto transmittiu a noticia da homenagem, (JC1, 23 mai. 1925, p. 1)

Nas notícias das três primeiras sincronias, F3 codifica referentes que expressam data passada, como em (129), ou algo, ou localidade que estejam em espaços distantes do locutor, a exemplos de (130) e (131):

- (129) O Cruzeiro da côrte, em data de 2 do corrente diz ainda: “Informão-nos que o tenente-coronel José Clarindo de Queiroz, pedio exoneração do cargo de presidente da provincia do Alto-Amazonas.” O que parece extraordinario, se a demissão e nomeação de seu sucessor já estivesse effectuada desde o dia 1o. Alem disto um telegramma expedido para Belem em data de 18, diz que nada tinha sido publicado oficialmente neste sentido até **aquelle data**: e o jornal official, até 4 do corrente, que chegou ao nosso poder, não traz a demissão e nomeação do sucessor. (CA, 27 mai. 1880, p. 2)
- (130) Não tendo regressado até hoje o vapor Obidos, consta-nos que o sr agente da Companhia do Amazonas, vae mandar em substituição **aquelle vapor**, o Ariman que deverà seguir no dia 30 do corrente. (CA, 27 mai. 1880, p. 2)
- (131) Desde o início do mês, segundo informações colhidas junto à portaria do Pronto Socorro do Estado, aumentou consideravelmente o número de pessoas levadas **àquele nosocômio**, por motivos carnavalescos, inclusive, casos de himicídios (homicídios). Dizem os funcionários dos hospitais que esta é a época mais movimentada do ano. (JC2, 12 fev. 1980 – cad.1, p. 3)

Veja-se que, do ponto de vista textual, os referentes nesses quatro exemplos estão próximos à expressão demonstrativa, mas ainda assim se opta por F3, o que mostra que a proximidade textual não é fator preponderante nesse caso.

Na segunda sincronia (XX-1), destaca-se a mais alta produtividade de F3, que, além de codificar localidade distante como mencionado, atua, também, na referenciação em uma série no discurso com o primeiro item mencionado (*o jornalista Romão José Pereira*), retomado com F3, por oposição ao último item retratado (*o barbadiano Daniel Keller*), retomado com F1, como sugere a gramática tradicional. Observa-se o exemplo (132):

- (132) Entre o jornalista Romão José Pereira e o barbadiano Daniel Keller houve hontem uma desintelligencia qualquer, resultando **este** sapear uma cacetada na cabeça **daquelle**. (JC1, 02 jan. 1925, p. 1)

Observam-se ainda usos que contrariam as normas da gramática tradicional, como no exemplo (133), em que F3 codifica a proximidade dentro do discurso (*os 4 roceiros : d’aquelles de nome Manoel Cardozo Meira*) e F2 o distanciamento também dentro do discurso (*5 ou 7 soldados do 3.o : d’esses soldados*):

- (133) Achavão-se conversando no caes em frente a rampa da Imperatriz quatro roceiros, eis que, meio embriagado, aproxima-se delles um soldado do 3º batalhão, e dirige-lhes os mais feios apodos; estes o despedem, o soldado tira do refle e maltrata a um dos roceiros. Os tres outros levantam-se para defender o seu companheiro; da praça da Imperatriz acodem 5 ou 7 soldados do 3.o e envolvem-se, de refle em punho, n'essa briga. Depois de uma luta tão desigual, na qual se houveram com coragem os 4 roceiros, dous **d'esses soldados** prendem a um **d'aquelles de nome Manoel Cardozo Meira**, e levam-no para a cadeia. (CA, 8 mai. 1879, p. 1)

Há também o caso em que uma data em futuro próximo é retomada com F3, a exemplo de (134):

- (134) A Kamélia comandará no próximo sábado, o carnaval amazonense. Ela vem por aí fazendo onda. A mulata deverá desembarcar **naquele dia**, por volta das 21 horas no Aeroporto Eduardo Gomes e viajando em carro aberto, cercada por diretores do Olímpico Clube, (JC2, 7 fev. 1980 – cad. 2, p. 3)

A quarta sincronia (XXI-1) marca a etapa em que F1 é menos frequente. Nessa sincronia, F2 substitui F1 nas anáforas não proposicionais, passando de 47,6% a 82,7% das frequências. Observa-se, ainda, F2 substituindo F3 em menções a localidades distantes como mostram os exemplos (135) e (136):

- (135) Segundo o especialista Autazes, Nova Olinda do Norte, Itacoatiara e Itapiranga contam com reservas de potássio, mas a exploração está barrada judicialmente, em virtude da presença de reservas indígenas **nesses locais**. (JC3, 5 abr. 2019 – cad. A, p. 6)
- (136) No porto de Barcelos, pelo menos 18 embarcações de pequeno, médio e grande porte foram alvos de fiscalização também. “**Nesse local**, atuamos para identificar ilícitos ambientais relacionados a pesca de espécies protegidas por lei, animais silvestres e madeira”, informou Hemógenes. (JC3, 13 abr. 2019 – cad.A , p. 8)

Essa substituição de F3 por F2 como nos exemplos acima contribui para o descenso na frequência de F3 em XXI-1. A única ocorrência de F3 nesse período também codifica localidade distante, distinguindo-se dos exemplos anteriores por se referir à localidade no exterior:

- (137) Embora o primeiro país do continente europeu a pontuar no ranking (Alemanha) ocupe um distante sexto lugar, o volume de transações do Estado com **aquele país**, expandiu 112,08% entre um ano e outro -de US\$3.31 milhões (2018) para US\$7.02 milhões. (JC3, 4 abr. 2019 cad. A, p. 7)

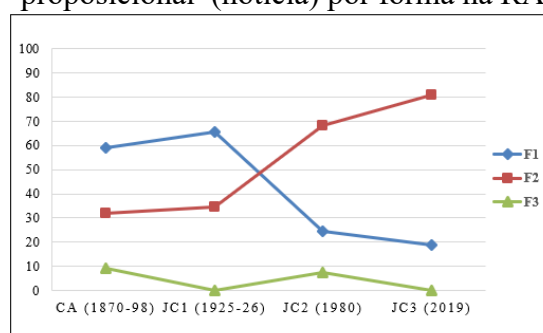
a.3) Valores da endófora anafórica proposicional na notícia

Passa-se a observar os dados de demonstrativos por forma em endófora anafórica proposicional na notícia da RA.

Tabela 91 – Frequência de demonstrativos em endófora anafórica proposicional (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	13 56,5%	7 30,4%	3 13,1%	23 100%
	JC1 (1925-26)	17 65,4%	9 34,6%	–	26 100%
XX	JC2 (1980)	10 24,4%	28 68,3%	3 7,3%	41 100%
	JC3 (2019)	8 19%	34 81%	–	42 100%

Gráfico 156 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora anafórica proposicional (notícia) por forma na RA



Assim como nos dados da anáfora não proposicional, evidenciam-se na proposicional o descenso de F1 e o ascenso de F2 ao longo das sincronias. F3 está presente apenas na primeira e na terceira sincronia e não atinge 10% das frequências nesses períodos.

A anáfora proposicional faz referência tanto a um conteúdo textualmente distante da expressão demonstrativa como mostra o exemplo (138), quanto a conteúdo textualmente próximo ao demonstrativo como em (139):

- (138) O governo do Estado está empenhado em acabar com a figura do atravessador, cuja função é explorar o trabalho alheio e colocar o produto por preços estabelecidos por eles. Mas até o presente momento, apesar de seu esforço, pouco avançado houve **neste programa**. (JC2, 10 fev. 1980 – cad. 1, p. 5) [endófora anafórica com antecedente proposicional no discurso do locutor]
- (139) “A atuação em áreas mais afastadas dos grandes centros do país é muito propícia ao desenvolvimento de novas ideias, iniciativas e pesquisas. Isso já é feito em Israel há sete anos e a Positivo levará para Manaus”, diz Rebeca Barbalat, diretora de Marketing e Produtos da Positivo Tecnologia Educacional. (JC3, 3 abr. 2019 - cad. B, p.3)

As poucas ocorrências de F3 na anáfora proposicional codificam ação e tempo:

- (140) Como quer seja lamentamos tão fatal acontecimento, que nos roubou vidas tão preciosas. Com a maior brevidade seguirão para o lugar do acontecimento, afim de ver se era possível salvar alguns daqueles infelizes, que por ventura podessem existir por aquelas paragens, o vapor Inca da Companhia do Amasonas e tres lanchas á vapor da Flotilha. Permita Deos que elles sejam bem suscedidos, que quanto a nós, peza-nos dizer, parece que serão infrotíferas **a quellas**⁷⁹ **providencia**, que no entretanto são dignas de louvor. (CA, 09 jul. 1870, p. 1)
- (141) Ao assinar, ontem de manhã, o Decreto que cria o Pelotão de Polícia Feminina, o governador José Lindoso disse que tanto ele como sua mulher, D. Amine, “esperamos muito do pelotão, especialmente no trato com os menores”. (...) O comandante da PMAM manifestou que aguardava com muita expectativa o ingresso das futuras policiais, que “muito nos auxiliarão no policiamento ostensivo da cidade”. Ele também disse que **naquela ocasião** “não se pode esquecer que foi uma idéia de D. Amine a criação da Polícia Feminina, que viu em São Paulo e ficou maravilhada”, trazendo-a para Manaus. (Jornal do Comércio, Manaus, 9 fev. 1980. Política, Caderno 1, p.5)

⁷⁹ Forma com partes separadas no próprio original.

b) Endófora anafórica no romance

Das endóforas anafóricas presentes no romance, a maioria dos antecedentes se encontram no discurso do locutor, a única ocorrência com antecedente no discurso do interlocutor pertence ao romance MIS, já foi apresentada anteriormente no exemplo (119)

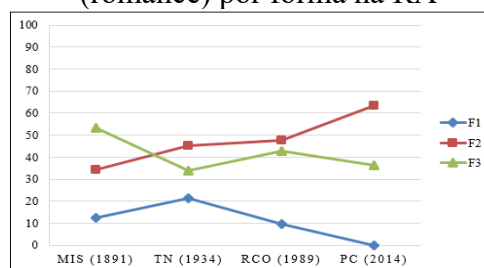
b.1) Visão geral

Vejam-se a seguir os dados de demonstrativos em endófora anafórica (não proposicional e proposicional) por forma no romance:

Tabela 92 – Frequência de demonstrativos em endófora anafórica (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	15 12,6%	39 32,8%	65 54,6%	119 100%
XX	TN (1934)	17 21,2%	36 45%	27 33,8%	80 100%
	RCO (1989)	12 9,7%	59 47,6%	53 42,7%	124 100%
XXI	PC (2014)	–	56 63,6%	32 36,4%	88 100%

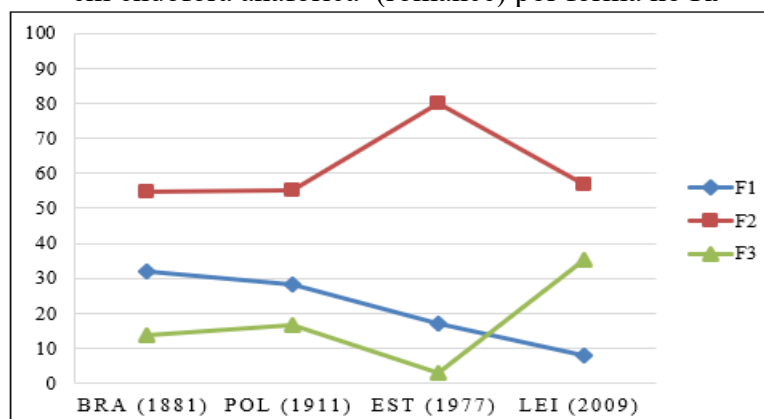
Gráfico 157 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora anafórica (romance) por forma na RA



Os dados dos demonstrativos que compõem as endóforas anafóricas no romance, assim como nos dados da notícia, refletem o mesmo padrão presente nas formas gerais (gráfico 8), com ascenso de F2, descenso de F1 e F3 como forma mais produtiva que F1 no romance.

Observem-se os dados da endófora anafórica (já com reunião de claras e escuras) no romance no estudo de Ramalho (2016):

Gráfico 158 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora anafórica (romance) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 198 e 200)

Os dados de demonstrativos que compõem as endóforas anafóricas em Ramalho (2016) também representaram o padrão das formas gerais do *corpus* de romance do RJ. F2 se apresenta mais produtiva nas anáforas do que no *corpus* em geral (gráfico 10), confirmando também a influência das anáforas para a mudança linguística.

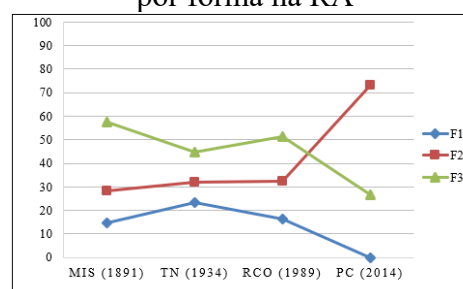
b.2) Valores da endófora anafórica não proposicional no romance

Passa-se a observar os dados de demonstrativos por forma em endófora anafórica não proposicional no romance da RA

Tabela 93 – Frequência de demonstrativos em endófora anafórica não proposicional (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	12 14,6%	23 28,1%	47 57,3%	82 100%
	TN (1934)	11 23,4%	15 31,9%	21 44,7%	47 100%
XX	RCO (1989)	11 16,2%	22 32,3%	35 51,5%	68 100%
	PC (2014)	–	33 73,3%	12 26,7%	45 100%

Gráfico 159 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora anafórica não proposicional (romance) por forma na RA



Segundo os dados da tabela e do gráfico, F1 se apresenta como a forma menos produtiva em todas as sincronias e F3, que apresentou a menor frequência das formas ao longo do tempo na notícia, supera, no romance, as ocorrências de F2 nas três primeiras sincronias. Destaca-se o grande ascenso de F2 em XXI-1 (saltando de 32,3% para 73,3%), como também ocorreu na

notícia, mostrando que a anáfora não proposicional prestou grande contribuição para o ascenso de F2 nessa sincronia.

A seguir, apresentam-se exemplos de anáforas não proposicionais realizadas com F1, F2 e F3:

- (142) Não era maior que muitas aldeias encravadas nas montanhas do meu país, mas o fato de estar situada num terreno plano acentuava a repetição dos casebres de madeira e exagerava a imponência das construções de pedra: a igreja, o presídio, um ou outro sobrado distante do rio; é inútil afirmar que não havia palácios; **estes**, faziam parte das invenções de Hanna, o mais imaginoso entre os irmãos do meu pai; (...). (RCO, p. 73)
- (143) As cadeiras, a mesa de jantar, o lavatório, a bacia de banho, tinha-os o Macario pedido emprestado ao capitão Mendes da Fonseca, que, em toda a villa, possuía as melhores cousas **d'esse genero**. (MIS, p. 44-45)
- (144) Através da veneziana eu espiava vocês dois juntos do relojão negro, **aquele nicho com hastes douradas** que atravessara quase um século inteiro competindo com Emilie o ciclo repetitivo dos dias; (RCO, p. 24)

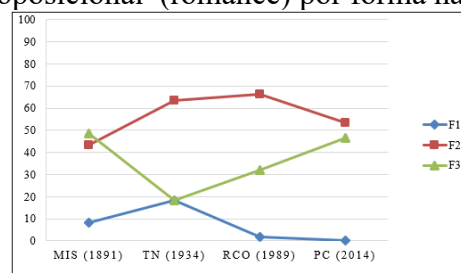
b.3) Valores da endófora anafórica proposicional no romance

Passa-se a observar os dados de demonstrativos por forma em endófora anafórica proposicional no romance da RA.

Tabela 94 – Frequência de demonstrativos em endófora anafórica proposicional (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	3 8,1%	16 43,2%	18 48,7%	37 100%
	TN (1934)	6 18,2%	21 63,6%	6 18,2%	33 100%
XX	RCO (1989)	1 1,8%	37 66,1%	18 32,1%	56 100%
	PC (2014)	–	23 53,5%	20 46,5%	43 100%

Gráfico 160 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora anafórica proposicional (romance) por forma na RA



Observa-se F2 como a forma mais produtiva da anáfora proposicional, com frequências entre 43,2 e 66,1%. Assim como ocorreu na anáfora não proposicional, F1, na anáfora proposicional, é a forma menos produtiva (entre 0% e 18,2%) e F3 apresenta frequências intermediárias em relação as outras duas formas (entre 20% e 50%).

Seguem exemplos de usos de anáforas proposicionais realizadas com F1, F2 e F3 no *corpus* romance:

- (145) Olho com ternura esses homens rudes estrangulados pelas mãos de ferro da Vida. Criaturas crucificadas pelo Destino; curvas como canivetes. Caboclos fortes, desamparados que se perderam na ignorância, e que o Homem civilizado não consentiu que se educasse, de vez que é preciso os explorar na sua ignorância absoluta, envenenando-os, lentamente com o álcool. Não calcula, Anatolio, como me impressiona **esta perspectiva sombria do Amazonas.** (TN, p. 79-80)
- (146) Foi uma noite tensa e longuíssima. Esperava a qualquer momento um revide, algum tipo de vingança, um ruído arrasador de quem demole um muro espesso e sólido. Adormeci com **essa sensação incômoda**, a minha mão entrelaçada na de Samara, que sempre se deitava com um laçarote de renda preso aos cabelos. (RCO, p. 47)
- (147) O Valladolid, tossindo todo arcado, também atirara a sua pedrinha:
- A vizinhança é uma das comodidades desta casa. O Macario sacristão tem dedo para estas cousas.
Macario, muito serio, protestara, mas Padre Antonio fingira não perceber **aquellas allusões bregeiras.**(MIS, p. 86)

Observam-se, nas obras RCO e PC, vários referentes associados ao tempo como em (148) e (149), contribuindo para a produtividade de anáfora proposicional no gênero romance:

- (148) Levaram-na em um caminhão, cheio de doentes como se eles fossem um bando de animais. Até **aquele momento**, Otto não sabia a gravidade da doença, naquela época não havia o avanço da ciência como hoje, não havia cura. (PC, p. 35)
- (149) (...) com um olhar aceso e abrangente, se já sabiam que Dorner estava de volta à cidade.
- Há uns seis ou sete anos morou em Manaus – disse Emilie. – Depois fez uma longa viagem pela selva e andou pelo sul revendo uns parentes.
- **Naquele tempo** eras solteira – observou Esmeralda.
- Solteira, feliz e infeliz – acrescentou Emilie, procurando com os olhos uma moldura oval na parede branca da sala. (RCO, p. 41)

6.9.4.3 Endófora catafórica

Na endófora catafórica, o referente se posiciona após a expressão demonstrativa. Nessa categoria, o referente sempre estará no discurso do locutor. Analisar-se-ão os dados catafóricos sob o prisma estabelecido por Halliday e Hasan (1976 [2004, p. 68-69]) que considera os tipos catáfora *não estrutural* (referente apartado da expressão demonstrativa) e catáfora *estrutural* (referente anexo à expressão demonstrativa). Considerou-se como catáfora estrutural apenas os casos em que o referente não tenha sido mencionado anteriormente no contexto linguístico. Em casos em que o referente tenha sido previamente mencionado, considerou-se ocorrência de anáfora, como no exemplo (150), em que o referente definidor é a expressão *4 ou 5 cavalheiros de indústria*:

- (150) Continuam 4 ou 5 cavalheiros de indústria, com o tal jogo da vermelhinha, a engazopar os pobres agricultores que chegam ao litoral desta cidade com os seus generos. Chamamos para este assumpto toda a atenção do sr. dr. chefe de policia, que, certos estamos com o auxilio de alguns

comerciantes estabelecidos á rampa da Imperatriz, poderá chegar ao conhecimento da verdade, e trancafiar na casa de pouco pão, a **esses amantes da vermelhinha**, que resolveram viver a custa alheia. (CA, 8 mai. 1879, p. 2)

a) Endófora catafórica na notícia

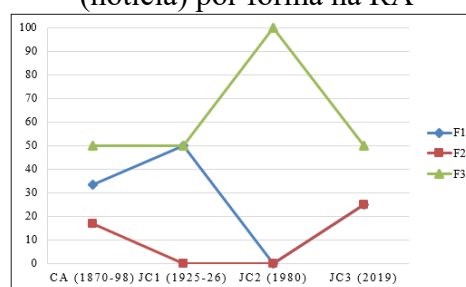
a.1) Visão geral

Vejam-se a seguir os dados de demonstrativos em endófora catafórica (estrutural e não estrutural) por formas na notícia:

Tabela 95 – Frequência de demonstrativos em endófora catafórica (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	2	1	3	6
		33,3%	16,7%	50%	100%
XX	JC1 (1925-26)	1	–	1	2
	JC2 (1980)	–	–	3	3
XXI	JC3 (2019)	1	1	2	4
		25%	25%	50%	100%

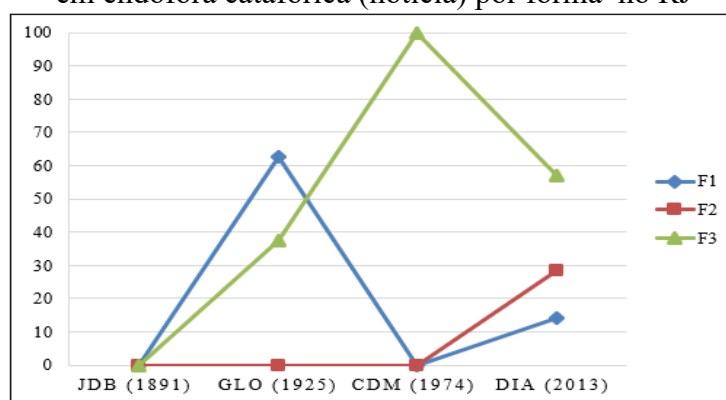
Gráfico 161 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora catafórica (notícia) por forma na RA



Os dados revelam que F3 é muito produtiva na catáfora, e F2 que apresentou alta produtividade na anáfora, na catáfora é a menos produtiva.

Observem-se os dados da endófora catafórica na notícia do estudo de Ramalho (2016):

Gráfico 162 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora catafórica (notícia) por forma no RJ



Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 202)

Os dados da endófora catafórica da notícia do RJ são semelhantes aos da RA, ou seja: F3 se apresenta como a forma mais produtiva; F2 como a menos frequente e F1 mais frequente que F2.

a.2) Valores da endófora catafórica não estrutural na notícia

Identifica-se, na notícia, apenas uma ocorrência de catáfora não estrutural. Ela pertence à primeira sincronia (XIX-1) e privilegia a forma F1, como se observa a seguir:

- (151) Finalmente o cidadão Henrique de Souza salientando as boas qualidades do dr. Silva Campos desenvolvendo **este trecho de Enverzon**: “Os homens de caracter são a consciencia da sociedade a que pertencem” (CA, 08 jun. 1898, p. 1)

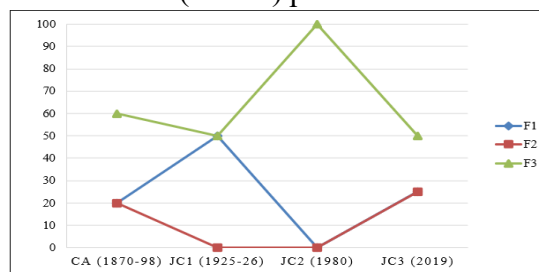
a.3) Valores da endófora catafórica estrutural na notícia

Observam-se os dados de demonstrativos por forma em endófora catafórica estrutural na notícia RA.

Tabela 96 – Frequência de demonstrativos em endófora catafórica estrutural (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	1 20%	1 20%	3 60%	5 100%
	JC1 (1925-26)	1 50%	–	1 50%	2 100%
XX	JC2 (1980)	–	–	3 100%	3 100%
	JC3 (2019)	1 25%	1 25%	2 50%	4 100%

Gráfico 163 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora catafórica estrutural (notícia) por forma na RA



Na catáfora estrutural, F3 é a forma mais produtiva e está presente em todas as sincronias. Observem-se exemplos dessa referência:

- (152) No dia 29 de Maio, das 3 para as 4 horas da tarde, fez desembarque solemne, no arsenal de marinha da côrte, a brigada de voluntarios da patria, de volta do Paraguay, sob o commando do distincto coronel Barros de Vasconcellos. Compunha-se ella do batalhão de Maranhão e contingentes de Sergipe, Alagoas, Pará e Amazonas. Todos tiveram um recebimento digno de cidadãos que tão alto alçaram nosso pavilhão **nessa luta titanica, em que a irrefletida e grosseira ambição de um despota lançou quatro nações da America do Sul**, cujos interesses reciprocos só podem acoroçoar relações da mais intima e fraternal amisade. Ahi estão, pois, a chegar os poucos nossos comprovincianos, q’ sobreviverão á horrivel hecatombe do Paraguay, onde lutarão contra o ferro do inimigo, contra os rigores do clima, contra a peste e até contra a fome! (CA, 8 jul. 1870, p. 1)

- (153) Complementar à Estação de Transferência, também será construída uma nova Estação de Integração para atender aos articulados. Ambas serão interligadas por uma passarela, servindo tanto aos usuários dessas estações como **aqueles que desejarem utilizar as demais paradas do transporte coletivo à direita da Constantino Nery**. (JC3, 10 abr. 2019 – cad. B, p. 8)

b) Endófora catafórica no romance

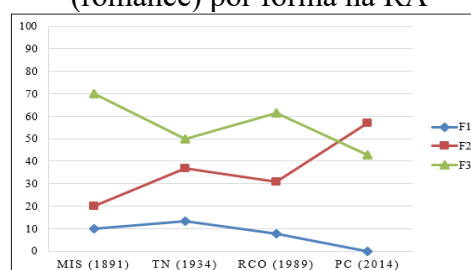
b.1) Visão geral

Os dados de demonstrativos em endófora catafórica (não estrutural e estrutural) no romance apresentam os seguintes padrões por forma:

Tabela 97 – Frequência de demonstrativos em endófora catafórica (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	1 10%	2 20%	7 70%	10 100%
XX	TN (1934)	4 13,3%	11 36,7%	15 50%	30 100%
	RCO (1989)	1 7,7%	4 30,8%	8 61,5%	13 100%
XXI	PC (2014)	–	8 57,1%	6 42,9%	14 100%

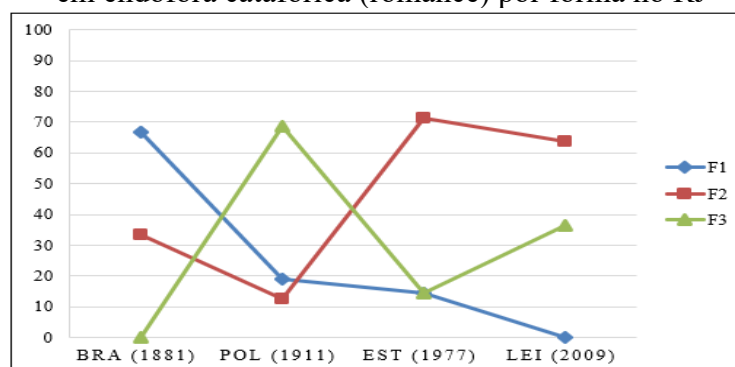
Gráfico 164 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora catafórica (romance) por forma na RA



Vê-se novamente F3 como forma mais produtiva na catáfora, mas com a diferença de as outras formas ocorrem mais no romance do que na notícia. F2 chega a ultrapassar F3 somente em XXI-2.

Observem-se os dados da endófora catafórica no romance do estudo de Ramalho (2016):

Gráfico 165 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora catafórica (romance) por forma no RJ



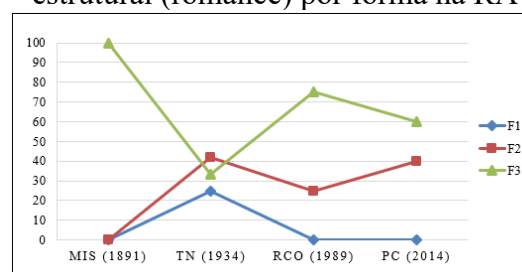
Fonte: Adaptado de Ramalho (2016, p. 202)

Os dados da endófora catafórica no romance do RJ mostram a alta frequência de F1 em XIX-1; o destaque para F3 em XX-1 e o estabelecimento de F2 a partir de XX-2. Observa-se que na RA F2 foi, ao longo das sincronias, mais produtivo que F1.

b.2) Valores da endófora catafórica não estrutural no romance

Tabela 98– Frequência de demonstrativos em endófora catafórica não estrutural (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	–	–	1 100%	1 100%
XX	TN (1934)	3 25%	5 41,7%	4 33,3%	12 100%
	RCO (1989)	–	1 25%	3 75%	4 100%
XXI	PC (2014)	–	2 40%	3 60%	5 100%

Gráfico 166 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora catafórica não estrutural (romance) por forma na RA

As ocorrências de catáfora não estrutural no romance (22 ocs.) mostram que esse gênero é mais propício a ocorrências dessa categoria que o gênero notícia (1 oc.). Entre as formas, F3 se destaca tanto por estar presente em todas as sincronias, quanto por sua produtividade (entre 33,3% e 100%), seguida de F2 (entre 0% e 41,7%), enquanto F1 ocupa o posto da forma menos produtiva, estando presente apenas em XX-1.

O resultado permite inferir que o uso da catáfora não estrutural pode estar associado ao estilo de redação do romancista, tendo em vista que o romance TN apresenta 12 ocs. (contempla as três formas); PC, 5 ocs.; RCO, 4 ocs.; e MIS, apenas 1 oc..

As catáforas não estruturais estão presentes nos romances nas seguintes situações:

a) Após dois pontos (:), com função de prestar esclarecimento como no exemplo (154); de citação, como em (116); ou de enumeração, como em (155):

(154) - Precisamos reagir. Em toda parte o operário é uma potencia, uma força organizada. As massas dominam. Sómente aqui é que vemos **isso**: nem parece que a Princesa Isabel libertou uma raça. No Amazonas, vivemos como naquele tempo, acorrentados ao patrão malvado, que, como sangue-suga, rouba-nos o sangue. (TN, p. 121)

(116) No outro dia encontraram **esta receita** enrolando um despacho na porta do barracão:

“ECHU TIRIRI:

3 vélas.

3 charutos.

3 garrafas de paratí.

3 caixas de fósforo.

3 galinhas pretas.

3 rabos de bóde.

Correr tres encrusilhadas e fazer o sinal de Tiriri”. (TN, p. 59)

(155) A vida de Emir parecia se reduzir a **esses passeios matinais**: depois da travessia do igarapé, a caminhada até a praça Dom Pedro II, a rua dos grandes armazéns, a visão dos mastros, das quilhas e das altas chaminés, o apito grave do Hildebrand, que trazia passageiros de Liverpool, Leixões e

das ilhas da Madeira, talvez Emir soubesse o destino do navio: Nova York, Los Angeles, alguma cidade portuária do outro hemisfério, nostalgia do além-mar. (RCO, p. 62-63)

b) Após a vírgula (,) ou travessão (-), também com função de prestar esclarecimento sobre o conteúdo da expressão demonstrativa, como nos exemplos abaixo:

(156) - Nadesca!

E como lhe ficara á justo esse nome, com **aquelas idéas elevadas**, pensando na agonia anónima dos que sofrem! (TN, p. 75)

(157) No dia em que os seringueiros unidos, conscientes pudessem tomar a tremenda desforra; quando sentissem que o patrão não tinha o direito de os acorrentar eternamente ao trabalho; aí então é que o Amazonas progrediria. Até lá, **essa tragédia anónima**, esse batalhar improficuo contra a correnteza, contra os rebojos, contra as corredeiras das perseguições e das misérias, presos como todos, viviam, aos desejos, e acenos do patrão. (TN, p. 122)

(158) Fôra bem reles a existencia até **aquella data** – a data da carta – digna de ser marcada com uma pedra branca, como se marcam os dias felizes da vida, segundo ouvira ao professor Annibal ao jantar de casamento do infeliz Joaquim Feliciano. (MIS, p. 51)

c) Como explicitação de termo de uma pergunta:

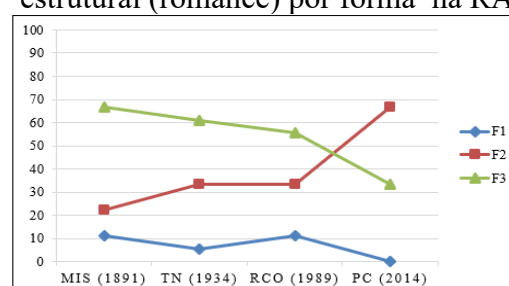
(159) A cada passo Otto pensava no verdadeiro significado da palavra “liberdade”, proferida pelo amigo Gervandro. Será que liberdade era **aquilo?** Passar fome, andar sem rumo. (PC, p. 40)

b.3) Valores da endófora catafórica estrutural no romance

Tabela 99 – Frequência de demonstrativos em endófora catafórica estrutural (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	1 11,1%	2 22,2%	6 66,7%	9 100%
	TN (1934)	1 5,6%	6 33,3%	11 61,1%	18 100%
XX	RCO (1989)	1 11,1%	3 33,3%	5 55,6%	9 100%
	PC (2014)	–	6 66,7%	3 33,3%	9 100%

Gráfico 167 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora catafórica estrutural (romance) por forma na RA



No romance, há 45 ocorrências de catáforas estruturais, praticamente o dobro de ocorrências em relação à catáfora não estrutural. Assim como na catáfora não estrutural, F3 se sobressai como a forma mais produtiva na catáfora estrutural, confirmando a categoria catafórica como contribuinte pela produtividade de F3 no romance. F2 se apresenta mais produtivo que F1 ao longo das fases, ultrapassando a frequência de F3 na 1ª met. do séc. XXI.

Observem-se exemplos de catáforas estruturais nos romances:

- (160) Ao chegarem á sala do jantar, pela porta que dava para o quintal, o vereador João Carlos mostrara o quintal vizinho, e explicara que **n'aquella casa, cujo telhado se avistava por entre as touças de bananeiras**, morava uma rapariga, desquitada do marido, uma tal Luiza Madeirense, que se occupava, para apparentar boa vida, em serviços de engommado. (MIS, p. 85)
- (161) Boaventura, Honorato, Felisberto, comentaram comigo, assim que êle saíu, a mudança próxima. Deixaria em breve **aquêle infame inferno verde, onde a morte espreita em cada clareira**. Começava a nascer, em mim, um sentimento novo e bonito: o da solidariedade pelos entes infelizes que curtiam a mesma infâmia de vida. (TN, p. 57-58)
- (162) Alguns peões, encarregados de acompanhar engenheiros e mestres de obras, e alguns militares, deixaram vaziar uma informação que foi o real motivo **daquella chacina que sabemos que você foi o único sobrevivente**. (PC, p. 86-87)
- (163) Nunca me perguntaram se eu era religioso, mas talvez condenassem secretamente **este estrangeiro que vivia no mato entre os índios, que nunca entrara numa igreja, e no entanto podia rezar uma Ave-Maria em nhengatu**. (RCO, p. 69)
- (164) - De forma semelhante, Otto, **esses humildes operários que trabalham na construção de Brasília**, trôpegos assalariados, sofrerão as conseqüências de viverem às margens do poder. (PC, p. 95)

6.9.4.4 Endófora ana-catafórica

A endófora ana-catafórica é constituída concomitantemente por anáfora e catafóra, a exemplo de (165), que é o único de todo o *corpus* e aparece na notícia:

- (165) Não sabemos quaes as providencias que foram dadas na ocasião para salvar-se este official; o que não resta duvida é que **o infeliz Manoel Valente da Silva morreu e que o companheiro salvou-se por um milagre**. Factos **desta ordem, em que operarios perdem a vida**, devem calar no espirito das pessoas que emprehem obras sem saber o que estão fazendo, que todas as cautellas são poucas, e lembrarem-se que por falta de cuidado, de intelligencia e de conhecimentos práticos, involuntariamente são a causa da morte de um seu semelhante. (CA, 4 jun. 1874, p.3)

Na ana-catafóra, a catafóra é representada por uma oração relativa. Há, no entanto, casos semelhantes à ana-catafóra que foram considerados como casos de simples anáfora. Neste trabalho, não se considerou que houvesse ana-catafóra quando a oração relativa apresentasse uma informação nova, ou seja, diferente da apresentada no referente que antecede (referente da anáfora). Vejam-se a seguir exemplos de dados que embora tenham semelhança com ana-catafóra foram classificados como anáfora (marcou-se a relativa da expressão demonstrativa com itálico):

- (166) Recordara, outras vezes, as descripções que lera das penas do inferno, dos supplicios tremendos que aguardam os condemnados, e, sobretudo, a idéa da eternidade dos castigos apavorava-o a tal ponto, que se puzera a menoscar os espantosos padecimentos **dos confessores da fé, desses sublimes heroes do christianismo que com justiça a Igreja proclama santos**. (MIS, p. 112)

- (167) Entrou hontem em nosso porto o vapor Belem do commando do piloto Clementino Jucá. Este vaticano que zarpou de Manáos no dia 7 deste mez, com destino a Iquitos, para aqui arribou em virtude de ter recebido um rombo no casco, em consecuencia de haver batido num pão submerso, accidente este verificado no dia 9, quando ás 10 e ½ horas, navegava em frente ao porto Libanez, no rio Solimões. (JC1,13 jan. 1925, p. 2)
- (168) Ante-hontem pelas 9 horas da manhã na fazenda do sr. Sebastião Roberto, a 44 legoas distante desta capital ficou bastante mutilado proviniente da explosão de um barril que continha mais ou menos tres libras de polvora um filinho do mesmo, menor de 3 annos. Informan-nos que occazionou essa explosão uns phosphoros inflamados; que lançou dentro do barril, **essa mesma criança, que sem ser vista de ninguem** entrara no repartimento da casa (CA, 03 jul. 1870, p. 1)
- (169) **Siderama ingressa na produção de laminados**
Em termos de recursos, a SUDAM investiu na empresa siderúrgica, atendendo a orientação do Ministerio do Interior e consequentemente da Presidência da República, verbas do seu proprio orçamento assim como do fundo de investimento da Amazônia – FINAM, da ordem de 500 milhões de cruzeiros, recursos esses que foram aplicados na montagem da laminação que hoje passa a funcionar na manutenção do alto forno e na aquisição de componentes da aciaria, que futuramente será implantada, com vistas a integração da Siderama. (JC2, 15 fev. 1980 – cad. 1, p. 3)

6.9.5 Exo-endofórica

Há casos de referência em que se observa a sobreposição de exófora e endófora, ou seja, o referente se apresenta, ao mesmo tempo, no contexto linguístico e na situação da enunciação: eles foram classificados como *exo-endófora*.

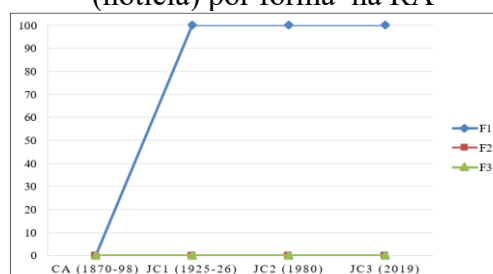
a) Exo-endófora na notícia

Na notícia há apenas 5 casos da exo-endófora, todos codificados com F1, como mostram a tabela e o gráfico a seguir:

Tabela 100 – Frequência de demonstrativos em exo-endófora (notícia) por forma na RA

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	–	–	–	–
XX	JC1 (1925-26)	1 100%	–	–	1 100%
	JC2 (1980)	1 100%	–	–	1 100%
XXI	JC3 (2019)	3 100%	–	–	3 100%

Gráfico 168 – Frequência (%) de demonstrativos em exo-endófora (notícia) por forma na RA



Nas composições das referências exo-endofóricas da notícia, as endóforas se realizaram com anáfora e as exóforas codificaram tempo e espaço. As ocorrências em XX-1 e XX-2 codificaram espaço e as 3 ocorrências de XXI-1 codificaram tempo. Apresentam-se, a seguir, um exemplo de exo-endófora com exófora espacial e outro com exófora temporal.

(170) De volta a Manaus o médico Fernando Rodrigues da Silva, cirurgião cardíaco-vascular, juntamente com a esposa, a dermatologista Ilma Maria Alves Pereira da Silva. Dr. Fernando Silva é uma das mais gratas revelações dos moços inteligentes **desta terra** e já se prepara para inaugurar sua clínica-Santa Katherine – a partir de fevereiro. (JC2, 3 fev. 1980 - cad. 2, p. 8)

Em (170) a expressão demonstrativa *desta terra* codifica o espaço em que o redator da notícia se encontra (Manaus) e o substantivo *Manaus* atua como referente presente no contexto linguístico.

(171) O secretário estadual de Educação, Luiz Castro, ressaltou, em entrevista coletiva na tarde de ontem, que a proposta de reposição salarial de 3,9% da data-base de 2019, somada à concessão de 2% relativos a progressões horizontais de carreira e ao pagamento do reajuste de 9,38% feito em janeiro **deste ano**, resultará em ganhos de 15,31% para os servidores da Seduc (Secretaria de Estado da Educação), em três meses da nova gestão. (JC3, 3 abr. 2019 – cad. A, p. 8)

Em (171) a expressão demonstrativa *deste ano* codifica o tempo (ano) em que o redator se encontra e o numeral *2019* é o referente presente no contexto linguístico:

No *corpus* notícia, Ramalho (2016) contabilizou apenas 2 ocorrências de exo-endófora, sendo 1 em XX-1 realizada com F2 e outra em XX-2 com F1, confirmando também a baixa frequência dessa referência no gênero notícia.

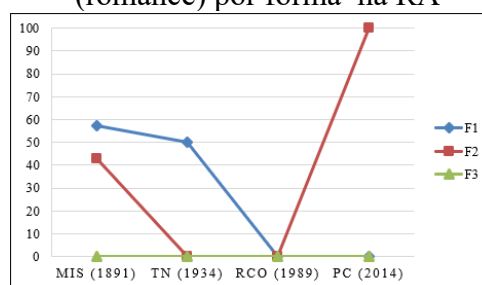
b) Exo-endófora no romance

No romance, há 11 casos da referência exo-endofórica nos dados da RA, 5 realizadas com F1 e 6 com F2, como podem ser observados na tabela e no gráfico a seguir:

Tabela 101– Frequência de demonstrativos em exo-endófora (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	4 57,1%	3 42,9%		7 100%
	TN (1934)	1 50%	–		1 100%
XX	RCO (1989)	–	–	–	–
	PC (2014)	–	3 100%	–	3 100%

Gráfico 169 – Frequência (%) de demonstrativos em exo-endófora (romance) por forma na RA



A seguir, retoma-se o exemplo (64) que, para análise de referências exo-endofóricas, será dividido em (172) abaixo e em (173), (174) mais adiante:

- (172) Sempre que chegava algum viajante, João Pinheiro gritava para dentro:
 – Moleque, traze café para este homem.
 O moleque, lá de dentro, respondia:
 – Já, sim siô.
 O viajante ficava com a boca doce, esperando refrescar-se com o cafédorio do João Pinheiro.
 Passava um quarto d’hora... e nada.
 – Moleque, olha **esse café!** Gritava o fazendeiro.
 – Já vai, sim siô.
 O viajante, que já estava com a garganta secca de engulir em falso, concebia uma esperança.
 Passava outro quarto d’hora... e de café, nem lembrança.
 – Moleque, vem ou não vem **esse café?** perguntava o João Pinheiro.
 E o moleque:
 – Já vai já, sim, siô.
 O viajante puxava o relógio, sentindo não ter tempo de esperar que fizessem o fogo.
 Passava outro quarto d’hora:
 – Ó moleque do dianho, então **esse marvado café** não vem hoje?

As expressões *esse café* (2 oc.) e *esse marvado café* (1 oc.) destacadas no fragmento acima têm como referente *café para este homem*; no entanto, embora o café não chegue às mãos do viajante (este homem), entende-se que ele se encontra na situação da fala, próximo ao *moleque* (lá dentro), à média distância de seu interlocutor (João Pinheiro), caracterizando a exófora espacial. Com essa compreensão, classificam-se as ocorrências acima como casos de exo-endófora, com exóforas espaciais que codificam distância média do interlocutor e endóforas anafóricas.

- (173) – Moleque, traze café para este homem.
O moleque, lá de dentro, respondia:
 – Já, sim siô.(...)
 – Ó moleque do dianho, então esse marvado café não vem hoje?
 – Já vai agora mesmo, meu siô. O viajante levantava-se e despedia-se, farto de esperar.
 – **Este dianho de moleque**, dizia o João Pinheiro, apertando a mão ao hospede, **este dianho de moleque** é assim mesmo. (Mis, p.156)

Em (173), **Este dianho de moleque** tem como referente *O moleque, lá de dentro*. Observa-se ainda que o moleque participa da cena comunicativa, pois responde ao pedido de João Pinheiro. No entanto, destaca-se que ele se encontra a uma distância média de seu interlocutor, não está junto de João Pinheiro, mas também não está muito distante, pois ouve e responde a seu pedido. As gramáticas normativas trazem o consenso de que F1 codifica proximidade do locutor; F2, proximidade do interlocutor e F3, afastamento do locutor e do interlocutor. Cunha e Cintra (1985) admitem também a 2ª pessoa (*esse*) marcando situação intermediária ou distante. No entanto, a expressão demonstrativa é realizada com F1. Como neste trabalho a classificação se baseia também na relação entre os participantes do ato de fala, embora se observe o emprego de F1, classifica-se a ocorrência como de *afastamento do locutor e do*

interlocutor, considerando que o moleque está longe de João Pinheiro e do viajante com quem ele se justifica.

Ainda sobre esse emprego, atribui-se a aplicação pragmática de uso familiar e animada à expressão *Este dianho de moleque*, a exemplo de “**Esse** João é das arábias! **Aquela** Maria tem cada idéia!” mencionados em Bechara (2006, p. 187). A esses casos, o gramático atribuiu ao demonstrativo o valor de artigo definido.

Registra-se a complexidade de análise da ocorrência em (173), tanto no que diz respeito à gradação de distância (distância curta × média × longa), quanto a seu emprego pragmático.

Cambraia e Bertolino (2020) propõem, além da análise da função discursivo-pragmática, a da função *superveniente*⁸⁰ do demonstrativo, entendendo que ela colabora para a codificação de mais informação funcional. A vista disso, atribui-se à expressão - *Este dianho de moleque* a codificação de função superveniente de ênfase depreciativa, considerando a reprovação da atitude do moleque (por João Pinheiro), que não compareceu com o café. Lembre-se de que essa perspectiva sócio-discursiva do fenômeno da referenciação prevê o compartilhamento do sentido da ideia entre os interlocutores e ou escritor/leitor, para que a comunicação seja eficiente. Com isso, pressupõe-se que os interlocutores reconhecem o valor superveniente negativo da expressão - *Este dianho de moleque*.

Passa-se ao exemplo (174):

174) Pois o homem havera de fazer isso mesmo?!

- Ara tome lá o seu café, que **este** não é do João Pinheiro. (MIS, p. 157)

O exemplo (174) expressa a reação de Maria Miquelina (caseira) após ouvir a história contada por Xico Fidencio sobre o café de João Pinheiro. Observa-se no enunciado que o demonstrativo **este** tem como referente *café* e, ao mesmo tempo, codifica o espaço em que o café se encontra (próximo à falante). No entanto, na oração anterior (*tome lá o seu café*), percebe-se no enunciado a circunstância de distância sinalizada pelo advérbio de lugar *lá*. Para resolver um possível impasse de interpretação, voltou-se ao início do texto, onde se observou que a xícara de café está próxima à falante: *E, intrigada, a caseira colocou sobre a mesa grande a palangana de café, e pôz-se a interrogar o professor com os olhos. Fidencio começou, narrando: ...* (MIS, p. 154). Com essa observação, considera-se que a expressão *tome lá o seu café*, nada mais é do que uma expressão (pragmática) que sugere que Xico Fidencio tome

⁸⁰ Segundo Cambra e Bertolini (2020, p. 150) a função superveniente “é codificada cumulativamente por uma expressão demonstrativa, além da função discursivo-pragmática, não deixando esta de estar presente, mas tendo sua codificação formal explícita possivelmente substituída pela da função superveniente.”

logo o café. Após essa reflexão, analisa-se o demonstrativo *este* como codificador do espaço próximo à falante, tendo como referente *café*.

Nas demais ocorrências de exo-endófora no romance, as exóforas também codificaram espaço, sendo a maioria realizada com anáfora e apenas 1 como catáfora. Observem-se algumas realizações:

b.1) exófora + anáfora com F1:

(175) O Neves, enterrando os dedos na grande caixa de rapé, dizia, com a sua cara de carneiro manso:
- Eu, por meu gosto, morava, mas era só na villa. **Isto aqui** sempre é outra cousa. Ha gente com quem conversar, ha recursos, vêem-se caras novas. Mas a D. Eulalia, coitada! não quer deixar os cherimbabos! (MIS, p. 82)

Em (175), a expressão demonstrativa *Isto aqui* codifica espaço em que o personagem se encontra (villa), o qual tem como referente anafórico o substantivo *villa*.

b.2) exófora + anáfora com F2:

(176) Jamais rememorava com orgulho o seu passado de conflitos políticos no Brasil. Certa vez ele disse-nos, segundo lembrou-me minha mãe, que quando alguém conta muitas histórias de guerras é porque essa pessoa jamais estivera realmente em combate direto, pois se estivesse jamais gostaria de revivê-los novamente. Eu tento esquecer os conflitos que me assolou nessa enojada nação, conflitos que nunca compartilhei com você, não que eu não confiasse, mas porque não queria reviver esses conflitos. Meu coração ainda sangra, pois **esse país** se recusará a sarar suas feridas. (PC, p.46)

O exemplo (176) é parte de um bilhete que o personagem Otto, ao partir, deixa ao Sr. Esmirna (patrão de Otto). Nele a expressão demonstrativa *esse país* codifica o espaço nacional em que Otto se encontra (Brasil), o qual tem como referente anafórico o substantivo *Brasil*.

b.3) exófora + catáfora com F1:

(37) - Tania Federova tomou conta de min para sempre. Acabrunha-me **este exilio**, onde demoram tanto as suas noticias. (TN, p. 92-93)

Em (37), a expressão demonstrativa *este exilio* codifica espaço em que o personagem se encontra (casa do pai no Amazonas), o qual tem como o referente catafórico a oração relativa *onde demoram tanto as suas noticias*.

Na *corpus* do romance, Ramalho (2016) registra 2 ocorrências de exo-endófora, em XX-2, ambas realizadas com F1, constituídas por exóforas seguidas de catáforas.

6.9.6 Função anamnética

Anamnética é a categoria em que o referente não se encontra no contexto linguístico e nem na situação de fala. Nela, o referente é inferido por meio do conhecimento compartilhado entre o falante e o ouvinte ou entre o escritor e o leitor.

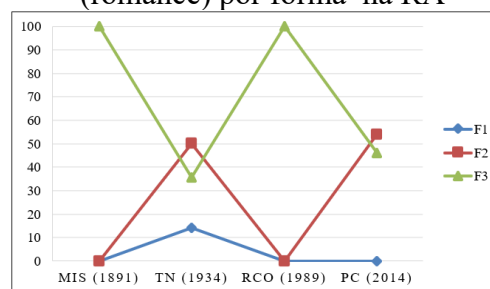
Essa função é reconhecida por Himmelmann (1996) como *anamnésica* ou *uso de reconhecimento* e por Marine (2009) como *dêixis de memória*. Pavani (1987) também reconheceu que os demonstrativos podiam atuar como referência a algo que estivesse apenas pressuposto, ou somente na mente dos interlocutores que compartilham os significados no momento da interação comunicativa, caso que classifica como *pressuposicional*.

No gênero notícia, não há ocorrência da função anamnética. No romance, há 31 casos da função anamnética, como apresentam a tabela e o gráfico a seguir:

Tabela 102 – Frequência de demonstrativos na função anamnética (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	–	–	3 100%	3 100%
XX	TN (1934)	2 14,3%	7 50%	5 35,7%	14 100%
	RCO (1989)	–	–	1 100%	1 100%
XXI	PC (2014)	–	7 53,8%	6 46,2%	13 100%

Gráfico 170 – Frequência (%) de demonstrativos na função anamnética (romance) por forma na RA



Os dados mostram F3 presente em todas as sincronias. F2 nos romances TN (XX-1) e PC (XXI-1) se apresenta como a forma mais produtiva, no entanto não aparece nos demais romances. F1 aparece somente em XX-1, com a menor frequência desse período (14,3%).

O fato de a função anamnética não estar presente no gênero notícia e apresentar maior produtividade em determinados romances do *corpus*, permite inferir que o uso dessa referência está associado à criatividade e à liberdade literária de cada romancista.

A seguir apresentam-se exemplos da função anamnética:

(177) Pois bem, assim que houver uma brêcha no escritório, lhe mandarei chamar. Que lhe deu na cabeça de abandonar os estudos e vir para este meio, que a gente está vendo que não é o seu?

Aquela nota humana do patrão, tido e havido como um bruto, me encheu de conforto. Epifânio migava o tabaco, depois de o cortar na máquina, quando recebeu a pergunta incisiva:
 – E você, ainda faz feitiço contra mim, negro da peste?
 – Nunca fiz, meu branco... Língua grande a **desse povo**; vivo é no meu traíbaio sem pensar como vêm os outros. (TN, p. 57)

Em (177) a expressão demonstrativa *desse povo* não é referenciada previamente e, tampouco *o povo* se encontra na cena da enunciação, no entanto, os interlocutores não têm dúvida de quem possa ser *(d)esse povo*, porque compartilham esse significado no momento da interação comunicativa.

No diálogo a seguir há duas ocorrências da função anamnética:

- (178) – Não tenha mais dúvidas; o que ela tem é gravidez... Foi um deus-nos-acuda no barracão. A mãe aflita, nervosa, perdeu os sentidos. Minervina ao vê-la assim, arrependeu-se de lhe ter dado a nova, sem lhe preparar o espírito. Assim sofria menos.
 Nadesca dáva-lhe a cheirar “Água Florida” a dona Rosa, desfalecida preparando-se para a defeza. Voltando a si do acesso, perguntou-lhe.
 – Quem foi **esse malvado**, minha filha?
 – Não fale assim Mamãe, cedi apenas ao que me ordenava o instinto. Anatolio não tem a menor culpa.
 Estavam a sós.
 – E o que te espera agora? Teu pai não consentirá jamais **nesse casamento**. Seria impossível. (TN, p. 152)

Observa-se que os sentidos das expressões demonstrativas *esse malvado* e *nesse casamento* expressas pela mãe de Nadesca são obtidos na interação verbal por meio do conhecimento compartilhado entre as falantes. É notável nas expressões demonstrativas o peso da aplicação pragmática de uso familiar. As expressões trazem consigo informações relacionadas a tradições culturais e valores sociais que as interlocutoras compartilham.

Observem-se os exemplos (179) com F1, logo abaixo e, (180) com F3, mais adiante:

- (179) – (...) O feminismo avança, é certo, mas nas posições, na caça aos empregos. Os assuntos sociais como o divórcio e outros não são discutidos porque assim o quer a religião. As reivindicações mínimas da mulher brasileira, não cogitam desse problema, inquietante, que está a afligir os lares. Homens e mulheres infelizes, que não se compreenderam e que se enganam mutuamente, com receio da sorte dos filhos, vendo que estão ligados àquele martírio para toda a vida.
 – O Sr. não se engane. Assim como escravisa eternamente **estes trabalhadores**, a Igreja domina as consciências. (TN, p. 109 e 110)

O exemplo (179) retrata um diálogo entre a personagem Nadesca e o pai dela. No texto, a expressão *estes trabalhadores* não é referenciada previamente e, tampouco os *trabalhadores* se encontram na cena da enunciação; no entanto, ao longo do romance, o leitor pode perceber

a relação do pai de Nadesca com seus empregados, compreendendo a realidade da situação dos trabalhadores mencionados, que os interlocutores partilham durante a comunicação.

Passa-se ao exemplo (180), com F3:

(180) Resoaram no corredor as tamanquinhas da caseira azafamada.

– Pensei que era o café de João Pinheiro! exclamou quando a mulata apareceu á porta da sala, trazendo na mão uma grande chicara de louça azul, de que sahia um fumo tenue e um odor forte a café quente.

– Que João Pinheiro, seu Xico?

– Não sabes a historia do João Pinheiro, rapariga!

– Como havera de saber, seu Xico? Só se era o João Pinheiro que matou outro dia o Joaquim Feliciano **n'aquelle encontro da beira do lago...** (MIS, p. 154)

Em (180), a expressão *n'aquelle encontro da beira do lago* não é referenciada previamente no contexto linguístico, no entanto, percebe-se que os interlocutores partilham o conhecimento do evento ocorrido.

Ramalho (2016, p. 219) identifica 9 ocorrências da função anamnética na notícia e 13 no romance divididas entre as três formas, não relacionando, por isso, essa referência a um uso específico de alguma das formas de demonstrativo. Na RA, o que pode se afirmar é que a realização da função anamnética com F1 é rara, sendo comum seu uso com F2 e F3.

6.9.7 Função indeterminadora

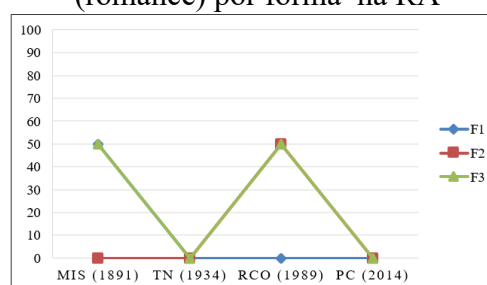
Na função indeterminadora, o referente não é mencionado no ambiente do discurso, não se encontra na situação de fala e também não é presumível por meio de memórias compartilhadas.

Não há ocorrência da função indeterminadora no gênero notícia, há somente no romance. No romance, há 4 ocorrências da função indeterminadora, observáveis na tabela e no gráfico a seguir:

Tabela 103 – Frequência de demonstrativos na função indeterminadora (romance) por forma na RA

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	1 50%	–	1 50%	2 100%
XX	TN (1934)	–	–	–	–
	RCO (1989)	–	1 50%	1 50%	2 100%
XXI	PC (2014)	–	–	–	–

Gráfico 171 – Frequência (%) de demonstrativos na função indeterminadora (romance) por forma na RA



A função indeterminadora está presente apenas em XIX-2 e XX-2. A ausência de ocorrência no gênero notícia, permite inferir que essa categoria tende a ser utilizada em textos literários. Apresentam-se no *corpus* como demonstrativos ou expressões demonstrativas que se associam entre si, atuando em pares para conferir a propriedade de indeterminadora. Observem-se as ocorrências presentes no *corpus* nos exemplos (181) e (182):

(181) Devia engraxar-lhe as botinas, escovar-lhe a roupa, varrer-lhe a casa, levar recadinhos às moças. Não contente com isto, descompunha-o em público: a besta do Macario, o caolho do sacristão, o burro do meu sacrista, **filho desta**, **filho d'aquella**, tambor de sargento, ladrão, velhaco, e outros epítetos não menos injuriosos.(MIS, p. 59)

(182) - Samara já está de volta.

E um dia, depois de pronunciar a frase lacônica, um dos filhos dele acrescentou:

- De volta da moradia clandestina...

Nessa época nosso avô não tinha ímpeto para contestar **esse** ou **aquele**, e muito menos para repreender os dois filhos que outrora ele insultara de javardos, ameaçando-os com um cinturão. (RCO, p. 19)

Em (181), as expressões demonstrativas *filho desta* e *filho d'aquella* juntas insinuam a qualidade de filho de qualquer pessoa. Em (182), o uso dos demonstrativos *esse* ou *aquele* juntos também pode ser interpretado como um substituto para *qualquer pessoa*.

A composição do *corpus* com os gêneros notícia e romance se mostrou eficiente para o estudo semântico-discursivo proposto, pois permitiu a observação de todos os valores referenciais estipulados na metodologia, exibindo as diversificadas funções que os demonstrativos exercem.

CAPÍTULO 7

CONCLUSÃO

Este trabalho se propôs a avaliar quatro hipóteses. A primeira era a de que *os gêneros textuais notícia e romance apresentaram mudanças estruturais entre os sécs. XIX e XXI por estarem ligados historicamente às transformações da sociedade amazonense*. Esta hipótese foi parcialmente confirmada, uma vez que foi atestada para o gênero notícia, mas não claramente para o gênero romance.

No que se refere à notícia, constatou-se que houve um notável aumento da presença da modalidade oral nos textos desse gênero textual na RA, como se pode verificar em função do aumento da frequência de demonstrativos nessa modalidade de XIX-2 (6%) para XXI-1 (48,7%) (cf. tabela 12 e gráfico 14). Ramalho (2016) também constatou aumento nessa modalidade (cf. gráfico 16) nos dados da notícia do RJ. Na resenha feita aqui sobre a história dos jornais no Brasil (cf. seção 5.1.2.1), foram sintetizados diversos aspectos das transformações sociais que refletiram sobre a configuração desse gênero textual. No início do séc. XIX, o foco dos jornais era a crônica de costumes e os ensaios político, literário e comentário. De 1880 a 1930, o jornal impresso recorre à identificação industrial, adequando-se a novas exigências sociais; a reportagem dá lugar à crônica e o ensaio e a notícia predominam sobre o comentário, colocando em evidência a informação e, a partir de 1950, as mudanças sociais e empresariais atingem a organização dos meios de comunicação de massa. Como pode ser observado, a informação e, conseqüentemente a notícia, tornam-se mais valorizadas com o passar do tempo, ganhando com isso mais destaque dentro do periódico. A mais nítida evidência de mudança estrutural na notícia se deu a partir da 2ª met. do séc. XX. Com o advento de novos recursos tecnológicos, a exemplo de gravadores de áudio, as gravações de informações colhidas nos momentos das reportagens e armazenadas para posteriormente serem transcritas, possibilitaram a inserção da modalidade oral na composição da notícia.

No que se refere ao romance, no entanto, não se puderam constatar propriamente mudanças bem definidas, uma vez que não houve uma progressão bem delineada da presença da modalidade oral nos textos desse gênero textual na RA, como se pode verificar pela forte oscilação na frequência de demonstrativos nesse gênero (cf. tabela 13 e gráfico 15). Nesse aspecto, os dados da RA diferem dos do RJ, uma vez que, segundo o apurado por Ramalho

(2016), nestes não houve oscilações bruscas como naqueles (cf. gráfico 17). Sendo assim, é possível interpretar que a presença de maior ou menor uso de diálogo (modalidade oral) esteja associada à liberdade de criação literária dos romancistas, e não a mudanças estruturais do gênero, como ocorreu na notícia.

A segunda hipótese deste trabalho era a de que *as mudanças estruturais dos gêneros textuais permitiram uma inovação no uso dos demonstrativos nos gêneros notícia e romance, proporcionando o surgimento de usos diferentes de demonstrativos em relação aos estabelecidos formalmente pelo sistema*. Uma vez que não se constataram mudanças estruturais sistemáticas igualmente em ambos os gêneros textuais considerados (notícia e romance), esta hipótese já não poderia ser integralmente confirmada. Por um lado, constatou-se que, em ambos os gêneros textuais, houve efetivamente aumento na frequência de F2 (*esse* e suas flexões) e diminuição de F1 (*este* e suas flexões) (cf. tabelas 9 e 10 e gráficos 7 e 8). Por outro lado, esse aumento não se deu de maneira igual: na passagem da 1ª met. do séc. XX para a 2ª met. desse século, a frequência de F2 passou de 28,7% para 45,3% na notícia (diferença de 16,6 pontos percentuais) mas, apenas de 40% para 44,7% no romance (diferença de 4,7 pontos percentuais), ou seja, o avanço de F2 na notícia foi mais significativo do que no romance. Essa diferença de proporção está vinculada à mudança estrutural na notícia, com aumento da presença de modalidade oral na mesma época, e também, vinculada à particularidade estilística do romance RCO, com baixa ocorrência de modalidade oral na mesma época. Percebe-se então que a especificidade da mudança dos demonstrativos no gênero notícia (ou seja, sua intensidade) é, na verdade, reflexo do aumento da modalidade oral nesse gênero. Os dados separados por modalidade e por gênero confirmam que é na modalidade oral em que o aumento de F2 se deu de forma mais intensa (cf. tabelas 16 e 18 e gráficos 20 e 22). Pode-se dizer, portanto, que a segunda hipótese foi confirmada parcialmente, já que procede em relação ao gênero notícia (mesmo que, na verdade, seja fato relacionado mais especificamente à questão da presença de modalidade oral).

A terceira hipótese deste trabalho era a de que, *no português da Região do Amazonas, o sistema de demonstrativos passou por uma reorganização, com a implementação do binarismo em oposição a um sistema ternário*. Esta hipótese foi confirmada de forma geral, pois se constatou, em ambos os gêneros textuais, aumento bem delineado de F2 por oposição à queda de F1 (cf. tabela 8 e gráfico 5), mesmo se considerar cada gênero separadamente (cf. tabelas 9 e 10 e gráficos 7 e 8).

A quarta hipótese era a de que *o processo de implementação do binarismo se deu em épocas diferentes levando-se em conta o português da região do Amazonas e o da região do*

Rio de Janeiro. Essa hipótese foi confirmada, uma vez que se constatou que o processo de predomínio de F2 se apresentou mais tarde na RA (2ª met. do séc. XX) do que no RJ (1ª met. do séc. XX) (cf. gráficos 5 e 6), o que sugere que a mudança pode ter se irradiado do RJ para outras regiões. Esse resultado corrobora a asserção de Weinreich, Labov e Herzog (2016) sobre a covariação de mudanças associadas no decorrer do tempo com a difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico. Normalmente, regiões que concentraram maior poder econômico e, conseqüentemente, político, como foi o caso do Rio de Janeiro, ao longo da história do Brasil, são reconhecidas como portadoras de prestígio, servindo de referência para a disseminação de traços linguísticos seus a outras regiões.

Destaca-se que o predomínio de F2 apresentou especificidades em relação a cada gênero textual. Na notícia, o predomínio de F2 sobre F1 nunca ocorreu em relação à exófora (cf. gráficos 105 e 109 e quadro 11), mas em endófora se deu na RA (2ª met. séc. XX) depois do RJ (1ª met. séc. XX) (cf. gráficos 107 e 111 e quadro 11). No romance, no entanto, os padrões foram semelhantes, com F2 predominando em relação a F1 na exófora apenas na 1ª met. do séc. XXI, (tanto na RA quanto no RJ, cf. gráficos 106 e 110, e quadro 12) e na endófora ao longo de todo o período da 2ª met. séc. XIX à 1ª met. séc. XXI (igualmente na RA e no RJ, cf. gráficos 108 e 112, e quadro 12).

Como se viu, a história dos demonstrativos no português brasileiro é bastante complexa e exige a integração de fatores de ordem diversa na análise.

Não se poderia encerrar este estudo sem se salientar uma série de aspectos relevantes que foram constatados ao longo da análise realizada:

a) O processo de mudança em favor de F2 tem sido constatado inclusive em estruturas tradicionalmente chamadas de *crystalizadas* (cf. tabela 2 e gráfico 2), o que revela que não se trata de estruturas totalmente isoladas de outros processos de mudança na língua;

b) Na modalidade oral, o processo de predomínio de F2 se apresentou como mais intenso, tanto na RA (cf. gráficos 20 e 22) quanto no RJ (cf. gráficos 24 e 26), fato que refletiu a permeabilidade a inovações da língua oral, mesmo sendo essa modalidade representada na escrita. Esse resultado da modalidade oral também possibilita supor que as semelhanças fonológicas das formas *este* e *esse* podem ter favorecido a mudança para o predomínio da forma *esse*, como havia argumentado Câmara Jr. (1971).

c) No gênero neutro, o processo de predomínio de F2 se apresentou como mais intenso, tanto na RA (cf. gráficos 50 e 51) quanto no RJ (cf. gráficos 52 e 53);

d) A função em que os demonstrativos mais ocorrem é a endófora anafórica, que abarcou 73,6 % de todos os dados do *corpus* (883 dados em um universo de 1200) (cf. tabela 86). Nessa

função, F2 sempre apresentou alta frequência de forma geral (cf. gráficos 153 e 157) e, nela, F2 se mostrou predominante a F1 mais cedo do que na exófora, tanto no romance (2ª met. do séc. XIX) quanto na notícia (2ª met. do séc. XX) na RA (cf. quadros 11 e 12). Isso corrobora a hipótese de Câmara Jr. (1971, 1985) de que o sistema da endófora teria influenciado o sistema da exófora.

e) Apesar da mudança em curso em favor de F2, a exófora na RA se mostra como uma função com grande resistência à implementação do predomínio de F2 na notícia (cf. gráfico 114), fato já consumado no romance (cf. gráfico 115).

REFERÊNCIAS

- ABELAIRA, A. **O triunfo da morte**. Lisboa: Sá da Costa, 1981.
- ALI, M. S. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- ANDRADE. C. D. de. **Cadeira de balanço**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.
- ANDREWS, A. **The history of british journalism**. London: Haskell House, 1968. 2 v.
- ANJOS, C. dos. **Dois romances**: O amanuense Belmiro; Abdias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84.
- ASSIS, M. de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959.
- ASSIS, M. de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1899.
- AZEVEDO, O. S, da. **Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil**: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no médio Solimões (AM), 2013. 638 p. Tese (Doutorado) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- BAHIA, J. **Jornalismo, informação comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros discursivos**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952-1953].
- BARBOSA, A. Tradições discursivas e tratamento de corpora históricos: desafios metodológicos para o estudo da formação do português brasileiro. In: LOBO, T, RIBEIRO, S., CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, A. SOLEDADE, J. (Eds.). **ROSAE**: Linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 589-606.
- BARRETO, T. Questões Vigentes. In: BARRETO, T. **Obras completas**. Sergipe: Ed. do Estado de Sergipe, 1962. T. 9.
- BAZERMAN, C. **Gênero textual, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BAZERMAN, C. Letters and the social grounding of differentiated genres. In: BARTON, D.; HALL, N. **Studies in written language and literacy**: letter writing as a social practice. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000. p. 15-29.
- BECHARA, E. M. **Said Ali e sua contribuição para a filologia portuguesa**. 1962. 46 f. Tese (Concurso para Cátedra de Língua e Literatura) — Instituto de Educação do Estado da Guanabara, Rio de Janeiro, 1962. Disponível em <www.filologia.org.br/textos/bechara1962-a.pdf> . Acesso em 24 abr. 2020.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2006.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

BOURNE, H. R. F. **English newspaper: chapters in the history of journalism**. London: Chatto & Windus, 1887. 2 v.

BRANCO, C. C. **A queda de um anjo**. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1953.

BRITE, B. BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p. **Bakhtiniana Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 12 (2), p. 191-196, Maio/Ago. 2017. Disponível em: <www.revistas.pucsp.br>. Acesso em 20. fev. 2022.

BÜHLER, K. **Sprachtheorie**. Jena: Fischer, 1934.

CÂMARA JR., J. M. Uma evolução em marcha: a relação entre esse e este. In: COSERIU, E.; STEMPEL, W.-D. (Orgs.). **Sprache und Geschichte: Festschrift für Harri Meier zum 65 Geburtstag**. München: Wilhelm Fink, 1971. p. 327-331.

CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CAMBRAIA, C. N. **O caos na norma: demonstrativos em gramáticas tradicionais**. Belo Horizonte, 2008. (Comunicação apresentada na VIII Semana de Eventos da Faculdade de Letras, na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, no período de 20 a 24 de outubro de 2008).

CAMBRAIA, C. N. Demonstrativos na România Nova: português brasileiro x espanhol mexicano (dados de diálogos entre informante e documentador). **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 14, p. 7-34, 2009. Disponível em: <www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/27/26>.

CAMBRAIA, C. N. **Assimetrias românicas: Sistemas de Demonstrativos (português brasileiro × espanhol mexicano) [Fase I]**. 2012. Relatório Final de Produtividade em Pesquisa do CNPq) — Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

CAMBRAIA, C. N. **Assimetrias românicas: sistemas de demonstrativos (português brasileiro × espanhol mexicano) [fase II]**. 2015. Relatório Final (Produtividade em Pesquisa CNPq) — Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

CAMBRAIA, C. N.; BERTOLINO, D. S. Crioulo cabo-verdiano e papiamento: estudo comparativo de demonstrativos em anáfora no gênero textual de notícia. **Estudos em Letras**, Cassilândia, v. 1, p. 143-165, 2020. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/estudosletras/article/download/5211/3438>>.

CAMBRAIA, C. N.; BIANCHET, S. M. G. Caleidoscópio latino-românico: demonstrativos. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, v. 35, p. 15-35, 2008. Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/35/artigo1.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2020.

- CAMÕES, L. **Os lusíadas**. Lisboa: em casa de Antonio Góçalvez, 1572.
- CARVALHO, M. J. de. **Paisagem sem barcos**. Lisboa: Arcádia, 1963.
- CASTRO, F. de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.
- CAVALCANTE, M. M. **Expressões indiciais em contextos de uso**: por uma caracterização dos dêiticos discursivos. 2000. 218 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/19379>>. Acesso em: 15 out. 2020.
- CID, O.; COSTA, M. C.; OLIVEIRA, C. T. **Este e esse na fala culta da Rio de Janeiro**. Estudos Linguísticos e Literários, Salvador: UFBA, 1986. p. 195-208.
- COSERIU, E. Geografia lingüística. In: COSERIU, Eugenio. **El hombre y su lenguaje**. Madrid: Gredos, 1977.
- COSERIU, E. **Lições de linguística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004 [1986].
- COSTA, A. C. F. da. Transformação de gêneros discursivos em uma perspectiva diacrônica: o exemplo da notícia. In: CASTILHO, A. T. de. (Org). **História do português paulista**. Campinas: UNICAMP/Publicações IEL, 2009.
- COUTO, R. **Poesias reunidas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- CRUZ, M. L. C. de. **ATLAS Linguístico do Amazonas – ALAM**: A Natureza de sua elaboração. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Anais VII SIMELP, 2018. Disponível em: <https://www.dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/07_6.pdf>. Acesso em 03 fev. 2021.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. 22. impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DANTAS, H. C. da. **Colonização e civilização na Amazônia**: escrita da história e construção do regional na obra de Arthur Reis (1931-1966), 2011. 95 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Amazonas, 2011.
- DIESSEL, H. **Demonstratives**: form, function and grammaticalization. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- DIK, C. S. **The theory of functional grammar**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- DIXON, R. M. W. Demonstratives: a cross-linguistic typology. **Studies in Language**, v. 27, n. 1, p. 61-112, 2003.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, N.; SCHNEUWLY, B. Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.
- ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. **Milton Hatoum**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa7721/milton-hatoum>>. Acesso em: 15 out. 2020.

GALVÃO, F. **Terra de ninguém** (romance social do Amazonas). Rio de Janeiro: Adersen- editores, 1934.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York: Academic, 1979.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1984-1990. 2 v.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GONZÁLEZ ÁLVAREZ, E. A. del S. C. de J. **Usos de los demostrativos en las hablas culta y popular de la Ciudad de México**. Dissertação (Master en Letras: Lingüística Hispánica). 2006. — Universidad Nacional Autónoma de México, 2006.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in english**. Londres: Longman Group Limited London, 1976.

HATOUN, M. **Relato de um certo oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HERCULANO, A. **Eurico, o presbítero**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1876.

HIMES, D. On communicative competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (Eds.). **Sociolinguistics**. Harmondsworth: Penguin, 1972. p. 269-293.

HIMMELMANN, N., p. Demonstrative in narrative discourse: a taxonomy of universal uses. In: FOX, B. (Ed.) **Studies in anaphora**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996.

IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. **Divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas**, v. 1. Rio de Janeiro: Joil Rafael Portella, 1990. p. 23-24. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2269_1.pdf> Acesso em: 26 jan.2021.

IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. **Mapas político-administrativos da Amazônia Legal** (2014). Disponível em: <<https://mapas.ibge.gov.br/politico-administrativo/regionais>> Acesso em: 25 jan. 2019.

JUNGBLUTH, K. Os pronomes demonstrativos do português brasileiro na fala e na escrita. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 7, p. 83-105, 2004-2005. Disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/les/issue/view/730>>. Acesso em: 09 mai. 2020.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança lingüística. In: LOBO, T, RIBEIRO, I., CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (Eds.). **Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises**. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 505-527

KABATEK, J. Tradição discursiva e gênero. In: LOBO, T, RIBEIRO, S., CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, A. SOLEDADE, J. (Eds.). **ROSAE: Linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 579-588.

KOCH, P. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: FRANK, B., HAYE, T., TOPHINKE, D. (Eds.) **Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit**. Tübingen: Narr, 1997.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LEVINSON, S. C. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LINS, O. **O fiel e a pedra**. 2. ed. São Paulo: Martins, 1967.

LOBATO, M. **Cidades mortas**. São Paulo: Editora Brasileira, 1919.

LOPES, C. **Gramaticalização: definição, princípios e análise de casos**, (Vers. preliminar). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2013. Disponível em <https://www.ufmg.br/online/arquivos/anexos/Gramaticalizacao_ufrj.pdf>. Acesso em 20 Jul. 2020

LOUREIRO A. J. S. Dados históricos da evolução e crescimento de Manaus. **Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas**. Manaus: ed. Valer/Governo do Estado, 2001.

LUFT, C P. **Gramática resumida: explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira**. 10. ed. São Paulo: Globo, 1989, p. 90

LYONS, J. **Introduction to theoretical linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MACHADO, A. **Histórias reunidas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARINE, T.de C. O sistema dos pronomes demonstrativos no português do Brasil: uma especialização das formas. **Revista do GEL**, Araraquara, v. 2, p. 39-53, 2005.

MARINE, T. de C. **Um estudo sócio-discursivo do sistema pronominal dos demonstrativos no português contemporâneo**. 2009. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) — Universidade Estadual Paulista, 2009. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica_lingua_portuguesa/1678.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019

MATA, J. da. **A próxima cartada**. São Paulo: Giostri, 2014.

MEC [Ministério da Educação]. **Conheça a história da educação brasileira**. Disponível em: <<https://portal.mec.gov.br/pet/33771-institucional/83591-conheca-a-evolucao-da-educacao-brasileira>> Acesso em: 20 dez. 2021.

MEIRELES, C. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.

NAMORA, F. **A noite e a madrugada**. 5. ed. Paris: Europa-Brasil, 1968.

NAMORA, F. **O trigo e o joio**. 12. ed. Amadora: Bertrand, 1974.

- NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 5.ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- NASCENTES, A. **Êste, Esse** In: MISCELÂNEA em honra à memória do professor Clóvis Monteiro. Rio de Janeiro: Editora do Professor, 1965.
- NEGREIROS, J. A. **Obras completas**. Lisboa: Estampa, 1970.
- NEVES, M. H. M. Gêneros: ontem, hoje e sempre. In: GOMES, L. S.; GOMES, N. M. T. (Orgs). **Aprendizagem de língua e literatura: gênero & vivências de linguagem**. Porto Alegre: Ed. UniRitter, 2006. p. 53-82
- NOBRE, A. **Só**. 2. ed. Lisboa, Guillard & Aillaud, 1898.
- OESTERREICHER, W. Zur Fundierung von Diskurstraditionen. In: FRANK, B., HAYE, T.; TOPHINKE, D. (Eds.), **Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit**. Tübingen: Narr, 1997.
- OLIVEIRA, G. L. de. **Análise do emprego dos pronomes demonstrativos *esse, este, essa, esta, isso, isto* por pessoas de diferentes níveis de escolaridade**. 2010. Trabalho de conclusão de curso (Pós-Graduação Lato Sensu em Revisão de Textos) – PUC Minas, Diamantina, 2010.
- PAIVA, A. C. P. de. **A conquista intelectual do Amazonas (1900-1930)**. 2000. Dissertação (Mestrado) — FFCHL/USP, 2000.
- PAVANI, S. **Os demonstrativos *este, esse e aquele* no português culto falado em São Paulo**. 90 f. 1987. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Estadual de Campinas, 1987. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/270458/1/Pavani_Silvia_M.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- PEREGRINO, J. **Três ensaios**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1969.
- PESSOA, F. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960.
- PESSOA, M. B. O gênero notícia no Brasil: notas para uma história. In: RAMOS, J. M.; ALKIMIM, M. A. (Orgs.) **Para a história do português brasileiro: estudo sobre Mudança lingüística e história social**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007. p. 545-578.
- PINHEIRO, M. L. U. **Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)**. Manaus: EDUA, 2015.
- RAMALHO, V. H. B. **Sistema de demonstrativos no português brasileiro e no espanhol mexicano sob a perspectiva das tradições discursivas: gêneros notícia e romance**, 2016. 260 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-A9ZRHQ/1/ramalho_2016_sistema_de_demonstrativos.pdf. Acesso em 20. nov. 2018.
- RAMOS, G. **Alexandre e outros heróis**. 4. ed. São Paulo: Martins, 1968.
- RAYMOND, J. **The invention of the newspaper: English Newsbook, 1641-1649**. Oxford: Carendon Press, 1996.
- REDOL, A. **Gaibéus**. 4. ed. Lisboa: Europa-América, 1975.

REGO, J. L. **Fogo morto**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

REIS, A. C. F. A propósito da fundação de Manaus. In: INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO AMAZONAS (Org.) **322 anos de Manaus: historia e verdade**. Manaus: Valer/Governo do Estado, 2001.

ROCHA, E. L. F. **Demonstrativos no português brasileiro e no romeno: um estudo comparado em narrativas históricas e em peças teatrais de comédia**, 2021. 183 p. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, 2021. Disponível em: <<http://repositorio.ufmg.br/handle/1843/35944>> Acesso em 20 fev. 2022.

ROCQUE, C. **Antologia da cultura amazônica**. Belém: AMADA, 1970.

SALES, G. M. A.; SILVA, A. V. F. Os escritores da Amazônia do séc. XIX para além das histórias literárias. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 43, p. 35-47, 2017. Disponível em: <<https://anpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/958/908>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

SANTOS, F. J. dos; PINHEIRO, G. S. P. ; FREIRE, J. R. B.; ROCHA, L. B. T. da; SAMPAIO, P. M. M.; TADROS, V. M. T. N. Cem anos de imprensa no Amazonas (1851-1950) - **Catálogo de Jornais**. Manaus, 1990.

SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA. Centro Cultural dos Povos da Amazônia. Manaus, 2021. Disponível em: <https://cultura.am.gov.br/portal/centro-cultural-dos-povos-da-amazonia>.

SENA, J. de. **Sinais de fogo** (Monte cativo – I). 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1971.

SILVA, A. M. L. da. **Representações da natureza na ficção amazonense**, 2008. 194 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

SILVA, C. S. F. **Demonstrativos na România Nova: Espanhol de Lima e espanhol de Buenos Aires**. 2013.142 f. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

SIQUEIRA, M. S. O romance social de Francisco Galvão: expressões de uma representação da cultura na Amazônia. **Revista Elaborar**, v. 2, n. 1, jul. 2015, p. 108-126. ISSN 2318-9932. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufam.edu.br/revistaelaborar/article/view/833>>. Acesso em: 06 mar. 2019.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOMMERVILLE, C.J. **The news revolution in England**. New York: Oxford University Press, 1996.

SOUSA, I. **Contos amazônicos**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

SOUZA, H. I. de. **O missionário**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia, 1899.

STRADIOTO, S. A. **Dêixis na românia nova: o lugar dos demonstrativos no português de Belo Horizonte e no espanhol da Cidade do México**, 2012. 178 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras –Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2012.

STURTEVANT, E. **An introduction to linguistic science**. New Haven : Yale University Press, 1947.

TORGA, M. **Novos contos da montanha**. 3. ed. Coimbra. [s.n.], 1952.

TORGA, M. **Vindima**. 2. ed. Coimbra. [s.n.], 1954.

TORRES, F. G. L. **A realização das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ nos municípios de Itapiranga e Silves (Parte do Médio Amazonas)**, 2009. 71 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Amazonas, 2009.

TUFIC, J. A. **Roteiro da Literatura Amazonense** (para o 2º grau, vestibulares e curso de Letras). Manaus: Casa Editora Madrugada, 1983.

VICENTE, G. **Obras de Gil Vicente**. Lisboa: Escriptorio da Bibliotheca Portugueza, 1852.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2016.

WILLIAMS, E. B. **Do latim ao português**. Rio de Janeiro: Edições tempo brasileiro, 2001.